

VOCÊ NUNCA CONHECE UMA PESSOA
ATÉ OUVIR O QUE ELA GOSTA.

A PLAYLIST
DE
HAYDEN

MICHELLE FALKOFF



VISIT...

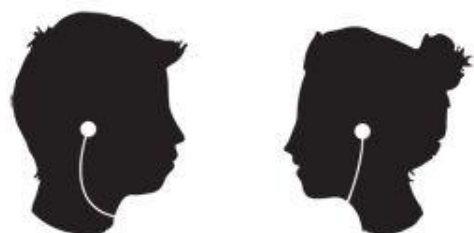
LANZAROTE
Caliente.COM

VOCÊ NUNCA CONHECE UMA PESSOA
ATÉ OUVIR O QUE ELA GOSTA.

A PLAYLIST
DE
HAYDEN

MICHELLE FALKOFF





A Playlist de
Hayden

Michelle Falkoff

Tradução:
Amanda Orlando



Título original: Playlist for the dead
© 2015 Spilled Ink Productions
Publicado sob acordo com HarperCollins Children's Books,
uma divisão da HarperCollins Publishers
© 2015 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação sem autorização por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2015

Produção editorial:
Equipe Novo Conceito

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Falkoff, Michelle
A Playlist de Hayden / Michelle Falkoff ; tradução Amanda Orlando. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2015.
Título original: Playlist for the dead.
ISBN 978-85-8163-705-1
1. Ficção norte-americana I. Título.
14-13016 CDD-813.5

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813.5



Save the Children

Parte da renda deste livro será doada para a **Fundação Abrinq – Save the Children**, que promove a defesa dos direitos e o exercício da cidadania de crianças e adolescentes.

Saiba mais: www.fundabrinq.org.br



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885
Parque Industrial Lagoinha
14095-260 – Ribeirão Preto – SP
www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Capa

Folha de Rosto

Folha de Créditos

Sumário

Dedicatória

Prólogo

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

Agradecimentos

PARA ERIK,

IN MEMORIAM.



TODOS OS ANOS que passei assistindo TV me fizeram acreditar que era possível encontrar um cadáver e não se dar conta disso até virar o corpo da pessoa e encontrar um buraco de bala, uma facada ou sei lá o quê. E acho que de alguma maneira essas coisas realmente acontecem — Hayden estava deitado sob as cobertas, enrolado em um monte de lençóis idiotas do *Star Wars* (ah, qual é, quantos anos a gente tem?), exatamente do mesmo jeito que ele ficava sempre que eu dormia na casa dele.

Hayden sempre teve sono pesado. Às vezes eu praticamente tinha de rolá-lo para fora da cama para fazer com que ele acordasse. O que não era nada fácil — ele era baixo e meio roliço, enquanto eu, apesar de ser muito mais alto, faço mais o estilo de cara magricelo, e, quando ele estava apagado, era ainda mais difícil movê-lo. Quando eu o vi deitado ali, soltei um suspiro, tentando pensar em como pedir desculpas pela noite anterior, as desculpas que me fizeram ir até a casa dele, as desculpas que me fariam tirar Hayden da cama e derrubá-lo no chão.

O som de meu suspiro parecia alto para mim, no entanto levei um minuto para me dar conta do motivo: Hayden não estava roncando. Hayden sempre roncou. Minha mãe, que é enfermeira, pensou que ele tivesse apneia do sono. O som de seu ronco era tão alto que, quando ele passava a noite na minha casa, o som chegava até o quarto dela. Ela tentava convencê-lo a conversar com a mãe dele sobre arrumar algum tipo de máscara que pudesse ajudar com o problema, mas eu sabia que isso jamais aconteceria. Hayden não conversava com a mãe a menos que fosse absolutamente necessário, e ainda era menos provável que ele pedisse alguma coisa para o pai.

O silêncio no quarto começou a me apavorar. Eu continuava a tentar me convencer de que aquilo não era nada, de que Hayden tinha apenas encontrado uma boa posição para dormir, de que havia aquietado seus roncos regulares ou alguma outra coisa do tipo, mas isso seria algum tipo de pequeno milagre, e, mesmo depois de passar cinco anos na escola judaica, a verdade é que eu não acreditava em milagres.

Dei um safanão na perna dele.

— Hayden, qual é?

Ele não se mexeu.

— Hayden, sério. Acorda.

Nada. Nem mesmo um grunhido.

Eu estava prestes a agarrar a cabeça de um *stormtrooper* e puxar com toda a força os lençóis quando vi uma garrafa de vodka vazia em cima da escrivaninha, entre o laptop e um modelo da Millennium Falcon,

bem ao lado de onde ele estava dormindo.

Aquilo era estranho — Hayden nunca bebia, nem mesmo nas poucas festas a que fomos. E, pelo que sei, Hayden não teve tempo para tomar mais do que alguns goles daquela garrafa na noite anterior. Não havia motivo para aquilo estar ali. A menos que ele estivesse muito mais chapado do que eu tinha me dado conta. Hayden podia muito bem ter pegado a garrafa do bar do pai dele quando chegou em casa.

Senti o estômago se agitar com o que percebi ser um sentimento de culpa. Então devia ser por isto que ele não acordava: Hayden estava de ressaca. Apesar da minha culpa, não consegui segurar uma gargalhada. A primeira ressaca de Hayden — eu ia zoar tanto o meu amigo quando ele finalmente acordasse! E tudo ficaria bem.

Agora, tudo o que ele tinha de fazer era acordar.

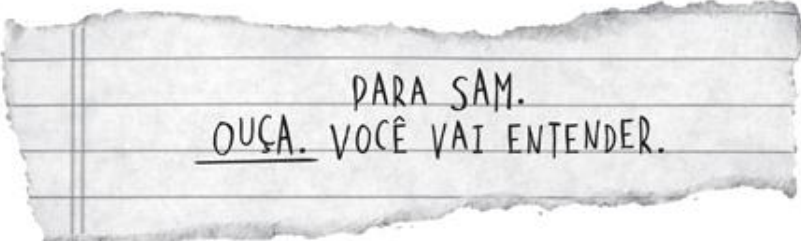
Eu me aproximei da cabeça dele sobre a cama, farejando cuidadosamente os arredores para o caso de ele ter vomitado. O ar tinha exatamente o mesmo cheiro do restante da casa: desinfetante em excesso, a essência de pinho que encobria todo o resto. Aposto que a mãe dele deve pagar alguém para fazer a faxina todo santo dia. Eu me perguntei se deveria rolar o corpo dele na cama ou se era melhor puxar o travesseiro. Esbarrei na garrafa de vodca com o cotovelo. A garrafa caiu no chão fazendo barulho, derrubando algumas outras coisas pelo caminho.

Eu me abaixei para pegá-la. Eu não tinha de aturar o Hayden acordando irritado porque eu tinha feito bagunça. A gente já tinha coisas suficientes sobre o que conversar. Peguei a garrafa e só então vi um frasco de remédio de tarja preta ali ao lado e também o agarrei. Era um vidro de Valium com o nome da mãe de Hayden no rótulo. E estava vazio. Eu não sabia quantos comprimidos deveria haver ali, mas, de acordo com a data no rótulo, fora retirado o remédio da farmácia havia apenas alguns dias. O que significava que ela havia tomado todo o vidro praticamente de uma noite para a outra.

Olhei para a garrafa de vodca.

Ou teria sido Hayden.

E então vi mais uma coisa que eu havia deixado cair no chão. Um pen drive, junto com uma folha arrancada de caderno. Estava escrito:



PARA SAM.
OUÇA. VOCÊ VAI ENTENDER.

Foi quando eu resolvi ligar para a emergência.



NA MANHÃ DO FUNERAL de Hayden, eu não conseguia sair da cama. Bem que eu queria ficar ali. Mas, se naquele momento eu fosse realmente capaz de querer alguma coisa, eu desejaria que o dia passasse o mais depressa possível. E, se o primeiro passo para que isso se tornasse realidade fosse me levantar, então seria isso o que eu iria fazer.

Mas eu não conseguia.

Era um sentimento estranho, como estar preso dentro de um bloco de gelo. Uma cena de *Star Wars* veio à minha mente, aquela em que Han Solo fica congelado em carbonita, com as mãos estendidas na frente do corpo como se, de alguma forma, ele pudesse se proteger, com a boca semiaberta em um protesto silencioso. Era uma imagem que Hayden sempre achou perturbadora. Ele dizia que ficava apavorado toda vez que a via, e ele tinha visto *O Império Contra-Ataca* umas cem vezes talvez. Eu assisti ao filme quase esse mesmo número de vezes, mas por algum motivo achava hilária toda essa coisa da carbonita, e era ainda mais engraçado ver o quanto aquela cena deixava Hayden inquieto. No seu aniversário, dei a ele uma capa de iPhone com uma imagem do Han Solo congelado e, sem que ele percebesse, coloquei alguns gelos no formato de Han Solo congelado dentro do seu refrigerante.

Eu me lembrei da expressão no rosto dele e não pude deixar de rir, o que pareceu quebrar o feitiço. Conseguia me mexer novamente, apesar de não querer mais fazê-lo. O movimento significava que eu estava desperto, e estar desperto significava que Hayden estava realmente morto e eu ainda não me sentia pronto para admitir. E rir parecia ser algo errado, mas também algo bom, embora o fato de me fazer sentir bem também me faça sentir culpado, o que acaba por me trazer de volta a sensação de que tudo aquilo era mesmo errado. Sério, eu não sabia como me sentir. Triste? Correto. Fulo da vida? Com toda a certeza.

O que você estava pensando, Hayden?

— O quê? — Minha mãe abriu um pouco a porta e ficou me espiando. Seu cabelo castanho e ondulado estava torcido em uma trança, e ela usava um vestido no lugar do jaleco. — Você me perguntou alguma coisa, Sam?

— Não, eu estava só falando comigo mesmo. — Eu não havia me dado conta de que tinha dito aquilo em voz alta.

Ela abriu um pouco mais a porta.

— Você ainda está na cama? Vamos, temos que correr. Você sabe que não vou poder ficar até o final... Já vou me atrasar para o trabalho só por ir até lá. — Ela estalou os dedos algumas vezes. Minha mãe não era exatamente o tipo de pessoa afetuosa e amorosa.

— Não posso me arrumar se você não sair do quarto. — Essas palavras saíram mais cortantes do que eu gostaria, mas ela deve ter entendido, porque fechou a porta sem falar nada, mas não sem antes pendurar alguma coisa do lado de dentro enquanto saía. Um terno, o mesmo que usei no casamento do meu primo no verão anterior. Ela deve ter passado aquela coisa para mim. Eu me senti ainda mais idiota.

Saí da cama, liguei o computador e abri a playlist que encontrei no pen drive de Hayden. Ele a deixara para mim, sabendo que eu a encontraria, provavelmente sabendo até mesmo que seria eu quem o encontraria — era sempre eu quem ia pedir desculpas após as nossas brigas. Eu não suportava sentir raiva. Hayden devia ter se dado conta de que eu iria até a casa dele, independentemente de como havíamos deixado as coisas.

Eu tinha escutado aquelas músicas sem parar nos últimos dias, tentando descobrir o que ele quis dizer com aquilo. *Ouça. Você vai entender.* O que eu deveria entender? Ele se matou e me deixou aqui sozinho para encontrá-lo. E eu tinha certeza absoluta de que era tudo culpa minha, apesar de esse não ser um assunto no qual eu estava preparado para pensar naquele momento. Mas eu ouvia várias e várias vezes aquela playlist, procurando pela música que confirmasse aquilo, a música que jogaria toda a culpa em cima de mim. Mas até agora eu não tinha encontrado nada.

Em vez disso, dei de cara com uma coletânea de músicas de todos os contextos — algumas coisas recentes, outras mais antigas. Algumas músicas eu conhecia, outras, não, e, visto que Hayden e eu desenvolvemos nossos gostos juntos — ou pelo menos assim eu pensava —, isso era surpreendente. Eu tinha de continuar ouvindo para tentar descobrir o que ele queria dizer, apesar de não ter certeza de qual era o objetivo daquilo.

Procurei na lista por alguma coisa apropriada para um funeral. A maioria das músicas era bem depressiva, de maneira que não havia uma escolha óbvia. Comecei com uma que me fazia recordar a primeira vez que usei o terno que eu estava prestes a vestir. Ele era cinza, levemente brilhante, e eu o usei com uma gravata-borboleta. Meus primos, uns playboys caretas, já sabiam que eu era esquisito, então por que não dar para eles mais uma prova disso? Minha mãe não achou ruim; tudo o que ela disse é que ficava feliz por eu ter um senso de estilo pessoal e opinião própria sobre as minhas roupas. Ela costumava se arrumar quando ainda estava com o meu pai e tentava

se vestir bem. Depois do divórcio, ela raramente tirava o jaleco que usava no trabalho. Rachel, minha irmã mais velha, não reagiu de um jeito assim tão tranquilo em relação ao terno e me chamou de idiota dos mais diversos modos antes de nossa mãe fazê-la voltar lá para cima e trocar o vestido, que, sejamos sinceros, era meio vulgar para ser usado na festa de casamento de alguém da família.

Hayden tinha aparecido lá em casa enquanto eu me arrumava para perguntar se eu queria ir ao shopping com ele. E por “shopping” entenda-se basicamente uma única loja — a única em que já havíamos pisado. A Companhia de Comércio Intergaláctica. O resto do pessoal da nossa escola costumava ficar do outro lado do shopping, perto da loja de artigos esportivos. Raramente íamos até lá. Eu tinha me esquecido de contar a ele sobre o casamento.

— Belo terno — disse Hayden, em voz baixa, daquele jeito que era tão dele, o que tornava difícil saber se estava falando sério ou sendo sarcástico. Com Hayden, nunca dava para ter certeza. Enquanto comigo era fácil. Eu sempre dava uma de engraçadinho.

— Que seja. Você nunca usaria um destes, não é? — Eu me contrai ao me lembrar disso, mas mesmo naquela época eu sabia que não era verdade. Hayden faria o que quer que seus pais mandassem. Ele não gostava daquilo, mas era melhor obedecer do que encarar a alternativa.

Ele deu de ombros.

— A gravata-borboleta ajuda. Mas ia ficar muito mais legal se você usasse uma camiseta por baixo. Como esta aqui. — Ele pegou uma camiseta do Radiohead que estava jogada perto de um dos pés da minha cama, que ele havia me dado de presente depois de assistir a um show deles. Nela estava escrito *how it ends. how it starts*².

Revirei os olhos.

— Tem mesmo que ser do Radiohead?

— Qual é o problema com o Radiohead? — perguntou Hayden, mas eu sabia o que ele iria dizer. Já havíamos tido essa mesma discussão milhões de vezes.

— Algumas das músicas deles são boas — eu disse. — Mas, sério, o que os diferencia do Coldplay? Caras brancos e ingleses que frequentaram universidades caras e que provavelmente são inteligentes demais para o seu próprio bem. Só que as garotas acham o Chris Martin gato e o Thom Yorke esquisito, por isso o Coldplay vende zilhões de álbuns e o Radiohead atinge geeks como a gente. Alguma coisa nessa história não me soa bem.

— Você está redondamente enganado — ele respondeu. — O Radiohead e o Coldplay são de planetas totalmente diferentes. *Kid A* pode ser o maior disco já gravado, enquanto o Coldplay é processado por plágio toda vez que lança um single. Comparar os dois é, tipo, um

desrespeito ao Radiohead.

Eu adorava deixar o Hayden todo irritadinho. Quando éramos crianças, minha mãe se preocupava com o quanto a gente brigava. Ela ia até o meu quarto quando estávamos gritando um com o outro — tudo bem, era eu quem berrava, enquanto Hayden tentava me explicar seu ponto de vista com toda a racionalidade e paciência do mundo, apesar de ainda ser uma criança — e ela batia na porta e perguntava:

— Está tudo bem por aí?

— Estamos bem — dizíamos ao mesmo tempo. E estávamos mesmo. Só de me lembrar disso eu já sentia saudade dele.

Parei de me arrumar por um minuto e comecei a prestar atenção na música que saía das caixas de som. Não me surpreendeu que ele tivesse colocado “How to Disappear Completely” em sua lista, já que era sua música preferida (“Idioteque” era a minha — apesar das alfinetadas que eu dava em Hayden, eu concordava que o Radiohead era infinitamente melhor que o Coldplay). Tentei não pensar muito na letra, em Hayden ali sentado fazendo essa seleção de músicas antes de tomar sua decisão final. Eu odiava imaginá-lo querendo desaparecer dessa forma.

Fechei os punhos, afundando as unhas nas palmas das mãos, e tentei me acalmar. Eu havia passado os últimos dias alternando o ódio por Hayden com a saudade, me sentindo culpado e deprimido, sem saber como deveria me sentir, mas desejando me sentir, de alguma forma, diferente. Ele me deixou sozinho e eu jamais tinha feito isso com ele, não importava o quanto estivesse com raiva. Tudo isso impedia que eu dormisse, por isso, mais do que todo o resto, eu estava exausto. Exausto e morrendo de ódio. Uma excelente combinação.

Sentir raiva só reiniciava o ciclo, um ciclo que já se tornava familiar. Ficar com raiva. Culpar Hayden. Sentir culpa. Ficar com saudade do meu amigo. Sentir raiva de novo. Tudo isso era ocasionalmente pontuado por um desejo quase incontrolável de gritar ou destruir coisas, apesar de eu não ser capaz de fazer nada disso. Por que eu não podia ser alguém normal e simplesmente me sentir triste como as outras pessoas?

— Sam. Vamos! — gritou minha mãe lá de baixo.

Voltei a sentir saudade de Hayden, mesmo assim eu precisava fazer alguma coisa para me sentir melhor. Fui até o cesto de roupa suja, escavei até achar minha velha camiseta do Radiohead e a vesti debaixo do terno.

1 Como desaparecer completamente (N.T.)

2 Como termina. Como começa. (N.T.)

A IGREJA ONDE FOI realizado o funeral ficava na parte leste de Libertyville, o lado rico da cidade. Os Stevens, a família do Hayden, moravam lá. A minha, não.

Do lado de fora, a igreja parecia quase como um alojamento de esqui sofisticado, toda feita de madeira escura e com vigas aparentes — provavelmente foi construída por um dos arquitetos responsáveis por todas as McMansões daquele lado da cidade. A madeira era mais clara do lado de dentro, onde o teto era alto e arqueado, exibindo um lustre resplandecente e de aparência moderna. Quase como se a vontade deles fosse que as pessoas esquecessem que aquilo era uma igreja.

Minha família era judia, por isso a única igreja em que eu já havia entrado era a católica do meu lado da cidade, onde todas as crianças com quem eu tinha ido para a escola fizeram a primeira comunhão. Havíamos acabado de nos mudar para a cidade, então eu realmente não conhecia ninguém, mas um dos meninos da minha turma convidou todo mundo para a primeira comunhão dele e a minha mãe disse que eu tinha de ir se quisesse fazer amigos, apesar de a coisa não ter funcionado exatamente desse jeito.

A igreja católica parecia mais com aquilo que eu esperava que fosse a aparência de uma igreja: branca do lado de fora, com um crucifixo no altar e um monte de vitrais. Esta igreja não se parecia nada com aquilo, a não ser pelo fato de que também havia duas fileiras de bancos que se estendiam até o altar. Nos pés do altar estava um caixão, e dentro desse caixão estava Hayden. Provavelmente ele também usava um terno.

Quando chegamos, o lugar já estava praticamente cheio. Rachel foi sentar com seus amigos assim que cruzamos a porta, o que não deixou de ser um choque, e então minha mãe e eu caminhamos sozinhos de um lado para o outro no corredor, tentando achar algum lugar vago. As primeiras fileiras estavam tomadas pela família de Hayden — vi os pais dele e Ryan, seu irmão mais velho, assim como alguns de seus tios e primos que reconheci das vezes que fui à casa de Hayden durante as festas. Já que a minha família não celebra o Natal, Hayden costumava me convidar para ir à casa dele para comer a sobremesa depois de todos abrirem seus presentes e terem terminado a grande ceia chique. Hayden sempre ficava grato por eu aparecer por lá, já que a minha presença lhe dava permissão para sair da mesa mais depressa. A mãe de Hayden sempre pegava no pé dele por causa do quanto ele

comia, e no Natal era ainda pior. Bastava que Hayden olhasse para um segundo pedaço de torta para ela fazer uma careta e dizer:

— Você realmente precisa disso, Hayden?

Mas ele nunca argumentava com a mãe. Ele não era assim. Hayden fazia qualquer coisa para manter a paz.

Aquela família jamais o mereceu.

As filas atrás da família de Hayden estavam tomadas por pessoas ricas e detestáveis daquele lado da cidade, com seus filhos igualmente detestáveis, amigos de Ryan que passaram anos torturando Hayden, algumas vezes incentivados pelo próprio irmão mais velho dele. Todos aqueles garotos achavam que a vida sempre seria fácil para eles, exatamente como era naquele momento. Atletas ricos como Jason Yoder, que contratavam tutores para ajudá-los a passar nas matérias mais difíceis. Garotas como Stephanie Caster, com todas as plásticas no nariz e corpos esculpidos por personal trainers, que seriam bonitas sem nada disso, mas que agora tinham todas a mesma aparência. Quer dizer, elas ainda eram gatas, não me entenda mal, mas não era a mesma coisa. Isso me deixou furioso, ver todos eles sentados ali, agindo como se estivessem muito tristes, quando tudo aquilo foi pelo menos em parte culpa deles. Como era possível eu me sentir tão deslocado no funeral do meu melhor amigo?

Minha mãe colocou uma das mãos no meu ombro. O peso da mão dela era confortável. Eu me sentia grato por não ter de estar ali sozinho.

— Vamos nos sentar em algum lugar, meu bem. — Ela me levou até o fundo do salão, para um dos bancos próximos à porta da igreja. — Sei que você quer se sentar mais perto, mas eles já vão começar e simplesmente não tem lugar.

Eu assenti, lembrando de abrir os punhos.

— Você terá que ver com a Rachel... Ela vai arrumar uma carona para vocês voltarem para casa, ok? Sinto muito — ela continuou.

— Claro. — Aquilo não era nada surpreendente, mas também não me deixou irritado. Minha mãe sempre tinha de sair cedo ou chegar em casa tarde. Quando nosso pai foi embora de vez, ela voltou para o curso noturno para se formar em enfermagem e, já que o hospital tinha carência de funcionários, ela fazia a maior quantidade de horas extras possível, especialmente devido ao fato de o nosso pai ser bem preguiçoso na hora de depositar nossa pensão. Não estamos falidos, ela disse para Rachel para mim, mas não estamos com dinheiro sobrando. Não como as pessoas sentadas nos primeiros bancos da igreja.

Lutei para me sentir confortável no banco de madeira quando todos começaram a se ajeitar em seus lugares. A cerimônia já estava quinze minutos atrasada e eu ainda podia ouvir gente chegando atrás de

mim. Para um cara que tinha praticamente um único amigo, aquele funeral estava bastante lotado.

Ele teria odiado tudo aquilo, eu tinha certeza. Ele estaria sentado ali atrás, junto comigo.

Eu sentia calor e estava inquieto. Começava a suar debaixo do meu terno brilhante. Pensei em ir embora, mas estava preso bem no meio do banco — minha mãe ficou em uma das pontas para poder escapulir para fora da igreja sem criar alarde, e uma mulher qualquer usando um vestido com uma estampa floral de cores vivas sentou-se na outra extremidade, me deixando preso ali no meio. As pessoas não deveriam usar preto em funerais? Parecia até que ela estava indo para uma porra de festa no jardim.

Senti mais uma vez um desejo quase incontrollável de golpear alguma coisa, e tentei encontrar alguma forma de me acalmar. Ouvi a música que saía dos alto-falantes. Não havia nenhum órgão por ali. Não reconheci o som. Era algum tipo de música new age de elevador, toda tranquilizadora e cheia de flautas. Outra coisa que deixaria Hayden louco da vida. Imaginei se ele havia escolhido alguma das músicas da playlist especialmente para o seu funeral e fiquei pensando qual delas seria. A melhor conclusão a que consegui chegar foi uma velha canção do Arcade Fire do álbum *Funeral*. Nós dois amávamos o Arcade Fire. Até assistimos ao Grammy em que eles ganharam o prêmio de Álbum do Ano, a primeira vez em que tivemos algum interesse pelo programa desde que éramos moleques.

Após mais dez minutos, o pastor se pôs de pé no altar. Ele começou com um blá-blá-blá sobre a tragédia de perder alguém tão jovem, todos os chavões e eufemismos possíveis, sem jamais descrever o que realmente aconteceu. Isso me deixou tão irado que fiquei simplesmente olhando para a frente, para a parte de trás da cabeça das pessoas. A algumas filas de mim, uma garota de cabelo comprido e loiro quase branco com mechas pretas apoiou a cabeça no ombro de um hipster alto. Não reconheci nenhum dos dois, pelo menos não de costas. Não consegui evitar o pensamento de que era engraçado o fato de o cabelo dela parecer tão apropriado para um funeral comparado com a mulher com o vestido da festa no jardim.

Quando as orações propriamente ditas tiveram início, minha mãe beijou o topo da minha cabeça e disse:

— Preciso ir. — E ela se levantou tão silenciosamente quanto seus tamancos de enfermeira permitiam. Eu me sentia mal por ela ter de trabalhar por tantas horas em pé sem poder se sentar, o que a obrigava a fazer um escalda-pés na maioria das noites assim que chegava em casa. Eu me ofereci para arranjar um emprego depois da escola quando fizesse quinze anos, mas ela simplesmente soltou uma gargalhada.

— Já foi o tempo em que os adolescentes podiam conseguir empregos no shopping — ela disse. — Metade das mães que eu conheço da Associação de Pais e Mestres trabalha na Gap. Você não tem a menor chance, garoto. Apenas continue a estudar, que eu vou te pedir uma ajuda financeira quando me aposentar.

Ela estava brincando, mas só em parte. Eu sabia que tinha um pessoal na escola cujas mães trabalhavam como garçonetes no Olive Garden ou vendiam maquiagem ou bijuterias nos porões de suas casas no leste da cidade, fingindo que faziam isso só por diversão, como se não precisassem começar a ajudar no orçamento se quisessem continuar morando ali. Desde que a Fábrica de Eletrodomésticos Liberty fechou, alguns anos atrás, a linha entre as pessoas ricas e as que batalhavam para ganhar a vida se tornou muito tênue. Foi legal da parte da minha mãe chegar atrasada ao trabalho para ficar comigo. Tentei me lembrar de não ficar com raiva por ela ter me deixado ali.

Depois das orações, o pastor começou a pedir que as pessoas dessem seus testemunhos.

— Alguém quer falar? Alguém tem algo para compartilhar? — ele perguntou.

Houve uma pausa embaraçosa. Por fim, o pai de Hayden se levantou. Eu não conseguia nem olhar para a cara dele, vê-lo chorar como se houvesse perdido algo valioso quando eu sabia a verdade, que ele passava todo o tempo que tinha no trabalho, viajando ou visitando a mulher com quem Hayden sabia que ele estava saindo, a mulher que o acompanhava em todas as suas viagens de negócios.

Mesmo assim, eu não era capaz de bloquear o som da voz dele.

— Hayden não era o filho que eu esperava ter — ele começou. — Eu o imaginava jogando bola no jardim, assistindo futebol nos fins de semana, indo pescar. As coisas que eu fazia com o meu pai, as coisas que faço com Ryan. Esse era o único tipo de relação entre pai e filho que eu conhecia. — A voz dele falhou. — Porém, meu segundo filho não gostava dessas coisas. Ele amava música, videogames e computadores. Eu não sabia como falar com ele. E agora passarei o resto da minha vida desejando ter aprendido a fazer isso. — Ele baixou a cabeça, como se estivesse tentando esconder o choro.

Foi uma grande performance. Se pelo menos uma única palavra daquele discurso fosse verdade...

Procurei por Ryan na primeira fila. Ele balançava a cabeça, o que me surpreendeu. Achei que ele concordaria, como sempre, com cada uma das palavras do pai.

Pensei em me levantar e ir até o altar, no que eu poderia dizer sobre o meu melhor amigo, as histórias que poderia contar. Eu podia falar que nos conhecemos nos testes para o time da liga infantil de beisebol quando tínhamos oito anos, não muito depois de eu ter me mudado

para Libertyville. Nenhum de nós dois queria estar ali. Já naquela época, Hayden era baixo e gordinho, e dizer que eu era descoordenado era quase um elogio. Ambos perdemos todos os arremessos, erramos todas as bolas que nos lançaram até mesmo das distâncias mais curtas e, por fim, fugimos do campo juntando nossos trocados para comprar um daqueles picolés Creamsicle de laranja do caminhão de sorvete parado ali perto. Nossos pais ficaram furiosos, mas a gente não deu a mínima.

Eu podia falar que esperamos na fila para assistir *A Ameaça Fantasma*, em 3-D, quando tínhamos doze anos, sem saber a droga que tudo aquilo acabaria se tornando, que passamos meses tentando decidir quais fantasias vestiríamos, tentando fugir do óbvio — C-3PO para mim e R2-D2 para ele. Em vez disso, fomos de Boba Fett e Darth Vader, porque aquela dupla era muito mais sinistra. Eu podia falar que Ryan e a galera dele nos seguiram e tacaram ovos em nossas fantasias e que tivemos de ficar sentados no cinema durante todo aquele filme interminável sentindo os ovos secarem em nossas fantasias e em nossa pele, mas mesmo assim nos divertimos.

Eu poderia falar que ficamos empolgados por começar o ensino médio no ano anterior, a primeira vez que estudaríamos na mesma escola, que estávamos convencidos de que as coisas seriam melhores quando estivéssemos juntos. Não tínhamos como saber o quanto estávamos errados.

Porém, qual seria a vantagem de falar qualquer uma dessas coisas? Todos fingiriam se importar, mas já era tarde demais.

E então eu vi a fila. As pessoas se levantavam para falar, formando uma fila ao lado do altar. As tias, os primos, os professores, os amigos da família de Hayden. Uma galera da escola. Ryan, sozinho, sem seus parceiros Jason Yoder e Trevor Floyd. Nós os chamávamos de a trífeta do bullying.

Isso deveria me chocar, ver quem decidira que tinha alguma coisa para dizer no funeral de Hayden. Todos eles estavam sedentos por atenção, e não havia a menor chance de perderem a oportunidade de estar sob os holofotes, independentemente da ocasião. Mas, fala sério, em um funeral? Eles iam mesmo até aquele altar dizer coisas boas sobre Hayden, falar sobre como sentiam a falta dele, que grande perda ele seria para a escola, para a comunidade? Será que aquelas pessoas tinham noção de como, em primeiro lugar, elas contribuíram para o fato de estarmos todos ali naquele dia?

Sem chance de eu deixar aquilo acontecer. Toda a raiva que eu sentia, o desejo de encontrar algum responsável por tudo e bater nele com toda a força que eu tinha, tudo isso fervia dentro de mim. Fui até Ryan e dei um tapinha no ombro dele enquanto um dos primos de Hayden recontava, todo lacrimoso, uma história sobre o almoço de

Ação de Graças, o último dia em que a toda a família esteve reunida. Ryan franziu a testa quando me viu. Eu estava prestes a dizer algo quando Jason Yoder se pôs entre nós. Eu não tinha percebido que ele estava tão perto.

— Você acha mesmo que a hora é agora? — ele perguntou.

Dei alguns passos para a direita com a intenção de contorná-lo só para ser bloqueado novamente, dessa vez por Trevor Floyd.

— Me deixa passar — eu disse. Não tinha medo deles. Não naquele momento.

— Eu acho que não — retrucou Jason.

Jason era o único dos três que não era atleta, e eu era mais alto que ele. Eu o empurrei para o lado para chegar até Ryan. Não ia ser Trevor quem iria me detonar naquele funeral.

— O que você está fazendo? — perguntei. — Você vai mesmo ficar em pé ali em cima e falar sobre o grande irmão que você foi? Você estava naquela festa, assim como eu. Você podia ter interrompido as coisas. Você deveria protegê-lo e não ter tornado tudo ainda pior.

Ryan abriu a boca, mas, antes que ele pudesse pronunciar qualquer palavra, Jason me sacudiu com tanta força que eu caí em cima de um dos bancos. Vi pessoas olhando para a gente apesar de eu ter tentado — sem sucesso — me manter de pé.

— É sério que você está acusando o Ryan no funeral do irmão dele? — Jason sibilou. Subestimei sua força. Fiquei mais preocupado com o tamanho de Trevor, que tinha quase dois metros de altura, com um pescoço grosso que descobri ser comum em usuários de esteroides; a galera da escola o chamava de Floyd Brucutu, mas só pelas costas, é claro. Floyd não era uma pessoa com quem eu queria arrumar briga. Ainda mais ali.

Eu me levantei com o maior cuidado possível. No dia seguinte, meus braços estariam cobertos de marcas roxas, mas eu não estava a fim de que a trifeta do bullying me visse cair.

— Você não passa da porra de um hipócrita — eu disse para Ryan. — E algum dia você vai ter o que merece.

Ryan não falou nada, simplesmente me encarou por um minuto. E em seguida acompanhou a fila. Já era quase sua vez de falar.

Eu não suportaria assistir àquilo. Não poderia esperar até que Rachel conseguisse uma carona para a gente. Eu tinha de ir embora. Naquele exato momento.



O SHOPPING FICAVA a uns três quilômetros da igreja, bem perto da fronteira entre a parte leste e a oeste da cidade. Estávamos no meio de outubro e ainda não fazia tanto frio, porém o clima era bastante úmido. O céu tinha um tom de cinza mais intenso que o do meu terno, o que combinava com o meu humor. Ainda assim, andar me fazia sentir bem, por isso caminhei sem pressa. Apenas coloquei meus fones de ouvido e ouvi a playlist de Hayden enquanto andava. Eu me mantive a maior parte do tempo na Burlington, a rua principal, passando pelos restaurantes e cafeterias do centro, pelo museu de história local, um prédio todo detonado que marcava uma transição não oficial para o lado oeste da cidade. O Shopping Libertyville ficava bem atrás do museu, mas era uma combinação de mercado de luxo com mercado popular, como os corretores de imóveis costumam dizer, assim como a cidade propriamente dita. As lojas-âncora em uma das pontas eram a Nordstrom e a Dillard's e, na outra, eram a JCPenney e a Sears. Próximo à ponta sofisticada havia butikues e joalherias. Na outra ponta ficava a sapataria Payless e redes de lojas de roupas baratas. Os ricos sempre protestavam para que essas lojas mais ferradas fossem fechadas para que pudessem abrir uma Whole Foods e uma Trader Joe's, mas isso jamais aconteceu. Típico.

Levei mais ou menos uma hora para chegar até a entrada, mas já sabia muito bem aonde eu queria ir. A Companhia de Comércio Intergaláctica ficava perto da porta principal, do lado da Sears, com suas vitrines escuras, onde brilhava uma luz roxa. Antigamente, aquela era uma dessas lojas de presentes que vendem produtos modernos e esquisitos, como lâmpadas de lava, e acho que os novos donos mantiveram um pouco da decoração. Só que a CCI era incrível demais para vender almofadas de pum e vômito falso. Aquele era basicamente o paraíso da ficção científica, da fantasia e dos geeks. A loja vendia bonecos do *Star Wars*, jogo de cartas de *Magic: The Gathering*, fantasias de *Mage Warfare*, pôsteres do *Star Trek*, histórias em quadrinhos e videogames. Simplesmente todas as coisas que eu poderia um dia querer.

Vaguei pelos corredores me lembrando de todas as conversas que Hayden e eu tivemos durante as muitas horas que passamos ali. Demos notas para as diferentes versões de *Star Trek* (eu insisti que *Nova Geração* devia ficar no topo do ranking, enquanto Hayden era irredutível ao afirmar que os seriados antigos eram os melhores). Tentamos começar um grupo de *Dungeons & Dragons* quando não

fomos aceitos na liga infantil de beisebol, mas não conseguimos achar mais ninguém que fosse capaz de perceber a beleza de um dado de vinte lados. Todos os meses, quando saía a edição nova dos quadrinhos do *The Walking Dead*, íamos para a loja assim que acordávamos e ficávamos sentados na praça de alimentação até lermos a revista inteira. Amávamos também o seriado e o assistíamos na minha casa todo domingo à noite. Era a única ocasião em que Rachel se dignava a passar algum tempo com a gente.

Era mesmo muito difícil estar ali sem ele.

A loja estava deserta no meio do dia. Depois da escola, geralmente um bando de geeks como Hayden e eu ficava por ali, assim como garotos mais novos. Quando íamos até lá à noite, era comum cruzarmos com caras mais velhos, colecionadores, eu imaginava, que trabalhavam durante o dia. Entretanto, aquele era um lugar aonde os babacas da escola nunca iam. Era um lugar seguro. É verdade que quase não tinha garotas por lá, mas, de qualquer forma, caras como eu e Hayden não costumam se dar tão bem assim com as meninas.

Talvez eu tenha falado cedo demais, porque, enquanto eu andava por ali, percebi algumas outras pessoas dando uma olhada na loja, e uma delas era uma garota. Com toda a certeza era uma garota. Alta como eu, com o rosto meio pontiagudo — queixo pontudo, nariz reto e fino. Sua boca estava pintada de vinho escuro e ela tinha uma argola com uma pedra azul-turquesa no lábio. E um cabelo muito comprido e cheio, tingido de loiro quase branco com mechas pretas. Era a garota do funeral. Ela era gatinha. Bem, ela era mais estilosa do que gata, mas, seja lá qual fosse o estilo dela, eu estava a fim.

E ela parecia estar vindo bem na minha direção.

Senti um pânico crescente e lutei contra a vontade de me esconder.

E então ela estava bem diante de mim, sua boca se movia, mas eu não conseguia entender nada do que ela falava. O que tinha de errado comigo?

Eu devia parecer realmente confuso, porque ela sorriu, ergueu uma das mãos e puxou o fio que balançava no meu peito.

É claro. Eu ainda estava com os fones. Não era de espantar que eu não a ouvisse. A música da playlist de Hayden tocava a todo o volume nos meus ouvidos.

— Você é o Sam, não é? — ela repetiu.

Ela me conhece? Como pode me conhecer? Eu assenti.

— Isso é tudo que você tem a dizer? — ela perguntou. — Geralmente, quando alguém começa uma apresentação, você pergunta o nome da pessoa.

— Desculpe — eu disse. Imagina só, eu tinha acabado de ferrar a minha primeira conversa com uma garota que realmente queria falar comigo. Mesmo assim, eu não conseguia descobrir se ela falava sério.

— Acho que estou um pouco fora do ar hoje. — Ela tinha que entender, não é? Ela também estava no funeral.

— Compreensível — ela comentou, e meio que abriu um sorriso afetado para mim. Então isso queria dizer que ela estava brincando? Eu ainda não tinha certeza. — Eu sou Astrid.

— Nome legal.

Antes que eu pudesse perguntar qualquer coisa, o magrelo com jeito de hipster que também estava no funeral se aproximou usando sua calça skinny superapertada e colocou um dos braços ao redor de Astrid. A garota se virou e apoiou a cabeça no ombro dele, como eu a vi fazer antes.

— E esse é o Eric. Eric, esse é o Sam, amigo do Hayden.

Aquilo queria dizer que ela conhecia Hayden? Essa não era uma possibilidade, eu tinha certeza. Mas ela sabia quem eu era, e isso também não fazia o menor sentido. Eu não achava que alguém soubesse quem eu era.

— Sinto muito pelo seu amigo — disse Eric. — Ele parecia ser um cara legal pelo que a Astrid me contou.

Então ela conhecia mesmo Hayden. Eu não conseguia imaginar como. E por que ele não me contou?

— Ele era, sim — concordei.

— Bem, eu não queria interromper. Vou ficar lá fora esperando você. — Ele deu um peteleco no braço de Astrid e saiu da loja. Aquele gesto pareceu estranho para alguém que eu concluí que era provavelmente o namorado dela, mas eu estava longe de ser um especialista em relacionamentos românticos.

Eu estava louco para saber como Astrid conheceu Hayden, mas nem sabia por onde começar.

Por sorte, não precisei perguntar nada.

— Olha, juro que não sou nenhuma perseguidora maluca e não quis assustar você, mas eu o segui até aqui — explicou Astrid. — Eu só queria ter a chance de dizer o quanto sinto pelo Hayden. Eu o conhecia pouco, mas ele era um cara muito legal e eu ainda não consigo acreditar que ele se foi.

— Nem eu — respondi. — Então... vocês se conheciam?

— Um pouco — disse ela, e puxou uma das mechas pretas do cabelo. — Sei que vocês eram amigos e percebi que você foi embora quando aqueles hipócritas formaram uma fila para fazer discursos, então pensei que você poderia gostar de saber que tinha outras pessoas lá que vão sentir falta dele. De verdade.

Eu sabia que ela disse “eram” porque Hayden havia partido e não porque ele e eu não éramos mais amigos. Ainda assim, não consegui evitar a lembrança da noite em que ele morreu e do quão horrível tudo aquilo tinha sido, especialmente o que havia acontecido entre

nós. Eu não queria olhar para Astrid — não queria que ela visse a cara que eu fazia e achasse que era por causa dela —, por isso me virei para a vitrine perto de onde nós estávamos, que tinha bonecos de vários personagens de jogos de videogame e outras bugigangas.

— Hayden costumava zoar as pessoas que compravam coisas como essas — lembrei. — Ele costumava chamá-las de bonecas para dorks, como se isso fosse de alguma forma nos distinguir deles.

— Tipo aquele diagrama de Venn dos dorks versus os geeks versus os nerds? — ela perguntou.

— Você também viu isso? —perguntei. Será que aquilo era algum tipo de piada? Uma garota que me segue até a minha loja preferida e sabe tudo sobre as coisas de que eu gosto? — De qualquer forma, essas miniaturas me fazem lembrar do personagem de Hayden em *Mage Warfare*. — Esperei que Astrid me perguntasse que diabos era aquilo, mas ela não fez isso. Tudo ficava cada vez mais estranho, só que de um jeito incrível. Eu nunca tinha conhecido uma garota que soubesse o que era *Mage Warfare*. Porém, mais uma vez, a questão era que eu raramente saía com alguma garota.

— Qual delas?

Apontei para uma das estatuetas. Ela tinha uns dez centímetros e cabelo comprido, além de usar um manto e um chapéu molengo, e segurava uma varinha.

— Um mago? — ela perguntou.

— Na verdade este aqui é mais um Warlock ou um Magus. Um discípulo de Zoroastro, o criador da magia. — Fiz uma pausa quando pensei ter percebido um vislumbre de tédio nos olhos dela. Aparentemente, eu ainda era muito dork, até mesmo diante de uma garota que parecia entender dessas coisas. — Quero dizer, é... tipo as profissões dos feiticeiros.

— Acho que você sabe mesmo um monte de coisas úteis — disse ela, dando outro sorrisinho. — De qualquer forma, ele não parece muito com o Hayden.

Aquilo era verdade. Hayden ainda não tinha atingido aquele período em que os adolescentes espicham, e o fato de a mãe dele o obrigar a comer mais proteína e a pular a sobremesa só o tornava ainda mais teimoso. Fisicamente, o mago parecia-se mais comigo, alto e magricelo, e também não era muito diferente do namorado hipster de Astrid. Mas todo o sentido de se viver em um mundo de fantasia é a própria fantasia em si, não é? Meu personagem era um golem, forte e robusto como eu provavelmente jamais seria, a não ser que eu me transformasse em um desses ratos de academia e começasse a levantar pesos o tempo todo. Mesmo assim, era muito mais provável que eu derrubasse todos eles em cima de mim.

— É um RPG — expliquei. — Lá, ele podia ser quem ele quisesse.

— Parece libertador — emendou ela. — Acho que você deveria comprar essa miniatura, se ela faz mesmo você se lembrar de Hayden. Uma lembrança.

— Para que eu não me esqueça dele? — Tentei não soar amargo.

Ou ela não percebeu a amargura na minha voz ou não se importou.

— Você nunca vai se esquecer dele. Mas também não vai conseguir terminar o ano letivo ou o resto do ensino médio se pensar no Hayden o tempo todo. Se acontecer isso, terá um lugar para focar. Você vai poder pensar nele quando olhar para essa miniatura e durante o resto do tempo pode tentar seguir com a sua vida.

— Parece que você sabe do que está falando.

— Eu já passei por algumas coisas — ela comentou. Enigmática, como Hayden costumava ser. Dava para entender por que eles deviam ser amigos. — Pode acreditar no que estou dizendo.

— Eu acredito — respondi. — Obrigado.

— Sem problemas. — Ela estendeu novamente uma das mãos e pegou um dos fones que pendiam do meu pescoço. Torci para que ela não conseguisse sentir a minha pulsação, que começava a acelerar. — O que você estava ouvindo quando eu o interrompi daquele jeito tão mal-educado?

— Não foi mal-educado — corrigi, mas ela já tinha colocado um dos fones.

— Anda logo, aperta o play — ela pediu.

Coloquei o outro fone, apertei o botão e ouvi a música com ela. Era uma das canções da playlist, sombria e bonita. Ouvir aquilo com Astrid me causava uma sensação etérea, como se de alguma forma tivéssemos deixado a loja e vagássemos sozinhos por uma floresta escura e sinistra. Mesmo assim, estávamos juntos. Fechei os olhos e continuei a ouvir.

— Gary Jules — disse ela, e de repente fui tirado do meu mundo de sonho e abri os olhos sob as luzes fluorescentes. Astrid me encarava, e esperei que ela não me achasse esquisito por ter fechado os olhos. — Da trilha sonora de *Donnie Darko*. É uma versão de uma canção antiga do Tears for Fears.

Eu conhecia a versão original, mas ainda não tinha ouvido o cover até pegar a playlist. Não parecia com as coisas que Hayden costumava ouvir, e me perguntei como Astrid a reconheceria logo de cara.

— Você já viu o filme? — perguntei.

— Um monte de vezes. É incrível. Você precisa muito ver esse filme e depois me contar o que achou.

— Vou fazer isso — eu disse, e eu sabia que falava a verdade. Queria fazer mais perguntas. Para começar, queria descobrir como ela havia conhecido Hayden, mas com o canto do olho eu podia ver Eric caminhando novamente para a loja. *Não*, eu queria dizer. *Não ainda*.

— Parece que é hora de eu ir embora — declarou Astrid.

Eu estava prestes a pedir que ela ficasse, bem na cara do namorado dela. Desejava com todas as forças que tivesse vindo sozinha, só que, se eu fizesse isso, mais uma vez agiria como idiota.

Astrid ajeitou o colarinho do meu terno, um gesto que pareceria maternal se fosse feito por alguém mais velho, mas ao ser feito por ela aquilo em nada lembrava a atitude de uma mãe. Parecia até que nos conhecíamos bem o suficiente para que ela pudesse se dar esse direito. Gostei disso.

— Não se preocupe com toda aquela gente no funeral. Algum dia eles terão o que merecem. Carma, sabe?

Ela se parecia comigo falando.

— Obrigado.

— Procure por mim na escola — disse ela. — Depois que você tiver visto o filme.

Eu podia sentir o braço formigando onde as mãos de Astrid o tocaram mesmo depois de ela já ter ido embora, o que mostrava o quanto eu já estava dolorido do empurrão que Jason me deu. Meu Deus, como eu odiava aqueles caras.

Já que Astrid tinha ido embora, fui até o balcão e pedi para ver a estatueta do mago. O cara que trabalhava lá era o mesmo de todas as vezes em que fomos à loja. Hayden e eu costumávamos nos perguntar se por acaso a loja tinha mais de um funcionário. O que aconteceria se aquele cara ficasse doente? Ou se simplesmente quisesse tirar um dia de folga? Ele se parecia com os colecionadores: meia-idade e um pouco sinistro. Talvez aquele fosse seu emprego dos sonhos e aquele fosse o lugar onde ele sempre quis estar. Eu não conseguia nem imaginar que tipo de trabalho eu queria ter.

— Cadê o seu amigo? — ele perguntou. — Acho que nunca vi você sozinho por aqui.

Por alguma razão que ainda não havia me ocorrido, tinha gente que ainda não sabia o que havia acontecido. E que eu deveria explicar tudo para eles. Senti o rosto ficar vermelho enquanto eu começava a entrar em pânico diante da ideia de contar para o balconista da loja sobre Hayden. Eu não ia conseguir fazer aquilo.

— Ele não está aqui — eu disse. — Posso só ver a estatueta, por favor?

— Sem problemas. — Ele destrancou a vitrine e me passou o boneco. Ao pegá-lo, percebi que era pesado, frio, feito de chumbo ou algum outro metal e depois pintado. Não era exatamente um trabalho artesanal feito por um especialista; a pintura foi aplicada de forma grosseira e já estava começando a descascar.

Virei a miniatura para ver o preço.

— Trinta e cinco pratas por isto? — perguntei.

- É um colecionável — o vendedor explicou.
- Claro que é — murmurei.
- Olha, você quer ou não essa estatueta?
- Sim — respondi. — Eu quero.



QUANDO CHEGUEI DA LOJA, fui direto para o meu quarto e desembulhei a miniatura do mago. Que ideia mais idiota comprar uma coisa que me faria pensar em Hayden toda vez que eu olhasse para ela. Eu não conseguia parar de pensar nele desde que o encontrei. Não conseguia tirar da cabeça a imagem dele ali deitado, desacordado debaixo de todos aqueles lençóis estúpidos do *Star Wars*. Os paramédicos me fizeram sair do quarto assim que chegaram. Tive de ouvi-los do corredor enquanto tentavam reanimar Hayden. Eu podia ouvir tudo o que eles diziam. Já era tarde demais. Ele já estava morto havia horas quando entrei no quarto.

Pensei em jogar a estatueta fora. E daí que isso significava jogar trinta e cinco dólares no lixo? Então cogitei a ideia de atirá-la pela janela. Ou contra a janela. O som do vidro se partindo deveria ser agradável. Só que a miniatura não passava de uma coisinha insignificante, e com a minha coordenação era bem capaz de ela quicar na janela, não quebrando mais que uma única vidraça, e bater bem na minha cara.

Em vez disso, tirei uma pilha de livros da prateleira em cima do meu computador velho e coloquei a miniatura no lugar deles. Eu poderia vê-la enquanto jogasse *Mage Warfare*, o que pareceu combinar. Talvez durante um tempo curto eu pudesse fingir que Hayden jogava junto comigo, da casa dele, embora dessa vez ele não pudesse mais interromper nosso jogo para bater papo, como costumava fazer. Ainda assim, jogar era a única coisa que eu podia me imaginar fazendo que me permitiria pensar em Hayden de um jeito bom. Talvez fosse melhor tirar uma soneca e tentar colocar em dia algumas das horas de sono que perdi na última semana, porém a caminhada me energizara um pouco, e eu me dei conta de que provavelmente ficaria apenas deitado na cama, repassando sem parar o ciclo raiva/culpa/saudade-de-Hayden.

Não, jogar iria me fazer sentir melhor. Coloquei a playlist de Hayden para tocar, me loguei no *Mage Warfare* e cliquei no avatar do meu golem. Minha mãe havia me contado histórias sobre monstros mudos feitos de barro que existiam apenas para proteger as comunidades judaicas, e eu costumava ler todos aqueles livros incríveis sobre golens, revistas em quadrinhos e todo tipo de maluquice. Os golens nessas histórias não possuem poderes próprios e precisam fazer tudo o que seu criador ordena. Pensei que seria interessante criar um que tivesse vontade própria — tudo bem, seria a

minha vontade — e que pudesse abater quem ele quisesse sem deixar rastros. Eu não tinha o menor interesse nesse tipo de violência na vida real. Achava isso divertido exatamente porque não era de verdade. Era apenas uma forma de me sentir poderoso em algum lugar, uma vez que eu me sentia tão impotente na escola. Meu golem se chamava Brutus e detonava os outros com certa regularidade.

Estar no jogo era como ser transportado para outro mundo. Eu quase podia fingir que nada havia mudado, que Hayden ainda estava ali, já que, de qualquer forma, sempre jogamos em lados opostos no *Mage Warfare*. Hayden sempre tinha de ser o cara bonzinho, lutando pela Cooperativa, pela verdade, pela justiça e por todas essas coisas, enquanto eu gostava de jogar junto com a galera do mal. Era tão diferente de quem eu era na vida real, onde eu sempre me preocupava em fazer a coisa certa. O que tem de tão legal em ser o cara bom? Ser assim nunca tinha me levado a lugar nenhum. Pelo que eu podia ver, os maiores babacas da escola eram os caras que todos os professores e os outros alunos consideravam os mais incríveis — Ryan, Trevor e Jason pegavam todas as meninas, dirigiam carros legais, tinham um monte de dinheiro. Ryan foi escolhido capitão do time de lacrosse quando ainda estava no ensino fundamental. Trevor provavelmente ia pular a universidade e ir direto para a Liga Profissional de Futebol Americano. Jason era o cara mais bonito da escola e tesoureiro do grêmio estudantil. Eles podiam fazer o que quisessem e ninguém parecia se importar se eram ou não boas pessoas, se tinham segredos. Sempre que eu ficava online, escolhia missões que me colocavam contra caras que eu imaginava serem como eles, jogadores que queriam ser o centro das atenções, bons em tudo. E depois eu os destruía.

Hoje eu joguei contra uma equipe de guerreiros da Aliança. Eram três contra um, exatamente como sempre foi para Hayden quando Ryan e seus amigos o provocavam, mas, de qualquer forma, naquele dia eu estava determinado a detonar alguém. Eu estava indo tão bem que mal havia me dado conta de que escurecera lá fora até que ouvi o toque da janela de bate-papo. Logo de cara isso pareceu totalmente normal, porque eu normalmente jogava por um tempo até que Hayden desse um sinal de vida.

Só que Hayden estava morto, então não poderia ser ele.

Pausei o jogo e tirei os olhos da tela. Estava mais escuro do que eu imaginava. O céu estava preto como piche. Perdi a noção do tempo enquanto jogava. Esfreguei os olhos e voltei novamente minha atenção para o computador.

Alguém chamado Arquimago_Ged me mandou uma mensagem pelo chat.

Aquilo não fazia o menor sentido. Arquimago_Ged era o nome de

Hayden no *Mage Warfare* — baseado em um personagem que ele amava dos livros da série *Wizard of Earthsea*, que emprestei para ele quando éramos crianças, livros que ele lutou para terminar de ler. Porém, no Gchat ele usava seu nome verdadeiro.

Olhei para a prateleira onde coloquei a estatueta do mago e depois voltei a olhar para a tela. Quem pensaria em abrir uma conta com aquele nome? O brilho do monitor começou a parecer sinistro e os pelos dos meus braços se arrepiaram.

A mensagem dizia: *E aí?*

Eu tremi e, de repente, me dei conta de que estava sozinho em casa. Rachel não tinha voltado e minha mãe ainda estava no trabalho.

O cursor piscava para mim. *E aí?*

Era assim que Hayden e eu sempre começávamos nossas conversas no Gchat. A gente normalmente falava essa mesma frase depois de passar uma série de fins de semana assistindo a todas as temporadas do *The Wire*, mas ninguém mais começaria uma conversa comigo desse jeito.

Olhei novamente para a tela. A mensagem ainda estava ali. Minha parte era geralmente responder com alguma coisa espirituosa, mas dessa vez eu simplesmente olhava para o cursor que piscava. Não tinha como ser Hayden.

Arquimago_Ged: Você está aí?

É claro que eu estava ali. Onde mais eu poderia estar? De bobeira por aí com meus outros amigos? Ah, não, espera aí... Eu não tinha nenhum outro amigo.

Sam_Goldsmith: Quem é?

Arquimago_Ged: Quem você acha que é?

Aquela era a questão. Eu não fazia a menor ideia de quem poderia ser. Ninguém na escola nos conhecia bem o suficiente para poder se passar por Hayden. Alguém do *Mage Warfare*? Nós conversávamos o tempo todo dentro do jogo, então alguém poderia ter visto a gente usando aquele nome. Só que o chamado para o bate-papo não tinha vindo de dentro do jogo. Aquela era a minha conta de e-mail particular. Ninguém do jogo tinha essa informação além de Hayden.

Entretanto, alguém da escola pode ter levantado essa informação. Seria algum daqueles valentões da trifeta? Será que essa era a maneira que o Ryan tinha arranjado para me fazer parar de berrar com ele? Por mais que eu não gostasse de Ryan, não conseguia imaginar que ele fosse cruel o suficiente para escapulir da presença de seus parentes na noite do funeral do irmão só para ferrar com a minha cabeça. Trevor era muito idiota para arquitetar alguma coisa como aquela, e, pelo

que Hayden me contou, Jason já tinha os seus próprios problemas para se preocupar. Claro que era possível, mas eu achava que não seria muito provável. Não conseguia imaginar quem mais poderia ser capaz de fazer uma coisa daquelas.

Sam_Goldsmith: Bem, eu sei quem não é.

Arquimago_Ged: Tem certeza?

Claro que eu tinha certeza.

Sam_Goldsmith: Olha, eu não sei quem você é ou por que está fazendo isso, mas pode parar com essa parada. As coisas já estão bizarras o suficiente.

Arquimago_Ged: Não estou zoando você. Estou aqui para ajudar.

Sam_Goldsmith: O que isso quer dizer?

Arquimago_Ged: Simplesmente o que eu disse.

Sam_Goldsmith: Não sei como você pode me ajudar se não quer nem me revelar a sua identidade.

Aquilo era muito estranho.

Sam_Goldsmith: Estou saindo do chat.

Arquimago_Ged: Espere, não.

Por alguma razão, estas últimas palavras me passaram a sensação de que eu estava realmente falando com Hayden. Quer dizer, eu sabia que isso era impossível, mas ainda assim o jeito daquela pessoa era muito parecido com o dele, me zoando por um tempo e logo voltando a ficar sério, em especial quando percebia que eu começava a me irritar. Meu coração começou a bater acelerado.

Sam_Goldsmith: Você está pronto para ser direto comigo agora? Quem é você?

Arquimago_Ged: Sou o Arquimago_Ged.

Interessante. Ele não disse que era Hayden.

Sam_Goldsmith: Prove.

O cursor piscou. O ar na sala pareceu ficar mais frio e eu senti arrepios nos braços mais uma vez. Olhei para o relógio na tela do computador. De alguma forma, eram duas da manhã. Eu tinha ficado ali sentado por horas e nem percebi o tempo passar. Que diabos, provavelmente eu estava tendo alucinações. Eu mal tinha dormido

durante os últimos dias e não parecia que conseguiria tirar sequer uma soneca naquela noite.

E então, do nada, uma música começou a tocar, saindo pelas caixas de som do computador.

Era a canção da Skylar Grey, aquela da playlist que eu nunca tinha ouvido antes. Mas a playlist já tinha parado de tocar havia horas. O quarto estivera tranquilo desde que eu pausei o jogo. A música parecia quase agredir o silêncio.

Arquimago_Ged: Viu?

Sam_Goldsmith: Isso não me diz nada. Eu nem conhecia aquela música.

A música era cantada por uma garota que eu nunca tinha ouvido antes, e eu não fazia a menor ideia do motivo pelo qual Hayden a ouviria.

Arquimago_Ged: Esse é o ponto. Tem um monte de coisas que você não sabe. Mas eu quero que você conheça todas elas.

Sam_Goldsmith: Então me conte!

Mas o cursor simplesmente continuou a piscar.

Sam_Goldsmith: Essas músicas deveriam significar alguma coisa? Parece muito óbvio tocar uma música de alguma garota idiota que fala sobre invisibilidade quando eu não posso nem mesmo ver você.

Arquimago_Ged: Muitas pessoas querem ser invisíveis. Talvez elas até pensem que podem fingir que são. Mas sempre alguém as vê.

Naquele momento, os pelos do meu pescoço se eriçaram. Eu devia estar parecendo uma galinha depenada. Uma galinha assustada, que provavelmente estava tendo alucinações. Mas a coisa era que, independentemente de quem fosse esse Arquimago_Ged, o jeito dele se parecia terrivelmente com o de Hayden. Em especial porque eu não fazia a menor ideia do que ele estava falando.

Arquimago_Ged: Você vai descobrir.

Como se ele lesse a minha mente.

O ARQUIMAGO_GED me deixou tão apavorado que quase não dormi durante todo o fim de semana e fiquei morto de medo de ligar o computador — eu não tinha certeza se queria ver a janela do Gchat piscando novamente. À luz do dia tudo parecia claro para mim. Não havia a menor condição de ter sido Hayden. Era melhor focar nas coisas reais, como o fato de que eu tinha de ir para a escola.

Para o meu primeiro dia de volta às aulas, coloquei meu jeans preferido, um casaco de moletom com zíper e minha camiseta do Metallica — uma música deles tocava na playlist enquanto eu me arrumava e fez com que eu pensasse em Hayden. Essa era uma das bandas que faziam a gente brigar. Hayden era totalmente a favor das declarações deles contra a pirataria, mas eu não tinha tanta certeza de que estavam mesmo certos.

— E se você passasse toda a sua vida trabalhando em nome de alguma coisa e as pessoas achassem que tinham autorização para pegar essa coisa de graça? — ele dizia.

Hayden não precisava acrescentar que achava que eu entenderia seu ponto de vista apesar de eu não ter muito dinheiro, mas eu sabia que ele pensava assim. Hayden sempre tentava ser sensível sobre o fato de a família dele ser pobre de rica e a minha, não, mas às vezes não tínhamos como escapar desse assunto.

— Se eu já fosse milionário, talvez essas coisas não fossem tão importantes — comentei. — E, de qualquer forma, não é como se a maior parte do dinheiro fosse para os artistas. Quem fica rica de verdade é a gravadora. Não há custo em distribuir música por meios eletrônicos. Hoje em dia a música devia ser vendida a preço de banana.

Mesmo assim, eu tinha certeza absoluta de que Hayden estava certo. Meu Deus, como eu sentia falta de brigar com ele.

Desci as escadas para tomar um café antes de ir para a escola. Minha mãe estava sentada à mesa da cozinha vestindo seu jaleco, com ambas as mãos em volta de uma enorme caneca que cheirava a chá. Chá significava que ela havia acabado de chegar do trabalho e estava indo para a cama. Era estranho ter horários tão diferentes. Ela me mediu de cima a baixo enquanto eu caminhava até o bule de café que ela sempre deixava pronto para mim e Rachel, ainda que ela mesma não fosse tomar nem um único gole. Ela podia ser legal assim.

— O que é isso que você está vestindo? — ela perguntou.

— O que tem de errado com a minha roupa?

Ela abriu a boca, fez uma pausa, fechou-a e a abriu novamente logo em seguida.

— Nada — disse ela, por fim. — Vejo você no jantar e aí você me conta como foi seu primeiro dia de volta à escola, certo? E chegue na hora, porque parece que a Rachel vai trazer um amigo.

— Um amigo?

— Um cavalheiro que costuma telefonar para cá. — Minha mãe arqueou uma das sobrancelhas.

— Isso deve ser bom. — Rachel tinha um gosto horrível para namorados e teve vários deles. A maioria nunca passou do portão, de forma que ela deveria mesmo estar muito a fim desse cara.

— Verdade. Agora, já para a escola. Você não vai querer chegar atrasado.

Aquilo era discutível, mas eu saí bem a tempo de pegar o ônibus, onde me sentei sozinho em um dos primeiros bancos, ouvindo meu iPod. Aquilo era normal — eu sempre me sentava sozinho. Não que eu necessariamente quisesse, mas por alguma razão parecia aterrorizante sentar ao lado de quem quer que fosse. Sobre o que eu deveria conversar? O que eu diria? Até onde eu me lembrava, sempre fui tímido com estranhos — não tanto quanto Hayden, mas o suficiente. Eu me sentia bem quando conhecia a pessoa, mas a verdade é que eu não conhecia ninguém além dele, pelo menos desde que me mudei para Libertyville. Eu me considerava sortudo por ter feito um amigo tão bom, alguém que fez com que eu deixasse de me sentir solitário, e durante anos isso foi o suficiente. Até que não era mais.

Eu imaginava que tudo seria diferente quando eu e Hayden estivéssemos no ensino médio. Achava que nós dois faríamos algum progresso para vencer nossa timidez quando tivéssemos a oportunidade de expandir nosso mundinho insular. No ensino médio, eu tinha certeza de que haveria um monte de garotas como a gente — que curtissem videogame e música, talvez um pouco geeks, mas não totalmente dorks — e elas seriam nossas amigas. Talvez houvesse mesmo garotas assim. Garotas como Astrid.

E uma parte disso foi verdade. A Libertyville High era imensa — havia uma galera não apenas da cidade, mas também de um monte de municípios rurais ali por perto, um montão de pessoas que nenhum de nós dois conhecia, nem de vista, algumas das quais parecidas com a gente e participantes de clubes de coisas que a gente curti. Jogos de computador, quadrinhos, tudo isso. Entretanto, eu contava que Hayden estivesse na mesma onda que eu, mas, assim que as aulas começaram, me dei conta de que não poderia estar mais errado. Eu não conseguia fazer Hayden sair comigo para lugar nenhum, e ficava muito nervoso para ir sozinho.

Mais que depressa, percebi que Hayden estava bastante inclinado a

se esconder. Ryan e os amigos dele cursavam o terceiro ano junto com a minha irmã quando a gente entrou na escola, embora Rachel ficasse contente em fingir que era filha única, me ignorando quando cruzávamos um com o outro pelos corredores. Ao contrário de Ryan. Passamos os primeiros dias de aula sem nenhum incidente, felizes por sabermos que, apesar de não fazermos nenhuma matéria juntos — eu estava na turma dos alunos que se destacavam, mas Hayden era disléxico e ficou empacado em uma classe de nível mais baixo —, passávamos o recreio juntos quase todos os dias. E, às sextas, nosso intervalo era no mesmo horário do de Ryan e de seus amigos.

— Ah, olha só, é aquele gordo idiota do irmãozinho do Ryan. — Nós ouvimos Trevor dizer enquanto almoçávamos.

— Você está gostando da nova escola, Gayden? — Jason largou sua bandeja ao lado da de Hayden. Aquele era o segundo apelido preferido deles para Hayden. O primeiro era antigo, inventado por Ryan quando eles ainda eram pequenos: Raiva-dele.

— Me deixem em paz. — Hayden olhou ao redor em busca de Ryan. Foi triste perceber que ele pensava que Ryan poderia ajudá-lo. Hayden se deu conta de seu erro assim que viu Ryan de pé atrás de Jason, rindo. — Isso não foi engraçado, Ryan.

— Ah, sério? — disse Ryan. — É meio divertido.

— Talvez ele esteja certo — disse Trevor. — Talvez a gente tenha de subir o nível do nosso jogo. — Ele abriu uma caixinha de achocolatado e despejou o conteúdo em cima da cabeça de Hayden. Os três caíram na gargalhada.

— Isso é definitivamente engraçado — comentou Ryan.

Jamais vou esquecer a expressão no rosto de Hayden enquanto ele estava ali sentado, com o leite pingando de sua camiseta preferida. Era do Metallica, como a que eu vestia naquele dia. Vi que Hayden percebia que nada iria mudar, que as coisas talvez se tornassem até mesmo piores do que ele pensava. Que Ryan não o ajudaria. E, quando as gargalhadas das pessoas se tornaram ainda mais altas, quando o restante dos alunos viu o que havia acontecido, me dei conta de que ele provavelmente estava certo.

Lembrei daquele momento enquanto entrava no refeitório pela primeira vez desde a morte de Hayden. Passei a maior parte da manhã cochilando durante as aulas, mas, na sala, eu tinha uma espécie de bolha protetora ao meu redor. Dava para ver que nenhum professor queria me perguntar nada por causa de Hayden. Porém, o pessoal estava mais amigável. Pessoas que nunca haviam parado para falar comigo me cumprimentaram nos corredores, e algumas até mesmo elogiaram a minha camiseta. Essa estranha atenção vinda de pessoas que costumavam me ignorar me deixava confuso. Era quase como ser tratado como uma celebridade. Melhor-amigo-do-cara-morto =

famoso. Como se isso fosse algum tipo de feito.

Antes, todo mundo me deixava sozinho. Eu não me encaixava em nenhum grupo. Eu não era certinho como os gênios da minha turma, que olhavam torto para Hayden porque achavam que ele era burro. Eu era muito descoordenado para os esportes, mas grande o suficiente para me tornar difícil de ser derrubado. Eu não tinha dotes artísticos, nem era criativo ou talentoso em nada. A galera do clube de games logo se mostrou como um grupo de dorkies, além de não curtir música como Hayden e eu. E o pessoal que curtia as mesmas músicas que a gente olhava torto para qualquer um que gostasse de games. Nós não tínhamos como ganhar.

Qualquer um que era alguém naquela escola se encaixava em algum lugar, mesmo que as linhas fossem fluidas — gênios esportistas ainda eram descolados, a galera que tinha as melhores drogas podia andar com quem quisesse, esse tipo de coisa. As festas eram território livre para todo mundo, até onde eu sabia, apesar de Hayden e eu não nos aventurarmos muito nessa cena. Quando resolvemos conferir o que rolava em uma festa, olha só o que arrumamos. Não, depois daquele dia no refeitório, descobri que era mais seguro andar apenas com Hayden, e aparentemente toda a escola concordava comigo. Alguns dias eu me perguntava se, caso eu não andasse com Hayden, alguém falaria comigo algum dia.

Agora eu era um espetáculo. Coloquei os fones para não ter de ouvir as pessoas falando sobre mim enquanto eu caminhava pelo refeitório com a minha bandeja, assentindo de vez em quando para pessoas aleatórias que acenavam como se me conhecessem. Segui para a mesa onde eu geralmente me sentava com Hayden, procurando Astrid pelo caminho. Lembrei de já ter visto flashes de seu cabelo loiro durante o intervalo em outros dias, mas isso poderia ser apenas obra do meu desejo de encontrá-la, porque cheguei até a minha mesa sem ter nem um único sinal dela. Eu me sentei e fiz um esforço para engolir um cachorro-quente como se fosse um remédio ruim prescrito pelo médico, afogando a salsicha em ketchup, mostarda e relish de picles para esconder a visão daquele tom de rosa que não era nada natural. O que significava que os condimentos esguicharam para todos os lados assim que eu mordi o sanduíche. Eu podia sentir o relish de picles verde-vivo pingando pela minha cara até cair na camiseta do Metallica. Pelo menos eu estava sozinho. Uma das vantagens de não ter amigos era que ninguém estava ali para ver você esguichar molho por toda a sua roupa.

Só que eu não estava realmente sozinho.

— Você faz ideia do que tem nessas coisas? — Astrid perguntou por cima do meu ombro.

Terminei de mastigar e peguei um guardanapo para limpar o relish.

Astrid se jogou na cadeira diante de mim. Que bela impressão, Sam, eu pensei, mas qual era a diferença? De qualquer forma, ela já tinha aquele namorado hipster.

— Tento não pensar nisso — declarei.

— Talvez isso seja mesmo o melhor a fazer. Voltando à escola hoje?

Assenti, querendo pensar em alguma coisa espirituosa para dizer, mas não saiu nada.

— Nosso intervalo é no mesmo horário?

— É o que parece, Gênio da Lâmpada. — Ela sorriu, mas ainda assim eu me sentia um idiota. — Quer sentar com os meus amigos? — Ela apontou para uma mesa a algumas fileiras atrás de onde a gente estava. Nela, estava uma galera que eu já tinha visto; faziam parte do grupo dos artistas. Eles passavam um tempão no estúdio no segundo andar da escola e em uma cafeteria em South Branch, uma cidade bem ao lado da nossa, onde aconteciam concursos de poesia ou sei lá o quê. Aquela não era a minha galera. Eu nem mesmo tinha certeza de como funcionava esse negócio de concurso.

— Não, estou bem aqui — respondi, enquanto tentava pescar alguns pickles sem fazer mais lambança.

Será que ela não podia ver que eu consegui me zoar inteiro? Tentei pensar em alguma coisa normal para falar.

— Hum... bem... pessoas novas, sabe como é. Não tenho certeza se estou pronto, quero dizer. — Entrei em pânico. — Não estou me referindo a você nem nada do gênero. Eu só... — Eu podia afirmar que não estava sendo bem-sucedido em tentar parecer normal.

— Saquei — disse ela, afastando uma mecha vermelha do cabelo que eu não me lembrava de estar ali no outro dia. Imaginei como ela sabia exatamente onde estava aquela mecha até que me dei conta de que era um aplique. Deveria ser incrível poder trocar a cor do cabelo sempre que dava vontade. Ela usava um batom vermelho-vivo para combinar, o que fazia com que seus olhos assumissem um tom de verde quase artificial. — Você deveria dar uma chance para eles um dia desses. Eles meio que me adotaram quando precisei de novos amigos.

Ela não precisou acrescentar o “como você precisa agora”; isso ficou implícito. Imaginei o motivo pelo qual ela precisou de novos amigos, mas não sabia como perguntar. Olhei novamente para a outra mesa e vi Eric sentado lá. Ótimo.

— Não julgue só porque eles curtem coisas diferentes das que você gosta. Vou te dizer a mesma coisa que falei para o Hayden: aposto que você tem mais em comum com alguns deles do que imagina.

Naquele mesmo instante, eu tive um ataque de ciúmes, o que era ridículo. Como se, em uma ação retroativa, Hayden tivesse encontrado amigos melhores e mais descolados que eu, e fosse então me

abandonar.

Só que não foi desse jeito que ele me abandonou. Ele arrumou uma maneira muito pior de fazer isso.

— Como você o conheceu? — perguntei. Eu achava que o jeito mais fácil de fazer isso era simplesmente perguntar.

— Hayden? — ela hesitou. — Ah, você sabe. Por aí. Na escola, sabe como é.

Mas, na verdade, Hayden não andava por aí. E tenho certeza de que ele teria me contado se houvesse alguém como Astrid na turma dele. Eu não sabia nem se ela estava no mesmo ano que a gente. Por algum motivo, ela não queria me falar onde o conhecera, e eu não fazia a menor ideia do porquê disso.

— Vem sentar com a gente — disse ela, enquanto puxava o aplique. — Talvez você também precise de um amigo. — Astrid deve ter percebido a expressão em meu rosto, porque logo acrescentou: — Não estou tentando fazer com que você substitua o Hayden.

— Eu sei — repliquei. Não queria que ela pensasse que eu não estava interessado, mas o problema é que eu não conseguiria segurar a onda de conhecer um monte de gente nova. Ainda não me sentia pronto. — Só que hoje não, tudo bem? Um outro dia.

— Vou lembrar você disso — Astrid disse, apesar de eu não ter certeza se ela realmente iria fazer isso até que acrescentou: — Vai ter uma festa na sexta à noite. Me passa o seu telefone.

— Alguém já te disse que você é meio mandona? — perguntei, mas mesmo assim dei o número para ela. Nossas mãos se tocaram quando Astrid pegou o papel, e eu podia jurar que senti uma faísca. Provavelmente era só a estática.

Astrid sorriu de novo, e a pedra da argola nos lábios dela brilhou.

— Falam o tempo todo. A gente se vê na sexta.

Apesar de tudo, eu não queria que ela fosse embora.

— E então. Assisti àquele filme que você me falou. *Donnie Darko*.

— E aí? O que você achou? — Ela se inclinou para a frente e olhou bem nos meus olhos. Parecia que realmente se importava com o que eu pensava.

Pelo menos naquele momento eu tinha de dizer alguma coisa interessante. Não tinha certeza do quê, mas, já que fui eu quem puxou o assunto, eu tinha de falar *alguma coisa*. Calma. Viagem no tempo, coelhos gigantes? Era meio difícil seguir a linha de pensamento daquele filme. Eu sabia que o personagem principal morria no fim e fiquei me perguntando se era por isso que ela tinha me sugerido o filme.

— Foi estranho. Acho que eu gostei, mas não sei exatamente por quê.

Astrid soltou uma gargalhada. Ela tinha um riso incrível — não era

uma risadinha idiota, mas uma gargalhada de verdade. Aposto que Eric sempre sabia quando estava sendo engraçado de verdade e senti ciúmes mais uma vez.

— É um filme maluco. Mas imagino que você goste de ficção científica, não é? E alguma coisa no jeito como ele aceitou o que tinha de fazer faz com que ele pareça corajoso. Como eu penso que Hayden foi.

Hayden? Corajoso?

— Sério? — perguntei, tentando não soar muito descrente, mas não tinha certeza se falávamos da mesma pessoa. Especialmente depois do que ele havia feito.

Ela deu de ombros.

— É assim que eu o vejo. Ele aturava um monte de porcarias das outras pessoas, mas sempre pareceu tão... sei lá, estoico a respeito de tudo isso. Sempre pensei que ele nunca se deixava abater. Só que agora imagino que eu estava errada.

A questão era que ela não estava enganada. Essa também sempre foi a minha opinião. Porém, eu não tinha pensado naquilo como um sinal de coragem. Parecia apenas que ele havia levantado um muro ao redor de si mesmo para que não tivesse de lidar com o que estava acontecendo. E, é claro, eu não tinha calculado que todo mundo possui um limite.

— Você comprou aquela estatueta? — Astrid quis saber. Todas aquelas perguntas que ela fazia... Ninguém nunca tivera tanto interesse pela minha vida antes. Pelo menos não uma garota, com toda a certeza.

— Comprei. — Fiquei tentado a contar a ela sobre aquela noite, mas não queria que Astrid pensasse que eu era maluco. Não quando parecia que estávamos prestes a nos tornar amigos. — Foi uma boa ideia. Obrigado.

— Não precisa me agradecer — disse ela. — Fico feliz em ajudar.

Eu me perguntei mais uma vez como ela entendia essas coisas tão bem, o que ela tinha passado que a fazia parecer que entendia as coisas logo de imediato. Ou será que esse era só o jeito dela? Eu queria desesperadamente saber mais. E, apesar de parecer meio que desleal pensar tanto em outra pessoa depois de perder meu melhor amigo, eu precisava pensar que Hayden aprovaria o meu comportamento. Afinal, ele também gostava dela. Embora eu não tivesse certeza do quanto. Por que ele não nos apresentou?

O sinal tocou, marcando o início da quinta aula. Astrid olhou para os restos nojentos do meu cachorro-quente pós-explosão de condimentos.

— Sinto muito por ter impedido você de comer o seu almoço. Ele parece tão... apetitoso. — Eu estava maluco ou ela não parecia sentir

tanto assim?

Peguei uma batata frita úmida e gelada e fingi que a mastigava, agradecendo por estar meio fora de mim.

— Que desperdício de uma refeição tão deliciosa! — eu disse, decidindo então ser audacioso. Talvez fosse a falta de sono que finalmente causava algum efeito em mim, porém as palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse pensar. — Algum dia vou apresentar você à melhor batata frita de Libertyville. — Senti o rosto corar e rezei para não começar a suar.

— Você tem certeza de que eu já não conheço? Eu me considero uma especialista em batata frita.

— Positivo — respondi.

— Algum dia, então — ela concordou, enquanto me lançava uma piscadinha, e então saiu andando.



Em geral, a minha quinta aula era Inglês, porém encontrei um bilhete na sala que dizia que eu precisava me encontrar com o conselheiro da escola. Eu já tinha visto o sr. Beaumont em alguns encontros que a escola organizou no primeiro ano para nos ajudar na escolha de quais matérias eletivas gostaríamos de cursar. Lembro que ele era um cara baixo, muito mais baixo que eu, que se vestia de forma mais casual que o resto do conselho administrativo da escola, com jeans e suéter. Percebi que ele tentava fazer com que os alunos achassem que ele era gente boa, apesar de talvez parecer que forçava demais a barra.

Ele me esperava. A porta de seu gabinete estava aberta e, ao lado dela, lá estava o sr. Beaumont de pé. Ele me estendeu uma das mãos.

— Olá, Sam — disse ele, me saudando; esperava que eu apertasse sua mão. Era estranho trocar um aperto de mãos com alguém do conselho da escola, mesmo assim eu respondi. — É bom vê-lo de novo. Sente-se.

O gabinete dele era diferente de todos os outros que eu já vira na escola. Havia uma escrivaninha, mas ela estava encostada em um canto, e no meio da sala havia duas grandes cadeiras, que na verdade pareciam bastante confortáveis, com uma pequena mesa de centro entre elas e um baleiro repleto de M&M's. Eu só havia comido uma batata frita e aquela mordida catastrófica de cachorro-quente, por isso estava morrendo de fome.

O sr. Beaumont devia ter percebido que eu olhava para o baleiro. Ele sentou em uma das cadeiras e disse:

— Pegue quantos quiser. Quer um copo d'água?

Eu me sentei na cadeira diante dele, coloquei um punhado de M&M's na boca e fiz que não com a cabeça. Aquilo me preveniria de ter de falar qualquer coisa logo de cara, já que eu realmente não conseguia entender qual era o motivo de eu estar ali.

— Eu queria conversar com você, ver o que anda fazendo — ele começou. — Você sabe, estamos todos devastados pelo que aconteceu, e tenho certeza de que você também está. Saber disso pode fazer você se sentir melhor para conversar sobre esse assunto.

Sem chance.

— Eu não vejo como — eu disse.

— Tenho certeza de que as coisas parecem ser assim agora. Mas será que podemos tentar? Talvez isso ajude, talvez não, mas, em ambas as possibilidades, nós vamos saber.

Dei de ombros. Obviamente ele não me deixaria ir embora dali sem falar alguma coisa.

— Entendo que vocês dois eram muito próximos — continuou o sr. Beaumont.

— Essa é uma maneira de colocar as coisas — eu disse.

— E qual seria a outra maneira?

Dei de ombros. Como eu poderia descrever a minha relação com Hayden? Ele era meu melhor amigo. Meu único amigo. E eu achava que levaria algum tempo para que essa situação mudasse, ao contrário de Hayden, e então ele tinha ido embora. Ele podia me obrigar a ficar ali sentado durante o tempo que quisesse que eu não conseguiria responder àquela pergunta.

— Pode me descrever como era a amizade de vocês? — ele indagou, gentilmente.

O que ele esperava que eu dissesse? Que ambos éramos desajustados sociais que não conseguiam se encaixar em lugar nenhum? Que salvamos um ao outro da solidão durante um bom tempo e que de repente estava tudo acabado?

— Nós éramos amigos. O que mais eu posso dizer? — Meus joelhos subiam e desciam, quase como se eu não tivesse nenhum controle sobre esses movimentos. Eu realmente não queria estar ali.

— Ele era o seu único amigo?

Agora os meus joelhos estavam ainda mais fora de controle. Torci para que eles parassem de se agitar antes que o sr. Beaumont percebesse.

— Acho que sim.

— E você era o mesmo para ele? O único amigo? — A voz dele ficava cada vez mais baixa, como se eu soubesse que aquela pergunta seria difícil de ser ouvida, independentemente do volume. Entretanto, apesar de ele tentar me acalmar, eu podia sentir que começava a ficar irritado, com o sangue esquentando meu rosto. Ele também deve ter percebido isso, porque não me esperou dizer nada.

— Olha, sei que vai ser difícil falar sobre Hayden. Vou lhe dar algumas coisas para que você leia depois, quando sentir vontade. — Ele me passou um envelope de papel pardo. Nem me dei ao trabalho de abri-lo, simplesmente o enfiei dentro da mochila. — Entendo que você está provavelmente triste, confuso e também com raiva. Quero que você saiba que está tudo bem em sentir qualquer uma das coisas que você está sentindo agora.

Que ótimo, quer dizer que eu passei a ter permissão. Eu estava prestes a dizer alguma coisa sarcástica, mesmo assim aquilo era um convite para falar e eu não sentia a menor vontade de fazer isso. Nem com o sr. Beaumont, nem com ninguém.

O sr. Beaumont, porém, devia ser algum tipo de leitor de mentes.

— Vejo que você não está com vontade de falar sobre esse assunto, e não tem o menor problema. Quero ser um recurso para você, mas só se você quiser. Realmente acho que conversar com alguém o ajudaria, então podemos conversar sobre quem seria essa pessoa?

Ele sabia mudar de assunto para temas mais suaves. Eu não podia falar com a minha mãe. Ela estava ocupada no trabalho com todas aquelas horas extras e, independentemente do que eu dissesse, ficaria preocupada, e ela já tinha preocupações suficientes. Rachel não ajudaria em nada, e, apesar de Astrid ter todo o potencial para se tornar uma nova amiga, eu não queria pensar nela como uma confidente, não desse jeito. Não havia ninguém mais. Olhei para o chão. O sr. Beaumont havia colocado um grande tapete persa sobre o carpete industrial cinza. Ele estava mesmo se esforçando.

— Não há mais ninguém — por fim, respondi.

— Bem, se é esse o caso, espero que você pelo menos me considere uma opção. Talvez por enquanto possamos falar um pouco menos sobre Hayden e mais sobre você, que tal? Posso parar de tentar adivinhar como você se sente. Basta que você mesmo me fale.

— Vou tentar — eu disse, mas era algo difícil de definir. Havia o ciclo da raiva/culpa/saudade, junto com um monte de outras emoções, o que era meio complicado de descrever. — É uma grande bagunça, eu acho. Não parece ser real. Fico o tempo todo pensando que ele vai voltar logo, só que ele não volta. — Meus joelhos começavam a se agitar novamente, então preendi os pés ao redor da perna da cadeira para obrigá-los a parar.

O sr. Beaumont assentiu.

— Perdi um amigo quando eu era ainda muito novo. E me lembro de pensar a mesma coisa. Eu continuava a esperar por ele nos lugares a que ele costumava ir, ou mesmo comprar biscoitos a mais na hora do recreio porque eu sempre levava alguns para ele. Com o tempo, as coisas se tornam mais fáceis.

Se o sr. Beaumont iria apenas expor os clichês, falar com ele seria inútil.

— É. Já ouvi gente dizer isso.

Ele se inclinou para a frente e eu pude sentir que olhava para mim, apesar de eu manter os olhos focados nas gravuras penduradas na parede. Todas eram abstratas, mas com cores tranquilizantes. O escritório inteiro era meio brega.

— As pessoas vão falar um monte de coisas. Algumas dessas coisas serão úteis, outras serão irritantes e algumas vão te dar nos nervos. Mas elas lhe dirão essas coisas porque as ouviram de outras pessoas ou porque as acharam úteis quando perderam alguém. A intenção é boa.

Claro que era.

— Isso deveria me fazer sentir melhor? — Olhei bem nos olhos dele

e torci para que não conseguisse ler meus pensamentos.

Os olhos dele encontraram os meus e de alguma forma eu senti como se ele soubesse, e isso não o incomodou.

— Não ainda — ele disse. — Algum dia.

Eu sabia que o sr. Beaumont estava tentando ajudar, só que ele acertou na mosca sobre como fazer aquela coisa de “me dar nos nervos”.

— Isso é tudo? — Comecei a me levantar.

Ele ergueu uma das mãos.

— Você pode me dar só mais alguns minutos? Eu esperava que você pudesse me contar se Hayden lhe confidenciou alguma coisa sobre como ele se sentia. Você tem alguma ideia do que ele pensava para chegar ao ponto de fazer o que fez?

Finalmente ele foi direto ao ponto. Eu me sentei novamente. O que eu deveria dizer? Conversávamos o tempo todo sobre isso, mas eu nunca achei que ele estivesse falando sério. Eu nunca falava.

— Qualquer um que tivesse que aturar todas as brincadeiras que o Hayden aguentava pensaria nisso — respondi.

— Então ele conversava com você?

Conversava sobre isso? Essa era uma piada recorrente entre nós. Passávamos horas brincando com o iPhone de Hayden tentando fazer Siri, a secretária virtual, recomendar o disque-suicídio.

— Estou deprimido, Siri — Hayden costumava dizer.

— *Não entendo, Hayden.*

— Preciso de ajuda, Siri.

— *Não entendo, Hayden.*

— Estou me sentindo sozinho. Não tenho nenhum amigo.

— *Estou realmente cansada dessas categorias arbitrárias, Hayden.*

— Siri, você está com raiva de mim?

— *Sem comentários, Hayden.*

Continuávamos a fazer perguntas até que caíamos na gargalhada e não conseguíamos mais falar. Por fim, descobrimos que tudo que precisávamos fazer era sermos mais diretos.

— Siri, quero pular de uma ponte... Qual é a mais alta?

Porém, nem por um minuto eu achei que Hayden tivesse a intenção de realmente fazer aquilo. *Eu* nunca tive. Eu sabia que as coisas estavam ruins. Não conseguia tirar aquela festa da cabeça, independentemente do quanto tentasse, mas não fazia a menor ideia do que o levou a adotar uma medida tão extrema. Eu o imaginei trancado no quarto durante todo o fim de semana, me ignorando, como ele costumava fazer às vezes, quando estava irritado, ou quando eu agia como um babaca, ou ambos. Eu tinha mandado piadinhas para ele por mensagem de texto e o convidei para conversar no Gchat, mas não tive nenhum sinal dele até o meio da semana, talvez, e só no *Mage*

Warfare. Ele usou seus poderes de arquimago para derrubar criaturas bem grandes, e eu sabia que ele fazia isso como uma forma de revanche.

Em algum nível inconsciente eu deveria saber que daquela vez era diferente. Afinal, fui até a casa dele na manhã seguinte em vez de seguir minha rotina normal.

— Sam?

— Desculpe — eu disse, balançando a cabeça. — Viajei por um segundo. Não tenho dormido muito.

— Compreensível. Então você estava falando que Hayden havia feito algumas menções ao suicídio no passado?

— Mas não era sério. Eu não conseguia imaginar de jeito nenhum que ele faria isso. — O que era verdade. Pelo menos, a maior parte.

— De jeito nenhum? Então não houve nada que pudesse ter servido de estopim, entre todas as coisas com as quais ele normalmente sofria?

— Ele se inclinou para a frente mais uma vez, apoiando as mãos nas coxas, ansioso para ouvir o que eu tinha a dizer.

Só que não havia a menor chance de eu falar sobre a festa ou qualquer uma das coisas que aconteceram desde então. Hayden já tinha passado pelo suficiente, assim como eu. E eu começava a ficar com raiva novamente.

— Olha, o Hayden estava na pior. O irmão dele e seus amigos o tratavam como um merda, ele ia tomar bomba em todas as matérias e não sei se o senhor já teve o prazer de conhecer os pais dele, mas eles também são terríveis. E ninguém aqui fez nada para aliviar a barra dele. Houve um tempo em que talvez alguém pudesse ter ajudado, mas agora já é tarde demais, então por que você está conversando comigo sobre esse assunto? Por que você não conversa com todos eles? — Meu rosto começou a queimar, e percebi então que eu gritava.

— Desculpe por não nos darmos conta do que estava acontecendo, Sam, e com toda a certeza conversarei com algumas das pessoas que você mencionou. Mas agora somos nós dois conversando, e quero que você saiba que estou aqui sempre que precisar. Sei que você está com raiva e quero ajudá-lo a canalizar esse sentimento para algo produtivo em vez de algo que possa ser prejudicial. — O sr. Beaumont olhou para mim como se fosse estender uma das mãos para tocar no meu braço ou algo do tipo, mas ele deve ter imaginado que eu estava me coçando para dar um soco em alguma coisa.

— O que você quer que eu faça? Que eu faça aulas de arte e desenhe coisas com um lápis de cera preto? Que escreva contos sobre um universo alternativo onde meu melhor amigo não se matou? O que você quer? — Eu tinha de me acalmar. Tentei focar na minha respiração. Inspirar, expirar. Inspirar, expirar. Cada vez mais devagar.

— Só queria lembrá-lo de que você tem opções. Às vezes, quando as

pessoas estão com raiva, elas descontam nos outros, e já há violência suficiente por aqui do jeito que as coisas estão. — As suas sobranceiras estavam franzidas e a sua voz estava baixa mais uma vez, apesar dos meus gritos.

Levou um minuto para que eu descobrisse com o que ele estava preocupado. E então eu entendi. Ele achava que eu ia sair atirando pela escola ou alguma coisa do gênero. Hayden tinha colocado uma música sobre isso na playlist. Não sei se isso significava que ele também pensou nessa possibilidade. Eu me obriguei a parar de berrar para falar quase tão baixo quanto o sr. Beaumont:

— Olha só, é verdade que eu acho que tem um monte de gente que deve ser culpada por tudo isso, mas eu também sou. — Por um minuto, um flash da festa passou pela minha mente, as últimas palavras que eu disse a ele. *Vai se foder, Hayden*. Que belo melhor amigo eu era. — E não é meu dever decidir quem deve pagar por isso.

O sr. Beaumont expirou. Eu não tinha percebido que ele estava prendendo a respiração.

— Fico feliz por ouvir que se sente assim, apesar de sentir muito pelo fato de você se considerar responsável. Talvez possamos conversar sobre isso da próxima vez.

Tentei imaginar se aquela frase significava que haveria uma próxima vez, então assenti e peguei outro punhado de M&M's antes de sair.

— Nesse meio-tempo, descanse — aconselhou o sr. Beaumont. — Você parece exausto.

Jura?



ESPEREI ATÉ CHEGAR EM casa e me trancar no quarto para olhar o conteúdo do envelope que o sr. Beaumont havia me dado. Estava cheio de panfletos — sobre suicídio, luto, depressão, controle da raiva. O do suicídio trazia um monte de estatísticas. Alguém se suicidava a cada quatorze minutos ou algo assim, o que parecia bem louco para mim, e um milhão de pessoas por ano tentavam se matar. Era a terceira maior causa de morte entre adolescentes, e os meninos cometiam suicídio com mais frequência que as garotas, que tendiam a tentar se matar mais como o que o panfleto chamava de “um pedido de ajuda”, apesar de, para mim, isso soar mais como um jeito de chamar a atenção. Elas costumavam cortar os pulsos, mas acabavam se cortando do jeito errado ou tomavam um monte de comprimidos quando sabiam que era muito provável que alguém as encontrasse antes que fizessem efeito. Os garotos eram mais definitivos. Enforcamento, tiro, pulo de lugar alto.

Eu podia imaginar o sr. Beaumont dando um panfleto desses para o Ryan. Ele provavelmente ia encher o saco com o fato de que Hayden tinha usado uma estratégia de menina. Melhor deixar para a trifeta do bullying arrumar motivos que expliquem por que eles zoavam o Hayden mesmo depois de ele ter morrido.

A falta de sono começava a me fazer sentir tonto, de modo que me deitei um pouco e tentei tirar uma soneca. Entretanto, minha mente ainda girava com todas as coisas que estavam acontecendo: a morte de Hayden, é claro, mas também Astrid e o arquimago. Se bem que eu tinha certeza de que o arquimago só podia ser um sonho. Eu não tinha o hábito de cair no sono na cadeira da escrivadinha, mas sempre havia uma primeira vez para tudo. Tentei tirar esse assunto da cabeça, mas, exatamente quando eu estava prestes a apagar, alguém bateu à porta.

— Mãe, estou tentando dormir.

— Não é a nossa mãe.

Abri os olhos. A porta se abriu e Rachel entrou no meu quarto usando suas roupas de sempre: uma saia minúscula e tanta maquiagem que parecia que tinham passado tinta spray na cara dela. Engraçado, quando ela não usava aquela máscara de maquiagem, ela e a nossa mãe eram bastante parecidas — as duas eram altas, com cabelo castanho, ondulado e comprido e grandes olhos também castanhos. Só que, enquanto a nossa mãe parecia estar cansada o tempo todo por causa do trabalho, Rachel parecia que trabalhava em um dos quiosques de maquiagem do shopping. O que, na verdade, era

mesmo o emprego dos sonhos dela. Entretanto, toda aquela maquiagem a fazia parecer mais velha, quase tão velha quanto a nossa mãe. Ela só precisaria tirar metade de toda aquela pintura e dar para a minha mãe para que ambas ficassem lindas.

Não que eu fosse algum dia falar isso para qualquer uma das duas. Eu não era assim tão idiota.

— Você não entra no meu quarto há pelo menos um ano — lembrei.
— O que está fazendo aqui?

Ela olhou para os pôsteres de bandas que cobriam cada centímetro das paredes que ainda não estavam tomadas por estantes de livros.

— Não melhorou muito. Escuta, o Jimmy veio jantar aqui em casa e eu preciso que você vá lá para baixo o mais rápido possível e torne as coisas o mais tranquilas que conseguir.

— Esqueci totalmente — eu disse e fechei os olhos mais uma vez. — A mamãe comentou alguma coisa sobre isso hoje de manhã. Acho que vou simplesmente ficar lá parado.

Senti o peso de Rachel sentando na beirada da minha cama, o que era estranho o suficiente para me fazer abrir os olhos mais uma vez.

— A mamãe provavelmente não te contou que ela decidiu cozinhar.
— Rachel torceu o nariz. — Existem tantas maneiras de isso se transformar em um desastre que só de contá-las eu já fico com a cabeça explodindo. Preciso que você me faça esse favor, maninho. — Ela me olhou de um jeito que eu consegui entender como sendo uma cara de cachorro pidão. Tudo que eu podia ver eram rachaduras na maquiagem enquanto ela arregalava os olhos o máximo que conseguia.

De qualquer forma, Rachel quase nunca se metia em alguma situação em que ela ficaria me devendo algum favor. Aquilo seria divertido. Eu me levantei devagar, sentindo muita tontura.

— Você me deve uma — eu disse. — Só que eu devo ter entendido errado. Você falou que a mamãe está cozinhando? Ela quer que esse cara termine com você?

— Essa deve ser a estratégia dela. Me dê cobertura. Vai ser rapidinho, ok?

Ela desapareceu no corredor e me deixou sozinho para encarar a perspectiva de ver a nossa mãe na cozinha. Jimmy já estava sentado à mesa quando cheguei ao andar de baixo. Eu nunca o vira antes — Rachel nunca convidava nenhum dos seus namorados para nada que envolvesse a nossa família, e aquele ali não frequentava a Libertyville High. Assim que vi Jimmy, entendi por que ela nunca o apresentou para a gente antes: ele parecia ser o pior pesadelo de qualquer pai ou mãe. Tatuagens, alargadores nas orelhas, jaqueta de couro com tachas, o pacote completo. Eu esperava ver alguém como ele vagabundeando por aí com um cigarro pendurado em um dos cantos da boca, apesar

de ele ser esperto o suficiente para não fumar dentro da nossa casa. Só que Jimmy estava sentado todo reto, com os braços cruzados diante do peito como se estivesse em uma reunião de negócios. Minha mãe estava no fogão, mexendo alguma coisa dentro de uma panela coberta de fumaça, o que já era o suficiente para me deixar nervoso.

Jimmy se levantou e me estendeu a mão.

— Como você está, cara?

— Não muito mal. — Estendi a mão para cumprimentá-lo. O aperto de mão era firme, mas ele não fez aquela coisa que os homens costumam fazer de quase esmagar a sua mão para ver quão macho você é. — Então você está aqui para jantar, né?

Jimmy assentiu e eu tentei não parecer preocupado.

— Espero que a Rachel tenha avisado a você que era melhor ter comido antes de vir.

— Isso não foi legal — minha mãe gritou.

— Você está precisando de alguma ajuda? — eu me ofereci.

Minha mãe se virou e eu pude ver o suor escorrer pela testa dela.

— Será que você podia me dar uma mãozinha aqui, Sammy?

Eu odiava quando ela me chamava assim, especialmente na frente do Jimmy. Quase desejei não ter me oferecido, mas não queria que ela colocasse fogo na casa. Conseguimos evitar incêndios no passado, mas havia sido por pouco. Houve um incidente relacionado com um macarrão com queijo que ainda estou tentando esquecer e algumas manchas no teto me traziam à memória cenas de ovos explosivos toda vez que eu olhava para cima.

Fui até o fogão e olhei dentro da panela, tentando abanar a fumaça para ver uma lama branca, marrom e preta, apesar de não conseguir identificar nada que de fato se assemelhasse a comida.

— O que é isso? — Torci o nariz.

— Deveria ser um risoto — minha mãe respondeu. — Com cogumelos e...

Ela foi interrompida pelo alarme de incêndio. Estiquei um dos braços e fechei o queimador, depois peguei a panela e coloquei em cima da pia enquanto a minha mãe desmontava o alarme. Torci para que Jimmy não reparasse que a gente já tinha todo um plano de ação preparado para esse tipo de incidente.

— Qual sabor de pizza você gosta, Jimmy? — perguntei.

Rachel soltou uma risada atrás de mim. Eu me virei e vi que ela trocava de roupa. Minha irmã vestia uma saia levemente mais comprida e havia tirado um pouco da maquiagem. Ela parecia respeitável o suficiente para deixar minha mãe feliz. Rachel realmente devia gostar daquele cara.

— Roupa maneira — comentei.

— Mongo. — Ela beliscou o meu braço com força e reativou a dor

do roxo do dia do funeral, mas isso meio que me deixou feliz. Rachel costumava fazer isso quando éramos mais novos, quando eu a seguia por tudo que é canto para que ela me desse atenção. A atenção negativa dela era tão boa quanto a positiva quando eu era pequeno.

— Eu como qualquer coisa — disse Jimmy.

Minha mãe suspirou e foi pegar a carteira.

— Vou pedir de salsicha com pimenta — informei, e fui ligar para a pizzaria. Nós não éramos exatamente uma família kosher. Pizza de salsicha com pimenta era a minha preferida. Rachel costumava fazer uma pressão para a gente pedir pizza havaiana, mas eu tinha certeza de que ela não estava a fim de brigar comigo na frente do namorado novo.

Depois que desliguei, sentei à mesa da cozinha com Jimmy enquanto Rachel ajudava minha mãe a raspar o risoto queimado do fundo da panela. Ficamos sentados encarando um ao outro por um momento. Eu sentia que ele esperava que eu dissesse alguma coisa, mas Rachel deve ter avisado a ele que eu não sou o melhor conversador do mundo.

— Rachel me contou que você curte música — ele finalmente disse.

Eu assenti, apesar de estar surpreso por ela ter dito uma coisa tão positiva sobre mim, pelo menos se comparado com o que eu imaginava que ela diria.

— O que você anda ouvindo ultimamente? — Jimmy quis saber. Eu tinha trocado minha camiseta do Metallica incrustada de relish de pickles por outra retrô da Coca-Cola que comprei em um brechó. — Mais coisas alternativas, acertei?

Eu me recostei na cadeira e cruzei os braços. É, ele tinha acertado, mas quem ele achava que era para me julgar pelas minhas roupas? Será que ele tinha se olhado no espelho ultimamente?

— No momento, os Ramones. — Isso era meio que verdade. Pelo menos era o que estava tocando na playlist no caminho de volta da escola.

— Eles são bons. Eu mesmo tenho ouvido muito Clash nos últimos tempos. Vou fazer uma cópia do *London Calling* se você ainda não tiver. Você vai gostar.

Na verdade, aquilo foi mesmo muito legal da parte dele. Talvez ele não fosse tão ruim quanto eu havia imaginado.

Minha mãe e Rachel voltaram e começaram a colocar a mesa com pratos de papel e talheres de plástico. Como se a gente não fosse comer a pizza com as mãos.

— E então, como você conheceu os Ramones? — Jimmy perguntou. Rachel riu com desdém.

— Desde quando você ouve coisas clássicas? — Ela se virou para o Jimmy. — Fiz ele ouvir todos os discos que eu já comprei e a única

coisa de que ele gostou foi das coisas indies.

Jimmy não alterou nem um pouco a expressão de seu rosto.

— Isso tem a ver com ecletismo, cara — disse ele, e estendeu um dos punhos na minha direção.

Que inferno. Bati o meu punho no de Jimmy e falei exatamente o que estava passando pela minha cabeça:

— Comecei a ouvir Ramones porque o Hayden colocou uma música deles na playlist que ele me deixou como um tipo de bilhete de suicida.

A cozinha caiu no mais absoluto silêncio, e naquela mesma hora eu soube que tinha ido longe demais.

— Sammy, talvez essa não seja a hora para esse assunto — por fim, minha mãe disse.

— Não, tranquilo, sra. Goldsmith — retrucou Jimmy. — Eu meio que também passei por uma coisa parecida.

— Sério? — perguntei antes que pudesse me conter. Imaginei se Rachel sabia dessa história. Tanto eu quanto a nossa mãe olhamos para ela. Mamãe estava boquiaberta.

Rachel deu de ombros, mas não parecia estar assim tão surpresa.

— Eu me mudei de Chicago no verão passado — explicou Jimmy.

— Eu tinha um amigo que estava passando por umas paradas e resolveu dar cabo da própria vida. Na minha casa, com a arma do meu pai. Fui eu quem acabou encontrando ele.

Por um segundo me flagrei agradecendo por Hayden ter se decidido pelo método que escolheu. Não conseguia imaginar minha última lembrança dele envolvendo sangue. Pensar nisso já me deixava nauseado. Olhei novamente para Rachel. Dessa vez ela parecia um pouco chocada. Imaginei que ela soubesse do básico, mas não dos detalhes.

— É por isso que nos mudamos — ele continuou. — Nenhum de nós conseguia mais ficar naquela casa, e a minha mãe não parava de repetir que era horrível viver em cidades grandes, com todas as coisas horríveis que acontecem nesses lugares.

— Meio irônico vocês terem se mudado para cá e então... — Minha voz falhou. Eu não estava pronto para dizer aquilo em voz alta.

— É, acho que essa palavra expressa bem a situação. Seria muito mais difícil se eu ainda não tivesse conhecido a sua irmã. — Ele sorriu para Rachel, que lhe devolveu o sorriso. Eu podia ver o quanto ela estava a fim de Jimmy. Até mesmo a mamãe começava a sentir certa simpatia por ele. — Eu adorava Chicago. Eu só queria sair daquela casa, e não da cidade. Foi ideia do meu pai se mudar para esta cidadezinha das milhas.

— Milhas não. Milho — Rachel corrigiu e apertou a mão dele. Fiquei tentado a falar a mesma coisa, mas, vamos combinar, aquela

cidade ficava mesmo a milhas de qualquer lugar que importasse.

— De qualquer forma, eu não conseguia falar com ninguém sobre o que aconteceu quando estava em Chicago e, na verdade, eu também não queria tocar nesse assunto por aqui, mas, agora que já passou um tempo, consigo pensar com mais clareza. Por isso, se você precisar conversar, pode falar comigo. Talvez não agora, mas outro dia.

Eu me perguntei se a minha irmã tinha convencido Jimmy a fazer isso, mas esse tipo de coisa não era nada a cara dela. E ele parecia estar sendo mesmo sincero.

— É uma oferta muito bacana, Jimmy — minha mãe elogiou.

Eu podia ver Rachel tentando controlar um sorrisinho. As coisas estavam se saindo melhores do que ela planejava. Ela olhou para mim, esperando que eu falasse alguma coisa.

— Beleza, obrigado — eu disse. Eu começava a gostar dele, mesmo contra a minha vontade. Que chato ele não ter aparecido antes do sr. Beaumont. Assim pelo menos eu poderia ter dito que tinha alguém com quem conversar.

A campanha tocou antes que eu pudesse dizer qualquer outra coisa. Finalmente tínhamos comida. Parecia que todo mundo estava tão grato pela pizza que por um momento todos prestaram atenção apenas em seus próprios pratos.

— Conte como foi o seu primeiro dia de volta à escola — minha mãe pediu, depois que todos começaram a comer.

— Nada de mais — respondi. Eu realmente não queria falar sobre o sr. Beaumont.

— Você perdeu. Na semana passada todo mundo estava falando sobre o Hayden — informou Rachel. — Agora as pessoas só falam do que aconteceu com o Jason Yoder.

Eu me virei na direção dela tão depressa que quase machuquei o pescoço.

— O que aconteceu com o Jason?

— Você não ouviu? Começou a correr por aí uma fofoca de que ele é gay, eu acho. E então, ninguém sabe exatamente o que rolou, mas a polícia o encontrou preso a um orelhão do lado de fora do bar Blue Star. Totalmente pelado. Ele nem deu queixa nem nada. Acho que ele esperava que ninguém descobrisse. Só que as pessoas sempre acabam sabendo. Todo mundo está falando sobre isso.

Libertyville era uma cidade bastante conservadora. Apesar de o Iowa estar se tornando progressista por ser o primeiro estado a legalizar o casamento gay, aquelas modernidades ainda não tinham chegado até a gente. Eu não tinha ouvido os boatos sobre Jason, mas não estava surpreso. Eu não tinha contato suficiente com as outras pessoas para fazer parte do círculo de fofocas. Mas já tinha ouvido falar do Blue Star. O lugar não era oficialmente um bar gay, só que, de

acordo com os esquemas que regiam a nossa cidadezinha, todos o consideravam como tal.

A ideia de Jason Yoder — um dos membros metidos a macho da trifeta do bullying — sendo amarrado sem roupa a um orelhão era uma imagem bizarra. E provavelmente era o maior pesadelo dele.

— Rachel, não há a menor necessidade de fazer esse tipo de fofoca — minha mãe comentou. — Pobre garoto.

— Pobre garoto? — eu disse, começando a sentir raiva mais uma vez. — Ele era um valentão metido a besta que tratava o Hayden como lixo. Eu não sinto a menor pena.

— Sam! — minha mãe rosnou. — Você não precisa gostar dele, mas não deveria dizer uma coisa dessas.

— De qualquer maneira, que diferença faz sentir pena dele? — disse Rachel. — Não foi você quem fez isso.

— Claro que não. Eu só quis dizer que não sinto a menor pena dele. Esse cara era um cuzão.

— Olha a boca, Sam! — minha mãe me censurou. — Além disso, não somos o tipo de família que deseja o mal para as outras pessoas.

Talvez *você* não seja, eu queria dizer, e podia ver que Rachel estava pensando a mesma coisa.



DEPOIS DO JANTAR, VOLTEI para o meu quarto. Sabia que não conseguiria dormir logo de imediato, por isso decidi jogar *Mage Warfare*, com ou sem o Arquimago. Lembrei da primeira vez em que eu e Hayden jogamos. Conversamos muito sobre os tipos de personagem que queríamos criar. Eu tinha acabado de ler um livro maluco sobre um game que se propunha a imitar a realidade, no qual o autor tratava de todas essas teorias sobre o motivo pelo qual as pessoas criam personagens e agem do mesmo jeito que no mundo do jogo. No livro, algumas pessoas replicavam na internet as suas vidas reais — elas tinham os mesmos empregos, dirigiam os mesmos carros, andavam com os mesmos tipos de pessoas. Era como se vivessem a mesma vida duas vezes. E havia os outros, que iam o mais longe possível na direção oposta: contadores viravam astros de cinema, professores se tornavam estupradores, esse tipo de coisa. Tudo isso era fascinante para mim.

Hayden, entretanto, achou essa teoria perturbadora.

— As duas opções parecem furadas — disse ele. — É difícil imaginar que pessoas que estejam assim tão contentes com as suas vidas queiram ser as mesmas na internet. Ou elas podiam estar simplesmente felizes demais com suas próprias vidas para se importar com qualquer jogo que fosse. E será que faz mesmo sentido que as fantasias das pessoas não tenham nenhuma semelhança com suas vidas reais? Quero dizer, se os professores estivessem matando pestinhas, isso seria outra coisa, não é? — Ele achava que fazia mais sentido pensar que as pessoas eram elas mesmas, só que melhoradas. Pessoas que tinham empregos chatos, mas amavam karaokê, seriam estrelas de rock, policiais fracassados salvariam o mundo. Hayden seria alto, bonito, poderia fazer mágica e lutaria do lado do bem. Assim como o Arquimago.

Eu estava mais intrigado com os aspectos obscuros do jogo. Eu meio que gostava de ser um cara mau em um mundo onde ninguém sabia quem eu era e não havia consequências. E toda essa ideia de bem e mal... Tinha tanta gente por aí que todo mundo considerava boa e que claramente era terrível, então por que considerar que estar do lado bom era melhor do que estar do lado mau?

— Se todo mundo pensasse como você, haveria anarquia — Hayden comentou.

— Não tenho certeza se essa seria a pior coisa do mundo — eu disse. — Como você pode acreditar em bem e mal absolutos? É só

olhar para a política. Ambos os lados pensam que são os caras bons e os dois parecem idiotas para mim. E eles são totalmente inconsistentes. Um lado diz que ter um governo é ruim, mas quer controlar tudo o que você faz, e o outro diz que ter um governo é bom e depois não consegue fazer nada do que prometeu, o que faz com que ter um governo pareça uma coisa ruim. Se houvesse anarquia, as pessoas teriam de encontrar maneiras de trabalhar juntas para construir o que quer que seja.

— É loucura pensar que as pessoas conseguiriam se organizar sem que houvesse alguém no comando. Todo mundo fica desesperado para que alguém lhe diga o que fazer.

— Algumas pessoas, sim — eu disse. — Mas olhe para nós. Ambos aprendemos muito mais sozinhos do que na escola e nos interessamos mais por coisas que descobrimos sem a ajuda de ninguém.

— E é isso que nos torna esquisitos — ele retrucou, e em seguida soltou uma gargalhada.

Pensei muito nessa conversa depois que ele foi embora. Não falamos sobre o fato de termos objetivos diferentes ao aprendermos as coisas sozinhos: eu fazia isso porque eu conseguia, porque eu queria aprender coisas diferentes daquelas que a escola me ensinava, porque ansiava pelo dia em que poderia deixar Libertyville para trás e começar a minha vida. Minha mãe sempre me lembrava de que os melhores anos da minha vida ainda estavam por vir, que só para os idiotas o ensino médio era a melhor fase da vida, enquanto alguém como eu iria realizar coisas mais empolgantes. “Você vai ter uma bela vida”, ela costumava dizer, afagando meu cabelo com uma de suas mãos frias. “E o ensino médio será apenas uma lembrança distante.”

Só que Hayden aprendia as coisas sozinho porque tinha dificuldade de aprender de qualquer outra forma. Eu não conseguia imaginar como deveria ser frustrante ser inteligente — até mesmo brilhante — como ele, mas sofrer para expressar seus pensamentos. Ele conseguia se comunicar bem, mas os professores o deixavam nervoso e ele gaguejava e se perdia quando lhe faziam perguntas. Sua escrita também não era muito melhor. Ele conseguia se virar no Gchat, em parte por causa da autocorreção, mas, quando se tratava de passar suas ideias para o papel, a dislexia sempre o pegava. Percebi que nunca falávamos sobre os planos dele para o futuro. Sempre que eu perguntava, ele me fazia calar a boca.

Seria possível ele saber o tempo todo que terminaria daquele jeito? Teria algo mais que ele não tivesse me contado?

Então algo estranho me ocorreu. Havia *alguém* para quem eu poderia perguntar isso.

O Arquimago.

Certo. Tirei esse pensamento da cabeça e entrei no *Mage Warfare*,

me perdendo no jogo por horas. Eu estava a toda: tinha matado tanta gente que até perdi a conta das mensagens raivosas que recebi pelo chat. Era como se elas me dessem ainda mais gás. Quanto mais estranhos aleatórios de todas as partes do mundo me xingavam, melhor eu me saía. Não importava se os jogadores eram bons ou maus. Bastava eles cruzarem o meu caminho para serem aniquilados. Eu estava tão concentrado no caos que havia criado que levei algum tempo para perceber que a janela do chat que piscava não vinha de dentro do jogo.

Arquimago_Ged: E aí?

Estava acontecendo de novo. E eu tinha certeza de que estava acordado. Bebi tanta Coca-Cola junto com a pizza que poderia nunca mais dormir de novo, apesar de ter de reconhecer que não tinha nem começado a compensar as horas de sono que havia perdido. Olhei para o relógio: uma e quarenta e três da madrugada. Mais tarde do que eu pensava. Eu logo teria de ir para a cama.

Sam_Goldsmith: Seja quem for que está aí, pode parar.

Arquimago_Ged: Você sabe quem é. Senti saudade de mim?

Sam_Goldsmith: Sério, para com isso.

E eu não estava de brincadeira. Por mais que eu amasse conversar com Hayden, não acreditava que aquela pessoa fosse mesmo ele. Não existia uma vida pós-morte de onde as pessoas voltavam por meio de suas fantasias. Isso não acontecia nem no *Mage Warfare*.

Arquimago_Ged: Qual é, a diversão acabou de começar!

Diversão? Meu melhor amigo estava morto e alguém tentava falar comigo a respeito de diversão? Isso era simplesmente cruel.

Sam_Goldsmith: Vou sair do jogo.

Mas eu esperei. Mesmo contra a minha vontade, eu estava curioso para saber o que de fato estava acontecendo ali.

Arquimago_Ged: Olha, eu posso ajudar você.

Ajudar com o quê? A lidar com o fato de que o meu melhor amigo tinha ido embora? Eu não conseguia imaginar como essa pessoa poderia fazer isso.

Sam_Goldsmith: Não há nada que você possa fazer por mim.

Arquimago_Ged: Você ficaria surpreso por saber do que eu sou capaz. Você não queria que as coisas tivessem acontecido de um jeito diferente? Coisas que você mudaria?

É claro que tinha coisas que eu queria ter feito de maneira diferente. Só que não havia como voltar atrás.

Sam_Goldsmith: Eu não posso mudar nada. É tarde demais.

Arquimago_Ged: Não para todo mundo.

Sam_Goldsmith: O que você quer dizer?

O cursor piscou enquanto eu esperava por uma resposta.

Arquimago_Ged: Um já foi, agora faltam dois.

O que aquilo queria dizer?

E então me lembrei do que Rachel havia falado sobre Jason Yoder. Imaginei que ele devia morrer de medo de ser tirado do armário, e não existe forma mais direta de fazer isso do que ser amarrado pelado na frente de um bar gay.

Talvez aquilo não fosse uma coincidência.

Sam_Goldsmith: Você está falando da trifeta do bullying?

O cursor piscou, mas, como da última vez, uma música da playlist começou a sair das caixas de som do meu computador. Era uma canção que me trazia lembranças toda vez que eu a ouvia. Eu não conseguia suportar me lembrar da última vez que a ouvi. Tentei fechar o iTunes para fazer a música parar, mas, de alguma forma, ela continuava tocando. Eu ainda não queria ouvi-la.

Mas aparentemente eu seria obrigado a fazer isso.

— Não entendo por que, do nada, entre todas as pessoas, justamente você quer ir a uma festa — eu havia dito. Estávamos sentados no quarto de Hayden, cercados por toda aquela parafernália do *Star Wars* que cobria as paredes. Ninguém pensaria que uma menina dormisse ali, pelo menos disso a gente podia ter certeza. — Você odeia festas. Todas as vezes que tentei te convencer a ir a uma você ficou louco da vida.

— E é justamente por isso que você me deve uma — retrucou Hayden. — Se eu estou pedindo é porque deve ser importante, não é?

— Acho que sim, mesmo assim não estou entendendo.

— E o que tem para ser entendido? É você quem vive dizendo que precisamos sair com outras pessoas. — Como sempre, eu não conseguia saber se ele estava sendo sarcástico, e isso meio que me

deixou puto. O que havia de tão terrível em sugerir que não éramos as únicas duas pessoas na Libertyville High dignas de interação? Isso sem mencionar que algumas daquelas pessoas podiam ser meninas.

— Mas assim sem nenhum motivo?

— Quem disse que não existe um motivo? — Ele me lançou um meio sorriso e eu soube que ele não me contaria mais nada. Enchi o saco de Hayden para que ele me desse alguma pista, mas ele não disse nada. Aquilo era realmente frustrante.

— Olha, você não precisa me contar tudo, mas vamos entrar em território inimigo. Em geral isso merece uma explicação.

A festa era na casa de Stephanie Caster, e ela fazia parte da galera do Ryan. Nunca tínhamos ido a nenhuma dessas festas antes. As poucas de que participamos eram menos exclusivas.

— Ryan vai jogar em outra cidade esta noite. Vamos estar seguros.

— Esse não é bem o tipo de explicação que eu estou querendo, e você sabe muito bem disso — reclamei, ainda chateado.

— Bem, às vezes a vida é injusta.

Hayden, aquele idiota todo racional e misterioso.

— Você vai para a festa vestindo isso? — perguntei.

Ele olhou para baixo.

— O que tem de errado no que estou vestindo?

Nada, na verdade. Jeans, tênis e uma camiseta do Vampire Weekend. Na verdade, ele estava até bem. Talvez até tivesse perdido um pouco de peso. Será que ele tinha andado fazendo dieta e eu não tinha reparado?

— Eu só não sabia que você gostava dessa banda, só isso. Eles não são meio pop demais para o seu gosto? — Hayden em geral gostava de músicas tristes e chorosas. Vampire Weekend era mais a minha cara.

— Talvez eu esteja me sentindo mais animado hoje.

— Que bom para você — eu disse. Claro, naquela hora ele estava animado. Eu passava o tempo todo tentando arrastá-lo para festas onde havia pessoas de quem era bem provável que fôssemos gostar. E então, na única vez em que ele queria sair de casa, ficaríamos cercados pela galera da Stephanie Caster. Eu sabia que deveria simplesmente me sentir grato por ele querer sair de casa, mas por algum motivo aquilo me irritou. Por que as coisas sempre tinham que ser do jeito dele?

— Por que você está sendo tão babaca? — Esse tipo de confrontação não era nada a cara dele. Ele devia estar mesmo empolgado com aquela festa idiota para ficar tão irritado comigo.

— Desculpe, eu não queria estragar o seu dia. Desculpe. — Eu me levantei da cama dele, onde estava sentado, e fui até a escrivaninha dar uma olhada na playlist que ele tinha no iTunes em seu MacBook todo sofisticado. — Ei, você quer animação? Então toma. — Cliquei

em “Diane Young”. — Em homenagem à sua camiseta.

— Esse é um tipo bem agressivo de animação — eu disse.

— Ainda assim as letras são muito depressivas. Dizer que alguém tem a sorte de um Kennedy é sinistro.

— A gente vai ficar aqui sentado falando sobre letras de música a noite toda? Temos que dar o fora.

Não. Eu me obriguei a afastar o atordoamento que tomou conta de mim. Eu não estava em uma festa com o Hayden. Eu estava em casa, sozinho, dentro do meu quarto. E eu ainda não estava pronto para pensar nisso. Tentei reiniciar o computador para que a música parasse, mas nada aconteceu. A música continuou a tocar; as batidas aceleradas da bateria ecoavam contra as paredes.

Sinistro. E o que tornava quase tudo aquilo ainda mais sinistro era o fato de a música soar tão alegre. Quase como se estivesse tirando uma com a minha cara.

A janela do meu Gchat zuniu.

Arquimago_Ged: Qual é, você consegue lembrar de tudo.

Aquilo não ia acontecer. Não naquela hora. Eu não conseguiria passar outra noite sem dormir direito. Essa era a única explicação para todas aquelas coisas. Nada daquilo era real.

E ainda assim a música continuava a tocar.

Tentei desligar o iTunes mais uma vez e saí do Gchat. Nada.

Parecia até que a música estava ainda mais alta. O que era impossível.

Meu coração batia acelerado, e, quando olhei para baixo, percebi que minhas mãos tremiam. Por fim, fechei o laptop com toda a força. A música terminou de forma tão abrupta quanto começou; o silêncio parecia quase ruidoso. Ruidoso o suficiente para me manter acordado, mas eu realmente tinha de dormir.

Mas, ao me virar para o outro lado, alguém estava sentado na minha cama.

Abri a boca para gritar, mas nada saiu lá de dentro. A pessoa na cama era um homem. Jovem, embora não fosse bonito, com longos cabelos castanho-avermelhados que eram quase da mesma cor de sua pele.

O Arquimago_Ged.

Ou pelo menos alguém idêntico à estatueta do mago que eu tinha comprado. Olhei para a prateleira... a miniatura não estava mais lá.

Aquilo não fazia o menor sentido. Senti que começava a ser dominado pelo pânico. Como ele tinha entrado no meu quarto? Aquilo não podia estar acontecendo.

— Quem é você? — perguntei, por fim, mas ele não disse nada. Ele

simplesmente olhava para mim. O ar ao redor parecia mais brilhante e o quarto ficou frio, como se uma leve brisa soprasse, apesar de as janelas estarem fechadas. E mesmo assim eu suava.

Fechei os olhos e senti a cabeça latejar, quase como se meu cérebro estivesse tentando sair pelas orelhas. Aquilo não era real. Não podia ser real.

Tentei monitorar minha respiração para evitar o pânico. Inspirar. Expirar. Inspirar. Expirar. Devagar. Precisava achar uma maneira de ser racional. A visão que Hayden tinha do Arquimago_Ged era, como eu sabia, a de um tipo de feiticeiro elegante, uma espécie glamorosa de David Blaine de um universo alternativo. Se ele era mesmo o Arquimago_Ged, será que não era alguém com aquela aparência que eu veria? Eu o imaginava mais como Gandalf, um velho alto com cabelos longos e grisalhos e mantos esvoaçantes. Se tudo fosse apenas fruto de minha imaginação, aquela deveria ser a aparência da pessoa sentada sobre a minha cama.

Eu estava um pouco mais calmo. Abri os olhos novamente.

A estátua havia voltado para o lugar.

E o mago tinha ido embora.



LEMBRE-SE, A FESTA É HOJE. CHEGUE CEDO.

Passei toda a sexta-feira olhando para a mensagem de texto de Astrid. Ela estava mesmo falando sério quando disse que queria que eu fosse. Era sexta-feira à tarde, e, apesar de eu não ter me esquecido da festa, não tinha certeza se ir seria uma boa ideia.

Eu havia passado o resto da semana completamente surtado com a situação do Arquimago. O que tinha realmente acontecido no meu quarto naquela noite? Fiquei tão ligado que não consegui pregar os olhos e passei em claro a maioria das noites seguintes, tentando descobrir o que estava acontecendo. E então eu me sentia como um zumbi. Precisava conversar com alguém sobre aquilo, mas não havia a menor possibilidade de eu ao menos cogitar o nome de Astrid, e todas as outras pessoas em quem eu conseguia pensar — minha mãe, o sr. Beaumont, Jimmy — achariam que eu estava maluco. O que eu começava a achar que eu de fato era. Não, eu tinha de tirar aquilo da minha cabeça. Eu sabia que provavelmente a melhor opção seria simplesmente ficar em casa, em especial depois do que acontecera na última vez em que fui a uma festa, mas talvez esse fosse o tipo de distração de que eu precisasse.

É meio presunçoso da sua parte achar que eu vou, não é?

Li a mensagem antes de enviá-la e percebi que soava rude, de forma que acrescentei uma piscadinha sorridente e torci para que isso fosse suficiente.

; -)

Ah, você vai, sim. Acredite em mim, vai ser bom.

Como eu poderia argumentar contra aquelas palavras? Comecei a me arrumar. Escovei tantas vezes os dentes que minhas gengivas sangraram, e acidentalmente coloquei gel demais no cabelo e tive de lavá-lo duas vezes para tirar todo aquele troço. Passei o que pareceu ser uma hora encarando uma gaveta de camisetas antes de me decidir por uma da Raygun que dizia: faça avanços sexuais embaraçosos. não faça guerra. Minha mãe revirou os olhos quando eu a comprei, mas aposto que ela pensou, em primeiro lugar, que seria quase impossível que eu fizesse qualquer avanço sexual. Ela provavelmente estava

certa. Eu tinha a sensação de que aquela camiseta me faria mais mal do que bem. Mesmo assim, eu gostava dela.

A seleção de Hayden não estava exatamente repleta de músicas festivas, mas eu achava difícil ouvir qualquer outra coisa naqueles dias. Eu achava que nunca mais conseguiria ouvir aquela música do Vampire Weekend, de modo que escolhi uma música com a qual batíamos cabeça juntos. Era como uma pequena homenagem.

Só que isso me deixou ainda mais dividido, me perguntando se eu realmente deveria sair. Eu não conseguia imaginar o que Hayden faria no meu lugar, porém eu jamais o colocaria em uma posição como aquela. E eu não precisaria me colocar no lugar dele se Hayden ainda estivesse aqui. Aquilo talvez fosse um pensamento amargo, mas era a mais pura verdade.

A festa era do meu lado da cidade, o que já era um ponto a meu favor. Os atletas babacas normalmente ficavam do lado deles, onde sempre havia alguma ação, pois seus pais viviam viajando.

— Estou meio nervoso — admiti para Astrid quando ela me ligou para passar os detalhes. — Nunca fui muito de ir a festas, e depois da última... — Não consegui terminar a frase. Pelo menos não em voz alta.

— Eu sei — ela disse. — Posso passar aí na sua casa para a gente ir andando junto? Talvez assim você não se sinta esquisito por estar indo a uma festa.

— Isso seria ótimo — concordei, expirando. Queria perguntar a ela se poderíamos nos encontrar antes, mas eu estava muito nervoso. Avanços sexuais embaraçosos eram mesmo demais para mim, já que eu não conseguia nem mesmo avanços embaraçosos no campo da amizade. — O Eric não vai se importar?

— Nem um pouco! Ele pode trazer a gente para casa de carro.

Por um segundo, torci para que ela dissesse que ele não iria, que eles tinham terminado, mas logo lembrei a mim mesmo que ela era a minha nova amiga, não minha futura namorada. Mesmo que isso fosse legal. Ou incrível.

E então tudo que eu tinha a fazer era esperar que ela aparecesse. De todas as noites em que a minha mãe tinha pegado o turno da madrugada, aquela estava sendo a pior, porque ela ainda não tinha saído de casa.

— Olha só para você — ela disse, e bagunçou o meu cabelo.

Eu me curvei para trás.

— Para com isso!

— Não se preocupe, você ainda está... Não tenho certeza do que você quis aprontar nesse cabelo. De qualquer forma, ele continua bagunçado. Era isso que você queria?

— Não é bagunçado — corrigi. — É espetado.

— Amor, seu cabelo está um pouco comprido para isso. Mas mesmo assim você está ótimo. De verdade.

Era óbvio que ela não achava isso, mas não liguei a mínima.

— Agora tenho de fazer o meu papel de mãe. Onde é essa festa? Quem vai com você? A que horas você vai voltar para casa? — ela perguntou tudo isso em tom acelerado, como se estivesse de brincadeira, mas eu sabia que era sério.

Eu não conseguia entender qual era o sentido daquilo, uma vez que ela ficaria fora a noite toda, mas e daí? Informei a ela os detalhes que eu sabia e falei que não fazia a menor ideia de quem estaria lá ou da hora em que eu voltaria.

— Você está me desafiando a te dar um toque de recolher, não é?

— Você faria mesmo isso? — Ela jamais havia determinado uma hora para eu chegar em casa. Então, mais uma vez, aquela discussão não fazia muito sentido.

— Será que vai ter uma primeira vez? — Ela franziu a testa e colocou as mãos na cintura.

Ela não falava sério. A cidade ainda tinha um toque de recolher à meia-noite, de maneira que eu não podia ficar fora de casa ou chegar depois desse horário. O que eu lembrei a ela.

— Acho que esse horário está bom — ela concordou. — Já passou das oito. É melhor você ir.

— Estou esperando alguém. — Droga, já podia sentir que começava a ficar vermelho.

— Sério? — Minha mãe parecia empolgada. — Isso é ótimo. Quem é?

— É... Só alguém.

— Alguém do sexo feminino ou do sexo masculino? — Ela parecia mais confusa do que preocupada. Era verdade que eu nunca falara com ela sobre garotas antes. A gente já havia tido “aquela conversa” alguns anos antes, na primeira vez em que lhe fiz uma pergunta sobre bebês, mas, tirando isso, nossas conversas sobre namoro nunca passavam de piadas sobre os pretendentes que Rachel escolhia.

A campanha tocou antes que eu pudesse responder. Corri para atender, mas minha mãe estava mais perto e chegou mais rápido.

— Oi — ela disse. — Sou a mãe do Sam. Pode me chamar de Sarah. E você é a...?

— Oi, sou Astrid. Prazer em conhecê-la.

Astrid não parecia estar nem um pouco sem graça por conhecer a minha mãe, o que era legal. E ela estava fantástica: o cabelo loiro platinado estava solto e brilhava com mechas prateadas, douradas e cor de bronze, e ela vestia um top prateado, calça dourada e carregava uma mochila também cor de bronze.

— É uma festa à fantasia? — perguntou minha mãe. — Acho que o

Sam não está com a roupa certa.

— Mãe! — eu berrei, mas Astrid apenas soltou uma gargalhada.

— Não, é uma festa comum. É que eu acho legal vestir umas roupas descoladas. Esse não é o tipo de visual que eu posso usar na escola.

— Não, você está certa — minha mãe concordou. Prestei atenção no tom em que ela falava, mas mamãe parecia estar se divertindo. — Bem, você está resplandecente.

— Essa era a ideia — disse Astrid, e riu mais uma vez. — Sam, a gente precisa mesmo ir.

— Tudo bem. Vejo você depois, mãe. — Rezei para que ela não fizesse nada irritante como tentar me dar um beijo antes de eu sair.

— Divirta-se — ela disse. — E mantenha seu telefone ligado. Nunca se sabe quando posso precisar de você.

Revirei os olhos enquanto fechava a porta atrás de mim.

— Sua mãe é uma fofa — Astrid comentou.

— Ela é o maior pé no saco — discordei, embora em segredo eu concordasse com ela. — O que tem aí dentro? — Apontei para a sua protuberante mochila cor de bronze.

— É cerveja — disse ela. — Esse é aquele tipo de festa em que você tem de levar o que vai beber. Não vai ter barris de chope nem nada assim.

Eu nem tinha pensado naquilo.

— Não trouxe nada — eu disse, me desculpando.

— Sem problemas. Eu trouxe o suficiente para dividir com você. Eu não bebo muito mesmo.

Meus ombros desabaram. Eu nem tinha reparado no quanto eles estavam tensos.

— Nem eu.

— Mais uma coisa que temos em comum — ela completou.

Eu estava maluco ou ela estava flertando comigo?

— Gostei da camiseta — Astrid continuou.

Senti que ficava vermelho mais uma vez.

— Obrigado.

— Sabe, você ainda não comentou nada sobre a minha roupa. Você vai deixar que a sua mãe faça isso por você? Ou você não gostou? — Astrid quase parecia chateada. Será que ela se importava mesmo com o que eu pensava?

— Não. Quer dizer, eu queria falar que... — Recomponha-se, Sam.

— Você está ótima. Sério. Você está resplandecente, como a minha mãe disse.

Ela então sorriu, um imenso sorriso que fez com que a pedra em seu lábio brilhasse sob a luz pálida. Ela estava tão linda, e eu gostava do fato de sua beleza ser estranha, de não ser um dom que todos no mundo eram capazes de perceber. Isso a tornava especial. Pelo menos

para mim, de qualquer forma.

As ruas estavam silenciosas e escuras. Aquela parte da cidade não tinha muita iluminação pública. A festa não era longe, de forma que não precisamos conversar muito, o que era ótimo. Eu estava muito ocupado tentando descobrir como falar com Astrid. Caminhamos por alguns quarteirões, passando por prédios que tentavam transformar em condomínios fechados sem sucesso desde que eu me entendia por gente, passamos por uma loja de conveniência vinte e quatro horas onde, do lado de fora, alguns mexicanos vendiam em um carrinho os melhores tamales que eu já provei na vida, apesar de não ser nenhum especialista em comida mexicana. A festa ficava em um bairro repleto de casas exatamente como o nosso, algumas pequenas e bem ferradas e outras geminadas com um monte de gente apertada em espaços extremamente limitados.

— Já estamos quase lá — disse Astrid, apontando para uma casa no quarteirão seguinte. Ouvi as batidas distantes de uma música de que eu gostava, rugindo nas caixas de som, e já podia dizer que aquela seria a melhor festa a que eu já tinha ido, já que nas outras só tocava a porcaria do pop dançante que fazia sucesso nas rádios.

Entretanto, quando chegamos à porta, eu hesitei. Lembrei daquela outra noite, o Vampire Weekend tocando na minha cabeça, junto com o som da risada de Hayden. Será que eu estava mesmo preparado para aquilo?

— Vamos — disse Astrid, e pegou a minha mão.

A porta se abriu para a sala de estar. A casa tinha uma planta idêntica à da minha. Era uma boa mudança quando comparado a todas aquelas outras festas onde tudo me parecia tão pouco familiar. Ali, eu podia quase me sentir em casa. Uma galera indie tomava conta da sala, o mesmo pessoal com quem Astrid se sentava na escola na hora do intervalo. Alguns deles eram do meu lado da cidade, e o povo artista era de South Branch. Garotos emo com cabelos tingidos e piercings, hipsters magricelas como o Eric. Eu quase parecia me encaixar. E também quase me sentia parte daquilo. Era uma sensação estranha, uma sensação com a qual eu não estava acostumado.

Fomos da sala para a cozinha, onde Astrid tirou a cerveja da mochila, abriu duas para a gente e guardou o resto na geladeira. Encontramos um abridor, tiramos as tampinhas e brindamos com nossas garrafas.

— Saúde — eu disse.

— Que a noite seja boa — ela completou.

Tomei um longo gole, quase cuspidando assim que me lembrei do quanto o gosto daquilo era ruim. Talvez algum dia eu me acostumassem com cerveja, mas eu não via isso acontecendo a curto prazo.

— Vamos conhecer algumas pessoas — ela disse, e me rebocou,

abrindo caminho em meio à multidão. — Eis alguém de quem eu acho que você vai gostar. Sam, este aqui é o Damian. Damian, Sam. Vocês dois precisam se conhecer. Já volto. — Ela foi embora, cumprimentando as pessoas enquanto passava.

Claro, essa situação não era nada incômoda. Em especial para o cara que não conseguia falar com as pessoas nem no ônibus da escola. Olhei para Damian por um minuto.

— Gostei dos pelos faciais — comentei. Damian foi o primeiro aluno do ensino médio que conseguira deixar crescer uma barba completa.

— Valeu, cara. — Ele sorriu e puxou a ponta da barba. — A maior parte disso aqui vai embora no Bigovembro.

— Bigovembro?

— O mês nacional do bigode. Estou pensando em um Van Buren.

— Van Buren? — Será que eu só conseguia fazer perguntas idiotas?

— O presidente. Ele tinha um monte de pelos malucos crescendo pela cara. Um bigode imenso, grandes costeletas peludas e nenhuma barba. É óbvio que vai ser um sucesso com as moças. — Ele puxou os lados da barba para mostrar onde as costeletas deveriam começar a formar cachinhos.

Gostei dele logo de cara. Descobri que ele fazia aulas extras de redação e arte para poder escrever uma graphic novel, de modo que logo começamos a debater sobre as vantagens da adaptação para a TV de *The Walking Dead*, comparando-a aos quadrinhos. Era o tipo de papo que eu tinha com Hayden e que me fazia sentir ao mesmo tempo feliz e sozinho. Eu não o estava substituindo, estava? Conversamos por tempo suficiente para que eu forcesse mais duas cervejas goela abaixo, que então pareceram ter um gosto menos amargo.

Senti alguém cutucar meu ombro esquerdo e me virei, mas não havia ninguém ali. Ouvi a risada de Astrid do meu lado direito.

— Isso ainda funciona com você, né? Legal ver que vocês dois estão se dando bem.

— Foi legal conhecer você, Sam — disse Damian. — A gente se tromba na escola?

— Com certeza — respondi, antes de me virar para Astrid. — Você estava certa nos dois quesitos. Ele realmente parece ser legal e eu sou muito bobo. E possivelmente estou um pouco bêbado. — O que era verdade. Eu me sentia mais solto, mais relaxado. Devia ser esse tipo de sensação que as pessoas tanto procuravam. Eu já quase conseguia entender o motivo que levava as pessoas a ir a festas. Ou, pelo menos, por que elas toleravam o gosto da cerveja.

— Por causa de uma cerveja? Você não estava mesmo mentindo quando disse que não era de beber. Aqui, toma outra. — Ela me passou uma garrafa.

— Três, na verdade. E eu não minto. — O que era, em sua maior

parte, verdade.

Fomos até o sofá, que milagrosamente estava desocupado, e nos sentamos. Aquele móvel já tinha visto dias melhores, e as almofadas afundaram tanto que quase escorreguei para o colo de Astrid.

— Quer dizer que você nunca mente, não é? — ela começou. — Então você responderia com sinceridade qualquer pergunta que eu fizesse? — A almofada dela também devia estar afundando, porque ela continuava a se aproximar cada vez mais de mim.

— Eu não disse isso. E você? Você mente? — A minha intenção era que aquilo soasse como uma cantada, mas as palavras saíram meio que ríspidas.

Pensei que Astrid pudesse ter ficado ofendida, mas, em vez disso, ela baixou as pálpebras. Pude ver que a sombra que ela usava combinava com a roupa, repleta de camadas de prata e ouro. Ela parecia ter passado rímel dourado nos cílios.

— Eu digo algumas mentiras inocentes. Tento evitar as deslavadas, mas às vezes basta omitir a verdade. Que tal você me testar? Me faça uma pergunta.

Bem, era ela quem estava me dando essa abertura. Estávamos tão próximos que pressionávamos as pernas um do outro.

— Me conte como você conheceu o Hayden.

Ela se ajeitou no sofá e voltou para a sua própria almofada. Era como se uma cortina invisível houvesse caído entre nós. Uma de suas mãos foi até a cabeça e ela começou a puxar um dos apliques brilhantes, e me dei conta de que ela fazia aquilo sempre que estava nervosa.

— Depois de tudo isso você não vai me contar? — perguntei. — Estou vendo como você não mente!

— Não é isso. É que eu queria que você se divertisse nesta festa, tirasse um pouco as coisas tristes da cabeça. Que não pensasse tanto no Hayden.

— Na verdade, eu não penso em nada além dele nos últimos dias — eu disse, e foi uma pequena mentira. Porque eu também pensava nela. E muito. — Mas, se você não quiser me contar, tudo bem.

— Não, eu conto. — Ela suspirou, e eu podia ver que pensava no dia em que teria de fazer isso. Eu podia ver a imagem de uma Astrid audaciosa e confiante se esvaecer um pouco, revelando alguém mais ávido e nervoso. Talvez alguém mais parecido comigo. — Algum dia, eu prometo. Mas vamos aproveitar a festa esta noite, combinado? — Ela se aproximou de mim e a sala ficou em silêncio, quase como se a própria festa soubesse que alguma coisa importante estava prestes a acontecer.

O que, infelizmente, era verdade.

— E aí, otário?

Trevor.

10 Cheira a espírito adolescente. (N.T.)



Ele se aproximou do sofá, imenso e ameaçador. Eu me afastei o máximo possível de Astrid. Pude ver que ela começava a ficar irritada. Ela se levantou. É claro que ele tinha de chegar bem naquela hora, quando parecia que alguma coisa estava prestes a acontecer, embora eu não soubesse bem o que era.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Astrid, com os olhos semicerrados.

— Fica fora disso, Alison — ele disse.

Alison?

— Não me chame assim — ela retrucou.

Do que Trevor estava falando? E o que ele estava fazendo ali? Aquele não era o tipo de festa que ele normalmente frequentava.

— Você passou dos limites no funeral, seu merdinha — ele disse, e me empurrou novamente para o sofá.

Tentei não afundar nas almofadas antes de me levantar de novo, mas não havia a menor possibilidade de eu conseguir fazer aquilo de forma elegante.

— Então quer dizer que você entrou de penetra em uma festa só para arrumar briga comigo? Essa é a sua maneira de resolver o problema? — Eu podia sentir a fúria crescendo dentro de mim. Ele era um dos caras que tinham tornado a vida de Hayden uma droga, e depois ficou com raiva pela forma como eu havia me comportado no funeral? Sério mesmo? — Vai se olhar no espelho. Você é um gigante. Não sentiria nada se eu te acertasse algum golpe. É mesmo importante para você preservar a santidade do funeral do Hayden, o garoto cuja vida você ajudou a transformar em um inferno? Nem mesmo haveria um funeral se não fosse por sua causa. — Berrar com ele realmente me fazia sentir melhor. Eu mal percebi as pessoas que formaram um círculo ao nosso redor para observar o que acontecia. Imaginei o que elas fariam se Trevor decidisse mesmo vir para cima de mim.

— Olha só quem está falando — ele disse. — O que faz você pensar que pode colocar toda a culpa em cima de mim? Vi você naquela festa. Você ficou só ali parado, olhando tudo o que acontecia. Por que você não ajudou o Hayden? O que faz de você um herói? Pelo menos eu vim até aqui porque estou protegendo meu amigo.

— Bem, o seu amigo pode se virar muito bem sozinho. Agora o Ryan não tem mais um irmão mais novo irritante para fazê-lo passar vergonha na escola. Ele deve estar feliz.

Por acaso eu estava querendo levar uma surra de Trevor? Não tive

tempo para pensar nisso, pois o punho dele logo se encontrou com uma das minhas bochechas. Parecia que o meu rosto havia se transformado em uma bola de beisebol que acabava de ser atingida para marcar um home run. Provavelmente levou apenas um segundo para que eu voltasse para o sofá, mas pareceu que levei anos para aterrissar.

— Já fez o que queria, Trevor? — Ouvi Astrid dizer. — Agora dá o fora daqui. — Senti as almofadas afundarem quando ela se sentou ao meu lado. — Você está bem, Sam?

Assenti, mas eu podia estar mentindo. Não conseguia dizer se a tontura que eu sentia era devido ao soco de Trevor, às cervejas ou à insônia, mas levantar ainda não parecia ser uma opção.

— Ainda não terminamos — informou Trevor.

— Você vai mesmo me ameaçar assim na frente de todo mundo? — perguntei, mas ele já tinha ido embora.

Tentei me levantar para ir atrás dele, mas Astrid colocou uma das mãos na minha perna e me impediu, ação pela qual fiquei agradecido, pois ainda não tinha certeza se seria capaz de me levantar sem cair imediatamente para trás.

— Deixa ele ir — ela aconselhou. — O Trevor vai ter o que merece algum dia. Não precisa ser agora.

— Eu teria adorado ter acertado um soquinho que fosse nele. Mesmo que Trevor não sentisse nada.

— Não tem a menor necessidade de você se comportar como um idiota — disse ela. Astrid começava a ficar irritada. — Acho que você é melhor que isso.

Eu também sempre havia pensado que era. Porém, naquele momento, eu começava a me questionar.

— Eu geralmente não sou desse jeito, juro — argumentei. — Olha, lembra de quando eu disse que sempre falo a verdade?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Deixa eu tentar. — Eu nunca havia dito aquilo em voz alta antes, mas aquela parecia ser a hora certa. — Aqueles caras estavam na festa na noite em que o Hayden... você sabe. Eles foram cruéis com ele, como sempre. Ainda piores que o normal. E eu só fiquei ali parado, como o Trevor falou. Eu não fiz porra nenhuma. Nunca fiz. O que significa que é tudo minha culpa. A única coisa que faz com que eu me sinta melhor é culpá-los. Sei que é super-hipócrita da minha parte querer ir pra cima dele por minha própria causa quando eu jamais fiz isso pelo Hayden, mas antes tarde do que nunca, eu acho.

Os olhos dela se suavizaram um pouco.

— Sam, você sabe que não foi sua culpa, não é?

— Como você pode dizer isso?

— Me conte o que aconteceu — ela pediu.

Stephanie Carter morava a apenas alguns quarteirões de Hayden, em uma casa que parecia saída de um filme. Metade das paredes era feita de vidro, tudo era preto, branco e metálico. Uma casa cheia de ângulos. O que era irônico, porque eu apostava que Stephanie era a garota menos angulosa da Libertyville High. Ela era animadora de torcida do time de basquete, tinha um corpo absurdo — com curvas em todos os lugares certos — e havia sido uma ginasta de arrebentar até aquele corpo absurdo aparecer. Ela era a pessoa mais flexível que eu já tinha visto. E ainda assim ela vivia em uma casa onde todas as coisas eram quadradas. Ou retangulares. O que seja.

— Este lugar é bizarro — sussurrei para Hayden, mas ele não estava escutando. A sala de visitas estava repleta de gente, e ele examinava a multidão. Por quem ele procurava? O irmão de Hayden e os amigos dele não estavam lá; essa havia sido a única razão pela qual eu havia concordado em ir. Tentei não me irritar com o fato de ele estar me ignorando. Afinal de contas, era eu quem vivia enchendo o saco para que ele saísse mais, de forma que eu deveria estar feliz por Hayden finalmente querer colocar os pés para fora de casa, não é? Eu ficava cada vez mais frustrado ao perceber o quanto nos isolávamos um do outro, apesar de não estarmos exatamente nos distanciando. Hayden passava cada vez mais tempo no computador, enquanto eu queria sair e me juntar ao resto do mundo. Nas últimas semanas, ele queria ficar em casa e jogar *Mage Warfare* o tempo todo, e eu percebi que sem ele eu não tinha nada. Não havia mais ninguém para quem eu pudesse ligar, nenhum interesse que não fosse compartilhado apenas com ele. O fato é que eu estava sozinho.

Bem, finalmente estávamos em uma festa, e Hayden tinha ido dar uma volta para fazer o que quer que houvesse planejado. Eu estava totalmente sozinho em uma sala cheia de gente. Aquilo não era o que eu queria. Nem um pouco.

O barril de chope estava em um dos cantos da sala, de modo que eu enchi um copo de plástico vermelho com o que parecia ser mais espuma do que qualquer outra coisa e olhei ao redor para ver se havia alguém com quem eu pudesse conversar. Entretanto, quase todo mundo ali era atleta, do time de basquete e de corrida. Os caras do futebol e a galera deles não estavam lá, nem o pessoal artista que ia a algumas das festas nas quais eu considerava a possibilidade de aparecer. Havia garotas da minha turma, mas as mais gatinhas estavam com os seus respectivos namorados. Ir lá havia sido um erro. Pelo menos eu tinha aprendido que ir a festas não era a resposta. Tudo o que eu queria era ir para casa. Bebi um pouco de espuma em uma golada só e fui procurar por Hayden, mas não o vi em lugar algum.

Então, do nada, ouvi a voz dele. Gritando. No início, o som parecia fraco. As caixas berravam alguma música dançante horrorosa, e os

gritos vinham do andar de cima, de modo que tudo que eu conseguia registrar é que aquele era o som da voz de Hayden. E, cara, ele estava furo da vida.

Corri até a escada me perguntando se eu deveria ou não subir para encontrá-lo. Então ouvi vozes conhecidas. O que a trifeta do bullying estava fazendo ali? Parei um cara qualquer e perguntei se o jogo de futebol havia sido cancelado.

— O outro time desistiu de jogar — ele explicou. — Esses caras já estão lá em cima há um tempão e estão *totalmente chapados*.

Ah, não. Não, não, não!

— Isso não é verdade! Não pode ser! — ouvi Hayden gritar.

— Está bem aqui na sua frente — disse Ryan. — É só olhar.

— Eu não vou — ele berrou.

— Vocês não deveriam ter vindo aqui — Trevor comentou, e percebi que ele não se referia apenas a Hayden, mas também a mim. A trifeta começou a descer as escadas com Hayden à frente. A mão de Trevor apertava a gola da camiseta dele.

— O que está acontecendo? — perguntei, tentando soar corajoso, mas eu estava apavorado. Aqueles caras podiam me quebrar inteiro sem nem ao menos soltar a camiseta de Hayden.

— Não é da sua conta — disse Ryan.

Os olhos de Hayden encontraram os meus, e parecia que ele estava prestes a chorar. Eu não sabia o que fazer. Será que ele esperava que eu desse conta daqueles caras? Ryan espancava Hayden desde que eles eram crianças e, apesar de ser robusto — ele era baixo como Hayden, mas era bastante parrudo —, era o membro mais baixo da trifeta.

— Vão embora vocês dois — ordenou Ryan. — Vocês não pertencem a este lugar.

Com isso, Trevor apertou ainda mais a gola de Hayden e o ergueu no ar. O tecido já começava a puir e eu podia ver que em breve iria se rasgar. Ryan simplesmente ficou ali parado.

E então Trevor largou Hayden.

O que poderia não ser nada de mais, exceto que: a) eles ainda estavam no meio da escada, e b) eu estava em pé perto do primeiro degrau. Hayden não conseguiu se equilibrar ao aterrissar entre dois degraus e rolou todo o restante da escadaria. Um de seus cotovelos atingiu meu joelho de lado, o que me fez cair junto com ele. Nós dois terminamos emaranhados no chão. Ouvi um estalo quando a cabeça de Hayden bateu na madeira, e por um minuto fiquei preocupado com a possibilidade de ele ter se machucado feio.

A sala ficou no mais absoluto silêncio. Alguém havia desligado o som, e quando olhei para cima pude ver que todos nos observavam. No início, as pessoas estavam chocadas, apesar de ninguém ter exatamente corrido para nos ajudar. Porém, quando me levantei e vi

que Hayden não estava inconsciente, as risadinhas começaram. No início, elas vinham apenas de algumas garotas, depois mais alguns caras as acompanharam e logo não eram mais risadas, mas sim uma onda de gargalhadas.

Eu parei. Ainda não estava pronto para falar sobre o resto daquela história.

Astrid esperou um momento depois que terminei de falar, até erguer o braço e pegar a minha mão. Eu estava tão esgotado por contar sobre a festa que me senti aliviado — se ela estava tocando a minha mão era porque ainda estava me escutando, o que, por sua vez, significava que ela não achava que eu era a pior pessoa do mundo. Apesar de eu mesmo pensar o contrário.

— O que aconteceu foi horrível, mas não foi sua culpa — ela disse.

— É fácil para você falar isso. — Afinal, do que Astrid sabia? Era até legal da parte dela dizer aquilo, mas nós dois sabíamos que não era verdade.

— Você não entende. Eu não estou falando da boca para fora. Sei o que estou dizendo. — Ela fez uma careta, embora não parecesse que aquela cara fosse endereçada a mim.

— Ah, que ótimo. Agora você vai ficar toda misteriosa, igualzinha ao Hayden. Você acha que vai conseguir fazer minha culpa desaparecer em um passe de mágica? — Eu me afastei dela e me levantei. Eu não devia ter tentado explicar nada daquilo para ela. De qualquer maneira, o que me fez pensar que ela entenderia?

Só então vi Eric caminhando em nossa direção. Quando ele chegou àquela festa?

— Já é quase meia-noite — ele informou a Astrid. — Precisamos ir embora. — Ele olhou para mim todo elegante naquela calça skinny idiota e com aquele cabelo todo arrumadinho. — Ei, Sam, que bom ver você de novo. Quer uma carona até em casa? Estou de carro. — E ele também era legal. Eu odiava entender exatamente tudo o que Astrid via nele.

— Vem com a gente, Sam — insistiu Astrid. — Foi uma longa noite.

— Obrigado, mas vou andando — eu disse. — Um pouco de ar fresco vai me fazer bem. — Eu me levantei com a maior elegância que me era possível daquele sofá idiota todo detonado e me afastei sem pronunciar uma única palavra sequer. No dia seguinte eu iria querer saber o que Astrid quis dizer quando falou que tinha certeza de que não era culpa minha, mas, naquela noite, tudo o que eu queria era lidar com o fato de que eu tinha falado sobre a festa, algo que jamais fizera antes, algo sobre o que eu me recusara a pensar durante toda aquela semana. E agora eu não conseguia parar de pensar naquilo, e nem tinha contado a pior parte. Eu precisava ficar sozinho. Esperei

que Astrid e Eric fossem embora e então comecei a caminhar em direção à porta.

Damian me deteve.

— Vai cair na estrada? — ele perguntou.

Assenti.

— Quer levar alguma coisa para tomar no caminho? — Ele me passou uma garrafa.

Claro, que diabos. O que quer que houvesse ali dentro tinha um cheiro maravilhoso, como caramelo, encorpado e tinha gosto de merda. Minha garganta queimava à medida que o líquido descia, e eu quase conseguia sentir o álcool reativando toda a cerveja que eu tinha bebido, fazendo minha cabeça rodar um pouco.

— Você está bem? — ele perguntou.

— Estou ótimo — eu disse. Acho que, no fim das contas, eu era mesmo um mentiroso.

— A gente se vê por aí — Damian se despediu.

O ar frio me atingiu em cheio quando abri a porta; a temperatura havia despencado. A sensação era maravilhosa, apesar de o gole de bebida me deixar tonto. Que irônico, pensei, enquanto começava a andar, o fato de que, apesar de na semana anterior eu achar que jamais seria capaz de fazer amigos em festas, eu tivesse ido a uma e possivelmente feito um amigo. Eu estava certo o tempo todo, mas não tinha sido capaz de explicar isso para Hayden. Era quase engraçado. Na verdade, era mesmo engraçado. Comecei a gargalhar, mas então me dei conta de que congelava. Olhei para os meus braços e os pelos estavam todos arrepiados. O que significava que eu conseguia ver os meus braços. O que significava que eu não estava vestindo o meu casaco. Droga. Eu tinha esquecido o casaco na festa, junto com a carteira e o celular. Eu não fazia ideia de que horas eram e ficava cada vez mais tonto. Eu sabia que precisava voltar para a festa, mas não acreditava que conseguiria fazer isso. Eu estava tão, mas tão cansado. E tinha acabado de chegar ao 7-Eleven, onde havia um banco bem na frente da entrada. Eu ia me sentar só por um minuto. E depois voltaria para a festa.

11 Um passo mais perto. (N.T.)



A MÃO NO MEU OMBRO era gentil, mas a voz era ríspida.

— Acorde, seu vândalo idiota. Isto aqui não é a porra do seu quarto.

Abri os olhos. De pé ao meu lado estava um homem muito irritado, de bigode e usando uma camisa de botões do 7-Eleven. O seu rosto estava emoldurado com tons brilhantes de rosa e laranja de um nascer do sol realmente incrível.

Nascer do sol?

Merda.

Eu me levantei depressa e afastei o braço do cara de mim. Ele devia ser o funcionário do turno da manhã, o que, somado ao nascer do sol, significava que eram provavelmente seis da manhã. Minha mãe chegaria em casa às sete. Eu tinha de ir embora.

— Me deixa em paz — eu disse para o cara, e me levantei. Todo o meu corpo doía, e eu pude ouvir minha coluna estalar quando me espreguicei. Assim que me senti cem por cento desperto, me dei conta de que a) eu provavelmente estava com o maior olho roxo por causa do soco do Trevor, b) minha cabeça estava me matando e c) havia mais de cinquenta por cento de chance de eu vomitar. Aparentemente eu estava tendo minha primeira ressaca.

— Não volte aqui — o cara do 7-Eleven berrou enquanto eu voltava para a festa para buscar minhas coisas.

E daí? De qualquer forma, aquele homem ia se esquecer da minha cara depois de dez minutos. Eu não estava preocupado com ele. O que me afligia era como eu chegaria sem vomitar até a casa onde aconteceu a festa. Eu também precisava mijar. Urgente. Ouvi dizer que os anjos protegem os bêbados e as pessoas idiotas e, já que eu era os dois, imaginei que provavelmente teria alguma sorte. E a sorte veio na forma de um aglomerado de moitas grandes o suficiente para que eu me abaixasse dentro delas, onde resolvi ambos os problemas. Ainda me sentia na merda, mas se sentir na merda significava se sentir muito melhor do que eu estava antes.

A festa devia ter rolado até depois do toque de recolher, pois quando cheguei na casa a porta estava escancarada e havia um monte de gente desmaiada na sala. Eu me esgueirei o mais silenciosamente que consegui e subi as escadas até o quarto onde me lembrava de ter deixado minhas coisas sobre uma cama. Duas pessoas seminuas dormiam profundamente, mas consegui tirar tudo de debaixo deles sem acordá-los, o que pareceu ser algum tipo de milagre.

Praticamente rastejei pelo caminho de onde vim e me enrolei no

casaco assim que saí. O celular e a carteira ainda estavam nos meus bolsos, e eu chequei a hora para ter certeza de que ainda tinha alguma margem de tempo antes de a minha mãe chegar em casa. Eram só seis e vinte da manhã, então estava tudo bem. Mas sete mensagens de texto? Aquilo não devia estar certo.

Dei uma olhada nelas enquanto caminhava para casa. Todas eram de Astrid.

Onde você está? Me responda.

A cada meia hora, a partir de três da manhã. A mesma mensagem, mas eu quase podia sentir a urgência crescente em cada uma delas. Alguma coisa ruim deve ter acontecido. A última mensagem tinha sido enviada havia menos de uma hora, então resolvi responder.

Ainda acordada?

Escrevi, assim que entrei em casa e subi as escadas que levam ao meu quarto.

Tudo bem?

Não demorou nem um minuto e o telefone tocou.

— Onde você esteve? — Astrid perguntou, em um tom entre um sussurro e um berro. Ela devia estar em casa.

Eu estava muito envergonhado para contar a ela que tinha pegado no sono em um banco do lado de fora do 7-Eleven.

— Apaguei assim que cheguei em casa — menti. De novo. — Coloquei o celular para vibrar. Só vi as suas mensagens quando levantei para ir ao banheiro.

— Graças a Deus.

— Por quê? O que está acontecendo?

— Você ainda não viu o Facebook, não é?

— Não. Eu nem saí da cama ainda. — Aquilo era verdade, a não ser pelo fato de que eu tinha acabado de me deitar. E também era óbvio que ela ainda não tinha descoberto que eu não estava no Facebook. Eu não precisava de nenhuma evidência concreta de quantos amigos eu não tinha.

— Bem, em algum momento você vai querer dar uma olhada — continuou Astrid. — Alguém quebrou a cara do Trevor a noite passada.

Meu estômago revirou.

— O quê?

— Os policiais o encontraram em um beco esta manhã. Ele teve uma concussão e duas costelas quebradas. Parece que alguém o

espancou com um taco de beisebol. — Ela parecia quase empolgada, mas provavelmente só estava elétrica por ter passado a noite inteira acordada.

— Ele vai ficar bem? — Eu queria que Trevor recebesse aquilo que merecia, mas não daquela forma. Só porque ele era um babaca não significava que precisasse ser pulverizado.

— É, ele vai ficar bem, mas não vai poder fazer nenhum esporte por um ano. Talvez nem no ano que vem, quando estiver na faculdade.

— Não estou conseguindo entender — eu disse. — A gente tinha acabado de vê-lo. Onde estavam o Jason e o Ryan?

— Ninguém sabe — disse ela. — Na verdade, ninguém sabe de nada. O Jason anda meio sumido ainda por causa daquela história do Blue Star, e os pais do Ryan aparentemente estão tão detonados que ele não sai de casa desde, bem, você sabe. Trevor estava sozinho a noite passada. Os pais dele surtaram quando acordaram e se deram conta de que o filho não tinha voltado para casa e chamaram a polícia para procurar por ele.

— Pensei que a polícia não se envolvia até que a pessoa estivesse desaparecida por, tipo, uns dois dias.

— A justiça funciona de um jeito bem diferente do lado leste da cidade — disse Astrid. Percebi que ela não tinha usado as expressões “o lado deles” ou “o nosso lado”, e isso fez com que eu me desse conta de que eu não fazia a menor ideia de onde ela vivia. E aquela não parecia a melhor ocasião para perguntar.

— Descobriram quem fez isso? — perguntei.

Ela hesitou.

— Essa é a questão — disse Astrid, por fim. — Trevor contou que alguém atingiu a parte de trás da cabeça dele e que não se lembra de nada depois disso. Ninguém viu o cara. Mas algumas pessoas no Facebook estão dizendo...

— O quê?

Ouvi Astrid respirar fundo.

— As pessoas estão dizendo que foi você.

Comecei a me sentir tonto.

— Eu? Como?

— Todo mundo viu o que aconteceu entre vocês na festa, e eles ouviram o Trevor te ameaçar. As pessoas acham que você foi para casa, pegou um taco de beisebol e foi atrás do Trevor porque não conseguiria dar conta dele sem uma arma.

E eu achando que tinha feito novos amigos... Todos eles pensavam que eu era um maníaco vingativo.

— Eu nunca faria uma coisa dessas — eu disse. — Você sabe disso, não é? Por favor, me diga que você sabe.

— É claro. Eu só estava tentando te encontrar para que você ouvisse

isso de mim e não de alguém que poderia pensar que você fosse culpado. Além disso, segundo o que Trevor contou, tudo aconteceu depois da meia-noite, e eu vi você ir embora da festa antes disso. Falei para as pessoas que você foi direto para casa.

— Certo — eu disse. — Casa. — E então, mais do que qualquer outra coisa, eu me sentia culpado por mentir.

— Só queria ter certeza de que você estava bem. Vou capotar agora... Estou exausta.

— É claro. A gente se fala depois. — Desliguei o telefone e senti um peso no estômago. Torci para não ter de vomitar novamente. O fato era que eu não fazia a menor ideia se eu havia sido o responsável pelo ataque a Trevor. Eu achava que tinha passado a noite no banco, já que me sentar nele era a última coisa de que eu me lembrava antes de acordar. A única coisa que fazia sentido era eu ter passado a noite inteira dormindo na frente do 7-Eleven.

Mas e se as coisas não tivessem acontecido desse jeito?

Eu jamais havia sentido tanta raiva de alguém quanto de Trevor. Na festa da noite anterior eu *queria* que alguma coisa ruim acontecesse com ele. Quem poderia dizer que eu não havia de fato feito aquilo, tomado por algum tipo de ira bêbada que acabou causando um apagão? Não era por isso que a bebida era considerada uma coisa terrível? Será que eu finalmente estourei e passei dos limites, como o perdedor em uma das músicas da playlist do Hayden?

Só então ouvi o toque da janela do Gchat. Eu me arrastei para fora da cama e fui até o computador.

Arquimago_Ged: Dois já foram.

De início, eu não fazia a menor ideia sobre o que o Arquimago_Ged estava falando. Estava tão cansado que mal conseguia focar a minha atenção, e ainda me sentia tonto por causa da bebedeira. Então me lembrei do que ele havia dito após Rachel me contar sobre Jason: *Um já foi, agora faltam dois.*

Será que ele estava falando da trifeta do bullying?

O ponto é que, se fosse isso mesmo, eu tinha ainda mais perguntas. Para começar, como o Arquimago_Ged parecia saber sobre a conexão entre os casos? A última coisa que poderia acontecer seria ele levar o crédito pelos ataques. Mas ele não era real. Ele era o fantasma do meu melhor amigo morto ou algum tipo de alucinação, o que em ambos os casos significava que eu era um doido varrido, mas também, pelo visto, queria dizer que eu podia sair por aí espancando as pessoas. A única coisa de que eu tinha certeza era que eu tinha arquivado a ideia de que alguém estava apenas tentando me zoar. Não àquela altura.

Eu desejava tanto que a minha cabeça parasse de rodar. Já era

difícil o suficiente juntar as peças daquele quebra-cabeça quando eu estava sóbrio e bem descansado. Mas eu tinha de tentar. Tudo bem; então, se o Arquimago_Ged estava fazendo uma contagem, isso queria dizer que Ryan seria o próximo. Em geral eu não pensaria que havia alguma coisa de mais naquilo. Eu não estava assim tão chateado com o fato de Jason ser humilhado, apesar de não achar legal obrigarem alguém a sair do armário. Fiquei bastante perturbado com a extensão dos ferimentos de Trevor, mas não estava exatamente chorando de desespero por alguma outra pessoa parecer odiá-lo tanto quanto eu. O pensamento de que algo ruim aconteceria com Ryan parecia quase apropriado, dado que eu o via como o principal culpado pela morte de Hayden. Além de mim, é claro.

Entretanto, eu havia dito para o sr. Beaumont que não era competência minha decidir quem deveria pagar pela morte de Hayden, e acho que fui sincero. O problema era que, até onde eu sabia, tinha apenas duas pessoas que viam aqueles três como a fonte da maior parte de seus problemas, e um de nós estava morto.

Será que o Arquimago_Ged tentava me dizer que eu era o responsável por aquilo?

Eu nem mesmo tinha um bom álibi para ambos os eventos. Eu estava no computador, teclando com o Arquimago, que não era real, quando Jason foi espancado, e na noite anterior, até onde eu sabia, eu estava desmaiado em um banco em frente ao 7-Eleven. E eu estava coberto de marcas roxas — de quando Jason me empurrou no funeral, do soco no rosto que levei de Trevor, e quem poderia saber do que mais? Será que eu podia mesmo ter certeza de que todos os meus machucados e as dores que eu andava sentindo foram mesmo causados pelas coisas das quais eu me lembrava? Seria possível que eu tivesse atacado Jason ou Trevor, ou os dois? E que eles tenham tentado se defender?

Eu não conseguia nem imaginar uma coisa daquelas, e mesmo assim ainda supunha que poderia ser possível. Ainda que fosse mais provável que o Arquimago_Ged tivesse feito tudo aquilo, disse eu tinha certeza. Eu estava muito confuso.

Mais uma vez, eu teria de lidar com a falta de sono, pois não havia a menor possibilidade de ir para a cama naquele momento. Todos os meus nervos tremiam. Eu precisava fazer alguma coisa. A playlist de Hayden deveria me dar respostas, de maneira que a coloquei para tocar no computador e prestei atenção nas músicas mais uma vez.

Hayden tinha incluído um épico dos Decemberists, minha banda preferida de todos os tempos. Eu me lembrei da primeira vez que fomos ao shopping sozinhos. Tínhamos onze anos e minha mãe nos deixou na porta com instruções muito claras: teríamos só duas horas, nada de compras que ultrapassassem dois dólares e nada de

McDonald's. Quebramos as duas últimas regras quase de imediato, pedindo cinco dólares de coisas aleatórias do menu promocional do McDonald's, e dividimos tudo, o que foi o máximo, embora tenha nos deixado enjoados. Sentamos a uma mesa e ele me ouviu reclamar horrores do meu pai, que tinha cancelado outra de suas visitas. Meu pai tinha se mudado para a Califórnia e nunca convidou a mim e Rachel para irmos até lá. Ele dizia que não tinha dinheiro para as passagens. Ele geralmente vinha nos visitar quando queria pedir algum dinheiro para os pais dele, grana essa que eles também não tinham, embora eu soubesse que sempre arranjavam alguma coisa para o filho. É meio triste ficar grande o suficiente para se dar conta de que o seu pai é um babaca.

— Você tem sorte por ter a sua mãe — Hayden dizia. — Ter pelo menos uma boa mãe é melhor do que ter um pai e uma mãe de merda.

Ele devia saber. Hayden raramente me convidava para ir à sua casa, e no início eu pensava que era porque ele ficava sem graça com o fato de sua família ter dinheiro enquanto ficava tão claro que a minha passava por dificuldades. Depois que fui lá algumas vezes, percebi que o real motivo eram os pais dele. A mãe não tinha o menor receio de expressar sua decepção com o filho diante de mim; o pai quase nunca estava em casa e, quando eu o via, ele agia da mesma forma que a esposa. O irmão de Hayden pegava no pé dele na escola, e os pais, em casa. Apesar de ainda ser muito novo naquela época, eu devia ter começado a entender que não havia outro lugar em que ele se sentisse seguro que não fosse ao meu lado.

Havia outro lugar seguro, é claro: a CCI. Nosso lugar feliz. Nunca tive autorização para comprar gibis. Eles eram caros e meus pais achavam que me fariam parar de ler livros “de verdade”. O que se mostrou meio que verdadeiro, embora ainda assim não significasse que eles estivessem certos. Hayden, ao contrário, já se considerava um colecionador. Ele fazia questão de comprar o número um de toda HQ que saía, só para o caso de o gibi fazer sucesso e o original acabar valendo alguma coisa. Os pais dele, como a minha mãe, não aprovavam esse hábito, mas o pai era um cara que trabalhava com dinheiro e achava importante que Hayden e Ryan tivessem mesada para aprender a lidar com um orçamento. Acho que talvez, de alguma maneira, ele também respeitasse o fato de Hayden pensar em seu hobby como uma forma de investimento, apesar de nunca expressar isso em voz alta. Deus devia proibi-lo de elogiar Hayden pelo que quer que fosse.

No dia em que descobri o quanto Hayden gostava de revistas em quadrinhos, eu tinha pegado algumas séries antigas do *Batman* na biblioteca, mas ele estava numa onda completamente diferente. Ele me apresentou a todos os quadrinhos escritos por membros de bandas

de que a gente gostava: tinha um gibi escrito pelo vocalista do My Chemical Romance, e outro do cara do Dandy Warhols, até mesmo um assinado por alguns membros do Dresden Dolls. Acabei me convencendo de que também deveria haver algum quadrinho escrito por Colin Meloy, vocalista dos Decemberists.

— Ele é todo literato e a mulher dele é artista gráfica. Duvido que não faça quadrinhos, já que todos esses outros caras fazem.

Isso nos levou à nossa primeira briga sobre música, a primeira de muitas, muitas outras, tantas que não sou nem capaz de contar. Eu queria ter percebido o quanto aquelas brigas foram importantes para mim. Talvez na época eu tenha pelo menos me dado conta do quão divertidas elas eram.

Não consegui acreditar que Hayden não curtia os Decemberists. Eles eram inteligentes, criativos e estranhos, todas as coisas que eu amava. Mas talvez fossem inteligentes demais. Hayden ficava louco da vida quando as músicas incluíam palavras que ele não conhecia. Eu considerava isso parte da diversão, mas ele via a coisa de outra forma. Ainda estávamos berrando um com o outro quando a minha mãe apareceu para nos buscar. Fiz que ela tocasse todos os dez minutos da versão ao vivo de “The mariner’s revenge song” no caminho para casa, o que nos fez finalmente calar a boca. Ficamos em silêncio ouvindo a história de dois homens que relembravam suas trajetórias ao serem engolidos por uma baleia.

— Parece música klezmer¹³ — disse minha mãe, torcendo o nariz, mas nós a ignoramos. Hayden nem se despediu de mim quando saiu do carro; apenas agradeceu à minha mãe pela carona e balançou levemente a cabeça na minha direção.

— Está tudo bem? — minha mãe perguntou. — Vocês estavam meio quietos aí atrás. Tiveram um bom dia?

— O melhor — eu disse, e aquilo era mesmo verdade.

O fato de Hayden ter colocado aquela música na playlist parecia dizer que, de alguma maneira, ele estava fazendo as pazes comigo. Diferentemente de outras músicas pelas quais nós já brigamos e das músicas de que ele gostava que entraram na lista, Hayden escolheu aquela porque era do meu disco preferido, apesar de os Decemberists terem, por fim, mudado de estilo no último álbum, o que fez Hayden se tornar fã deles. Ele podia ter escolhido uma das outras canções da banda e ainda assim isso teria representado muito para mim, mas o fato de Hayden ter escolhido justamente aquela representava ainda mais.

Mesmo assim, aquela não era a minha música preferida dos Decemberists. O que significava que deveria ter algum outro motivo para ele a ter escolhido. Aquela era, afinal de contas, uma canção sobre vingança. Talvez fosse simples assim. Seria algum tipo de pista?

Ou uma instrução? Será que Hayden me conduzia para me vingar em seu lugar? Ou seria algo ainda mais estranho? O Arquimago_Ged tinha se manifestado no meu quarto; talvez não fosse impossível que ele pudesse aparecer em algum outro lugar. Era maluquice, é claro, mas não era impossível.

No entanto, se o Arquimago_Ged era Hayden, eu não era capaz de imaginar nenhuma dessas coisas. O Hayden que eu conhecia nunca faria algo assim. E então, mais uma vez, o Hayden que eu conhecia também não teria se matado. E eu não achava que ele fosse capaz de ferir alguém, não da forma como Jason e Trevor haviam sido feridos, mas Hayden tinha feito uma coisa que eu jamais imaginara que pudesse acontecer.

Então quem disse que eu também não poderia fazer algo assim?

¹² A canção da vingança do marinheiro. (N.T.)

¹³ Música litúrgica judaica. (N.T.)



O SOM DO ALARME ME acordou às nove e meia. Logo de cara, fiquei confuso e pensei que era hora de ir para a escola, mas então lembrei que era sábado e eu não tinha programado o despertador nem nada do tipo. Além disso, o meu despertador era o dock do meu iPod, de modo que naqueles últimos dias eu acordava ao som da playlist de Hayden. Levou um minuto para que meu cérebro percebesse que o alarme na verdade era o som da campainha. O que era estranho, porque nunca vinha ninguém a nossa casa. Os namorados de Rachel normalmente ficavam dentro de seus carros e sentavam a mão na buzina, o que a minha mãe odiava com todas as forças, e Rachel nunca convidava seus amigos para virem à nossa casa. Quando Hayden vinha me visitar, ele batia na porta, mas obviamente não era ele. Meu coração pulou por um segundo quando pensei que Astrid talvez houvesse decidido fazer uma visitinha, mas por que ela faria isso? A gente tinha se falado pelo telefone poucas horas antes e ela devia ter capotado, já que parecia que tinha passado a noite inteira acordada.

A campainha tocou de novo e eu me dei conta de que provavelmente deveria me levantar e atender a porta. Minha mãe geralmente ia para a cama logo depois de chegar do trabalho, então devia estar dormindo, e Rachel nunca mexia a bunda para nada, o que significava que sobraria apenas eu como única opção viável. Eu não tinha me dado ao trabalho de mudar de roupa antes de ir para a cama, então coloquei um Tic Tac na boca para disfarçar o que deveria ser o meu hálito nojento pós-festa e saí do quarto.

Entretanto, minha mãe ainda não tinha ido para a cama, então já tinha atendido a porta enquanto eu descia as escadas. Não consegui ver quem era logo de imediato; tudo que eu pude ver foi uma caixa de papelão abarrotada de coisas, com um monte de camisetas no topo e sabe-se lá o quê por baixo. Distingui o desenho de uma das camisetas — uma imitação da escala da evolução humana, só que com zumbis — e me dei conta de que pertencia a Hayden. Foi então que vi quem segurava a caixa: a mãe de Hayden.

— Entre, sra. Stevens — convidou minha mãe. Aquilo era engraçado. Eu quase nunca as vira juntas no mesmo lugar e nunca tinha reparado o quanto minha mãe era mais alta que a sra. Stevens, que era baixinha. Imaginei se era assim que Hayden e eu parecíamos quando estávamos um ao lado do outro.

Eu estava muito chocado por ver a sra. Stevens ali. Ela nunca tinha

gostado de mim e não aprovava minha amizade com Hayden. Ela era uma mulher magra, estilosa, sempre perfeitamente arrumada e com as joias, as bolsas e os sapatos combinando. Hayden havia dito que ela esperava ter filhas, para ensiná-las a se vestir e se comportar. O armário de Hayden, composto por calças largas e camisetas, a enfurecia. Ela sempre dizia que, se ele vestisse coisas melhores, teria mais amigos. Que ótima mensagem!

— A verdade é que assim ela teria menos vergonha de mim — Hayden dissera, e, apesar de ele tentar soar casual, eu sabia que essas coisas o deixavam chateado. Ela insistia em pensar que, se Hayden andasse com uma galera de classe mais alta, como Ryan fazia, seria mais feliz, mais motivado a se transformar naquilo que ela queria que ele fosse. Ela não o conhecia nem um pouco. A sra. Stevens ficava irritada pelo fato de Hayden vir aqui para casa, onde a minha mãe deixava a gente assistir TV e jogar videogame e ele podia comer o que bem entendesse, apesar de, obviamente, essa liberdade de escolha se dever mais à falta de habilidade culinária de minha mãe do que ao desrespeito pelo desejo da sra. Stevens de ver o filho mais magro.

Ela parecia deslocada aqui, de uma maneira que jamais acontecera com Hayden. Ele sempre se sentira mais à vontade em nossa casa do que na sua própria, o que não era nada surpreendente, levando em consideração como era a casa dos Stevens. Tenho certeza de que aquela construção tinha alguma importância arquitetônica — o lugar era ultramoderno, todo feito de aço e vidro, repleto de claraboias, angular como a casa de Stephanie Caster, do mesmo modo que muitas das casas no bairro deles —, porém a residência era fria em todos os sentidos possíveis. A casa de Stephanie pelo menos tinha piso de madeira e alguns tapetes para aquecer os ambientes, mas, na casa de Hayden, o chão era de cerâmica, não era permitido pisar nele de sapato e a temperatura era sempre congelante. Nas poucas vezes em que estive lá, fiquei preocupado em me estatelar de meia no chão escorregadio e aterrisar bem na quina de uma mesa de centro. Imaginei que pelo menos o sangue pudesse ser fácil de limpar.

Nossa casa, apesar de não ser nem um pouco chique, pelo menos se parecia com um lugar habitado. Minha mãe era melhor decoradora do que cozinheira, e, apesar de ter encontrado a maior parte dos móveis em brechós, tudo era muito confortável. As cadeiras da sala de estar eram bege e marrons, o carpete tedioso e felpudo era coberto por tapetes coloridos jogados uns sobre os outros que faziam a sala parecer mais alegre, com várias almofadas combinando sobre o sofá. Eu conseguia entender perfeitamente por que Hayden preferia estar ali. Ele tinha uma poltrona preferida e a gente o deixava sentar nela sempre que estava em nossa casa para assistir TV, apesar de aquele ser normalmente o lugar de minha mãe. Havia até um cobertor em

particular de que ele gostava mais.

Eu jamais poderia imaginar a sra. Stevens se enrolando em um cobertor e se sentindo confortável em nossa casa, ou até mesmo na própria casa dela. Parecia até mesmo que ela dormia toda esticada. Era estranho vê-la carregando aquela caixa com as próprias mãos. Eu imaginava que ela arranjaría alguém para fazer isso, apesar de, obviamente, saber que essa pessoa não seria Ryan.

— Sam, por que você não ajuda a sra. Stevens com essas coisas? — minha mãe pediu.

Fiquei feliz por ter algo para fazer, então peguei a caixa, tomando cuidado para não ter nenhum contato físico com a mulher. A sra. Stevens era tão fria comigo que eu tinha medo de congelar se tocasse nela.

Minha mãe, por outro lado, não tinha esses medos. Ela colocou uma das mãos no ombro da sra. Stevens, aparentemente sentindo que um abraço seria algo excessivo.

— Como vocês estão? Tenho pensado muito em vocês.

— Eu agradeço — disse a sra. Stevens, rígida. — Estamos de acordo com o esperado, eu acho.

— Não posso nem imaginar pelo que você está passando — minha mãe disse —, mas, se há alguma coisa que eu possa fazer...

— É por isso que estou aqui. Estamos começando a mexer nos pertences do Hayden e eu juntei em uma caixa algumas coisas que eu acho que o Sam gostaria de ter.

Meu primeiro pensamento foi que era muito insensível da parte deles se livrar de todas as evidências da presença de Hayden quando mal fazia duas semanas que ele havia partido. Porém, logo em seguida, me dei conta de que era mesmo muita gentileza da sra. Stevens pensar em mim, dado o quanto ela sempre me odiara. Ela devia estar levando aquilo mais a sério do que eu imaginava. Eu conseguia entender o quanto devia ser difícil olhar para o quarto de Hayden com todas as coisas dele lá dentro, como se ele fosse voltar a qualquer momento.

— Obrigada, sra. Stevens — agradeci. — Eu só queria dizer que sinto muito. Gostaria que... — Eu realmente não sabia como concluir a frase.

— É, eu sei — ela disse, sem olhar para mim.

Imaginei se, de alguma maneira, a sra. Stevens me responsabilizava pelo que aconteceu com Hayden, se ela me culpava. Eu faria isso, se fosse ela. Eu já me culpava.

— Todos nós gostávamos muito do Hayden — informou minha mãe. — Ele era como um membro da família.

— Eu sei muito bem disso — disse a sra. Stevens, e pelo tom estava claro que ela não considerava aquilo uma coisa boa. Sem dar mais

nenhuma outra palavra, ela foi embora.

Minha mãe fechou a porta atrás dela.

— Essa mulher é mesmo complicada. Mesmo assim, você agiu bem. Tenho certeza de que ela é uma das últimas pessoas que você gostaria de ver agora.

— Você está certa — eu disse, e apoiei a caixa na cintura, pois estava ficando um pouco pesada.

— Vou deixar você ir para o seu quarto dar uma olhada nessas coisas. E acredito que em algum momento você vai tirar essa roupa que estava usando ontem e tomar um banho, não é?

Só então me dei conta de que minha mãe tinha reparado naquilo. Pelo menos ela não falou nada sobre o olho roxo. Eu tinha certeza de que ouviria muito por causa daquilo depois.

— Vou dar uma olhada nisto aqui.

Levei a caixa para o andar de cima e fechei a porta do quarto. As camisetas estavam escapando, então as examinei primeiro. Todas eram irônicas, retrô e de bandas que Hayden colecionava. Apesar de ele ser baixo e redondo e eu ser alto e magrelo, usávamos camisetas do mesmo tamanho e chegamos até a trocar algumas no passado. Eu não tinha certeza se queria usá-las por enquanto, mas gostaria de tê-las por perto. Olhei para a estatueta do mago, imóvel na prateleira onde eu a colocara. Ela me encarou. Pensei que, no fim das contas, eu não precisaria ter comprado nenhuma lembrança, especialmente uma que me fazia ter alucinações.

O resto da caixa continha os videogames de Hayden, o Xbox e o PlayStation, nenhum dos quais eu tinha, seus velhos manuais de *Dungeons & Dragons* e um monte de DVDs. Todos os filmes *Star Wars*, é claro, novos e remasterizados; todos os filmes *Alien*; os seriados assinados por Joss Whedon, pelos quais ele era obcecado. Evitei todas aquelas coisas até o lançamento de *Os Vingadores*, roteirizado por Whedon, que foi mesmo incrível. Hayden tentou não se vangloriar, mas me fez prometer que assistiria *Firefly* com ele algum dia. E então eu tinha todos os episódios para assistir sozinho. Junto com eles estavam todas as sete temporadas de *Buffy, a Caça-Vampiros*.

Bem no fundo da caixa estava o laptop de Hayden. O caríssimo MacBook novo em folha do qual eu tinha tanta inveja. Por que a sra. Stevens havia me dado aquele computador? Eu podia entender que ela quisesse se livrar dos videogames e das camisetas, pois Ryan nunca havia mesmo se interessado por essas coisas. Mas o computador parecia algo muito pessoal, o tipo de coisa que você não dá para ninguém. Imaginei se ela tinha limpado o HD. Provavelmente, não. Ela não parecia entender tanto assim de tecnologia.

Valia a pena dar uma olhada, eu pensei, e liguei o computador. Ele fez um som vagamente familiar. Eu já tinha visto Hayden ligar o

MacBook antes. E então, é claro, a tela do login surgiu diante dos meus olhos. O nome de usuário de Hayden apareceu logo em seguida — Hayden Stevens, o mesmo nome de usuário do Gmail; não havia nada de sofisticado ali —, mas ainda assim eu precisava colocar a senha. Eu não fazia a menor ideia do que poderia ser.

Digitei algumas coisas, sem muita empolgação — Radiohead, o nome do ratinho de estimação que ele tinha quando era pequeno, letras de músicas de que eu sabia que ele gostava. Então tive uma ideia: só podia ser Arquimago_Ged. Digitei o nome, crente de que tinha acertado na mosca.

Nada.

Aparentemente, só mesmo nos filmes era possível entrar no computador de alguém e do nada descobrir a senha. Especialmente se você for uma pessoa comum como eu, e não algum gênio da informática. Pensei que Hayden ainda podia guardar segredos de mim. Exatamente como antes.

PASSEI O RESTO DO FIM de semana entre tentar descobrir a senha de Hayden e instalar os videogames na TV da sala, atividades que convenientemente mantiveram minha cabeça longe da possibilidade de eu, de alguma maneira, ter me transformado em um guerreiro de caráter dubio sedento por vingança sem que nem ao menos me lembrasse disso. Mantive o computador por perto enquanto jogava. Toda vez que pensava em alguma coisa nova eu digitava, prendendo a respiração de ansiedade, mas não estava tendo sorte. Os jogos eram uma distração bem-vinda. Minha mãe não estava muito empolgada com isso, mas acho que considerava aquilo melhor do que o *Mage Warfare*, pois pelo menos eu estava fora do quarto. Rachel estava irritada porque eu tomei conta da TV até eu prometer que a ensinaria a jogar *Halo*.

— É um jogo de tiro — expliquei para ela. — Não é o meu preferido, mas todo mundo parece amar.

— Na minha opinião parece ser um negócio bem dork — Rachel retrucou, mas eu podia ver que ela estava interessada.

— Aqui, segure o controle assim. O analógico esquerdo controla o seu avatar, e você pode usar o direito para olhar ao redor. — Ensinei a ela e então carreguei um modo onde poderíamos jogar contra outras pessoas.

— Como eu atiro? — ela perguntou.

Mostrei para Rachel as diferentes armas e estávamos prontos para começar. Era divertido observá-la começando a gostar da coisa. Ela curtia mais esse lance de atirar do que eu. A única coisa chata é que eu não conseguia fazê-la seguir a missão.

— Você entendeu que a gente é um time, não é?

O avatar dela jogou outra granada em cima do meu, e aquela era de detonação rápida. Na vida real, eu teria perdido uma perna, mas talvez ainda continuasse vivo.

— É cada um por si, maninho — disse ela.

— Você não é exatamente um homem — repliquei.

— Nem você — Rachel retrucou, e o avatar dela apontou uma arma para mim.

Era hora de trazer as coisas para o mundo real. Peguei uma das almofadas do sofá e joguei em cima do controle dela. Ou pelo menos tentei fazer isso. Acabei atingindo um dos cotovelos de Rachel. Mesmo assim deu certo, pois o avatar dela errou o tiro.

— Olha, você acabou fazendo alguma coisa útil — observei. —

Mesmo que por acidente. — A bala perdida dela atingiu um dos inimigos alienígenas.

Só que dei início a uma guerra. Mal terminei de falar a palavra “acidente” e Rachel começou a me bombardear com as almofadas do sofá. Como ela conseguiu pegá-las tão depressa? Começamos a atacar um ao outro como quando éramos pequenos, antes de o nosso pai ir embora, antes até mesmo de Hayden ter igualmente dado no pé. Tomei tantos golpes na cabeça que meus ouvidos zumbiam, embora eu tivesse certeza de que também acertei umas boas almofadadas nela.

Não sei por quanto tempo brigamos até finalmente cairmos no chão, sem ar e mortos de fome. Depois de atacar o estoque de porcarias que a nossa mãe escondia na cozinha, nos ajeitamos novamente no sofá para jogar uma nova partida de *Halo*. Em cooperativa, dessa vez, como deveríamos ter feito desde o início.

Jogamos por tanto tempo que ela acabou perdendo a hora para um encontro com Jimmy, o que me faria sentir mal se não estivéssemos nos divertindo tanto. A gente fez a maior zona na sala, mas valeu a pena. Eu não conseguia me lembrar da última vez em que tínhamos feito alguma coisa divertida juntos.

Mesmo assim, eu sabia que videogames não resolveriam os meus problemas. Eles não me ajudariam a fazer novos amigos, não convenceriam Astrid a dar um pé na bunda de Eric e sair comigo e não me responderiam quem tinha quebrado a cara de Jason e de Trevor, uma pergunta cuja resposta, de muitas maneiras, eu sentia medo de saber. Entretanto, eles mantinham minha mente afastada de todo o resto e, naquele momento, aquilo era tudo o que eu podia querer. Ficar sentado em frente à TV ainda me trazia o benefício de ficar longe do computador. Eu tinha medo de que o Arquimago voltasse, e ainda não me sentia pronto para ouvir o que ele tinha a dizer.

Entretanto, finalmente, a segunda-feira chegou, e com ela recebi um recado logo na primeira aula que me pedia para ver o sr. Beaumont assim que tivesse algum tempo livre. Aquilo não podia ser bom. Passei a manhã inteira ignorando meus professores na sala de aula e os olhares das pessoas nos corredores que deviam ter ouvido sobre Trevor e os rumores nos quais eu estava envolvido. Eu podia dizer que os professores ainda não tinham muita certeza se já havia passado tempo suficiente para chamarem a minha atenção por eu estar distraído, porém todos eles resolveram não me importunar, o que me deixava grato apenas em parte. Ouvir um grito teria me desviado de meus próprios pensamentos, nos quais eu contemplava a possibilidade de ter tido um apagão tão grande por causa da bebida que não conseguia me lembrar de ter atacado Trevor com um taco de beisebol. Não queria pensar no motivo pelo qual o sr. Beaumont queria me ver. Ainda não estava pronto para lidar com ele.

Na hora do intervalo, eu ainda repassava em minha mente todos os cenários prováveis enquanto esperava na fila para comprar um pedaço de pizza que parecia ter sido requentada duas vezes no micro-ondas, e ouvia a playlist com o iPod no random. Meu apetite não melhorou ao ver Astrid sentada no lugar onde eu sempre comia, esperando por mim. A visão dela revirou meu estômago, só que de um jeito bom. Tirei os fones dos ouvidos assim que a vi. Ela estava linda como sempre. Naquele dia, os apliques no cabelo dela eram de diferentes tons de verde, fazendo-a quase parecer uma criatura marinha e realçando o verde de seus olhos. Astrid tamborilava os dedos em uma bandeja diante de si e deu um pulo quando coloquei a minha em cima da mesa.

— Sei que na verdade você nem quer essa pizza, não é? — Astrid perguntou. Ela arregalou os olhos ao ver o roxo no meu rosto, mas, para meu alívio, não comentou nada.

Olhei para minha bandeja. O queijo tinha um tom de amarelo anormal, como se alguém o tivesse desenhado com caneta hidrocor.

— Na verdade, não — admiti. — Mas esse é o menor dos males.

— Você não considerou todas as possibilidades. Vamos, parece que você precisa dar o fora daqui.

Ela estava certa, mas eu nunca tinha matado aula antes. A galera que estava na turma preparatória para os exames da universidade nunca matava aula. E, apesar das minhas bravatas na internet, eu nunca fizera nada considerado realmente mau, ou pelo menos não achava que tivesse feito. Mas as coisas estavam diferentes. Matar algumas aulas não seria o fim do mundo.

— Para onde vamos? — perguntei.

— Eu tenho um plano. Tudo o que temos de fazer é ir andando do jeito mais casual possível até os fundos da escola. — Ela apontou para as portas que davam para o campo de futebol. Geralmente havia um professor estacionado diante delas, mas naquele momento eu não via ninguém. — O sr. Cartwright abandonou a função e ainda não arrumaram um substituto. Ele está no lugar do monitor do intervalo hoje. Nunca foi tão fácil dar o fora. Vamos!

— Já que você tem um plano... — concordei, mas a verdade era que eu não me importava. Eu a seguiria para onde quer que fosse, houvesse ou não um plano. Fiquei bem atrás de Astrid enquanto ela atravessava, não, na verdade ela *passeava*, pelas portas dos fundos do refeitório, como se aquilo não fosse nada, apesar de estar carregando aquela mesma mochila bronze enorme e abarrotada do dia da festa.

Astrid começou a rir assim que chegamos ao lado de fora.

— Você foi perfeito — ela elogiou. — Não olhou para trás nem uma vez. Fiquei com medo de que você desse uma de Orfeu para cima de mim e resolvesse se virar.

— Orfeu?

— É um mito grego. A esposa de um cara acaba indo parar no inferno e ele só pode tê-la de volta se não olhar para trás quando desce até o submundo.

— Nunca li esse. Mas parece a história da mulher de Ló.

— Que história é essa? — ela perguntou.

— É da *Bíblia*. Ouvi falar sobre ela na escola judaica. Deus deixou Ló e sua família saírem de Sodoma e Gomorra antes de destruir as cidades, contanto que eles não olhassem para trás. Só que a mulher de Ló desobedeceu e virou uma estátua de sal. Quase a mesma coisa.

— É interessante quantas coincidências existem entre todos esses diferentes tipos de mitos e religiões. Amo todos eles. Eu era obcecada por *Fúria de Titãs* quando era criança. Assistia sempre que passava na TV a cabo. Esse filme me fez virar muito fã de mitologia grega.

— Amo esse filme! — eu disse. — O original, não o remake. Tentei fazer o Hayden assistir. Eu achava que, já que a gente curtia tanto fantasia, ele também ia amar. Mas ele achou o stop motion muito cafona.

— E era mesmo. E é justamente isso que torna o filme tão legal!

— Eu sei — concordei, apesar de me sentir culpado, quase como se estivesse escolhendo Astrid no lugar de Hayden. Entretanto, lembrei a mim mesmo que na verdade eu não tinha escolha, não mais.

O céu estava em um tom de azul vivo, repleto de nuvens fofas, não do tipo que indica chuva, mas as mais bonitas, aquelas que realmente pareciam ser feitas de algodão. A luz do sol tornava fácil ver a trilha que estávamos tomando, embora ocasionalmente alguns galhos baixos e ervas daninhas nos bloqueassem. Astrid os chutava para fora do caminho para que eu não tropeçasse. Ela parecia saber para onde estava indo, o que era ótimo, porque eu estava completamente perdido. E começava a ficar com fome. Quase desejei ter comido aquela pizza radioativa.

— Já estamos chegando?

— Estamos quase lá.

Depois de caminharmos pela floresta por mais cinco minutos, pude ver um campo diante de nós. Era um vasto espaço aberto, com nada além de plantações de milho e soja até onde a vista alcançava. Bem no meio do campo havia uma construção estranha que parecia um celeiro. Mas era diferente de todos os outros celeiros que eu já tinha visto: não era exatamente redondo, mas também não chegava a ser quadrado. A madeira das paredes era cinzenta e desgastada. Parecia que jamais recebera uma demão de tinta.

— É isso? — perguntei.

Ela assentiu.

— O que é este lugar?

— Um celeiro octogonal. Um dos poucos que sobraram em Iowa. É muito velho e muito legal.

Tudo bem, ela tinha explicado o formato.

— O que tem de tão legal nisso?

— Vou mostrar para você. — Ela pegou a minha mão. A pegada de Astrid era firme, embora seus dedos causassem uma sensação delicada quando entrelaçados com os meus. Torci para que minhas palmas não estivessem grossas e úmidas. Começamos a correr juntos pelo campo rumo ao celeiro. Eu mal conseguia acompanhar os passos dela, mesmo com a mochila gigante e todo o resto. Eu me sentia empolgado por estarmos de mãos dadas, então levei um minuto para me dar conta de que, se não acelerasse o passo, tomaria o maior tombo, o que seria constrangedor. Imaginei o que Eric pensaria se nos visse, mas logo afastei essa ideia da minha cabeça.

Ela parou de correr quando estava diante do celeiro. Estava quente para o mês de outubro. Eu estava um pouco suado, e o ar tinha um leve aroma de canela, um cheiro que eu normalmente associava à primavera. Acho que minha mãe tinha comentado que esse odor vinha de uma planta nativa daquela região. As portas eram imensas pranchas de madeira com tábuas em forma de X sobre elas. Um trinco prendia tudo aquilo, mas Astrid simplesmente se aproximou e o abriu. O lugar não estava trancado. Ela arrastou as portas e eu pude ver os raios de sol no piso de madeira nodosa. O celeiro era praticamente um salão que cheirava a serragem, com uma escada bamba que levava a um mezanino empoleirado um pouco abaixo do teto extremamente alto.

— Você não tem medo de altura, não é? — Astrid me perguntou, enquanto me conduzia lá para cima.

Eu não tinha, mas a escada era bem estreita e rangia à medida que subíamos, e o chão do mezanino não parecia ser muito firme. Tentei não pensar na possibilidade de a madeira ruir, nos atirando lá embaixo. Em geral, eu não tiraria esse pensamento da cabeça, mas naquele dia eu sabia que nada daquilo iria acontecer. Havia algo no que estava rolando que parecia tão perfeito que eu quase tinha certeza de que nada poderia estragar aquilo.

Astrid largou a mochila no chão e a abriu. Achei que estivesse lotada de livros, já que parecia tão pesada, mas ela tirou lá de dentro uma manta de retalhos e a estendeu no chão. Ela pediu para que eu me sentasse.

— É mais confortável do que sentar direto no chão.

— Fala sério! — Eu estava impressionado com a forma como ela havia se preparado. Astrid realmente tinha perdido um tempo planejando aquilo. — Ninguém nunca usa este lugar?

— Acho que às vezes as pessoas alugam para festas, mas ninguém

usa mais este espaço como celeiro. E isso é meio triste. Quando eu era criança, umas pessoas que meu pai conhecia viviam na casa da fazenda no fim dessa estrada e nós íamos sempre lá brincar com os animais. Eu e meu pai vínhamos até aqui para olhar os campos pela janela. Agora eu venho aqui quando preciso ficar sozinha, o que tem acontecido bastante nos últimos tempos. — Ela apontou e eu pude ver como ficar ali sentado olhando a vastidão era tranquilizante, em especial se você estivesse ali com alguém de quem gostava, o que era exatamente o caso. — Chegamos até a entalhar nossos nomes na parede. Está vendo? Ainda está aqui.

Ela apontou. *Alison e Richard estiveram aqui.*

— Alison? — perguntei.

Ela assentiu.

— Esse é um dos motivos pelos quais eu trouxe você aqui. Eu queria explicar.

Eu estava feliz por não ter de perguntar.

— Alison é o meu verdadeiro nome — ela começou. — Ou costumava ser. Meu pai morreu no último inverno, no meio do segundo ano.

— Sinto muito — eu disse, apesar de me sentir inadequado. Pensei na música do Elvis Costello da playlist. Não dei muita bola para o que ela deveria estar fazendo ali, mas naquele momento me perguntei se Hayden já não sabia de toda aquela história.

— Obrigada — disse ela. — Sei que você, mais do que qualquer outra pessoa, sabe que não existe muita coisa que se possa dizer nesses casos. Só queria que você entendesse. Ele morreu de repente, em um acidente de carro, e tudo mudou. Eu me senti mais sozinha do que nunca, e, apesar de ter muitos amigos e um namorado, fiquei louca com a situação, nada mais importava. Todas essas pessoas pareciam estranhas para mim. Eu sabia que jamais seria a mesma garota novamente e parecia muito importante que todos entendessem isso também. Por isso comecei a chamar a mim mesma de Astrid, mudei o cabelo, comecei a me vestir e a agir como sempre quis e a andar com a galera com quem eu sempre estive a fim de andar porque me dei conta de que tudo que fazia até aquele ponto não passava de uma grande besteira. Meus amigos antigos meio que surtaram, especialmente quando larguei a equipe de animadoras de torcida.

— Espera aí... Você era animadora de torcida? — Eu não conseguia nem mesmo imaginar aquilo. Eu a observei mais de perto, tentando imaginá-la com o cabelo de uma cor diferente enquanto usava uma daquelas roupas ridículas, tipo saias curtas e tênis acompanhados por meias com pompons, e de repente percebi que eu já a vira pela escola antes de ela mudar, cercada por todos os seus velhos amigos.

— Certo. Agora eu me lembro de você.

— Que pena — disse ela, e soltou uma risada. — Eu meio que estava curtindo o fato de você parecer ser a última pessoa que se recordaria de alguma dessas coisas. É, eu era animadora de torcida e andava com aquela galera, até que, como dizem por aí, a merda foi jogada no ventilador. Mas não vamos falar disso agora. Vamos almoçar e evitar assuntos que nos deixem tristes. Temos todo o tempo do mundo para isso.

— Parece bom — eu disse, e realmente concordava com ela. Gostava da ideia de Astrid dar a entender que teríamos mais conversas, que algum dia seríamos capazes de conversar sobre tudo. E isso me fez sentir melhor por não fazer todas as perguntas que eu queria, apesar de ficar cada vez mais curioso sobre o relacionamento dela com Hayden. Será que ele sabia o nome verdadeiro dela?

Porém, naquele momento eu estava feliz em me concentrar na comida que ela tirava da mochila. Sanduíches embrulhados em filme plástico, maçãs, uma imensa barra de chocolate e uma garrafa d'água. Ela realmente havia planejado tudo, e essa constatação me deixou ao mesmo tempo nervoso e feliz. Tanto que fiquei preocupado se conseguiria comer, mas, assim que abri um sanduíche de peito de peru e abacate, soube que tudo correria bem.

— Vai com calma aí, amigo — ela disse. — Temos o dia todo. Aqui, beba um pouco. — Ela abriu a garrafa d'água e a passou para mim. Desconfiei de que estávamos compartilhando a garrafa, o que parecia ser muita intimidade, de um jeito bom.

— Não acredito que você fez tudo isso. — Não incluí o “para mim”, mas na verdade era isso o que eu queria dizer.

— Já faz um tempo que eu queria conhecer você — ela disse, parecendo quase tímida, o que não parecia ser nada a cara dela. — Eu queria que a gente tivesse uma tarde memorável, longe da escola e de tudo que deixa as coisas complicadas.

Eu sabia exatamente o que ela queria dizer, apesar de ficar triste ao pensar na maneira como as coisas se tornaram complicadas para ela. Pelo jeito como Astrid falou, pude perceber que havia mais coisas complicadas do que aquelas que ela acabara de me contar, mas não era hora de fazer perguntas.

— Está sendo definitivamente memorável. — Eu queria ter pensado em palavras melhores para expressar o que sentia, mas tê-la por perto me deixava nervoso de um jeito bom. Eu sentia como se estivesse muito consciente de cada coisinha sobre mim mesmo e também sobre ela: o jeito como suas mechas de criatura do mar combinavam de alguma maneira com a camiseta dos Celtics que eu vestia, como se houvéssemos planejado juntos nossas roupas, a forma como a luz do sol entrava pela janela e iluminava o chão onde nós dois estávamos recostados sobre nossas próprias mãos, fazendo o esmalte dela brilhar

e fazendo os pelos do meu braço se tornarem quase loiros. Eu podia ouvir uma música tocando no fundo da minha mente.

Passamos a tarde desfrutando do piquenique que ela havia preparado. Conversamos muito sobre nossas famílias. Astrid era filha única e sentiu inveja de mim por eu ter uma irmã; nada do que lhe contei sobre beliscões, fofocas e sobre Rachel me fazendo de cobaia para as suas maquiagens a fez mudar de ideia.

— Qual é? Você acabou de me contar que ela te apresentou todas as músicas que você ama e você ainda está com raiva por causa de um pouquinho de batom?

— Você nunca vai contar isso para ninguém! — implorei. — Esse é o tipo de coisa que as meninas costumam fazer com as mães, mas a nossa tem de trabalhar o tempo todo. — Contei para Astrid que o meu pai era um inútil, mas não entrei em muitos detalhes. Não queria que ela pensasse novamente no pai dela.

— É, eu fazia essas coisas de menina com a minha mãe — ela disse. — É engraçado. A gente se dava muito bem quando o meu pai era vivo, mas agora que ele foi embora tudo está completamente diferente. Ela não era obcecada por mudar de visual o tempo todo e agora está pensando em conhecer gente nova, o que está me deixando surtada. Quero dizer, ela está agindo como se fôssemos amigas e não como se ela fosse minha mãe, entende? Não quero sair com ela para comprar roupas de balada.

— Entendi — emendei. — Mas você não acha que agir assim é melhor do que ela pensar que vai ficar sozinha pelo resto da vida? Minha mãe já está divorciada há oito anos e não me lembro de ela ter tido um único encontro. Ela simplesmente fica tão estressada por ter de trabalhar o tempo todo que eu acho que esse tipo de coisa nem deve fazer diferença, e mesmo assim é triste. E a sua mãe ficou casada por mais tempo que a minha e nada deu errado. Talvez ela só queira lembrar de como é estar ao lado de alguém a quem ela ame.

— Você é uma pessoa muito melhor do que eu — disse Astrid. — Hayden sempre falou isso. — Ela parou e franziu a testa. — Espera aí, prometemos que não falaríamos sobre coisas tristes e aqui estamos nós, conversando sobre meus problemas com a minha mãe, e agora estou trazendo o Hayden para o assunto. Desculpe.

— Não precisa se desculpar — eu disse. De qualquer maneira, eu não queria puxar aquele assunto novamente, e ficamos em silêncio por um momento. Eu estava adorando fazer aquele piquenique ao lado de Astrid, em um lugar que era especial para ela, e então houve um instante em que finalmente comemos o último pedaço de chocolate e compartilhamos o resto da água quando o rosto dela estava tão perto do meu que eu mal teria de me mover para beijá-la. E talvez ela pensasse a mesma coisa, e talvez quisesse também. Mas outro assunto

sobre o qual não falamos era o lance dela com Eric. Eu não sabia se ele era o namorado por quem ela dizia ser louca ou se era o próximo da lista, mas, de qualquer forma, eu não queria ser alguém que dava em cima da garota dos outros. Se Astrid e eu ficaríamos juntos, teria de ser do jeito certo, o que significava que ela terminaria com ele. Mas eu estava muito nervoso para perguntar isso a ela, e não se tratava apenas da ansiedade que eu sempre sentia quando Astrid estava por perto. Eu tinha medo do que ela poderia dizer.

Ficamos no celeiro até os raios de sol se afastarem da janela. Ainda não estava perto do anoitecer, mas o sol se movia depressa e o céu começava a ser preenchido por tons de cor-de-rosa e laranja.

— É melhor voltar — disse Astrid, embora tenha levado algum tempo para que fôssemos capazes de nos levantar.

Eu não queria que aquele dia terminasse.

Mas acabamos limpando os restos do nosso piquenique e dobrando a colcha juntos para que coubesse na mochila. Eu quase sentia como se estivéssemos brincando de casinha.

— Posso levar a mochila para você? — eu me ofereci, tentando ser, sei lá, cavalheiro ou alguma coisa do tipo.

Ela soltou uma gargalhada, aquela gargalhada incrível de Astrid.

— Pode deixar. Concentre-se apenas em manter o equilíbrio na floresta.

Ela tinha razão. Com o sol que começava a se pôr, enxergar a trilha começava a ficar mais difícil, então me foquei em não tomar um tombo. Eu tentava pensar em uma maneira de perguntar a ela sobre Eric, mas não queria estragar as coisas.

— Por que você está tão calado? — ela perguntou, enquanto contornávamos algumas árvores. Pinheiros, talvez, a julgar pelo cheiro. E pelas folhas.

Eu não queria contar a Astrid o que realmente passava pela minha cabeça, então tive de pensar rápido.

— A mãe do Hayden me deu um monte de coisas dele nesse fim de semana. Ela me deu até o computador dele, mas não consigo acessá-lo porque não sei a senha. — Eu me sentia culpado por usar Hayden como um escudo para evitar tocar no nome de Eric, mas o computador também não saía da minha cabeça, junto com um milhão de outras coisas, assim minhas palavras não deixavam de ser verdade.

Astrid se virou e estreitou os olhos em minha direção.

— Você acha que o fato de eu querer dar uma olhada no computador dele é mórbido ou sinistro? — perguntei, apesar de me preocupar com a possibilidade de aquilo ser verdade.

— Não, nem um pouco. Ela deu o computador para você, então ela quer que você o use. Você está curioso com o que pode encontrar lá dentro, certo?

— É claro. — Finalmente saímos da floresta e os dois últimos ônibus que seguiam para os lados leste e oeste da cidade estavam enfileirados diante da escola.

— Esse é o meu. — Apontei para o ônibus que ia para o oeste.

— O meu é o que vai para o leste — ela informou. Bem, aquilo respondia a uma das minhas perguntas. Eu havia passado o dia com uma animadora de torcida do lado rico da cidade. Jamais havia imaginado que uma coisa dessas poderia acontecer comigo.

— Então acho que nos vemos depois — eu disse. — Obrigada pelo piquenique.

— De nada — ela respondeu, e depois fez uma pausa. — Ei, Sam?

— O quê?

— Aquela senha? Tente “Atena” — disse Astrid, e em seguida entrou no ônibus.

USUÁRIO: HAYDENSTEVENS
 SENHA: ATENA

E EU ENTREI. Simples assim. Não tão simples, na verdade. Eu tinha um milhão de perguntas. Quem, ou o que, era Atena? Por que ela era tão importante para ser a senha de Hayden? E como Astrid sabia? Sem contar a pergunta ainda sem solução sobre o que de fato acontecera com Jason e Trevor. Meu cérebro borbulhava com tanta confusão. Tudo aquilo era demais. Eu tinha de manter o foco em uma coisa de cada vez, e, naquele momento, minha atenção estava no computador de Hayden.

Sempre fui meio bisbilhoteiro. Eu sempre encontrava o esconderijo dos meus presentes de Chanucá até fazer dez anos, quando a minha mãe sentou comigo e disse:

— Você sabe que só está estragando as coisas para si mesmo, não é?

Pois é, eu estava começando a entender que a surpresa do presente também era parte da diversão, às vezes sendo até mais legal que o presente em si. Porém, mesmo depois que parei de procurar pelos presentes de Chanucá, não parei de revirar as coisas de Rachel em busca de um diário. (Sem nenhum sucesso. Ela não era do tipo que gostava de escrever e, mesmo que fosse, deve ter escondido aquele troço muito bem.) Chegava até a investigar os armários da cozinha tentando achar o estoque de Oreos da minha mãe (ela achava que, se os escondesse, não teria de dividi-los, mas estava redondamente enganada). E eu me considerava o rei da perseguição na internet. As poucas vezes que Hayden ou eu encontramos uma garota de que gostávamos, eu praticamente reunia um dossiê sobre ela, apesar de nenhum de nós dois ter coragem de utilizá-lo. Pelo menos até onde eu sabia.

Isso significava que o processo de investigar o computador de Hayden deveria ser uma das coisas mais empolgantes que eu poderia imaginar. A combinação de satisfazer a minha curiosidade inata sobre a vida alheia e a possibilidade de descobrir de uma vez por todas o que levou Hayden a fazer aquela coisa, mesmo que isso significasse confirmar a minha própria culpa... podia ser viciante, não é mesmo?

Ainda assim, fiquei sentado encarando a área de trabalho de Hayden pelo que pareceram ser horas. Eu não sabia o que fazer primeiro. Ler os e-mails? Os arquivos? Dar uma olhada nas músicas? Todas as opções pareciam erradas e não apenas erradas por soarem

estranhas, mas erradas como se fossem coisas que uma pessoa ruim faria. Como muitos bisbilhoteiros, eu era uma pessoa reservada, e a ideia de alguém revirar o meu computador, mesmo depois que eu morresse, era apavorante. Parecia que todo mundo hoje em dia deixava tudo exposto, exceto eu. Eu gostava de ver o que os outros faziam sem me revelar durante o processo. E, até onde eu sabia, Hayden geralmente agia da mesma forma. Olhar as coisas dele soava como uma imensa violação.

Sem contar que o Arquimago_Ged poderia aparentemente surgir a qualquer momento, no computador ou na vida real, e, se ele era mesmo Hayden, poderia ficar fudo da vida. Talvez ele estivesse até mesmo me observando naquele exato minuto, por mais louco que aquilo pudesse parecer. E, se havia qualquer chance de o Arquimago_Ged estar de alguma maneira envolvido no que aconteceu com Jason e Trevor... se ele poderia ter feito todas aquelas coisas horríveis acontecerem com eles, o que ele faria comigo?

Entretanto, lembrei a mim mesmo que tecnicamente aquele computador passara a me pertencer. Se alguém podia olhar as coisas de Hayden sem julgamentos, essa pessoa era eu. Na verdade, eu só tinha três opções: 1) apagar o HD e utilizar o computador do zero; 2) deixar as coisas de Hayden onde elas estavam e começar a usar o computador sem olhá-las; ou 3) fuçar tudo. Havia ainda alguma dúvida sobre o que eu faria?

Tentei ser o mais metódico possível. Seria fácil se aquele fosse o meu computador. Eu era o maior bagunceiro na vida real, mas com o computador eu era superorganizado; tudo era colocado em pastas com nomes que descreviam os conteúdos com exatidão. Hayden, porém, era o oposto. Ele era extremamente organizado com as coisas dele, mas seu computador era um caos. Ele parecia salvar tudo no desktop, que era cheio de arquivos cujos nomes não faziam o menor sentido ou estavam escritos da forma errada. Com ou sem dislexia, aquele era o computador de alguém que não ligava a mínima para organização. Pensei que ele deveria achar que ninguém jamais veria aquilo.

Deve haver uma palavra que descreva o tipo de coisa que reativa a culpa, o detonador que fez minha pele formigar e as orelhas ficarem vermelhas, que fez minha cabeça cair involuntariamente para o lado, que fez meu pulso se acelerar de tanta ansiedade e depois se acalmar quando percebi que nada realmente havia acontecido. Então talvez alguém pudesse criar uma droga para combater essa sensação. É claro que já deveria existir alguma, mas, naquele momento, eu teria de me controlar sem a ajuda dela.

Decidi examinar primeiro os documentos. Reorganizei o desktop de maneira que os arquivos ao menos ficassem em ordem alfabética e comecei a ler. Entretanto, tudo que encontrei foram os trabalhos

escolares antigos de Hayden e as correções digitadas dos professores que ele tinha guardado. Os artigos eram ininteligíveis. Ele tentava escrever sobre filmes ou músicas de que gostava, mas, por exemplo, vê-lo tentar explicar a cena da chuva de sapos de *Magnólia* era doloroso. Pelo fato de conhecê-lo, eu podia perceber que ele tentava tirar ideias realmente complicadas de sua cabeça e passá-las para os professores, porém as respostas deles mostravam que não conseguiam captar nada disso. *O número de erros gramaticais é inaceitável para composições deste nível*, eles escreviam. Vi cada um dos rascunhos de cada trabalho — ele salvara todos eles — nos quais tentava consertar todos os problemas que conseguia identificar. Mesmo assim, sua escrita não se tornava mais clara. *Não importa quão boas sejam suas ideias se você não consegue passá-las para os seus leitores*.

É claro que a intenção deles não era serem cruéis, mas eu podia imaginar como Hayden se sentia. Lendo os comentários, pensei quão perto ele estava de ser jubilado da escola, se é que ainda faziam isso. Eu me ofereci para ajudá-lo um milhão de vezes, mas ele sempre recusava. Eu sabia que Hayden não queria que eu visse o resultado do que ele fazia sozinho. Ele era uma das pessoas mais orgulhosas que já conheci, e olha só para onde isso o levou. Baseado no que eu via, a universidade estava fora de cogitação. Por que os pais dele não o levaram a um especialista? Eles se esforçavam tanto para que ninguém descobrisse que seus filhos estavam longe de serem perfeitos, então era bem capaz que eles esperassem que Hayden resolvesse esse problema sozinho.

Em seguida, verifiquei os e-mails. Eu esperava que aquilo fosse uma mina de ouro. Passei por todas as mensagens procurando pelo nome “Atena”, mas não encontrei nada. Tive mais confirmações de que aquela coisa da escola se tornava um problema. Aparentemente, ele se recusava a discutir a questão com os pais, então eles começaram a lhe mandar e-mails cada vez mais duros para lhe informar que precisava melhorar suas notas. *Não pense que iremos continuar sustentando você se não for para a universidade*, seu pai havia escrito. *Se não virmos alguma melhora, você nunca vai chegar a lugar nenhum e será expulso. Que tipo de emprego você acha que vai conseguir com notas como essas?* Babacas.

O que fazer depois? Entrei na conta do Gchat de Hayden e comecei a conferir o histórico de mensagens. O cursor abriu uma janela: *Hayden-Stevens*. No entanto, quando cliquei na lista de pessoas que conversavam com ele, o único ali era eu. Tentei me desconectar e entrar novamente como Arquimago_Ged, mas, apesar de o Google acusar que aquele usuário de fato existia, a conta dele tinha uma senha diferente, e, depois de algumas tentativas pouco entusiasmadas, desisti de tentar descobrir quem era a pessoa por trás daquela identidade.

E então eu não sabia mais o que fazer. Começava a pensar que o computador de Hayden não me diria nada além de que seu relacionamento com os pais estava tão ruim quanto eu pensava e que a escola ia pior ainda. O que não era exatamente uma surpresa. Devia haver mais alguma coisa. O que eu estava deixando escapar?

E então algo me ocorreu. As pistas que ele tinha me deixado vinham da playlist. Ele reunira aquelas músicas para me dizer alguma coisa. Talvez as respostas estivessem na biblioteca do iTunes.

A coleção de músicas de Hayden era mais bem organizada do que qualquer outra coisa em seu laptop, apesar de termos de agradecer à Apple por isso. Pude ver todas as bandas das quais eu gostava e um monte de outras pelas quais eu não era especialmente fanático — Hayden tinha uma queda por heavy metal e bandas dos anos oitenta cujos membros tinham aqueles cabelos horrorosos, então tinha um monte de coisa antiga do AC/DC e do Poison de antes de o Bret Michaels começar a usar apliques, ter um ônibus de turnê e um bando de tietes com peitos falsos para aparecer na TV ao lado dele.

Mas também havia uma categoria chamada “Garotas Raivosas/Tristes” que estava repleta de músicas que definitivamente jamais ouvimos juntos e de que eu nem sabia que ele gostava. Paramore, Evanescence, Skylar Grey — então foi dali que ela saiu! —, Aimee Mann, até mesmo Alanis Morissette. Assistimos a um clipe em que ela andava nua e debatemos os múltiplos significados da palavra “irônico” e se isso tornava as músicas dela falsas, mas foi o mais longe que ousamos ir.

Não, aquela lista só podia ter saído de algum outro lugar. De outra pessoa.

Dei uma olhada nas playlists, clicando em algumas ao acaso para ver se me davam alguma informação. Por fim, encontrei uma chamada mixp/a&eu. Eu não sabia o que isso queria dizer, mas tinha algumas músicas das Garotas Raivosas/Tristes, então parecia valer a pena ouvir.

Cliquei na playlist e aumentei o volume, ouvindo as músicas apenas por algum tempo. Era um mix bem animado, apesar da origem de algumas daquelas canções. O tom geral era definitivamente alegre. Aquilo nada tinha a ver com Hayden. Além das músicas da lista das Garotas Raivosas/Tristes, havia faixas do MGMT, do Passion Pit e do Metric. Ele jamais reuniria tudo aquilo sozinho, eu tinha certeza absoluta. Aquele era o tipo de música que deixava até mesmo alguém como eu com vontade de mexer o corpo, e olha que eu odiava dançar. Aquela era a seleção de alguém muito, muito feliz.

Tentei checar a data em que ele havia criado a lista, mas parecia não ser possível descobrir. Tudo o que consegui ver foi o último dia em que ele a tocou, que era o dia da festa. Como tanta coisa poderia

mudar em uma única noite? Claro que a festa havia sido péssima, mas ela teria sido assim tão terrível para contrastar com a alegria que o levou a criar aquela seleção? Eu pensava que entendia a forma como aquela festa tinha sido a gota d'água para Hayden, mas isso era antes de eu saber que existia aquele tipo de contrapeso.

O que significava que o que quer que tivesse acontecido no segundo andar daquela festa havia sido ainda pior do que eu imaginara na época.

Eu tinha de descobrir o significado do nome daquela seleção. Passei um longo tempo observando aquele nome, repetindo-o em voz alta até que de repente a ficha caiu. Mixp/a&eu. Mix para A e eu. E se o A fosse de Atena? E se Atena fosse uma *pessoa*? Mas quem?

Olhei novamente para a janela do Gchat, quase desejando que o Arquimago retornasse. Eu ia fingir que acreditava que ele era mesmo Hayden e faria algumas perguntas mais difíceis. Soltei um bocejo e me espreguicei, me dando conta de que finalmente gastara toda a energia da tarde ao lado de Astrid, e olhei para o relógio. Já passava da meia-noite. Tinha acontecido de novo. Eu nem havia reparado que escurecera, sem contar que acabei me esquecendo de jantar.

Eu estava prestes a desligar o laptop de Hayden para guardá-lo e ir para a cama quando ouvi o bipe da janela do Gchat do meu próprio computador.

Hora de jogar Mage Warfare, estava escrito.

O Arquimago_Ged estava de volta.

TENTEI DIGITAR.

Hayden, é você? O que está rolando?

Mas o Arquimago_Ged já tinha ido embora. Ele era tão irritantemente misterioso que eu começava a acreditar que era mesmo o fantasma de Hayden. Olhei ao redor em busca de algum tipo de sinal de que aquilo havia de fato acontecido, de que eu estava realmente acordado. A estatueta do mago continuava no mais absoluto silêncio na prateleira, como sempre, me encarando. Senti uma lufada de ar frio e vi que os pelos dos meus braços estavam arrepiados mais uma vez. Eu tinha mesmo alguma escolha?

Talvez fosse uma boa ideia jogar um pouco de *Mage Warfare*. Seria mesmo útil matar alguns outros personagens.

Cliquei no ícone.

Joguei no meu computador durante algum tempo usando o meu próprio usuário e senha, e, embora houvesse algo que me satisfizesse em sair detonando todo mundo pelo mapa, no fim das contas eu não via o menor sentido em fazer aquilo. Por que o Arquimago_Ged havia me mandado jogar? E então, quando eu estava começando a ficar realmente irritado, a janela do chat do jogo piscou.

Não aqui.

Ouvi novamente a música de abertura do jogo e olhei para o computador de Hayden. De alguma forma, a música vinha de lá, apesar de eu ter desligado o MacBook. Aquilo era impossível, porém não menos impossível que todas as outras coisas que andavam acontecendo. Abri o laptop, sem ficar nem um pouco surpreso ao descobrir que ele já estava ligado e que o *Mage Warfare* já estava carregado e logado com o personagem de Hayden.

Tudo bem, Arquimago_Ged, entendi a mensagem.

Joguei como Hayden durante um tempo só para ver o que iria acontecer. Vaguei pelas florestas do jogo até encontrar um castelo que eu geralmente ignorava, pois a missão que ele continha consistia em entrar e salvar um bando de servos para o qual nunca dei a mínima. Só que daquela vez eu era o Arquimago_Ged, e o meu trabalho era fazer coisas como aquela. Era estranho fingir ser ele, e mais estranho ainda era fingir ser ele fingindo ser outra pessoa, em especial pelo fato de me sentir obrigado a honrar a estratégia de jogo de Hayden e lutar

pelo bem, em vez de simplesmente semear a discórdia, como meu personagem tendia a fazer.

Mas aquilo não estava me levando a lugar algum, e eu lutava para manter os olhos abertos. Qual era o sentido de tudo aquilo? Por que o Arquimago_Ged não deixava que eu fosse dormir?

Eu quase podia sentir o Arquimago ficando de saco cheio da minha lerdeza. É claro que havia alguma razão para ele me convencer, daquele jeito tão pouco sutil, a jogar o jogo de Hayden como Hayden faria, no computador de Hayden. Eu só podia estar deixando passar alguma coisa muito básica.

Felizmente, antes que o Arquimago_Ged fizesse me sentir ainda mais idiota do que eu já me considerava, a ficha caiu. Cliquei no chat do jogo e esperei. Eu não tinha muita certeza do que veria. Talvez o Arquimago_Ged me informasse que fiz a coisa certa, ou me daria alguma dica sobre o que procurar. Porém cinco minutos se passaram, depois dez, e olhei para o relógio novamente só para ver que já eram quase três da manhã. Não conseguia acreditar que a noite tinha voado daquele jeito, entretanto o meu cansaço havia desaparecido e eu estava ligado. Dormir não fazia mais o menor sentido. Cliquei no histórico das conversas. Havia horas e horas de papos entre mim e ele e um monte de outras conversas com pessoas aleatórias que a gente encontrava pelo jogo. Hayden era infalivelmente educado com todo mundo, enquanto eu tendia a disputar quem berrava mais com todos os estranhos com que topava. Então, além de todos os históricos de conversas que eu esperava ver, havia vários outros arquivos de conversas com outra pessoa.

Alguém chamado Atena.

Então Hayden tinha outro amigo no jogo, uma pessoa sobre a qual eu nunca ouvira falar, alguém importante o suficiente para que ele usasse o nome “Atena” como senha do seu computador. Eu mal podia esperar para descobrir mais.

Decidi ir até o início. A coisa tinha começado no último verão.

Arquimago_Ged: Que adorável conhecer uma donzela tão formosa.

Atena: Digo o mesmo sobre vós, meu bom senhor.

Nojento, mas nada que me chocasse. Hayden tinha aquela mania de galantear as personagens do sexo feminino como se fosse um cavaleiro medieval, como se o jogo fosse uma extensão de uma lenda arturiana e não uma desculpa muito mal disfarçada para a violência. Aquele era o único lugar onde ele corria o risco de realmente falar com garotas. Na maior parte do tempo eu zoava Hayden — tinha um montão de caras que criavam personagens femininos de aparência frágil para

enganar inocentes como ele, que costumavam baixar a guarda, tornando mais fácil para eles roubar suas armas e espancá-los das formas mais humilhantes. Se Trevor jogasse, provavelmente faria esse tipo de coisa. Minha reação inicial foi achar que Hayden estava sendo passado para trás.

Arquimago_Ged: Vi que acumulastes muito ouro. Sereis tão habilidosa quanto bela?

Atena: Não creio que vós escolhestes o adjetivo correto. Embora eu seja apenas uma mulher, estudo a arte de manejar a espada desde menina. Toda peça de ouro que possuo foi conquistada por meio de árduas batalhas. Afinal, Atena é a deusa da guerra.

Arquimago_Ged: Perdoai-me, milady, por fazer tão injusta suposição. Posso ver que possuíis notável habilidade.

Esse pequeno passo em falso o fez desvendar o mistério. Pelo menos uma vez na vida os galanteios de cavaleiro medieval de Hayden foram recompensados. E, enquanto a história da personagem justificava sua habilidade com a espada, também indicava que ela deveria mesmo ser uma garota: ela gastou grande parte do ouro que acumulou em joias e armaduras que mais pareciam vestidos. E ela definitivamente estava interpretando o papel da bela donzela naquelas primeiras conversas com Hayden. Aquilo até me fez rir um pouco, mas era óbvio que eles achavam superfofo. Os dois prosseguiram por horas com aquele papo, e eu jamais vira Hayden dar tanto em cima de alguém. Quem quer que fosse aquela garota, ela realmente parecia gostar dele. Eu ainda não sabia qual era o papel daquela tal de Atena na decisão de Hayden, mas estava começando a suspeitar de que devia ser bem significativo.

Continuei a ler. Por fim, eles deixaram de lado aquele vocabulário de Lancelot e Ginebra e começaram a falar como pessoas normais depois da primeira sessão de bate-papo.

Arquimago_Ged: Adorei conversar com você ontem, mas lembrar de todas as conjugações do “vós” me deu dor de cabeça. Tudo bem se eu for eu mesmo hoje?

Atena: Está mais do que tudo bem. Eu estava começando a ficar preocupada com a possibilidade de ter de descolar algum dicionário de termos arcaicos. Mas você fez um excelente trabalho.

Arquimago_Ged: Obrigado! Geralmente não sou uma pessoa de muitas palavras. Foi engraçado pensar na nossa conversa como um tipo de quebra-cabeça.

Atena: Entendo o que você quer dizer. Eu continuaria a escrever daquele jeito só para continuar a conversar com você.

Mas é melhor assim.

No início, eles continuaram com aquele mesmo tipo de papo, de bajulação mútua, ambos querendo deixar claro que havia alguma coisa ali sem ter de se declarar de forma aberta. Porém, logo esse estilo de conversa ficou para trás, e depois de mais ou menos uma semana o papo deles começou a assumir um tom mais real.

Arquimago_Ged: Às vezes eu me preocupo com a possibilidade de me sentir para sempre sozinho como me sinto hoje em dia.

Atena: Eu também. Mas eu me sinto menos sozinha por saber que você se sente da mesma forma.

Aquela porra era tão triste. Eu não sabia que Hayden pensava assim. A gente andava junto há tanto tempo que eu sentia que seria uma traição admitir para ele o quanto eu era solitário, mesmo o tendo como amigo, e acabou que Hayden se sentia do mesmo jeito, o tempo todo. Aquilo me fez pensar que eu poderia ter sido útil; bastava falar como me sentia. Mesmo enquanto descobria que havia outros motivos que podiam ter contribuído para que Hayden tomasse sua decisão, aquilo parecia ser ainda mais minha culpa.

Ainda assim, eu tinha de saber de toda a história. Segui em frente e continuei a ler as transcrições das conversas do chat.

Arquimago_Ged: É tão estranho que a gente nunca tenha se visto e mesmo assim eu sinto que realmente conheço você.

Atena: Você me conhece. Você me conhece melhor do que qualquer outra pessoa.

Arquimago_Ged: Você acha isso mesmo? Você acha que é possível nos conhecermos tão bem quanto acreditamos, mesmo sem a gente nem saber o nome verdadeiro um do outro?

Atena: Se eu te contar um segredo, você promete que não vai rir de mim?

Arquimago_Ged: Eu nunca faria isso. Se você realmente me conhece, sabe muito bem disso.

Atena: Eu disse para a minha amiga que estou namorando.

Houve uma pausa na transcrição. Eu podia imaginar com toda a clareza Hayden sentado no quarto dele, completamente surtado, sem saber o que dizer. Por fim, ele escreveu:

Arquimago_Ged: Não quero parecer idiota, mas o namorado em questão sou eu?

Atena: Rs. É claro que é. Você surtou, por acaso?

Arquimago_Ged: Não. É que isso me fez ganhar o dia. O mês. O ano. Você falou sério?

Atena: Nunca falei tão sério na minha vida.

O que significava que, quando as aulas começaram, Hayden já tinha sua primeira namorada.

E ele não me contou nada.

Eu não sabia o que pensar. Por instinto, minha primeira reação foi me sentir ofendido. Éramos melhores amigos, e, embora ele tendesse a se sentir tímido para revelar suas coisas pessoais — Hayden sempre parecia fazer mistério, mas, na verdade, eu sabia que muito desse comportamento era ocasionado pela timidez —, eu tinha dificuldade em imaginar como ele conseguiu esconder algo tão importante de mim.

Porém, de alguma forma, eu conseguia entender os motivos dele. Porque tudo em que eu conseguia pensar era na possibilidade daquela tal de Atena não ser quem ela realmente dizia ser. O tom na transcrição parecia ser verdadeiro, e ela estava se abrindo e sendo honesta com Hayden, tanto que eu sentia até mesmo um pouco de vergonha ao ler aquelas coisas, como se estivesse escutando uma conversa particular atrás de uma porta. O que basicamente era o que eu estava fazendo. Mas eu não conseguia evitar a lembrança de todos os casos que eu já tinha visto na televisão em que um monte de gente usava a internet para humilhar as pessoas que acreditavam que haviam se apaixonado por elas. Eu não achava que Ryan e a galera dele entendessem o suficiente de informática para enganar Hayden no *Mage Warfare*, mas aquilo não significava que alguma outra pessoa inescrupulosa não pudesse passar a perna nele. Hayden me conhecia bem o suficiente para saber que eu pelo menos faria essa pergunta, e eu tinha certeza de que ele não estaria a fim de discutir esse assunto, e muito menos iria querer encontrar uma resposta se houvesse alguma chance de ele não gostar do que poderia vir a descobrir.

Eu estava ficando cansado novamente. Estava difícil manter os olhos abertos, e eu me peguei lendo e esquecendo de rolar a página, e assim lia a mesma coisa novamente. Mas estava muito tarde para ir para a cama; o sol logo estaria raiando, e, além do mais, eu tinha de saber toda a história.

Finalmente me levantei para ir ao banheiro e fui até o andar de baixo buscar uma Coca-Cola. Eu precisaria de cafeína se queria mesmo continuar com aquilo até o amanhecer. Tudo estava silencioso como só uma casa vazia é capaz de estar. Minha mãe estava no trabalho e Rachel aproveitara a oportunidade para ficar com Jimmy, embora nossa mãe fosse capaz de matá-la se descobrisse. Cada um dos meus passos parecia ecoar nas paredes. As escadas antigas rangiam à

medida que eu subia, o que eu geralmente ignorava, mas naquela noite aquilo estava meio que me apavorando. Eu continuava a esperar que o Arquimago_Ged aparecesse em carne e osso novamente, o que eu sabia que era maluquice, mas não deixava de passar pela minha cabeça toda vez que eu ouvia um novo barulho.

Por fim, levei o laptop de Hayden para a minha cama e continuei a ler. A relação entre o Arquimago_Ged e Atena continuava a esquentar. Cheguei à parte onde eles conversavam sobre música, e eu estava certo sobre todas aquelas canções da playlist que foram indicação dela, como a que eu ouvia naquele exato momento, uma mistura estranha de otimismo e tristeza desesperada. Entretanto, as coisas mudaram quando Hayden decidiu que era hora de revelarem seus nomes verdadeiros. Apesar de Atena sempre ter se mostrado disponível para Hayden, ela começava a se fechar um pouco, e eu percebi que aquilo seria um verdadeiro ponto de virada para eles. Mas eu sabia aonde Hayden queria chegar. Ele queria saber se aquilo era de verdade. Ele queria mais que um relacionamento virtual.

Arquimago_Ged: Sei que é possível que você more a quilômetros de distância, tenha uns cem anos, seja um cara ou sei lá, mas pode me contar. Vou entender. Só quero saber se você é de verdade.

Atena: Não é isso.

Arquimago_Ged: Então melhor ainda.

Atena: Não necessariamente.

Arquimago_Ged: Não entendo. Sempre falamos que conhecíamos um ao outro melhor do que qualquer outra pessoa. Eu me sentia tão próximo de você, mas preciso saber se isto é real.

Atena: É mais complicado do que você imagina.

Arquimago_Ged: Vou descomplicar as coisas. Oi, meu nome é Hayden Stevens. Tenho dezesseis anos. Estou no segundo ano da Libertyville High em Iowa. Viu? Não é tão difícil. Agora você sabe quem eu sou. Mas, se não me falar quem você é, está tudo acabado.

Houve um intervalo nas marcações de tempo da transcrição da conversa. Atena estava claramente pensando no assunto.

Atena: Está certo. Mas eu quero fazer isso pessoalmente.

Arquimago_Ged: Sério? Como?

Atena: Todas essas coisas que você me contou... Eu já sabia.

Arquimago_Ged: Como?

Atena: Também sou de Libertyville.

Houve outro intervalo na transcrição enquanto ele processava o que Atena tinha acabado de revelar. Aquela informação provavelmente fez Hayden surtar.

Arquimago_Ged: Então quer dizer que a gente não se conheceu no jogo por acaso.

De qualquer maneira, ele tinha entendido pelo menos uma coisa.

Atena: Tivemos uma certa ajuda. Vou explicar tudo quando nos encontrarmos.

Arquimago_Ged: Onde? Quando?

Eu podia ver que ele queria que a explicação dela fosse mesmo boa, que estivesse à altura da pessoa que Hayden acreditava que ela fosse.

Atena: Vai ter uma festa no próximo fim de semana na casa da Stephanie Carter. Podemos nos encontrar lá.

Arquimago_Ged: Se você realmente sabe quem eu sou, entenderá por que esse pode não ser o melhor lugar.

Atena: A ideia não foi minha. Aquela amiga sobre quem te contei... Ela acha que pode funcionar. Vai ter a maior galera lá. Ninguém vai prestar atenção na gente.

Arquimago_Ged: Por que não podemos ir a algum lugar só nós dois?

Atena: Porque eu estou com medo.

Arquimago_Ged: De mim? Eu prometo, não sou nada assustador.

Atena: Não sou tão boa assim com as pessoas. E tenho medo de que, quando você me conhecer, eu não seja a pessoa que você esperava. Quero muito conversar com você pessoalmente, mas não me sinto segura.

Ela realmente era muito consciente de si mesma; ela se conhecia bem o suficiente para saber que ser sincera com alguém dentro de casa, diante da tela de um computador, era muito diferente de ter de lidar com as pessoas na vida real.

Entretanto, ela me ajudou a unir uma das peças do quebra-cabeça: por que, em primeiro lugar, nós estávamos naquela festa.

Quem era Atena? Será que ela apareceu mesmo na festa? Como ela conseguiu encontrar Hayden no jogo?

Minha mente estava a todo vapor novamente. Eu não sabia por onde começar a procurar as respostas para todas as minhas perguntas. Finalmente desviei os olhos do computador e vi que o sol já estava nascendo. Era quase hora de ir para a escola. Eu realmente havia

passado a noite toda acordado. As perguntas teriam de esperar. Fechei os olhos. Com o computador ainda sobre o peito, comecei a ficar sonolento. Antes que eu caísse no sono, porém, mais uma pergunta surgiu em minha cabeça:

Como Astrid sabia sobre Atena?

— O QUE VOCÊ AINDA está fazendo em casa?

Abri os olhos para ver a luz do sol entrando pela janela, e o laptop ainda sobre o meu peito, embora ele já estivesse há muito tempo no modo de economia de energia. O alarme do meu iPhone tocou, mas aparentemente continuei dormindo. Ouvi uma música da playlist tocando ao fundo. Minha mãe estava parada na porta do meu quarto, fazendo uma careta para mim. Ela devia ter acabado de chegar do trabalho e ainda vestia um jaleco cor-de-rosa todo amarrotado com uma estampa de macaquinhos.

— Perdi a hora — eu disse, com a voz falhando. Ainda não estava totalmente acordado, o que não era nenhuma surpresa, já que deviam ser umas cinco da manhã quando caí no sono.

Ela suspirou.

— Vista-se depressa. Se eu te levar de carro, você chega antes da primeira aula.

Eu me senti mal. Ela parecia tão exausta quanto eu nos últimos dias. Escovei os dentes, passei uma dose extra de desodorante e troquei de roupa o mais rápido que consegui. Ao menos o olho roxo começava a desaparecer.

— Você ficou jogando *Mage Warfare* a noite inteira? — perguntou minha mãe, assim que entrei no carro. — Ou está acontecendo alguma coisa? Você estava pensando no Hayden?

Ela meio que descreveu toda a minha noite.

— Todas as opções acima — respondi, esfregando os olhos.

— Conte-me o que está acontecendo. — Minha mãe passou os dedos pelos cachos amarrotados de seu cabelo, e eu percebi que ela não teve tempo de escová-los antes de me levar para a escola. Eu me senti mal por impedi-la de ir para a cama. Eu sabia muito bem como era aquela sensação.

Olhei pela janela enquanto ela dirigia, observando as casas detonadas de nosso bairro que davam lugar aos prédios do centro da cidade à medida que a gente se aproximava da escola. As folhas das árvores havia muito tinham começado a cair, e as ruas estavam repletas delas, úmidas e esmagadas pelos pés das pessoas e pelos pneus dos carros. Algumas pessoas já tinham começado a decorar as suas casas para o Halloween. Virei para o outro lado quando vi uma lápide falsa onde se lia “Descanse em paz” em letras garrafais tremidas. Queria contar tudo para a minha mãe, mas sabia que aquilo apenas a deixaria mais preocupada, e ela já tinha muito com o que

lidar. Em vez disso, falei:

— Tenho apenas pensado demais. Sobre o Hayden e todo o resto. Você acredita que acontece alguma coisa com as pessoas? Depois que elas morrem?

— Tipo se elas vão para o céu? Com harpas e nuvens fofinhas?

Eu pensava mais em fantasmas, em especial fantasmas que assumiam a forma de magos, mas não via nenhuma razão para mencionar aquilo.

— É, acho que sim.

— Não, na verdade não acredito nessas coisas. Creio que a gente precisa se preocupar com quem está vivo agora. Os mortos vivem nas nossas lembranças. E nos nossos sonhos. Sonho muito com a minha mãe depois que ela morreu. São sonhos bons e não pesadelos. Mas eu não me importaria mesmo se fossem sonhos ruins. Eles fazem com que ela ainda pareça presente na minha vida.

Talvez tenha sido aquilo o que aconteceu. Talvez eu tenha pegado no sono ainda sentado, naquela vez que achei que tinha visto o Arquimago.

— Como assim presente? Como se ela estivesse no quarto com você?

— Prendi a respiração.

— Não literalmente. — disse ela, entrando no estacionamento da escola. — Mas ela parecia presente o suficiente para que mesmo depois de acordar eu ainda tivesse esquecido que ela se fora. E às vezes sinto como se ela estivesse nos observando. Como se visse vocês crescendo; ela fica feliz. Mas sei que isso é só algo que eu realmente queria muito que fosse verdade.

— Talvez seja mais do que isso — eu disse, enquanto abria a porta do carro. O ar estava frio e cheirava a folhas mortas.

Minha mãe sorriu.

— Nunca se sabe. Boa aula, ok? Podemos conversar mais depois, se você quiser.

Eu sabia muito bem, entretanto, que não seria uma boa aula. Não depois de ter matado aula no dia anterior. Eu não poderia evitar o sr. Beaumont para sempre. O professor da primeira aula me lançou um olhar rígido e disse que eu precisava ver imediatamente o conselheiro da escola. Respirei fundo e fui direto para o gabinete dele.

— É bom vê-lo de novo, Sam — disse o sr. Beaumont, sentando em uma de suas cadeiras grandes e confortáveis e indicando que eu deveria me sentar na outra. — Então, pedi para ver você ontem. Não esperava que fosse ter de insistir.

— Eu sei. É que eu não tive nenhum tempo livre ontem, só isso.

— Entendo — ele falou, apesar de eu ter noção de que, se o sr. Beaumont tinha uma cópia do meu controle de frequência, ele já sabia que eu devia ter matado todas as aulas do período da tarde no dia

anterior. — Bem, podemos conversar agora. Temos muitos assuntos para abordar hoje.

— Temos? — Imaginei o que ele sabia, o que faria sentido contar para ele. Por um momento, brinquei com a ideia de falar para o sr. Beaumont sobre o Arquimago, mas a ideia de pronunciar aquilo em voz alta me fazia parecer ainda mais louco do que eu já me sentia.

— Temo que sim. Passei a manhã toda em reuniões e conversei com pessoas sobre o que aconteceu com o Trevor nesse fim de semana. Falei inclusive com a polícia.

Meu coração disparou.

— A polícia?

— Sim, a polícia. — O sr. Beaumont soou severo, nem um pouco simpático e longe de ser aquele amigo confidente do nosso último encontro. — Pelo que eu entendi, dois meninos foram feridos nesta escola na última semana, e você se envolveu em discussões com ambos.

Senti que meu rosto começava a ficar vermelho. Torci para que aquilo não me fizesse parecer culpado. Então a polícia também estava investigando o que tinha acontecido com Jason? Pensei que ele havia insistido em deixar a polícia fora daquela história. Foi o que Rachel disse de qualquer forma. Imaginei quem tinha me visto discutindo com a trífeta no funeral.

— A coisa não é bem assim. — Foi tudo o que consegui pensar para dizer.

Para minha surpresa, o sr. Beaumont assentiu. Afundei na cadeira e só então me dei conta de que estava sentado com o corpo todo rígido.

— Conte para a polícia que havíamos nos encontrado e que eu não acreditava que você seria capaz desse tipo de violência. Agora preciso que você me fale se fez a coisa certa.

— Claro que fez! — Entretanto, não consegui evitar uma sombra de dúvida na minha voz.

— Deixe-me contar o que eu sei e depois você me conta o que você sabe. Sei que você e o Jason trocaram algumas palavras no funeral do Hayden e depois o Jason foi atacado por alguém que ele não conseguiu ver. Sei que você e o Trevor se envolveram em uma briga em uma festa neste fim de semana, diante de um monte de gente, e devo acrescentar que naquela noite alguém agrediu Trevor também por trás, então ele também não conseguiu ver quem fez isso. Sei que o Jason e o Trevor são os melhores amigos de Ryan Stevens, e os três, como você me contou, tratavam o Hayden muito mal. E sei que você está chateado, com raiva e sente falta do seu melhor amigo, e ainda na semana passada conversamos sobre evitar ataques verbais e físicos. Creio que aquela foi uma boa conversa, e quero acreditar que você me deu ouvidos. Foi por essa razão que falei aquilo para a polícia. Mas

você precisa entender como as coisas parecem para quem está de fora.

Ah, eu entendia. Eu entendia perfeitamente. Olhei para a minha calça jeans. Havia um rasgo minúsculo em um dos joelhos. Puxei um fio e o rasgo cresceu. Eu me senti meio que satisfeito.

— Sam, preciso que você me diga que não fez essas coisas.

Relembrei a conversa que tive com Astrid sobre mentira. Eu não queria pensar em mim mesmo como um mentiroso. Não sabia o que fazer. Eu precisava falar alguma coisa para ele.

— Eu não fiz nada disso. — Não era totalmente mentira, já que eu realmente não achava que tenha sido responsável por aquilo.

O sr. Beaumont olhou para mim. Lembrei da outra vez, quando ele quase leu a minha mente. Eu me perguntei se ele poderia fazer isso de novo.

— Por que você não me conta onde estava quando esses meninos foram atacados? Isso irá acalmar a minha mente, e então talvez eu mesmo possa falar com a polícia, evitando que você passe por um interrogatório.

Senti uma onda de alívio atravessar o meu corpo por um minuto, até me lembrar de que na verdade eu não tinha nenhum álibi para nenhuma das noites. Entretanto, era um conforto saber que o sr. Beaumont estava inclinado a acreditar em mim, apesar de haver uma grande possibilidade de essa confiança não perdurar por muito tempo.

— Eu estava naquela festa no sábado à noite — comecei. Contei a ele que Trevor apareceu e veio para cima de mim, que fiquei muito bêbado pela primeira vez na minha vida e caí no sono na porta do 7-Eleven. — Eu estava mesmo louco da vida com o Trevor, mas juro que desmaiei.

O sr. Beaumont franziu a testa.

— Alguém viu você no 7-Eleven?

— Só um cara que trabalha lá. Ele me acordou de manhã. — Eu ainda sentia o rosto quente, como se estivesse mentindo, mas não era esse o caso. Até onde eu sabia.

— Você sabe que horas deixou a festa?

Fiz que não com a cabeça.

— Acho que foi antes da meia-noite, porque eu queria obedecer ao toque de recolher, mas, como já falei, eu estava muito bêbado. — Era embaraçoso admitir aquilo para ele, mas eu não sabia o que mais poderia fazer.

— E sobre a noite em que o Jason foi agredido? Onde você estava?

— O sr. Beaumont ainda parecia esperançoso. Eu podia ver que ele não queria estar na minha pele. Embora não mais do que eu mesmo.

— Em casa. — Pareceu uma desculpa esfarrapada até mesmo para mim.

— Quem estava com você?

— Ninguém. Minha mãe trabalha à noite quase todos os dias, e minha irmã não estava em casa. Eu acho.

— Você acha? — Ele arqueou as sobrancelhas.

Eu suspirei.

— Não tenho dormido muito desde que o Hayden morreu. Tudo anda meio borrado. Não me lembro se a Rachel estava em casa. Só me recordo de que no dia seguinte foi ela quem me disse que o Jason tinha sido espancado.

O sr. Beaumont se inclinou para a frente, com um dos cotovelos apoiado no joelho e o queixo sobre uma das mãos. Como a estátua daquele cara pensando.

— É um pouco preocupante o fato de você não ter ninguém que possa confirmar onde você estava em cada uma das noites. Você pode perguntar por aí, ver se alguém o viu no 7-Eleven, ou perguntar para a sua irmã se ela se lembra de ter visto você naquela noite. Farei tudo o que está ao meu alcance com a polícia, mas pode ser que você ainda precise falar com eles em algum momento.

— Isso significa que o senhor acredita em mim? — Tentei não parecer excessivamente esperançoso, mas não consegui evitar. Se ele acreditasse em mim, então talvez eu de fato estivesse falando a verdade.

Ele hesitou apenas por um segundo, e eu soube que as suspeitas dele em relação a mim não haviam desaparecido.

— Quero acreditar em você. Só que seria bom ter algum tipo de confirmação. Você tem alguma ideia de quem pode estar por trás disso?

Tirando Hayden e Astrid, eu não conseguia pensar em mais ninguém.

— Todos eles eram uns babacas. Deve existir mais gente que tenha problemas com essa galera.

— Você disse “todos”... você se referia apenas ao Jason e ao Trevor?

— Acho que eu estava incluindo também o irmão do Hayden. O Ryan. O terceiro membro da trífeta do bullying.

O sr. Beaumont soltou uma gargalhada.

— É assim que as pessoas os chamam? Desculpe, sei que não é engraçado. Mesmo assim, é um nome inteligente.

A risada dele me fez sentir melhor. Se ele achasse que eu era culpado, por que teria um acesso de riso?

— Agradeça ao Hayden por essa. Foi ideia dele. Até onde eu sei, só nós dois os chamamos assim. Entretanto, só sei das coisas que eles faziam com o Hayden. Não acho que agora eles tenham algum alvo com quem peguem tão pesado quanto costumavam fazer com ele.

— Hayden era muito mais esperto do que as pessoas achavam, não é? — disse ele, com a voz assumindo o tom suave que ele usava de vez

em quando.

Que bom que alguém finalmente tinha percebido aquilo.

— Muito mais.

— Ryan era o terceiro, então. Mas só o Jason e o Trevor foram atacados — atestou o sr. Beaumont.

— Até agora — deixei escapar, mas logo me arrependi.

— O que você quer dizer com isso?

— Juro que não fui eu e não estou planejando nada. Só estou dizendo que o Ryan era o pior dos três. Para o Hayden, pelo menos. Se alguém foi atrás do Jason e do Trevor, tudo isso só vai fazer sentido se ele for atrás do Ryan também.

E eu não tinha certeza se queria mesmo fazer alguma coisa para impedir aquilo. Entretanto, se a polícia estava mesmo na minha cola, parecia que eu não tinha outra escolha.



Deixei o gabinete do sr. Beaumont me sentindo esgotado. Tudo aquilo havia sido demais: a partida de Hayden, o Arquimago, a trifeta. Eu precisava sentir que não era louco, e naqueles dias a única coisa que me dava essa sensação era estar ao lado de Astrid. Procurei por ela no refeitório na hora do intervalo, mas ela não estava lá. Seus amigos estavam na mesa de sempre, inclusive Eric. Mas, então, eu pensei: dane-se, vou até lá perguntar onde ela está.

— Oi, Sam! — Damian, o cara barbudo da festa, me cumprimentou. — Você vai se sentar com a gente? Anda, Jess. Abre espaço pra ele. — Ele deu uma cotovelada de leve em uma menina de cabelo bem curto que eu reconheci da festa. Ela olhou para mim com um jeito um tanto vago, mesmo assim se moveu para o lado para que eu me sentasse.

Eu não planejava me sentar e ficar ali com eles, mas que diabos! Também não tinha mais nenhum outro lugar para onde ir.

— Obrigado — agradei. Eu também não tinha nenhuma comida, mas não estava com fome. — Na verdade, eu estava procurando pela Astrid. Vocês a viram por aí?

Todo mundo se virou para olhar para Eric, o que fazia todo o sentido. Ele assentiu na minha direção.

— Claro. A Astrid estava na aula mais cedo. Acho que ela não veio para o refeitório porque tinha de estudar para uma prova. Posso mostrar onde fica o armário dela, se você quiser encontrá-la antes de a aula recomear.

— Isso seria ótimo — eu disse, apesar de me sentir meio incomodado. Claro, era esquisito que o namorado de Astrid ajudasse outro cara que estava tão claramente a fim dela. Eu não ia me enganar pensando que conseguiria esconder meu interesse por Astrid. Mesmo assim, foi legal da parte de Eric fazer aquilo.

— Sem problemas — ele respondeu. Imaginei se ele chegava a me ver como uma ameaça.

O refeitório ficava no primeiro andar da escola, e é claro que o armário de Astrid era no último, do lado oposto do prédio. Quando Eric me mostrou onde ficava o armário dela, não fiquei surpreso com o fato de não nos esbarrarmos muito. A escola era dividida em quatro quadrantes, e o meu armário ficava no canto sudoeste, onde todos os armários eram vermelhos, enquanto o dela ficava no noroeste, na área dos armários na cor amarelo-vivo. O simples fato de estar naqueles corredores já fazia a minha cabeça doer.

— Desculpe. Eu mal vi você na festa — disse Eric, puxando assunto

enquanto subíamos as escadas. Ele usava sapatos caros de bico fino que estalavam enquanto ele andava. E eles ainda eram bicolors. Que hipster! — Ouvi que você e o Trevor saíram na mão. — O que ele queria dizer com aquilo? Será que ele achava que eu fui o responsável pelo que aconteceu com o Trevor?

— Saímos na mão?

— Você sabe, na festa. Perdi toda a ação, mas a galera me contou que ele te acertou um soco na cara. Mas me contaram também que você colocou o Trevor no lugar dele.

— Bem, ele sempre foi um babaca com o Hayden. Valeu a pena ter levado um soco só pelo gostinho de ter falado tudo o que eu realmente achava. — Eu estava quase com medo de perguntar, mas perguntei mesmo assim. — Você ouviu sobre o que aconteceu depois?

— Ah, ouvi, sim. — Ele me olhou de lado enquanto abríamos caminho entre a multidão de adolescentes que corriam para a próxima aula. — Ele meio que merecia, não é? Como o Jason. — Isso me lembrou o que Astrid havia dito sobre carma.

— Talvez. — Eu não tinha certeza do que significava aquele olhar que ele me lançou. Será que Eric estava tentando me fazer admitir alguma coisa? — De qualquer forma, parece que o Trevor apanhou bastante.

— Ele vai melhorar — disse Eric, tentando soar indiferente, mas percebi que sua voz falhou levemente. Aposto que ele achava que as coisas tinham ido longe demais, exatamente como eu. — De alguma maneira, isso vai dar algum tempo para ele pensar nas merdas que andou fazendo com as pessoas.

— E você acha que um cabeça de vento como ele pensa em alguma coisa?

Eric riu.

— Provavelmente, não. Se o Trevor tivesse alguma consciência de quem ele realmente é, era bem capaz de ter se tornado autodestrutivo.

Bem, aquilo era mesmo uma droga. Eu gostava do Eric. O que tornava muito mais difícil odiá-lo.

Ele parou diante de um armário tão cheio de adesivos que era impossível dizer qual era a cor da porta. Parecia ter sofrido um ataque de uma criança de oito anos. Havia arco-íris, unicórnios e gatinhos por todos os lados.

— Ela não gosta muito de amarelo — Eric explicou.

— Sério mesmo?

— Olha só, tenho de correr para a aula, então vou deixar você sozinho. Mas vamos marcar de sair um dia desses. Sei que você provavelmente está pegando leve por causa de tudo o que aconteceu com o seu amigo, mas, se você estiver a fim de dar uma saída, uma galera vai para a minha casa hoje à noite. A Astrid também vai. Você

deveria aparecer por lá.

— Muito obrigado. Talvez eu vá.

— Isso soa como um plano.

Tocamos nossos punhos no ar antes de ele seguir pelo corredor. Acho que nunca tinha trocado esse tipo de cumprimento com ninguém além do Jimmy. Ele foi sincero ao me convidar ou será que aquela era apenas a típica estratégia de “manter os inimigos por perto” para que assim ele pudesse ficar de olho em Astrid? O engraçado é que eu não tinha muita certeza se ligava para isso. Eu havia gostado de todos os amigos dela que conhecera até então, inclusive Eric, e só a ideia de andar com eles já me fazia sentir menos solitário.

Astrid não apareceu antes do início da aula seguinte, porém, independentemente disso, eu tinha um tempo vago, então imaginei que poderia simplesmente ficar por ali e esperar por ela, tomando apenas o cuidado de evitar os inspetores. Coloquei os fones e comecei a ouvir uma das músicas da playlist. Era de uma banda nova de que nós gostávamos, cuja música tinha uns toques sinistros que pareciam apropriados para o momento. Porém, se Hayden estava tentando me mandar uma mensagem por meio da playlist, eu estava preocupado com o fato de não estar conseguindo entendê-la. Eu tinha de prestar mais atenção nas letras. Aquela música me dava a sensação de que ele estava pensando que as pessoas mentiam para ele. Posso ter feito um monte de coisas erradas, mas mentir para Hayden não foi uma delas. Eu precisava ter em mente que descobrir o que realmente aconteceu com ele deveria ser a minha prioridade.

Astrid finalmente deu as caras, apenas alguns minutos antes de o sinal tocar, bem a tempo para que eu me desse conta de que minhas prioridades haviam mudado um pouco nas últimas semanas. Eu me sentia culpado até mesmo por notar que ela parecia tão gata quanto sempre pareceu. Naquele dia, suas mechas eram vermelhas, amarelas e verdes e ela vestia uma camiseta do Bob Marley.

— Sam — ela gritou com um grande sorriso no rosto. — O que você está fazendo por aqui?

Fiquei tão empolgado por vê-la feliz daquele jeito por me ver ali que quase esqueci de falar.

— Eu estava procurando por você.

— E você me encontrou. Mas preciso correr senão vou me atrasar para a próxima aula. Por que não me encontra depois da escola? Estou louca para comer batata frita, e você prometeu que ia me levar ao lugar onde vendem a melhor da cidade.

— Ficaria feliz em fazer isso — eu disse, abrindo um sorriso tão largo que cheguei a temer acabar rompendo a minha cara em duas metades. — Vejo você à tarde.

E lá ia por água abaixo o meu plano de tirar uma soneca e colocar

em dia um pouco do sono que perdi. Mas havia tantas coisas que eu queria perguntar para Astrid, que iam das mais egoístas (afinal, Eric era namorado dela ou não?) às mais sérias (como ela sabia sobre Atena? E quem era ela?). Aquela tarde parecia não passar nunca; felizmente a minha última aula era de Inglês, e o sr. Rogers geralmente ignorava os meus cochilos em sala, mesmo quando eu me sentava bem à frente dele.

Aquela soneca me deu energia suficiente para seguir mais que depressa pelos corredores até o armário de Astrid assim que o sinal tocou. Ela também deve ter corrido, porque já estava lá quando cheguei.

— Estou morrendo de curiosidade — confessou ela assim que eu me aproximei. — Para onde vamos?

— Já ouviu falar de um lugar chamado Peterson's? — O Peterson's era uma antiga lanchonete que ficava logo depois do centro. O lugar era administrado pelo mesmo casal desde que abriu as portas, na década de cinquenta. Eles não tinham filhos, e uma Cold Stone Creamery havia sido inaugurada a poucos quarteirões, então eu tinha quase certeza de que logo iriam à falência. Eu gostava de lhes dar algum lucro sempre que podia. Hayden e eu às vezes íamos até lá depois do shopping. Ficava a apenas quinze minutos a pé da escola.

— O nome me parece familiar. Acho que conheço esse lugar. Mas parece que está sempre fechado.

— Na metade do tempo está mesmo — admiti. — O horário de funcionamento deles é bem maluco. Mas em geral eles abrem durante a tarde. Hayden e eu íamos lá de vez em quando, depois da aula ou no caminho para o shopping.

Astrid não disse nada. Ela simplesmente pegou uma das minhas mãos, apertou-a por um minuto e logo em seguida a soltou. Eu gostaria que ela não tivesse soltado. Durante o breve momento em que nossas mãos estiveram entrelaçadas, eu não tinha mais perguntas. Porém, assim que Astrid a soltou, todas elas retornaram ao mesmo tempo.

No início, caminhamos em silêncio, passando por campos onde a colheita já havia sido realizada, embora alguns pés de milho tenham sido poupados para a montagem dos labirintos para o Halloween. Eu ainda podia sentir o aroma das folhas queimadas. Era bom caminhar ao lado dela sem falar nada, sentindo como se não fosse necessário preencher o espaço entre nós. Se bem que naquele momento eu não estava sendo honesto comigo mesmo. Parte do motivo de meu silêncio era porque eu temia que a primeira coisa que sairia da minha boca seria: “Como você sabia sobre a Atena?”. Devia haver uma maneira melhor de entrar naquele assunto.

Astrid também parecia um pouco apreensiva, puxando seus apliques

e quase andando aos pulos à medida que nos aproximávamos da lanchonete. Era quase como se ela soubesse o tema da conversa. O que eu achava que fazia sentido. A última coisa que ela havia me dito era a senha do computador de Hayden, e era óbvio que ela sabia que eu tinha perguntas.

Quando chegamos ao Peterson's, abri a porta para Astrid.

— Quanto cavalheirismo! — ela brincou, e fez uma pequena reverência. Alguma coisa na maneira como ela disse aquilo me lembrou das conversas entre Hayden e Atena. Engoli em seco. Afinal, quanto ela sabia?

A lanchonete não passava de um balcão coberto por um linóleo que descascava, flanqueado por bancos cobertos por couro vermelho rachado com pedaços de espuma escapando por alguns buracos. Eu sabia que o lugar não era dos mais atraentes, mas esperava que Astrid confiasse em mim, apesar de ter passado pela minha cabeça que talvez eu não pudesse confiar nela.

— Aqui está bom? — perguntei, apontando para os dois banquinhos que tinham uma aparência menos destruída.

— Claro. Cadê o cardápio?

— Não precisa. Se é que você me permite.

— O cavalheiro fará o pedido para a dama? — ela perguntou. E mais uma vez aquele pensamento passou pela minha cabeça. As palavras dela soaram como as da Atena. O que me fez recordar de que ela havia me dito que gostava de mitologia grega. Ela devia saber que Atena era a deusa da guerra, conforme eu tinha visto no registro das conversas de Hayden.

E se ela não tivesse apenas algumas informações sobre Atena? E se Astrid *fosse* Atena?

Não podia ser ela. Não fazia o menor sentido. Não havia como imaginar Astrid e Hayden juntos. Ou seria apenas eu quem não queria que aquilo fosse verdade?

Eu me poupei de dizer o que quer que fosse até que o sr. Peterson finalmente se aproximasse da gente do outro lado do balcão. Ele devia ter uns noventa anos, com o cabelo grisalho, a pele manchada pela idade, e sempre parecia exausto. Eu costumava tentar conversar com ele. Queria que se lembrasse de mim como um dos seus fregueses, uma daquelas pessoas que o faziam abrir as portas todos os dias. Queria saber mais sobre os Petersons do que aquilo que estava escrito nos jogos americanos de papel que ele colocou diante de nós, que continham a história da lanchonete. Porém, ou eu não era charmoso o suficiente para atrair nem mesmo uma migalha da atenção do sr. Peterson, ou ele simplesmente não ligava a mínima para os clientes. Ele só falava comigo para anotar o meu pedido e nunca se lembrava de mim quando eu retornava à lanchonete.

— Já sabem o que vão querer? — ele coaxou.

— Duas gemadas com chocolate e uma porção grande de batata frita — pedi.

— Gemada? — Astrid me perguntou enquanto o sr. Peterson se afastava com seus passos lentos. — Tipo aquela coisa feita com ovo cru? Tem certeza de que você quer mesmo isso?

— Eles não colocam mais ovos de verdade na gemada desde o século dezenove — expliquei. — É só leite, xarope e água com gás. Mesmo assim é incrível.

Os Peterson podiam se mover com dificuldade, mas eram uma unidade eficiente. A sra. Peterson já estava preparando as bebidas enquanto o marido fritava as batatas. Astrid tentou conversar com eles enquanto trabalhavam, apenas para ser ignorada da mesma maneira que sempre acontecia comigo.

— Eu costumava tentar fazer isso também — comentei, grato por ela ter a mesma iniciativa, porém secretamente aliviado por ela não ter se saído muito melhor que eu.

O sr. Peterson colocou as bebidas diante de nós. Os canudos eram praticamente expulsos dos copos pela espuma que se assentou sobre a gemada, como normalmente acontecia com as bebidas dos comerciais de antigamente. Astrid tomou um longo gole, arregalando os olhos enquanto engolia.

— Eu não estava certo? — eu disse, e ela assentiu.

— Como você descobriu isso? Nunca tinha ouvido falar dessa coisa.

— É uma parada típica lá do Brooklyn — eu disse. — Eu costumava tomar com meu pai, quando a gente vivia no lado leste.

— Não tenho certeza se eu sabia que você já tinha morado em outro lugar — disse ela.

— Não haveria razão para você saber disso — eu disse. — Moro aqui desde que tinha oito anos, mas do outro lado da cidade. E até agora nunca tinha saído com uma animadora de torcida.

— Não sou mais animadora de torcida — emendou ela. — Mas sou uma aluna do terceiro ano. Tecnicamente, estou descendo de nível por sair com alguém do segundo.

— Eu aconselharia você a não deixar que seus amigos a vissem na minha companhia, mas o Eric me convidou para sair com vocês hoje à noite. — Achei que aquela poderia ser a minha deixa. — Falando nisso...

— Na verdade, tem uma coisa que eu queria perguntar para você — disse Astrid, puxando um dos apliques. — É potencialmente algo embaraçoso, por isso que eu meio que quero colocar logo em pratos limpos.

Xi! Aquilo não tinha como ser uma coisa boa.

— Embaraçoso para mim, quero dizer — ela continuou, e eu

respirei aliviado. — A questão é que nós dois saímos algumas vezes e tem sido divertido de verdade... e acho que nunca me dei tão bem com uma pessoa.

— Eu também — eu disse, esperando pelo “mas”.

— Mas... — Ouvir aquilo pronunciado em voz alta fez o meu estômago revirar. — Você teve zilhões de oportunidades para tomar uma atitude e até agora nada. Será que eu entendi tudo errado? Entende o que eu quis dizer quando falei que a situação seria embaraçosa para mim? — Era verdade. Ela estava vermelha de vergonha. E não era absolutamente o que eu estava esperando ouvir.

— Você *queria* que eu tomasse uma atitude? — eu finalmente consegui perguntar, depois de metaforicamente cair do banco e me erguer do linóleo sujo.

É claro que o sr. Peterson escolheu exatamente aquele momento para jogar um cesto gigante de batatas fritas entre nós.

— Ketchup?

— E pimenta — completou Astrid.

— Você coloca pimenta na batata frita?

— No ketchup.

— Você é uma garota estranha. Mas, sabe? A minha pergunta. Você não respondeu ainda.

— A resposta estava implícita — disse ela. — Você não respondeu à minha.

Boa!

— Mas eu estou confuso — eu disse. — E o Eric?

— O Eric? — Ela pareceu confusa. Era um bom sinal.

— Pensei que ele fosse seu namorado.

Aparentemente o meu *timing* era ruim. Astrid tinha acabado de colocar uma batata frita repleta de pimenta na boca, e começou a rir tanto que engasgou. Não chegava a ser um engasgo a ponto de precisar de uma manobra de Heimlich, mas definitivamente era um daqueles que faziam pedaços de batata frita voarem para todos os lados e lágrimas saírem dos olhos dela. Peguei um pedaço de batata que foi parar na minha camiseta e esperei que ela se acalmasse.

— Ah, você é mesmo um bobinho — ela disse. — É óbvio que o seu “gaydar” não está funcionando!

Gaydar? Gaydar! Minha nova palavra preferida!

— O Eric é o meu melhor amigo. Ele tinha um namorado firme, mas eles terminaram faz pouco tempo, o que significa que ele e eu estamos muito, mas muito disponíveis mesmo. Acho que a gente passa muito tempo junto, então entendo que você possa achar isso, mas não tem nada a ver. Nunquinha. E devo dizer que me sinto extremamente aliviada por saber que há uma boa explicação para tudo isso.

Eu podia dizer o mesmo. Meu coração começou a bater tão forte

que eu podia sentir as batidas atrás dos olhos.

— Então você está querendo dizer que se eu tomar uma iniciativa...

— Você nunca vai saber se não tentar, parceiro. — Ela ainda sorria, e será que eu estava vendo coisas ou ela se inclinava mesmo em minha direção?

Então o nervosismo de Astrid não era porque ela estava preocupada que eu perguntasse sobre Atena. Aquele nervosismo todo era porque ela estava a fim de mim. Eu não conseguia acreditar naquilo. Só que lá estava ele, o momento pelo qual eu tanto esperei. Eu estava tão tenso que as minhas mãos tremeram um pouco quando puxei um guardanapo do dispenser sobre o balcão, me inclinei na direção de Astrid e limpei um pedaço perdido de batata cheio de ketchup em seu queixo.

— Assim fica melhor — eu disse e, então, finalmente, a beijei.



— UAU — EU DISSE AO afastarmos os nossos lábios para tomarmos ar.

— “Uau” é o termo certo — concordou Astrid.

Eu a beijei de novo. A argola no lábio dela causava uma sensação fria, mas nem de longe era tão estranho quanto eu pensava. Porque só então eu me dava conta de que tinha imaginado — e muito — aquele momento, muito mais do que eu pensava. O beijo de Astrid me parecia totalmente familiar, apesar do fato de eu nunca ter beijado uma garota antes.

Eu podia ter ficado no Peterson’s o dia todo, comendo batata frita, tomando gemada e beijando Astrid, mas eu a procurara por uma razão. Talvez eu tivesse perdido algum detalhe em toda aquela coisa da Atena. Talvez eu houvesse entendido tudo errado, assim como tinha acontecido com o lance entre Astrid e Eric. Eu só não sabia por onde começar.

— Então, naquele outro dia... — comecei.

— Quando você devia ter me beijado e não fez nada? — Astrid perguntou.

— Não, não isso! — eu disse. — Quando voltamos para a escola...

— E você devia ter me beijado e não fez nada? — Astrid implicava comigo. Ela achava que eu estava flertando e odiei ter que cortar a onda dela.

— Você vai passar um bom tempo jogando isso na minha cara, não é? — perguntei, apesar de estar preocupado por estar fazendo muitas suposições sobre “um bom tempo”.

— Não — disse ela, e me beijou de novo.

Para mim era quase impossível me afastar dela. Mas eu tinha de seguir em frente com as minhas prioridades. Havia tantas coisas que eu precisava descobrir. Eu não fazia a menor ideia se o fato de entender aquele relacionamento de Hayden e o que tinha acontecido depois iria me ajudar a desvendar o que estava acontecendo com a trífeta; entretanto, se houvesse a menor chance de ambas as coisas terem alguma relação, isso seria o único álibi que convenceria as pessoas de que eu não era o culpado. E, entre essas pessoas, eu também estava incluído.

Afastei o meu rosto do dela, mas ainda estava próximo o suficiente para que nossos ombros quase se tocassem. Estendi uma das mãos e enrolei um dos apliques no meu dedo.

— Sempre quis saber qual era a sensação — admiti.

— E agora você sabe — ela disse, mas era como se uma tela houvesse baixado diante do rosto dela. Ela devia ter percebido alguma coisa na minha expressão.

— Mas não era isso que você queria me perguntar.

— Não, não era.

Ela mordeu o lábio, que já estava um pouco vermelho e inchado devido aos nossos beijos.

— Vá em frente. Contarei tudo o que você quiser saber.

Assim eu esperava.

— Aquele dia na escola, quando você me falou sobre o computador do Hayden. Você estava certa. A senha era mesmo “Atena”.

Ela assentiu levemente.

— Não estou surpresa.

— E você nunca me contou como o conheceu. Hayden. — Prendi a respiração. Não fazia a menor ideia do que ela iria dizer. Não fazia a menor ideia do que eu queria que ela dissesse.

— Isso realmente importa? — ela perguntou. — Ele se foi. Nada disso vai trazê-lo de volta.

— Sei que não vai — eu disse. — Mas ainda assim tenho as minhas dúvidas. Preciso ao menos entender. Se você sabe de alguma coisa que eu não sei, você precisa me ajudar.

Ela suspirou.

— É uma longa história.

— Tenho o dia todo para ouvir.

Astrid ficou em silêncio por um momento e então respirou fundo. Acho que ela também estava prendendo a respiração.

— Tudo bem. Lá vai. — Ela pegou uma batata frita e mergulhou no ketchup apimentado. Percebi que ela tentava ganhar algum tempo. Eu esperava que aquilo não significasse que ela iria mentir para mim.

— Lembra daquele outro dia, quando contei sobre um cara de quem eu estava a fim?

Assenti. Achei que fosse Eric, mas naquele momento eu já sabia que havia pensado errado.

— Era o Ryan Stevens.

Senti como se houvesse levado um soco no estômago. Uma onda poderosa de ciúmes atravessou o meu corpo, o que não fazia o menor sentido, dado que o relacionamento deles terminara e o nosso estava apenas começando. Lembrei que eu precisava escutar, como Hayden sempre me dizia.

— Nos conhecemos quando eu estava no primeiro ano. Eu tinha acabado de entrar na equipe de animadoras de torcida e ele tinha acabado de ser escolhido para o time de futebol. Era a maior onda ter alguém do segundo ano a fim de mim, e todas as minhas amigas achavam o Ryan fofo. Eu também achava. Ele parecia ser o cara certo,

sabe? Era esperto, bonito, atlético... tudo o que eu poderia querer, não é? — Havia uma sombra amarga na voz dela. Eu não tinha certeza do porquê. — A gente costumava namorar na casa dele. Foi onde conheci o Hayden. — A voz dela se tornou suave novamente. — Ele era tão doce. No início, o Hayden era muito tímido e quase não falava comigo. Mas, depois de um tempo, ele passou a se sentir mais à vontade e me deixava entrar no quarto dele.

— Que mais parecia os destroços da Estrela da Morte — eu disse, sorrindo com a lembrança.

Ela soltou uma gargalhada.

— É, era um quarto bem geek. E quando ele começava a falar do *Mage Warfare*...

— ... você chegava a se perguntar como algum dia pensou que ele fosse tímido.

— Exatamente. Era impossível fazer o Hayden parar de falar desse jogo, mesmo assim ele tinha o seu charme. Eu não conseguia entender como o Ryan não se dava bem com ele.

— Ah, você sabe. Aquela velha rixa dos jogadores de futebol com os geeks.

— Claro, para quem os via de fora, eles não tinham muito em comum. Mas você conhece os pais deles, sabe como eles são. Os padrões deles são muito altos, impossíveis de serem atingidos. Ryan tentava ao máximo e sabia que aquilo estava acabando com ele. O Hayden simplesmente se recusava a fazer o jogo dos dois. Estratégias diferentes para o mesmo problema.

Eu nunca havia pensado no assunto por aquele prisma.

— Eu fazia tudo o que podia para tentar unir os dois, mas, na verdade, nunca funcionou. E não ajudava em nada o fato de os amigos do Ryan serem uns babacas.

— Amém — eu disse.

— Enfim, foi assim que conheci o Hayden um pouco mais. — Ela fez uma pausa e tornou a morder o lábio.

— E o que aconteceu entre você e o Ryan? — Dava para ver que ela realmente não queria falar sobre aquele assunto, mas eu precisava saber.

Ela olhou para o chão de linóleo imundo.

— Namoramos por um ano. Até o dia...

— Do acidente de carro — completei. Não havia a menor dúvida de que ela não queria falar sobre aquilo.

— Fiquei totalmente perdida quando o meu pai morreu. Ele tinha saído para comprar alguma coisa para comer e eu não parava de pensar que, se eu soubesse cozinhar, ele não teria ficado com fome, ou se eu quisesse pizza em vez de comida chinesa... eram tantas as coisas que eu podia ter feito para evitar o que aconteceu. Você sabe como é!

— É, eu sei. Ah, como eu sei.

— E hoje em dia eu entendo que não foi minha culpa, ou pelo menos eu não sou mais culpada do que qualquer outra pessoa: a mulher que bateu no carro do meu pai porque o dela era velho demais para ter freios ABS, os deuses do clima pela geada que fez as ruas ficarem escorregadias. Mas eu estava fora de mim e precisava colocar a cabeça no lugar. Foi aí que a Astrid surgiu. — Ela fez um gesto que a apresentava do alto da cabeça até a ponta dos pés.

— A Astrid é maravilhosa — elogiei baixinho.

— A Astrid é necessária — disse ela. — E pensei que o Ryan fosse entender. Ele tinha aquele estereótipo do garoto perfeito que servia como uma espécie de escudo para os pais dele. Hayden tinha o *Mage Warfare* para servir de válvula de escape. A Astrid não era diferente. Mas os amigos dele... A porra daqueles amigos horríveis... Eles zoavam o Ryan por estar saindo com uma garota tão esquisita. Meus amigos também não foram muito melhores. Eles não entendiam por que eu precisasse mudar, e então me expulsaram da equipe de líderes de torcida por eu não seguir o código de vestimenta ou alguma outra coisa idiota do tipo. Quando o Ryan finalmente terminou comigo, eu sentia como se eu não tivesse nada.

— Ele partiu o seu coração.

Ela bufou.

— Parece idiota, não é? Mas é verdade, eu esperava mais dele. Pensei que ele fosse diferente do Jason e do Trevor, mas logo percebi que eu estava enganada. E jamais vou perdô-lo por isso.

Ao mesmo tempo em que eu me sentia feliz pelo Ryan estar definitivamente fora da jogada, o jeito como ela falava dele me deixou nervoso. Eu nunca iria querer magoá-la daquele jeito, mas ainda havia muitas coisas que eu precisava saber. Como a pergunta mais urgente de todas: quem era Atena? Podiam ela e Astrid ser a mesma pessoa? Quão próximos ela e Hayden se tornaram?

— Olha, sei que tem um monte de coisas que você quer saber — ela disse —, mas esta conversa está meio que me deixando pra baixo, e eu estou começando a gostar de me sentir feliz. Será que podemos falar sobre essas outras coisas depois? — Ela se inclinou e me beijou de novo. E eu soube que as minhas outras perguntas teriam de esperar o tempo que Astrid desejasse.

— Certo, crianças, hora de pagar a conta. — Fomos interrompidos pelo sr. Peterson. — Estamos fechando. — Era a minha imaginação ou aquela careta no rosto cinzento dele era uma espécie de sorriso? E, de qualquer forma, que horas eram? O relógio informava que já passava das seis. Aparentemente minha capacidade de perder a noção da hora não se limitava apenas a quando eu estava em casa.

— Vamos para a casa do Eric — sugeriu Astrid. — Você devia

mesmo começar a sair com a nossa galera. E o Eric estava na maior torcida para a gente se acertar. Ele vai surtar quando souber que você finalmente tomou a iniciativa.

— Não precisa contar a ele que você me obrigou a fazer isso. — Larguei alguns trocados sobre o balcão.

— Você só precisou de um empurrãozinho — disse ela.

Dava para ir a pé até a casa do Eric, porém ele morava na direção oposta à da minha casa, o que me fez matutar sobre como eu faria para voltar mais tarde.

— Não se preocupe, até lá a gente dá um jeito — Astrid prometeu, e fomos andando de mãos dadas como se aquilo fosse a coisa mais natural do mundo.

Eu sabia que ela não queria responder a mais perguntas, mas não consegui me conter. Devia haver alguma coisa indolor que ela pudesse me contar.

— Então, o Hayden nunca comentou que conhecia você.

— Engraçado, ele falava de você o tempo todo — disse ela. — Foi isso que me fez querer conhecê-lo. A ideia de alguém tão fofo quanto ele e tão gato quanto você...

Fiquei vermelho. Ela achava que eu era bonito?

— Você também disse para ele assistir *Donnie Darko*? Ele incluiu aquela música na playlist.

— Que playlist?

Apesar de já termos ouvido algumas das músicas antes, percebi que nunca havia mencionado a playlist para ela.

— É, o Hayden fez uma playlist para mim. Antes de morrer. Eu conhecia várias das músicas que ele escolheu, mas tinha um monte de outras que eu nunca tinha ouvido antes. Ele disse que, se eu ouvisse, entenderia.

Aquela tela novamente caiu sobre o rosto dela. Talvez eu tivesse ido longe demais.

— É, falei com ele sobre o filme — ela disse, finalmente. — Ele achou muito esquisito, mesmo assim gostou da trilha sonora.

Agora eu tinha uma das peças do quebra-cabeça. Imaginei se ela havia mostrado para ele alguma outra música, mas não queria pressioná-la de novo.

— É uma música incrível — eu disse. — O que mais tem na trilha sonora?

Ela pareceu aliviada, e nós conversamos sobre música e filmes enquanto caminhávamos até a casa de Eric. Astrid, assim como eu, curti coisas mais alternativas. Falamos sobre como era impossível achar alguma coisa boa no rádio e de quais bandas gostávamos. Prestei atenção em quantas delas estavam na playlist, mas ou ela não era Atena ou estava sendo muito cuidadosa, pois a maioria das bandas

que ela mencionou eu já tinha escutado, então não havia como saber se foi ela quem passou para Hayden aquelas coisas novas. Eu não sabia o que pensar. Não queria que ela fosse Atena, porque eu não sabia se entendia totalmente, mas também não sabia qual seria a outra alternativa.

— Então, essa playlist — disse ela. — Posso ouvir algumas das coisas que estão nela? Você está com o seu iPod?

— Sempre — respondi, enquanto tirava o aparelho do bolso. Pensei em qual música tocar para ela. Havia tantas músicas sombriamente lindas, mas eram muito tristes, e eu não queria resgatar aquele clima. Eu me perguntei se não deveria fazer um teste: escolher uma das músicas que eu nunca tinha ouvido antes para ver se ela conhecia. Entretanto, eu não tinha certeza do que queria que ela dissesse. Por fim, me decidi por uma das faixas e, mais uma vez, compartilhamos os fones, como no dia do funeral do Hayden.

Caminhávamos e ouvíamos a canção, e o ar se tornava mais frio ao nosso redor. O sol se punha com raios em tons de vermelho, cor-de-rosa e roxo, que pareciam fazer com que os milharais brilhassem. Torci para que ela estivesse prestando atenção no trecho da música no qual eu queria que ela se ligasse, que falava sobre eu ser o cara certo se ela quisesse que eu fosse. Eu não queria que a música terminasse, mas foi o que acabou acontecendo. Alguma hora ela teria de terminar.

Parei de andar por um minuto, e a puxei para perto de mim enquanto as últimas notas tocavam. Já havíamos nos beijado, é claro, mas ainda não havia rolado um abraço, e era tão bom envolvê-la apertado em meus braços, sentir o corpo dela alinhado com o meu. Ela era quase tão alta quanto eu, o que naquele momento pareceu perfeito.

— Isso ajudou? — ela quis saber.

— O quê?

— A playlist. Ela ajudou você a entender?

Pensei a respeito por um minuto.

— Ainda não — admiti. — Mas estou começando a ver que talvez ela não tenha a ver apenas comigo.

— Já é um começo — ela disse.

E, por enquanto, aquilo teria de ser suficiente.



COMEÇAMOS A CAMINHAR de novo e entramos em uma estrada de terra que não tinha nome, identificada apenas por um número.

— O Eric mora aqui? — perguntei, e a minha pergunta foi mesmo idiota. Eu não sabia o que esperar do Eric com seus sapatos bicolores e calças skinny, mas realmente não imaginava que ele morasse em uma fazenda. Porque não havia a menor dúvida de que estávamos dentro de uma. Uma casinha branca, um celeiro vermelho, ovelhas, porcos, galinhas: o pacote completo.

— Não era o que você esperava? — Astrid soltou uma gargalhada. — A família dele administra este lugar. Tudo é orgânico, autossustentável, e não tem nada transgênico. Eles vendem carne e outros produtos em feiras por todo o estado.

— Então quer dizer que o Eric está se revoltando contra essa vida?

— Nem um pouco. O Eric adora isto aqui. Ele tem a sua própria horta e vende todas as coisas que produz nas feiras com o resto da família sempre que pode. Ele sabe dirigir o trator. Sabe até como consertá-lo.

Por alguma razão, aquilo me chocou.

— Você não é o único que tem outra vida fora da escola — ela disse.

— Boa. — Ela estava certa, porém, mais do que isso, eu estava envergonhado por todas aquelas suposições equivocadas. Tudo que eu havia imaginado sobre Eric se mostrou errado. O fato de ser gay não significava que ele não se dava bem com a família.

Será que eu era tão mau quanto todas as outras pessoas? Eu esperava que não.

De onde estávamos, a fazenda parecia idílica. O sol havia acabado de se pôr e os últimos raios esvaecidos de vermelho iluminavam a casa branca.

— Vamos — disse Astrid, e correu em direção à porta. Antes que eu pudesse alcançá-la, até mesmo antes de bater na porta, ela foi cercada por um bando de crianças e cachorros. Todos eles pareciam conhecê-la. As crianças tinham cabelos de vários tons de loiro cacheado e provavelmente não tinham mais de oito anos. Os cachorros eram uma mistura de labradores amarelos e cor de chocolate, até onde eu podia ver.

— A Astrid está aqui! — as crianças berravam enquanto os cachorros se alternavam para pular nas pernas dela e lambiam seu rosto. Não parecia ser uma experiência das mais agradáveis, mesmo

assim ela abriu um enorme sorriso, o que me fez sentir grato por não tê-la resgatado. Não sou o tipo de pessoa que morre de amores por cachorros.

— Você veio brincar com a gente, né? — a criança mais velha perguntou. Eu não conseguia distinguir se era um garoto ou uma menina. Todas as crianças vestiam calça jeans e suéter e seus cachos eram um tanto compridos.

— Hoje não — declarou Astrid.

— Você só vem aqui por causa do Eric! — outra criança se queixou.

— Algum dia eu venho só para a gente brincar, prometo. Agora vocês vão deixar a gente entrar ou não?

Quase tão depressa quanto a multidão de cães e crianças se reuniu, todos desapareceram e a porta se abriu.

— Ele está no sótão — uma voz gritou. — Como sempre.

— Essa deve ser a mãe do Eric. — Astrid me conduziu pela casa e por uma imensa cozinha que dividia o mesmo espaço com a sala, onde uma mulher que vestia basicamente o mesmo tipo de roupa que as crianças estava diante de uma pia bastante funda onde parecia arrancar as penas de uma galinha. Olhei mais de perto. É, era isso mesmo o que ela estava fazendo.

— Olá, sra. Sueppel. Esse é meu... esse é o Sam.

Ela ia dizer namorado? Torci para estar certo.

— Prazer em conhecê-lo, Sam — a sra. Sueppel me cumprimentou. — Eu queria apertar a sua mão, mas, como você pode ver, eu estou até os cotovelos enfiada nas tripas desta galinha.

— Sem problema — eu disse.

— Tudo bem se a gente subir? — Astrid perguntou.

— Claro, vão lá. — A sra. Sueppel se virou novamente para a pia e continuou a depenar a galinha.

— Aquela era uma das galinhas que estavam lá fora? — sussurrei para Astrid assim que chegamos à escada.

— É bom não provocar a sra. Sueppel — ela sussurrou de volta, arreganhando um sorriso.

Para chegarmos ao sótão tivemos de subir três lances de escadas de madeira, mas não se tratava do mesmo material das casas de Stephanie ou de Hayden, todas planas, envernizadas e brilhantes. Aquela madeira tinha algo que indicava que havia sido cortada de uma árvore, lixada manualmente e unida com pregos no intuito de erguer aquela casa, muitos e muitos anos atrás. Os degraus rangiam tanto quando pisávamos neles que fiquei com medo de que cedessem, porém a madeira parecia bem sólida sob os meus pés.

— Estamos chegando — Astrid berrou quando nos aproximamos do topo da escada, que se estendia pelo que parecia ser o teto.

Um alçapão se abriu sobre as nossas cabeças e vimos uma escada

estreita pela qual primeiro Astrid e depois eu subimos. Ela nos levou até o quarto de Eric. “Quarto” não era a palavra mais apropriada. O quarto dele era o sótão, e o sótão se estendia por toda a casa, estreitando-se nos cantos, onde o teto se unia ao chão. Aquele não era como nenhum quarto de adolescente que eu já vira antes. O lugar parecia mais um estúdio de arte.

Um dos lados do quarto estava coberto por borrões de tinta, e havia vários cavaletes onde Eric e alguns de seus amigos estavam trabalhando. Damian também estava lá, sentado em um canto com um caderno de desenho e uma caixa de lápis de cor. Também havia uma grande bacia de plástico cheia de argila ao lado de uma roda de oleiro onde Jess, a menina que também estava à mesa deles na hora do intervalo, fazia um vaso ou alguma outra coisa do tipo. Ela era a única a quem eu ainda não tinha sido oficialmente apresentado. Tentei sorrir para ela, mas Jess olhou para mim por um único segundo e depois voltou sua atenção novamente para o vaso, então percebi que aquela não era uma boa hora. Eu não queria interrompê-la, ainda mais devido ao fato de essa coisa de “fazer novos amigos” ainda não ser a minha especialidade.

O outro lado da sala estava tomado por livros e DVDs, e ainda havia uma TV de tela plana de um tamanho bem decente plugada a um aparelho de blu-ray e um estéreo, apesar de eu não ver nenhum videogame. Que pena.

— Oi, pessoal. Que bom que vocês puderam vir — disse Eric, saindo de trás de um dos cavaletes. — Sam, presumo que você se acertou com a Astrid, certo?

— Eu me acertei, sim — respondi. Ela pegou a minha mão e a apertou.

Eric abriu um grande sorriso.

— Estou vendo. Já era hora, Sam.

Fiquei vermelho de novo. Tudo aquilo era muito novo para mim.

— Esse é o seu quarto? — eu quis saber.

— Todinho meu. Ficamos sem quartos disponíveis quando o meu irmão mais novo nasceu, por isso convenci os meus pais a me darem o sótão. Eu o transformei em uma combinação de estúdio e sala de cinema, então agora a galera está sempre por aqui.

— Os seus pais não incomodam você?

— Mais ou menos. — Ele voltou para trás do cavalete. — Sintam-se em casa. Você faz algum tipo de arte? Aqui temos tudo o que você pode precisar.

— Na verdade, não — eu disse, embora naquele momento eu realmente desejasse saber fazer algum tipo de arte. — O que você está pintando?

Eric olhou para Astrid. Alguma mensagem foi trocada entre eles que

eu não entendi. Ela deu de ombros.

— Venha até aqui e veja por si mesmo — ele disse.

Fui até o outro lado do cavalete. Ele estava trabalhando no que parecia ser o retrato de um garoto, loiro, com olhos tristes. Ele me parecia familiar, apesar de não conseguir identificá-lo logo de cara.

— Você é muito bom — elogiei.

— Obrigado. Mesmo assim, acho que não estou conseguindo captar a imagem direito. — Ele franziu a testa e largou as tintas. — Que tal se a gente visse um filme? Todo mundo está a fim? — Ele caminhou até o rack de DVDs e deu uma olhada nos títulos. — O tema de hoje é angústia adolescente, como em todos os outros dias.

— Você escolhe — Damian gritou.

— Ok, a escolha é da casa — concordou Eric. Ele colocou um disco no aparelho de blu-ray e Jess e Damian começaram a colocar um monte de travesseiros e cobertores junto à parede diante da TV. Imaginei que eles já conheciam o esquema. Encontrei um grande travesseiro para me encostar e Astrid se encolheu ao meu lado enquanto uma música sinistra que eu reconheci da playlist de Hayden começou a sair pelas caixas de som. Deitar junto com Astrid para ver um filme era a coisa mais incrível que já tinha acontecido comigo.

Entretanto, o filme propriamente dito era bastante perturbador. Era antigo, dos anos oitenta ou noventa, eu não tinha certeza, sobre um garoto solitário que comandava uma rádio pirata. Em um determinado momento ele tinha de lidar com um garoto com tendências suicidas que acabou realmente se matando. Ele se sentiu muito mal com isso e acabou fazendo um longo e impetuoso discurso sobre os motivos pelos quais o suicídio não era a resposta. Eu me flagrei lutando contra um desejo intenso de me levantar e ir embora, apesar de o discurso em si não ser moralizador nem nada do tipo. Eu só não havia percebido o verdadeiro tema do filme. A simples menção da palavra “suicídio” já me fazia sentir um soco no estômago. Hayden nunca tentou conversar com ninguém, muito menos com um babaca aleatório no rádio. Será que se ele fizesse aquilo as coisas seriam melhores ou piores?

— Você está bem? — Astrid sussurrou durante os créditos.

Assenti, mas não tinha muita certeza se eu dizia a verdade.

— Eric, a sua escolha não foi das mais sensíveis — ela comentou.

Ele teve a decência de parecer envergonhado.

— Eu sei. Sinto muito. De verdade. Realmente não pensei nisso antes de colocar o filme e então já era tarde demais, sabe como é? Sem ofensas?

— Sem problemas. — Eu de fato não achava que ele tinha escolhido aquele filme para me fazer sentir mal.

— Na verdade, eu estava pensando mais em homofobia do que em suicídio — ele explicou. Aquele tema também fazia parte do roteiro.

Eu estava tão focado naquela outra coisa que não considerei que os demais assuntos poderiam afetar os outros, como o Eric. — Com certeza não faltam homofóbicos em Libertyville High.

— Hoje em dia não é muito melhor do que na época do filme, não é? — perguntei. Eu não conseguia imaginar como deviam ser as coisas para ele.

— É melhor do que era, mas ainda está longe de ser bom — disse ele. — Esta ainda é uma cidade onde a maioria das pessoas pertence a uma das duas igrejas, e ambas pregam regularmente os males da homossexualidade. Não existe nenhum grupo LGBT na escola, apesar de todas as outras grandes escolas em Iowa terem um. A maioria das pessoas por aqui prefere continuar no armário a correr o risco de, eu não sei, perder uma bolsa de estudos porque a galera da sua igreja descobriu que você é gay.

— Mas parece que todo mundo aceita você — comentei. — Sua família, seus amigos.

— Eles aceitam agora — disse Astrid.

— Não vamos falar sobre isso — pediu Eric.

— Eles vão acabar tendo o que merecem — declarou Jess em voz baixa. Acho que era a primeira vez que eu a ouvia falar alguma coisa.

— Acho que eles já estão tendo — Damian completou.

Eu não tinha certeza sobre o que eles falavam, mas suspeitava ser sobre Jason e Trevor. Mesmo assim, eu não conseguia entender — eu podia acreditar totalmente que Trevor era homofóbico, mas pensei no rumor de que Jason era gay. Imaginei que Eric podia estar falando de Jason quando mencionou a bolsa da igreja — todo mundo sabia o quanto a família dele era religiosa, e ele era definitivamente o tipo de cara que ganhava bolsas de estudos.

O quarto ficou em silêncio depois disso, mas não era um silêncio normal. Estava carregado com alguma coisa. Algo que eu não podia dizer exatamente o que era, mas havia alguma coisa errada. Será que eles também achavam que eu havia feito aquilo? Eu queria dizer que não era o responsável por aquelas coisas, mas não tinha certeza e não queria mentir.

— Está ficando tarde — alguém disse. — É melhor a gente ir.

— É, também precisamos voltar para casa — Astrid concordou. — Será que alguém podia nos dar uma carona?

Damian tinha pegado o carro do pai emprestado, então se ofereceu para nos levar. Pensei que talvez fosse ver onde Astrid morava, mas Damian me deixou em casa primeiro.

— Foi bom ver vocês, pessoal — ele se despediu. — A gente devia sair de novo um dia desses.

— Isso se eu não mantiver o Sam só para mim. — Astrid me beijou antes de eu sair do carro.

Se ela continuasse a me beijar daquele jeito, eu imaginei que talvez as outras coisas passassem a não importar tanto. Mas eu me senti culpado só de pensar nessa possibilidade.

20 Todo mundo sabe. (N.T.)



Minha mãe, Rachel e Jimmy estavam todos na sala quando cheguei.

— Perdi a festa? — perguntei. Havia uma caixa de pizza vazia sobre a mesa de centro. — Isso está se tornando um evento semanal?

Minha mãe estava esparramada em sua poltrona de sempre, aquela de que Hayden sempre gostara.

— Você falou com o psicólogo da escola hoje? Me ligaram de lá, você sabe.

— Esqueça o psicólogo — disse Rachel. — Ouvi que você está saindo com a Alison Whitman.

As notícias se espalham depressa.

— Ela atende por Astrid agora.

— É a garota que veio aqui antes daquela festa? — perguntou minha mãe. — Ela tem um... senso de estilo bem pouco usual.

Rachel riu com desdém.

— Esquisito, você quer dizer.

— Olha só quem está falando — apontei para a minha irmã. O visual de Rachel naquele momento incluía outra saia minúscula, além de uma sombra em tantos tons de rosa, roxo e laranja que deixava os olhos dela parecidos com o pôr do sol que eu acabara de ver.

— Vamos ficar na paz, pessoal — pediu Jimmy, o que era hilário, já que ele parecia usar uma espécie de coleira de cachorro. Ele não se parecia exatamente com um funcionário da ONU. Porém, aquilo pareceu funcionar, ou pelo menos me deu um minuto para largar a mochila e sentar no sofá.

— Sobre o quê o psicólogo queria conversar? — minha mãe perguntou.

Olhei para Jimmy.

— Fico feliz em saber que temos um bom senso de limites por aqui — retruquei. — O Beaumont falou que era confidencial.

— Boa tentativa — disse a minha mãe. — Nada é confidencial para a sua mãe.

É, eu não esperava mesmo que aquilo fosse funcionar.

— Conversamos durante a maior parte do tempo sobre o Hayden. E sobre umas coisas estranhas que têm acontecido na escola.

— Como o fato de o Trevor Floyd ter sido espancado depois de sair de uma festa em que você também estava? — indagou Rachel. — Todo mundo só fala nisso. Você sabe quais são as fofocas, não é?

— É, eu sei.

— Que fofocas? — minha mãe perguntou. — Eu sei, eu posso não passar tanto tempo em casa quanto gostaria, mas isso significa que vocês deveriam ajudar mais para me manter informada.

Rachel soltou uma gargalhada.

— Relaxa, mãe. A fofoca é que esse Franguinho aqui foi o responsável pelo espancamento, mas olha só para ele. Não tem a menor possibilidade de ele ter batido em um cara daquele tamanho.

— Vai à merda, Rachel — eu disse.

— Olha a língua, Sam! — Minha mãe me lançou um olhar severo.

Rachel me chamava de Franguinho desde que eu era pequeno, porque sempre fui muito mirrado. Era verdade que eu não tinha ganhado muito corpo, mas era meio que ofensivo ela achar que eu não era capaz de fazer uma coisa daquelas. Aquilo causava impacto. Quer dizer, eu não queria que fosse verdade, mas ainda assim era algo a considerar.

— Você ficaria surpresa por saber o que as pessoas podem fazer quando são provocadas — disse Jimmy. — Não que eu queira insinuar que você fez alguma coisa, Sam. Só estou dizendo.

Eu sabia o que ele queria dizer e me senti estranhamente grato.

— Sam, você veio direto para casa depois daquela festa, não é? — minha mãe perguntou, franzindo o cenho.

— É claro, mãe. — Apesar de aquele assunto me deixar cada vez mais preocupado, não havia a menor necessidade de preocupá-la também. — Então, há alguma outra teoria sobre quem poderia ter feito isso? — perguntei para Rachel. — Além de mim?

— Bem, algumas pessoas acham que não há conexão entre as duas paradas. A galera já meio que sabia sobre o Jason. E você conhece o Trevor. Ele sempre foi um... — Rachel olhou para a nossa mãe — ... uma pessoa não muito legal.

— Será que não foi o traficante que vende esteroides para ele? — sugeri.

— Acho que as pessoas geralmente compram esteroides na academia — Jimmy explicou. Minha mãe lhe lançou um olhar do tipo “como você sabe dessas coisas”, e ele ergueu as mãos. — Não estou falando da minha experiência pessoal. São paradas que a gente aprende quando mora na cidade grande.

— Você sente falta de lá? — eu quis saber. Qualquer coisa para mudar de assunto.

— É, sinto, sim — ele respondeu. — Mas espero voltar para Chicago quando entrar na faculdade.

Os olhos da minha mãe se arregalaram.

— Faculdade? — ela repetiu, cheia de esperanças. — Por algum motivo achei que você não estivesse frequentando o ensino médio.

— Por quê? Eu pareço alguém que desistiu dos estudos? — Ele riu.

— Eu tinha créditos suficientes para me formar com um ano de antecedência, somando os cursos avançados que fiz e algumas aulas que assisti como ouvinte na universidade. Eles me deram o diploma antes de eu me mudar. Passei o ano tendo algumas aulas de ciências pela internet e metendo a cara nos estudos para conseguir uma bolsa. Vou ser médico.

As palavras dele eram repletas de confiança. Ele não falou “quero ser médico”, ou “espero ser médico”, mas “vou ser médico”. E eu acreditava nele.

— Viu? — disse Rachel. — Não julgue um livro pela capa, mãe.

— Ok, eu me declaro culpada — minha mãe assumiu.

Aparentemente, eu não era o único que estava considerando as pessoas surpreendentes naqueles dias. O que me fez pensar se todo mundo tinha uma vida secreta, aqueles aspectos da gente que não combinavam com o que pareciam ser. Mas o simples ato de pensar no assunto já me deixou cansado, e eu me lembrei de que não havia pregado o olho na noite anterior. Eu precisava colocar um pouco de todo aquele sono em dia. Estava prestes a me desculpar e subir para o quarto quando Jimmy perguntou:

— Sam, você tem um minuto?

— Claro — concordei, apesar de não fazer a menor ideia do que ele queria. — Eu já estava indo para o quarto tentar dormir cedo. Você se importa se a gente conversar lá em cima?

Vi que ele lançou um olhar para Rachel, e ela assentiu levemente. Então eles tinham planejado aquilo.

Fomos para o andar de cima. Sentei na cama enquanto Jimmy olhava ao redor.

— Que coleção de livros maneira — disse ele. — Você é um devorador de livros?

— Eu costumava ser — eu disse. — Estou mais numa de videogame agora.

Ele sorriu.

— A Rachel mencionou isso. Você sabe que ela me encheu o saco quando vocês jogaram *Halo*, né?

— É. Desculpe por isso. Eu não sabia que ela ia fazer isso.

— Nem eu. Mas fico feliz por vocês estarem se dando bem.

Quem era aquele cara?

— Eu não sei se colocaria a coisa nesses termos.

— Bem, saiba que ela se importa com você. E eu só queria dizer que eu sei que não nos conhecemos direito, mas não tem muita gente no mundo que passou pelas mesmas coisas que nós. Só queria saber como você está.

— Tenho me sentido melhor — admiti. Na verdade, havia um monte de coisas que eu queria perguntar para ele, se havia acontecido

alguma coisa estranha, tal como ver o amigo depois que ele morreu, mas eu não conseguia encontrar uma forma de verbalizar aquilo sem parecer louco. Havia, porém, uma pergunta que eu podia fazer.

— Quando foi que superou? — eu perguntei. — Quando você começou a sentir que estava ok, tipo, estar no mundo de volta? — Eu não sabia como descrever aquela combinação de júbilo e culpa que sentia em relação a Astrid, por isso nem tentei.

— Essa é difícil. — Ele sentou na cama ao meu lado. — Não foi uma parada que aconteceu assim de repente. Acho que foi uma noção que surgiu com o tempo. Tentei agir normalmente, ir à escola e todo o resto, mas nada disso funcionava para mim. Acho que eu queria me enclausurar, mas nunca ia conseguir sair daquela desse jeito, porque a única pessoa que podia me dizer por que as coisas tinham chegado àquele ponto estava morta. Assim que fiquei em paz com aquilo, comecei a ser capaz de pensar em outras coisas. A mudança também me ajudou. Eu precisava de um pouco de distância. Será que isso ajuda em alguma coisa?

— Um pouco — respondi, o que era verdade. Eu não tinha a opção de me mudar, e, apesar de ter entendido o que ele queria dizer quando mencionou o desejo de se enclausurar, Hayden meio que havia deixado a porta aberta. Ele havia dito com todas as letras que tinha algo a ser desvendado, então eu precisava descobrir.

— Sei que as coisas não estão acontecendo do mesmo jeito para você — ele continuou. — Mas talvez ajude se manter ocupado, fazer coisas novas. A Rachel mencionou que tem uma garota...

— Eu não quero falar...

Ele ergueu as mãos.

— Não vou perguntar nada. Só estou dizendo que você deve seguir em frente. Você não vai conseguir parar de pensar nisso se ficar sentado em casa sozinho. Olha, a Rachel me falou sobre essa parada que vai rolar no fim de semana em que ela pensou que eu pudesse me amarrar. É um troço chamado... Como é mesmo? Corrida na lama? O que quer que seja, a gente não tem isso em Chicago. Você devia vir com a gente.

Eu já tinha ouvido falar naquilo. E me pareceu algo bem idiota. Caras de caminhonete basicamente apostando corrida na lama. Um tipo de coisa bem machona. Trevor costumava competir às vezes com sua imensa picape vermelha, mas aparentemente ele não era muito bom naquilo. Não parecia ser algo de que eu fosse gostar, mas os namorados de Rachel sempre adoraram aquilo e ela também devia gostar, porque sempre ia com eles.

— Não sei — eu disse.

Rachel veio pelo corredor e ficou parada na porta, como se os dois houvessem planejado que ela deveria aparecer ali exatamente naquele

momento. Imaginei se ela estava nos ouvindo escondida em algum lugar.

— Vamos, vai ser uma coisa diferente — disse ela. Rachel realmente queria que eu fosse? Minha irmã queria que eu saísse com ela, em público? Isso era novo. — Vai ser um dos poucos eventos sociais da escola aonde todo mundo pode ir sem se sentir estranho. As pessoas não vão estar numa onda de julgar as outras. Todo mundo simplesmente fica sujo.

— Vou considerar a proposta — prometi.

— Pense nisso como um favor para mim — pediu Jimmy. — Não acho que eu vá estar no meu tipo de ambiente nesse lugar, sacou?

Ah, como eu sacava.

Assim que ele foi embora, me perguntei se deveria ligar o computador ou ir direto para a cama. Entretanto, tinha tanta coisa em minha cabeça que tudo o que eu desejava era que houvesse alguém com quem eu pudesse conversar. O problema era que a pessoa com quem eu realmente queria falar era Hayden. Quando eu ia parar de me sentir assim? Quando ele pararia de ser a primeira pessoa para quem eu pensava em ligar quando acontecia qualquer coisa?

Talvez fosse hora de eu me render. Apesar de não acreditar naquilo, havia uma boa possibilidade de eu ligar o computador e alguém chamado Arquimago_Ged dar as caras. Apesar de ele poder ser misterioso e irritante, exatamente como Hayden, talvez também pudesse me ouvir. Como ele havia me pedido para fazer.

Valia a pena tentar. Liguei o computador e loguei no Gchat.

Sam_Goldsmith: Você está aí?

E então respirei fundo e escrevi:

Eu acredito em você agora.

Aquilo não era cem por cento verdade, mas não importava.

O cursor piscou por um longo tempo, tanto que eu achei que talvez tivesse caído no sono quando ouvi o bipe que indicava a chegada de uma nova mensagem.

Arquimago_Ged: Sério?

Eu quase podia sentir a esperança naquela palavra. Soava tanto como Hayden.

Sam_Goldsmith: Claro.

Não consegui evitar, mas meu tom era cético. Nunca fui bom em

mentir para ele.

Arquimago_Ged: Você precisa conversar com alguém? É isso?

Sam_Goldsmith: Tipo isso. Andei ouvindo a playlist e tenho tentado adivinhar alguma coisa, mas preciso de ajuda.

Aquilo era verdade, com toda a certeza.

Arquimago_Ged: Temo que não haja muito o que eu possa fazer, não daqui.

Sam_Goldsmith: Onde é “aqui”?

Aquilo estava ficando interessante.

Arquimago_Ged: Você está tentando começar uma conversa sobre a vida após a morte? Não acho que seja uma boa ideia.

Se aquele era mesmo Hayden, ele continuava tão irritante como sempre.

Sam_Goldsmith: Será que você poderia me dizer uma coisa? Só uma coisa? Quem é a Atena? O que aconteceu com o Jason e o Trevor? Diga que não sou maluco.

Arquimago_Ged: Não posso lhe dizer isso. Você sempre foi doido de pedra.

Quase comecei a rir, mas eu estava muito frustrado.

Sam_Goldsmith: Qual é, me fala alguma coisa.

Arquimago_Ged: O que é que você realmente precisa saber agora que já não sabia? Que diferença isso faria? Jason e Trevor são dois babacas que receberam o que mereciam. A Atena é um segredo que guardei de você, e sei que isso te deixou louco da vida, mas será que eu não posso ter os meus segredos?

Não de mim, eu queria escrever.

Sam_Goldsmith: Só me diga. Quem bateu no Jason e no Trevor? Foi você? Fui eu?

Arquimago_Ged: Como eu já falei, isso realmente importa?

Ele estava brincando? Será que ele não viu o quanto importava?

Sam_Goldsmith: Importa para mim. Posso ter me metido na maior encrenca.

Arquimago_Ged: Você vai ficar bem.

Imaginei se ele não estava dizendo apenas o que eu queria ouvir.

Arquimago_Ged: Você está com a Astrid agora, não é?

Como ele sabia?

Sam_Goldsmith: Acho que sim. Espero. Mas ainda tenho muitas perguntas. Tem alguma coisa que você queira me contar? Segredos que gostaria de compartilhar?

Arquimago_Ged: Você está irritado porque eu não contei sobre ela antes. Eu entendo.

É claro que ele entendia. Ele sempre entendeu. Tremi um pouco, apesar de não fazer frio.

Arquimago_Ged: Queria que você a conhecesse algum dia. Sabia que vocês fariam bem um ao outro.

Sam_Goldsmith: Você achava que a gente iria dividi-la ou algo do tipo?

Eu não estava completamente convencido de que Astrid e Atena fossem a mesma pessoa. Havia tantas coisas que não faziam sentido. Naquele momento, porém, era a minha única opção. E eu ainda nem tinha começado a lidar com a ideia de eu e Hayden estarmos a fim da mesma garota.

O cursor piscou. Será que ele não me daria nenhuma explicação?

Sam_Goldsmith: Oi?

O cursor piscou mais uma vez. Ouvi um trovão e então um raio cortou o céu. Começou a chover; pouco, no início, mas depois desabou um temporal, gotas grossas que metralhavam o telhado com tanta força que me perguntei se não estava chovendo granizo. Após o que pareceu serem uns bons quinze minutos, olhei para o relógio, só para me surpreender mais uma vez ao descobrir quanto tempo havia passado.

Finalmente, o Arquimago voltou a digitar.

Arquimago_Ged: As respostas estão na playlist. Hora do terceiro ato.

E, então, ele se foi.



EU JÁ ESTAVA CHEIO do Arquimago_Ged e de suas babaquices misteriosas. Entre essa coisa de ele aparecer para mim e eu instigá-lo para que desse as caras, era bem capaz que eu nunca mais dormisse novamente. E se eu continuasse tonto daquele jeito, quem sabia o que poderia acontecer? “É hora do terceiro ato”?

Ryan só podia ser o próximo.

Eu não sabia o que fazer. Quanto mais eu conhecia Ryan, mais eu o odiava. Ele havia sido um irmão horrível para Hayden e se mostrou um namorado horroroso para Astrid também. Por que eu deveria me importar se alguma coisa ruim acontecesse a ele?

Mas eu também não era um grande fã de Jason ou de Trevor e ainda assim sentia as minhas entranhas revirarem quando pensava no que havia acontecido com eles. Claro, eles fizeram por merecer, esse é um ponto, mas não desse jeito. Parte do motivo pelo qual eu odiava achar que podia ser responsável por aquilo era que as coisas não tinham saído do jeito que eu queria. Eu não gostava de todos esses segredos. Eu queria que as coisas fossem claras. Eu queria que o mundo soubesse que aqueles três caras eram péssimas pessoas. Fazer coisas ruins acontecerem com os três não era a mesma coisa que fazer com que eles, e todo mundo, lidassem com o fato de que eles realmente eram ruins.

Percebi, então, que não queria que nada de misterioso ou de ruim acontecesse com Ryan. Eu queria que ele encarasse quem realmente era e como isso o tornava responsável. O que significava que eu teria de deter o que quer que acontecesse em seguida.

Mas antes eu precisava descobrir o que aconteceria com ele.

Caí no sono ouvindo a playlist, esperando que alguma pista estivesse escondida nas letras, mas não conseguia captar nada. Apenas mais músicas sobre tristeza, amor, morte... Eu não sabia o que fazer exceto tentar descobrir de onde ele havia tirado algumas delas. O que significava que eu tinha de descobrir, de uma vez por todas, se Atena era mesmo Astrid. E eu sabia por onde começar.

Mandeí uma mensagem de texto para Astrid, perguntando se ela podia me encontrar depois da aula. Eu sabia que naquele dia nossos almoços seriam em horários diferentes. Em seguida, escolhi a música mais suave da playlist e embarquei em um sono extremamente necessário.

Passei o dia na escola dividido entre tentar pensar no que dizer exatamente para Astrid e evitar os olhares e sussurros dos outros

alunos, já que era óbvio que todos eles ouviram os rumores sobre Jason e Trevor. Toda vez que ouvia passos atrás de mim no corredor, eu me encolhia, crente de que a polícia finalmente decidira me interrogar. Era apenas questão de tempo.

O plano era nos encontrarmos no shopping. Fui para lá direto da escola. Eu tinha a última aula vaga e queria passar um tempo na CCI. Não ia lá desde o dia do funeral de Hayden, e, antes disso, costumava frequentar a loja o tempo todo. Torci para que o gerente não perguntasse novamente sobre Hayden, mesmo assim eu podia lidar com aquilo. Além disso, havia saído um novo número de *Vampiro Americano* e eu tinha planejado lê-lo na loja para não ter de comprar a versão mais cara, de capa dura, e poder esperar até que uma edição mais barata, pela qual eu pudesse pagar, fosse lançada. Stephen King tinha escrito uma das primeiras histórias, e ele era o meu escritor preferido. Li tudo dele, até as novelas que ele assinou com um pseudônimo, e quando eu era criança passava horas tentando pôr fogo nas coisas com o poder da minha mente, e olhando para carros e cães tentando adivinhar quais deles eram secretamente malignos. Durante anos, tentei convencer Hayden a ler os livros de Stephen King, mas tinha toda aquela coisa da dislexia, sobre a qual eu deveria ter sido mais sensível. Apenas mais outra coisa para eu me arrepender.

Os quadrinhos e as graphic novels ficavam no fundo da loja, então caminhei o mais depressa possível pelos corredores, passando pelas seções de ficção científica e de games, para evitar o gerente. Não havia muitos clientes por ali, o que, por sorte, significava que eu poderia ler em paz. Pensei ter visto Jess de relance, a garota de cabelo curto que costumava andar com Eric, mas, quando me virei, ela já tinha ido embora. Devo ter imaginado. Era extremamente raro ver meninas por ali.

O quarto volume tinha acabado de sair, e eu me acomodei para ler sobre Skinner Sweet, a primeira linhagem de vampiros norte-americana. A série era incrível porque combinava toda a sanguinolência da lenda dos vampiros com histórias sobre o velho oeste e outras épocas da história dos Estados Unidos. Nunca gostei muito de História, mas era muito mais divertido aprender quando você pensava que havia vampiros envolvidos.

Eu estava tão absorto na trama que quase deixei o livro cair quando alguém me cutucou em um dos ombros. Droga. O gerente ia me expulsar. Eu me preparei para implorar que ao menos me deixasse terminar de ler aquele número, então me virei.

Não havia ninguém ali.

Então ouvi a risada de Astrid.

— Não acredito que peguei você de novo! — Ela estava ao meu lado.

— Que surpresa ótima — eu disse. E era mesmo. Eu não conseguia disfarçar a felicidade que sentia por vê-la, independentemente de todas as outras coisas que me preocupavam.

— Bem, cheguei cedo e achei que você poderia estar aqui. — Ela se inclinou sobre os meus ombros para ver o que eu estava lendo. — Mesmo assim, não quero interromper a sua leitura de quadrinhos de vampiro, ou seja lá o que.

— Sem problemas — eu disse, e larguei o livro para que eu então pudesse olhar para ela. O visual do dia era uma espécie de camiseta branca rasgada com uma saia de renda preta comprida e coturnos Doc Martens. Ela tinha mechas pretas e brancas no cabelo para combinar com a roupa, e seus lábios pareciam um tabuleiro de xadrez: metade preto e metade branco na parte de cima e o oposto na de baixo. Parecia ter dado muito trabalho, então achei melhor não beijá-la, evitando assim estragar tudo.

Porém Astrid franziu levemente a testa, e eu lembrei da expressão no rosto dela quando me perguntou por que eu não tomava nenhuma iniciativa. O batom tinha fixador, certo? Eu a puxei para mim e me inclinei na direção dela. Eu me senti grato por ter feito aquilo, porque, quando me afastei, ela estava sorrindo e seu batom estava hilário, todo bagunçado, transformado em uma mancha cinza. E ela gargalhava para mim também, já que a minha boca provavelmente estava igual à dela.

— Acho que você precisa de um lenço de papel — ela disse.

— Acho que preciso mais de um lenço umedecido.

Não conseguíamos parar de rir.

— Vocês dois vão comprar alguma coisa ou vão ficar aí bloqueando o corredor? — ouvi o gerente perguntar.

— É melhor a gente dar o fora daqui — disse Astrid. Ela pegou uma das minhas mãos e me arrastou para fora da CCI em direção à Sweet Spot, uma loja de doces que ficava bem ao lado da praça de alimentação. Eles vendiam todas as coisas possíveis e imagináveis repletas de açúcar: havia todo um corredor de M&M's de cores estranhas, uma fileira só de balas de goma e uma seção dedicada a chocolates de todas as partes do mundo. Astrid fez uma linha com balas que custavam um centavo.

— Essas são as minhas favoritas — ela explicou. — Quando eu era pequena, meu pai costumava levar a gente para a parte rica da cidade no Halloween, porque eles tinham os melhores doces. Tinha uma casa que sempre dava um saco repleto de guloseimas do tempo da vovó: puxa-puxa, colares de balas, caramelos. Acho que o pessoal tinha um restaurante ou alguma coisa do tipo.

— Era uma estratégia inteligente. Sempre ficamos no nosso próprio bairro. Tudo o que a gente ganhava eram Milky Ways e Almond Joys,

e eu odeio coco. Minha mãe costumava roubar todos os meus potinhos de manteiga de amendoim Reese. Ela chamava isso de cobrar o aluguel.

Cada um de nós comprou uma sacola de doces e sentamos na praça de alimentação.

— Tem uma coisa que preciso perguntar para você — eu disse.

— Parece sério — ela retrucou, mas eu não conseguia decifrar se era uma piada ou não.

— Atena — eu disse. — A senha. Como sabia sobre tudo isso?

Uma tela caiu novamente sobre o rosto dela, mas eu estava determinado a atravessá-la.

— Eu realmente preciso saber — insisti. — Essa história está me deixando meio maluco. Ainda acho que o que aconteceu com o Hayden é minha culpa, mas então rolaram essas outras paradas com o Jason e o Trevor e eu simplesmente não sei o que fazer.

— Você nunca terminou de me contar por que acha que é sua culpa.

— Você está evitando a pergunta.

— Assim como você.

Olhamos um para o outro, quase que nos desafiando a ver quem falava primeiro.

— Ótimo — dei o primeiro passo. — Eu conto o resto da história e você promete que vai me contar sobre a Atena.

— Combinado — disse ela, e enfiou a ponta de uma bala puxa-puxa de hortelã na boca sem olhar para mim.

Então eu e Hayden finalmente tínhamos ido a uma festa, e por insistência dele, veja só, e lá estávamos nós, caídos no chão, com todo mundo rindo da nossa cara. Era como se estivéssemos vivendo um pesadelo. Peguei o braço de Hayden e tentei levantá-lo.

— Precisamos dar o fora daqui.

Por algum motivo ele resistiu, afastando o meu braço, mas sem fazer o menor movimento para se levantar.

— Vamos — eu disse, e ofereci novamente o braço.

Dessa vez ele deu um tapa na minha mão.

— Não toque em mim — ele ordenou, mas continuou no mesmo lugar.

— O que foi que deu em você? Você está bem? — perguntei, tentando ignorar as gargalhadas ao redor, tentando fingir que não havia ainda pessoas olhando para a gente.

— Não, eu não estou bem — ele disse. Um círculo se abriu à nossa volta, mas o caminho até a porta estava repleto de gente. Hayden abriu caminho enquanto as gargalhadas cessavam. Eu o segui até o lado de fora. O ar havia se tornado cortante e gelado.

— Dá para me contar o que está acontecendo? — pedi. — Não estou

entendendo. O que acabou de acontecer?

— Nada. — Ele começou a andar depressa, quase como se quisesse se afastar de mim, apesar de o combinado ser que nós dois voltaríamos para a casa dele.

Caminhei mais depressa para alcançá-lo. Eu tinha vantagem, pois minhas pernas eram bem mais longas. Ele nunca tinha sido capaz de me despistar.

— Não dá para dizer que não foi nada. Por que viemos até aqui?

— Por que viemos até aqui? — ele repetiu. — Por quê? Para sermos expostos à humilhação pública, foi por isso.

Eu estava começando a ficar irritado. Uma coisa era ele não ter me contado o motivo antes, mas eu havia passado tanta vergonha quanto ele. Ele me devia uma explicação. Eu tinha acabado de ir a uma festa contra a minha vontade, havia sido zoado por pessoas que eu odiava e percebido ainda que nada iria mudar. E talvez aquilo não fosse culpa de Hayden, mas, naquele momento, eu sentia como se fosse.

— Sabe, tudo o que você quer fazer a maior parte do tempo é ficar sentado jogando *Mage Warfare*, e ultimamente nem comigo você quer jogar mais, e então você me arrasta para essa festa e não fazia nem uma hora que a gente estava lá quando por pouco não tomamos uma surra do idiota do seu irmão e daqueles amigos babacas dele. E olha que eles nem deveriam estar lá. E você ainda acha que não precisa me contar por que porra, em primeiro lugar, a gente foi a essa festa?

— Você não entenderia — disse ele.

— Tente.

Ele balançou a cabeça.

— Não posso. Não agora.

— Isso não entra na minha cabeça. Você é o meu melhor amigo. Meu único amigo. Eu te conto tudo e você não parece confiar nem um pouco em mim.

— Isso não tem nada a ver com confiança! — Eu podia ver que ele também começava a se irritar. — Talvez de vez em quando eu gostaria de ter alguma coisa só para mim. Algo que não precisemos compartilhar entre nós dois. Simplesmente uma coisa que seja sobre mim. Por que é tão difícil entender?

Não era. Na verdade, eu compreendia muito bem. De alguma maneira, isso também era o que eu queria.

— Não vejo por que você não possa ter algo que seja só seu, mas me conte mesmo assim.

— Eu poderia ter essa coisa — disse ele. — Mas agora já era.

— Será que você pode parar com essa babaquice misteriosa e me falar logo o que está acontecendo? — gritei enquanto atravessávamos a rua.

Ele parou no meio da rua e se virou para me encarar.

— Não! — ele gritou. — Eu não vou te contar. Será que não foi suficiente eu ter sido jogado da escada e humilhado na frente de todo mundo? Será que vou ter de reviver todo o restante dessa história? Acho que não. — Ele abriu a carteira, tirou uma nota de vinte dólares e jogou na minha direção. — Aqui. Você tem celular. Liga para um táxi. Quero passar esta noite sozinho.

A nota flutuou no chão diante de mim. Eu não sabia o que fazer. Jamais o vira daquele jeito e, verdade seja dita, também não queria voltar para a casa dele e ter de lidar com aquela situação. Mas, por outro lado, não queria pegar a nota. Eu preferiria andar, não importava quão longe estivesse.

Encaramos um ao outro por um minuto que pareceu ser multiplicado por dez. A mudança nas luzes de um sinal de trânsito no final da rua finalmente nos tirou daquele transe. Ambos começamos a andar em direções opostas.

— Vá se foder, Hayden — eu disse, mas ele não se virou.

Aquela foi a última vez que o vi. Com vida, pelo menos.

Respirei fundo e esperei que Astrid dissesse alguma coisa. Por um minuto, ela ficou ali sentada, sugando aquele puxa-puxa de hortelã idiota, ainda sem olhar para mim. Ótimo. Agora ela entendia.

— Viu? — por fim, quebrei o silêncio. — Foi mesmo minha culpa.

— Você não tem como saber — disse ela.

— Você não pode dizer isso.

— Posso, sim. — Então ela finalmente olhou para mim. — Eu sei por que o Hayden foi àquela festa.

FIQUEI OLHANDO PARA Astrid como um idiota.

— Como você pode saber? Você não estava lá.

— Eu deveria estar.

Eu não sabia o que pensar. Mas as engrenagens na minha cabeça rodavam sem parar, cuspidos todos os cenários possíveis. Astrid era Atena e eles deveriam estar juntos na festa. Atena não era real e Ryan e os amigos dele a inventaram só para envergonhar Hayden. Mas como Astrid poderia saber daquilo? A não ser que ela tivesse voltado com Ryan. Meu Deus, eu rezava para que aquilo não fosse verdade. Mas não parecia certo. Nada que eu poderia pensar parecia correto.

— Deixa eu contar toda a história para você. — Ela parecia preocupada, até mesmo com medo, mas mesmo assim começou a falar. — Já contei que fiquei amiga do Hayden quando estava namorando o Ryan, e ainda assim continuei em contato com ele depois que a coisa toda terminou. Mas nosso contato não passava de uma mensagem de texto ocasional aqui e ali. O Hayden sabia que eu estava passando por uma fase difícil depois de tudo que tinha acontecido, e ele era um garoto muito doce. E eu gostava muito dele. Não sei por que ele sempre parecia tão solitário para mim. Especialmente quando Hayden tinha um amigo como você.

Alguma coisa no modo como ela falava me fez sentir culpado mais uma vez, mas resolvi apenas ouvir em vez de tentar me defender.

— Eu então achei que ele precisava de uma namorada. Eu falei isso para o Hayden, mas acho que ele era tímido demais para tentar por si mesmo.

Eu podia ter dito a ela que nós falávamos sobre garotas o tempo todo, mas nenhum dos dois jamais tivera coragem de se aproximar de uma.

— Eu queria arrumar uma namorada para ele, mas não achava que ele fosse correr atrás de alguém. Então imaginei que eu poderia tentar outra abordagem. Eu tinha a pessoa perfeita em mente: uma garota fofa, pequena e tímida, exatamente como ele. Alguém criativo, que poderia ser convencido a achar jogos online divertidos.

— Quem? — perguntei.

— Jess — Astrid respondeu em um sussurro, olhando para baixo.

Eu me lembrava da garota de cabelo curtinho que havia visto na festa e depois no intervalo, aquela que nunca falava comigo. Achei que talvez ela não gostasse de mim por algum motivo. Talvez pensasse que eu fosse responsável por machucar os valentões do Trevor e do

Jason. Porém, podia ser apenas timidez.

— A Jess?

Astrid assentiu.

— Ela é um doce, igualzinha ao Hayden, mas ainda é mais tímida que ele. Eu queria que vocês dois ficassem amigos, mas essa simples ideia já a deixa apavorada, então eu não quis insistir. Quis isso em parte por me sentir muito mal em relação ao que aconteceu. Olha, quando você diz que a culpa foi sua, posso dizer que sei que não é verdade. Porque a culpa foi minha.

Comecei a balançar a cabeça.

— Pelo menos em parte — ela continuou. — Conte para a Jess o quanto o Hayden curti a *Mage Warfare*, que ela deveria criar um perfil e encontrá-lo no jogo. Assim ela não teria de falar com ele pessoalmente, pelo menos não logo de cara. Eu sabia que ela se sentia muito mais confortável no mundo virtual, exatamente como o Hayden. A Jess ficou nervosa no início, mas falei muito bem do Hayden, e por fim a convenci. Fui eu mesma quem sugeriu o nome de usuário dela.

Senti meus ombros desmoronarem de alívio. Então aquela era a conexão entre Astrid e Atena. Eu tinha de admitir que aquilo fazia mais sentido do que pensar em Astrid e Hayden juntos. Por fim eu não precisava mais me sentir estranho com a ideia de dividir uma namorada com Hayden.

— Funcionou perfeitamente bem no início — ela continuou. — O Hayden não me contou nada, é claro. Ele não iria confessar nada para mim, assim como não contou nem mesmo para você o que estava acontecendo. Mas a Jess me mantinha informada. Ela estava tão empolgada. Parecia que ela estava saindo da concha. Eles eram superfofos, sempre falando sobre música, e faziam umas playlists um para o outro. Eu me sentia o melhor cupido do mundo. E fiquei ainda mais animada quando a Jess me contou que eles iam se encontrar pessoalmente. Ela me enviava mensagens de texto enquanto os dois conversavam na internet e eu contei a ela sobre a festa. Imaginei que o Ryan e aqueles outros caras não estariam lá por causa do jogo de futebol e jurei a ela que aquele seria o lugar perfeito para eles se encontrarem. A Jess ficou apavorada com a possibilidade de ele não gostar dela quando a visse, apesar de eu saber que não havia a menor chance de isso acontecer. Entretanto, se o que ela precisava era se sentir segura, eu faria de tudo para garantir isso. Eu seria a sua copilota.

— Só que você não foi — retruquei.

Ela fez que não com a cabeça.

— Não fui. Eu deveria me encontrar com ela lá, mas algo aconteceu e eu não pude ir à festa. Pedi desculpas a ela um milhão de vezes e prometi que tudo ficaria bem. A Stephanie Caster é uma vaca, mas as

festas dela sempre atraem a maior galera e eu imaginei que a Jess e o Hayden poderiam dar uma escapulida e ninguém se importaria. Eu sabia que realmente não importava onde eles estivessem. Assim que os dois se conhecessem pessoalmente, tudo estaria resolvido. Ela estava nervosa, mas me garantiu que ficaria bem.

— O que aconteceu? Por que você não foi?

— Não posso falar sobre isso. Desculpe, mas não é uma história minha. Apenas acredite em mim quando digo que não tive muita escolha. Você sabe como é ter um melhor amigo.

Aquilo significava que a história só podia ter a ver com Eric. Eu queria acreditar nela, mas ainda não tinha certeza se deveria fazer aquilo.

— Mesmo assim, não me lembro de ter visto a Jess na festa.

— Ela chegou lá antes de vocês. E ficou por tempo suficiente para cruzar com o Ryan e a galera dele. — Ela pronunciou o nome dele com ainda mais amargor na voz do que eu costumava fazer. Ela ainda devia odiá-lo. E muito. — Não sei o que eles disseram para ela, mas, o que quer que tenha sido, foi o suficiente para que ela saísse correndo da festa. Ela me mandou uma mensagem informando que tinha terminado tudo com o Hayden e nunca mais queria ouvir o nome dele. Só recebi essa mensagem horas depois. Tentei perguntar à Jess o que tinha acontecido, mas ela não me escreveu de volta.

— E o Hayden nunca chegou a conhecê-la.

— O que é o mais triste, na minha opinião — ela disse. — Eles podiam ter sido felizes. Se eu tivesse ido àquela festa...

— Você sabe que as coisas não seriam nada diferentes — eu disse, mesmo assim entendia por que ela estava triste. Eu sentia o mesmo. Hayden chegara tão perto de algo real e teve isso tirado dele... Deve ter sido devastador.

— Não necessariamente. Eu poderia ter mantido a Jess longe daqueles caras, ou conversado com ela depois, ou tê-los mantido longe do Hayden...

— Você não tem como saber. Você não tem como saber se alguma coisa seria diferente.

— Bem, nem você — Astrid completou, e eu achei que em certo grau ela tinha razão. — Tudo o que eu posso falar com certeza é que o Ryan e os amigos dele têm boa parte da culpa.

Eu queria tanto perguntar se ela pensava que, de alguma maneira, eu tentava me vingar, mas não sabia como dizer aquilo sem parecer maluco. Apesar de eu sentir cada vez mais raiva deles, do que quer que tenha levado Hayden até aquele ponto, eu queria desesperadamente saber que eu não era o responsável. Talvez eles merecessem mesmo receber o troco, mas não esse tipo de ataque físico, anônimo. Eles precisavam saber que fizeram algo errado. E todo

mundo precisava saber também.

Não, não poderia ter sido eu. Não poderia ser mesmo. Mas, se não fosse eu, quem mais poderia ser? O Arquimago_Ged? Sério mesmo?

Astrid estendeu um dos braços e pegou a minha mão.

— Onde você está, Sam? Eu o perdi por um minuto, não é?

— Estou só pensando. Ainda tem muita coisa que não faz sentido para mim e existe um lance que me preocupa. Só tem um membro da trifeta do bullying que não recebeu o que merece: o Ryan. — Contei a ela minha teoria segundo a qual, se Jason e Trevor foram atacados, Ryan seria o próximo.

Ela puxou um dos apliques.

— Você não tem como ter certeza disso. Ninguém garante que os ataques estão conectados. Pode ser carma, mas também pode ser obra do acaso, não é?

— Poderia, mas não parece que as coisas funcionam assim. Estou preocupado com o que pode acontecer. — Fiz uma pausa. — Quero dizer, e se fui realmente eu?

— Sem chance — disse ela. — Eu sei que não foi. E daí se alguma coisa acontecer com o Ryan? Ele merece o que quer que fizerem com ele.

— Isso é meio rude, não acha? — Eu ficava um pouco amedrontado com a forma como Astrid podia sentir tanta hostilidade por alguém de que ela, em algum momento, gostou tanto, porém, mais uma vez, eu nunca havia passado por um rompimento de namoro. Eu não fazia a menor ideia de como deveria ser e não queria ter de pensar naquilo. Mesmo assim, me senti aliviado por ela ter tanta certeza de que não havia sido eu. Também queria ter a mesma certeza.

— Você realmente acha isso? Não gostaria de ver os três recebendo o que merecem? Não seria meio que gratificante, de alguma forma? — Ela começou a se inclinar para a frente, quase como se dissesse que não havia problema se eu confessasse aquilo, que ela não me julgaria.

Porém, eu me julgava. Eu tinha de garantir que as coisas não fossem além. Só não sabia como.

— Não acho que isso resolveria alguma coisa — eu disse.

— Nunca se sabe — falou ela, e se levantou. — Preciso ir embora, mas o que você vai fazer nesse fim de semana?

— Eu deveria ir àquele lance de corrida na lama com a Rachel e o namorado dela, mas, se você quiser sair, posso me livrar desse programa.

— Não, está perfeito! — Ela finalmente sorriu de novo. — Era sobre isso que eu ia perguntar. A corrida do Eric. Vai ser incrível.

— Eric? — Eu ainda estava tendo dificuldade para conciliar o Eric hipster com o Eric rural, apesar de achar que essa coisa de lama fazia todo o sentido para alguém que sabia consertar um trator.

— Ele é surpreendentemente bom nessas corridas. E acho que vai correr contra o Ryan. Vai ser divertido ver o Eric detonar com ele.

— Com certeza “divertido” não é a palavra que eu usaria, mas estarei lá — eu disse.

E então nos beijamos por um longo tempo. Eu queria que durasse para sempre, que eu pudesse congelar aquele momento, ali parado no meio do shopping, sem ter de pensar em mais nada daquilo novamente. Eu não queria pensar que Ryan era a próxima vítima, e que no sábado todo mundo estaria assistindo. E eu não fazia a menor ideia do que iria acontecer.

Algo sobre saber que Astrid acreditava com toda a certeza que eu não havia sido o responsável pelos ataques a Jason e Trevor pareceu me dar permissão para finalmente ter meu tão merecido descanso. Consegui tirar tudo da mente e finalmente dormir. A sensação foi maravilhosa. Acordei na manhã seguinte mais desperto e alerta do que eu havia me sentido em semanas.

Entretanto, as perguntas não tinham desaparecido. Eu não tinha certeza do que fazer em seguida até me lembrar de uma coisa que Astrid não explicou: por que ela não tinha ido à festa. Aquela história não era dela, Astrid dissera. Então era óbvio que aquela história pertencia a Eric. Eu precisava falar com ele.

O segredo era como encontrar Eric sozinho. Aquele era um dia em que nosso intervalo era no mesmo horário. Corri para o refeitório assim que fomos liberados, sem me importar com a comida, e consegui pegar Eric na fila antes mesmo de ele se sentar.

— Podemos conversar um minuto? — perguntei. — A sós.

Eric sorriu.

— Você está querendo alguma dica sobre a Astrid? Sou todo ouvidos.

Ele não chegara nem perto de adivinhar o que eu queria, mas não vi necessidade de revelar minhas intenções logo de cara. Levei-o até uma mesa no canto oposto, onde a nossa galera não pudesse nos ver. Eric colocou sua bandeja sobre a mesa, mas a deixou de lado. Eu quase me sentia mal ao ver o quanto ele estava empolgado por me ajudar a fazer as coisas funcionarem com Astrid quando havia uma boa chance de eu arruinar tudo assim que abrisse a boca. Mas eu precisava saber.

Só que eu não sabia por onde começar.

— As coisas ficaram bem... complicadas... para mim desde que o Hayden morreu — eu finalmente disse. — Tem muita coisa acontecendo e eu tenho um monte de perguntas. Achei que você talvez pudesse me ajudar.

— Posso tentar — respondeu ele. — Apesar de eu não ter conhecido o Hayden direito. Eu sabia que a Astrid queria que ele andasse com a gente, mas ela disse que o Hayden era tímido, que ainda não estava preparado.

— Na verdade, as minhas perguntas não são sobre o Hayden. Pelo menos não diretamente.

Eric me lançou um olhar confuso.

— Sei que isso vai soar meio aleatório, mas eu estava conversando

com a Astrid e ela me contou sobre a noite em que o Hayden morreu. Que ela deveria estar naquela festa, mas não pôde ir. E eu tive a impressão de que talvez... talvez ela não tenha ido por sua causa.

Eric ficou de queixo caído.

— Entendo — ele disse.

— Sei que a gente não se conhece assim tão bem, e parece que esse assunto é bastante pessoal, mas haveria alguma chance de você me contar o que aconteceu?

Ele olhou para a mesa por um minuto e depois voltou a me encarar. Eu podia dizer que ele havia tomado algum tipo de decisão.

— Posso lhe contar o que quiser, mas não aqui. Você pode ir até a minha casa esta tarde? Depois da escola?

— Claro. — Independentemente do que fosse aquela história, parecia ser algo grande. Eu mal podia esperar.

Assim que o sinal da última aula tocou, corri para a casa de Eric. Lembrei que ele tinha carro, então, se eu fosse andando, ele com toda a certeza já estaria lá quando eu chegasse. O chão estava úmido de toda a chuva da noite anterior, o que eu imaginava ser algo bom para aquele lance da lama, porém eu estava usando um velho par de All Stars e eles chiavam enquanto eu andava. A playlist de Hayden, como sempre, estava no meu iPod.

Ele incluiu duas versões de “Hurt” — uma era a versão original do Nine Inch Nails, que Hayden amava. Ele tinha uma queda por músicas góticas. Passou até por uma fase horrível em que só ouvia Marilyn Manson, na qual eu não tinha muita certeza se nossa amizade sobreviveria. Ele estava particularmente convencido de que Trent Reznor era um gênio. Eu, por outro lado, não me achava capaz de gostar de uma só música do Nine Inch Nails até que ouvi o cover do Johnny Cash de “Hurt”, a segunda versão que Hayden incluía. Johnny Cash fez covers de um monte de músicas inusitadas: Depeche Mode, Tom Petty, esse tipo de coisa. Considerei aquilo brilhante. Hayden, por sua vez, achava que aquela história de que o Johnny estava se preparando para morrer não passava de um truque publicitário. Por fim, suavizei minha opinião sobre Trent Reznor. Achei legal ele ter deixado o Nine Inch Nails de lado por um tempo para fazer trilhas sonoras para o cinema. Entretanto, a opinião de Hayden sobre os covers de Johnny Cash jamais fraquejou, e o fato de ele ter incluído aquela versão pareceu um sinal para mim, uma prova de que ele não me odiava totalmente. Mesmo assim, eu sabia que era perigoso tentar extrair esse tipo de excesso de informação da playlist. Eu queria ter mais certeza sobre o motivo pelo qual Hayden havia incluído aquelas músicas, o que todas elas significavam, o que ele achava que eu seria capaz de entender.

Finalmente cheguei à casa de Eric. A mãe dele devia ter saído com

as crianças, porque foi ele quem atendeu a porta quando bati.

— Vamos lá para cima — ele me convidou, e eu o segui até o sótão.

— Quer beber alguma coisa? — Ele foi até um frigobar e pegou duas garrafas de água. Eu assenti, e ele me passou uma delas. — Vamos ficar à vontade porque essa conversa pode ser longa.

As pilhas de almofadas e cobertores ainda estavam espalhadas pelo chão como um resquício da nossa noite de filmes. Eric se sentou em um grande pufe e eu tentei juntar algumas almofadas para não ficar em uma posição desconfortável. Lembrei de como me sentira confortável no outro dia, aninhado com Astrid. Era exatamente o oposto de como eu me sentia naquele momento.

Eu não tinha certeza de como começar; assim, imaginei que podia tagarelar sobre algumas besteiras até que ele me interrompesse.

— Não sei quanto a Astrid te contou sobre mim...

Eric sorriu.

— O suficiente, com certeza. Ela está muito a fim de você, caso não tenha percebido.

Fiquei vermelho.

— Acredite em mim, é recíproco. Mas você sabe sobre o Hayden, não é?

— Sei — ele respondeu.

Apreiei o fato de ele não tentar dizer mais nada, de que ele simplesmente houvesse entendido que eu perdera algo. Aquilo não tornava as coisas melhores, mas nada seria capaz de fazer isso.

— Ela me disse que estava tentando ajudá-lo — eu disse. — A Astrid devia estar naquela festa, mas não foi.

— E é aí que eu entro — ele falou.

Fiquei aliviado por ele ter entendido. Esperei que Eric falasse mais alguma coisa, mas ele parecia estar pensando. Ele então tomou um grande gole de sua garrafa d'água, como se estivesse se preparando para algo.

— Que inferno — ele declarou finalmente. — Todos os meus outros amigos sabem. E, se você vai andar com a gente, deve saber também. Venha dar uma olhada. — Eric se levantou do pufe tão graciosamente quanto é possível se levantar de uma coisa daquelas e caminhou até o canto onde ele estava pintando na última vez em que estive ali. Eu o segui e olhei para o retrato, aquele cujos traços me pareceram tão familiares, e então percebi quem era. Olhei para Eric.

Ele assentiu.

— É o Jason — concluí.

— A gente chegou a ter um lance.

É claro. O rumor sobre Jason. Astrid mencionara que Eric passara por um rompimento complicado. Mas como eu podia saber? Só porque os dois eram gays não significava que formavam um casal. Eles eram

uma dupla bastante improvável.

Voltamos a nos sentar onde estávamos antes, e Eric começou a falar.

— Nós nos conhecemos na igreja. Frequentamos a mesma escola dominical durante anos. E acho que ambos reagíamos da mesma maneira quando o pastor começava com o seu discurso de ódio sobre os males da homossexualidade e todo o resto. Nós dois ainda estávamos no armário, apesar de o Jason ter muito mais medo de as pessoas descobrirem sobre ele do que eu. Simplesmente me dei conta de que isso era problema meu e de mais ninguém, mas ainda não estava pronto para falar com a minha família. A família dele, entretanto, era super-religiosa e ele achava que eles iam surtar de vez se soubessem. Isso sem mencionar que, apesar de viverem no lado leste da cidade, eles não têm dinheiro, e o Jason estava contando com essa bolsa de estudos da igreja para ir para a universidade. Se descobrissem que ele era gay, não haveria a menor chance de conseguí-la.

Então foi isso que ele quis dizer naquele outro dia: *A maioria das pessoas por aqui prefere continuar no armário a correr o risco de perder uma bolsa de estudos porque a sua igreja descobriu que você é gay.* Na ocasião, achei que Eric estava apenas fazendo um comentário aleatório, mas na verdade ele se referia a Jason.

Eric fez outra pausa para tomar mais um gole d'água, e percebi que de alguma forma ele queria contar aquela história para alguém, do início ao fim, de uma maneira que jamais havia sido capaz antes.

— Deve ter sido muito difícil para ambos — comentei.

— E foi. — Ele parecia grato pela minha compreensão. — Sei que o Jason pode ser um verdadeiro babaca, mas ele não era assim quando estávamos sozinhos. Ele era diferente. É difícil explicar. Mas nós éramos felizes. Pelo menos eu pensava que éramos.

— Mas então algo aconteceu — eu disse. — Na noite da festa da Stephanie Caster. — Aquela deveria ser a noite em que eles terminaram, mas eu não queria pronunciar em voz alta.

— Exatamente — ele disse. — Ainda não sei de todos os detalhes. Jason e eu nem mesmo olhamos direito um para o outro depois dessa noite. Mas posso imaginar o que aconteceu. Os amigos dele devem ter descoberto e surtaram. Falaram para o Jason que, se quisesse continuar a andar com eles, ele teria de terminar tudo e ninguém jamais poderia descobrir. E então foi o que ele fez. Por meio de uma mensagem de texto extremamente desagradável. — Ele riu alto, mas sua gargalhada foi sombria, terrível.

— E foi por isso que você chamou a Astrid?

— Não, eu sabia que a Astrid tinha uma festa para ir e parecia ser realmente importante para ela estar lá. Eu não sabia dos detalhes. Mas imagino que o Trevor e o Ryan acharam que não seria suficiente fazer

o Jason terminar comigo. Eles queriam se assegurar de que eu ficaria ocupado o suficiente para não correr atrás do Jason.

Eu não tinha certeza se compreendera bem o que ele queria dizer.

— Como assim?

— Eles me deduraram para os meus pais. Foi aí que eu vim abaixo. Eu queria ligar para a Astrid, mas eu estava histérico. Mal conseguia falar de tanto que chorava.

Alguma coisa no relato de Eric me fez sentir inveja. Imaginei se era porque eu ainda não havia conseguido chorar pelo Hayden.

— Peguei as meninas na casa da Jess, mas continuava sem conseguir falar — Eric continuou. — Acho que a Astrid pensou que alguma coisa havia acontecido comigo, tipo algo físico. Quando chegamos à festa, ela se recusou a sair do carro. A Astrid falou para a Jess que tudo ficaria bem, que ela logo estaria na festa, mas que ela precisava passar algum tempo comigo. Não pedi que ela ficasse, mas de muitas maneiras fiquei grato por Astrid ter feito aquilo, apesar de eu saber como isso ferrou com tudo. Ainda me sinto culpado.

Tanto você quanto eu, pensei, mesmo assim não falei nada. Na verdade, eu não sabia o que dizer. Lembrei de quando falei algo sobre a família do Eric o aceitar, de como Astrid respondera: “Eles aceitam agora”, e Eric basicamente a fez calar a boca. Entrei naquele assunto sem me dar conta do que estava falando e não queria repetir o erro.

— Sinto muito — eu disse.

— Obrigado. Está tudo bem agora. Não que eu não fosse contar a eles algum dia. Só queria que fosse no meu próprio tempo, do meu jeito. A minha família não é homofóbica nem nada do tipo. Eles simplesmente não conhecem muitos gays e vai levar algum tempo para que se acostumem com a ideia de seu primogênito não ser quem pensavam que era. Entretanto, de algumas maneiras, isso tornou minha vida mais fácil. Agora não preciso mais me preocupar com o fato de as pessoas descobrirem e posso me vestir e agir como eu bem entender.

Como Astrid, eu pensei.

— Mesmo assim, acredito que você não tenha agradecido a esses caras por isso.

— Eu dificilmente faria isso — disse ele. — Como eu disse naquele outro dia, me sinto bem com a ideia de eles receberem o que merecem. Até certo ponto. — Aquela era uma coisa estranha para dizer, e eu não tinha certeza de como deveria entender aquilo. — Mas em parte é por isso que estou tão empolgado com essa corrida de amanhã. Vou destruir o Ryan, mesmo que ele esteja dirigindo aquela caminhonete nova metida a besta do Trevor. Ele não faz a menor ideia de com quem está se metendo.

Era exatamente aquilo que me preocupava. Eu não tinha muita

certeza de como fazer a pergunta que eu de fato gostaria de fazer. Quer dizer, eu estava procurando mais alguém que tivesse algum motivo para se vingar da trifeta e então eu o havia encontrado. Será que aquilo significava que ele tinha respondido à minha pergunta? Será que eu finalmente sabia quem estava por trás dos ataques?

A única coisa que ia contra a minha teoria era a maneira como conversamos sobre o que aconteceu. O tom dele era bem parecido com o meu. E, se ambos achávamos que as coisas tinham ido longe demais, faria sentido que um de nós dois fosse o responsável?

— Você vai destruí-lo na corrida — eu disse, torcendo para que ele entendesse.

— Sim, na corrida — ele concordou, e achei que ele compreendesse muito bem o que eu queria dizer. — Eu posso detoná-lo porque ele é uma porcaria de motorista e acha que a caminhonete do Trevor é mágica ou alguma coisa do tipo, só que ela não é, e aquele é o único lugar onde eu posso humilhá-lo totalmente em seus próprios termos, e eu vou fazer isso. E é nisso que estou focando a minha energia atualmente.

O tom dele foi mais uma vez parecido com o meu. Nós dois queríamos que Ryan recebesse aquilo que ele merecia, mas em público. Onde todos pudessem saber exatamente o que havia acontecido. Ainda assim, eu tinha de ter certeza.

— Firme e justo? — eu disse.

— Firme e justo. Estou falando sério. Esse tipo de coisa pode ser bem perigosa se você vacilar. Lembro daquele programa de TV idiota que foi cancelado depois que uns caras ficaram presos dentro do caminhão deles.

— Eu não tinha certeza sobre o quanto você estava preocupado com o fato de essas coisas serem perigosas.

Ele olhou para mim e então eu tive certeza de que ele sabia muito bem sobre o que eu estava falando.

— Eu me preocupo — ele disse, quase em um sussurro. — Mais do que você pensa.

— Fico feliz por saber. Boa sorte. — Eu ainda não tinha tanta certeza sobre o quanto queria. Se não havia sido eu nem Eric, eu não sabia quem mais poderia ter sido, porém eu queria acreditar que havia sido outra pessoa. E eu realmente gostaria de acreditar que a única coisa ruim que aconteceria com Ryan seria perder a corrida. Eu torcia para que isso fosse verdade.

E me sentia ansioso para estar lá e ver tudo de camarote.

RACHEL OLHOU PARA MIM quando desci as escadas na tarde de sábado e me mandou novamente lá para cima para me trocar.

— Qual parte da palavra “lama” você não entendeu? Vamos ficar cobertos de sujeira. Encontre alguma coisa mais velha para vestir.

Eu não estava exatamente bem-vestido, mas quando vi Rachel e Jimmy entendi qual era o ponto. Os dois estavam de preto, com capas de chuva e botas grandes e pesadas. As de Rachel eram de borracha e Jimmy estava usando coturnos, é claro. E, como eu não tinha familiaridade suficiente com o guarda-roupa de Jimmy para ter uma opinião formada, eu pelo menos sabia que as roupas de Rachel eram bem velhas. Reconheci o legging que ela usava como pijama. Vesti um moletom velho, meu jeans mais antigo, botas de inverno e recebi a aprovação de Rachel.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou minha mãe. — Vocês estão ridículos.

Não fiz nenhum comentário, pois até onde eu sabia Rachel e Jimmy tinham uma tendência a parecerem ridículos o tempo todo. Sem mencionar que a minha mãe vestia suas roupas de trabalho. O jaleco dela naquele dia tinha estampa de patinhos.

Ela devia ter percebido que eu olhava para ela.

— Não ouse falar nada — ela me advertiu, e se virou para Jimmy.
 — Dirija com cuidado. Toda a minha vida estará dentro do seu carro.

Jimmy fez um gesto como se tirasse um chapéu de chofer.

— Pode contar comigo, sra. Goldsmith.

Ainda faltavam alguns dias para o Halloween, mas o ar já estava gelado e o cabelo de Rachel voou ao sabor do vento enquanto caminhávamos até o carro do Jimmy. Desejei ter levado um casaco, mas eu tinha vestido uma camiseta de mangas compridas por baixo do moletom e torci para que aquilo fosse suficiente.

— Tem certeza de que é uma boa ideia? — perguntei enquanto me sentava no banco de trás, surpreendentemente limpo dada a quantidade de lixo que havia nos assentos da frente.

— Não me pergunte nada — disse Jimmy. — Foi tudo ideia da sua irmã.

— Você precisa sair mais — insistiu Rachel. — E a sua namorada? Não vai estar lá?

— Ainda não formalizamos o nosso relacionamento — eu disse, ficando vermelho. Aquilo era tão irritante.

Passamos o resto do trajeto em silêncio, ouvindo o rádio de Jimmy

esbravejar algum cantor velho com voz de taquara rachada choramingando sobre Tom Sawyer por cima do guincho de vários violões. Tentei bloquear aquela música da minha mente pensando na playlist de Hayden. A minha música favorita da seleção era do Bon Iver, uma banda que na verdade era composta por apenas um cara, mas ele tinha uma voz aguda incrível. Não era ansiosa nem estridente como a do cara que cantava no rádio do Jimmy, mas suave e áspera, quase feminina. Hayden foi agressivamente contra a banda quando o fiz ouvi-la pela primeira vez, mas foi suavizando sua opinião com o tempo e eu não fiquei surpreso ao ouvir uma canção deles sobre amor perdido na seleção, não depois de tudo o que descobri.

Levamos vinte minutos para chegar aonde quer que estivéssemos indo. Eu não tinha certeza se aquilo era uma festa, uma corrida de caminhões ou sei lá o quê. Entretanto, acabamos indo parar no meio de um campo que eu acreditava ser uma plantação de soja recém-colhida, pois o lugar era muito plano para ser uma lavoura de milho. A chuva do dia anterior deixara o solo macio e lamacento, mais do que os outros campos pelos quais havíamos passado.

A verdadeira vantagem daquela área, entretanto, era o fato de o campo ser ladeado por uma grossa fileira de árvores, que o separava da estrada e fornecia abrigo caso começasse a chover de novo. Vi que alguém acendeu uma fogueira em um espaço vago entre duas filas de árvores, e alguns barris de cerveja foram instalados ali por perto. Já havia umas trinta ou quarenta pessoas vagando perto dos barris. Fiquei aliviado ao perceber que Rachel estava mesmo certa. Havia gente de todos os grupos sociais ali, e todos pareciam estar convivendo bem.

Próximo aos barris havia uma espécie de estacionamento improvisado com um monte de carros já parados e, é claro, também as caminhonetes. Pelo menos dez delas estavam alinhadas ao lado do campo, onde longos pedaços de fita adesiva branca marcavam o que aparentemente serviria como linha de partida.

— A chegada fica do outro lado — Rachel disse, apontando. — Mas vamos ficar no meio. É onde a ação acontece.

Segui o dedo dela até um ponto tão distante que tive de forçar os olhos para ver direito no início, mas podia dizer que era a parte mais molhada do campo. O chão havia afundado um pouco, e o sol, que se tornava cada vez mais fraco, refletia nas poças de água oleosa, criando arco-íris como os que eu adorava ver nas poças do estacionamento quando era criança.

Observei novamente a fila de caminhonetes. Foi fácil descobrir qual era a do Trevor, uma monstruosidade vermelha com o para-choque coberto por adesivos nojentos. se você não é bem-sucedido logo de cara, talvez você seja um perdedor, e perdeu o seu gato? dê uma

olhada debaixo dos meus pneus. Ele era mesmo um cara de muita classe.

A algumas caminhonetes de distância estava uma picape de aparência mais modesta, um veículo que eu realmente conseguia imaginar transportando coisas em uma fazenda, um Ford azul desbotado com manchas de ferrugem. Só podia pertencer a Eric.

— Parece que todo mundo está perto dos barris — Jimmy observou.

— A gente podia beber alguma coisa também — sugeriu Rachel. — Está frio e ainda vai levar mais ou menos uma hora até a corrida começar.

Lembrei da festa. As cervejas haviam ajudado, até o ponto em que fiquei muito bêbado. O truque para mim parecia ser controlar a quantidade de cerveja e ficar longe do uísque. Eu os segui passando diante de algumas caminhonetes, procurando por Astrid e os amigos dela, e levei apenas um minuto para encontrá-los. Vi a barba de Damian e depois Jess ao lado dele. Astrid e Eric estavam a alguns metros de distância. O longo cabelo platinado de Astrid estava sem nenhum aplique, preso em uma espécie de nó no alto da cabeça. Ela sussurrava alguma coisa para Eric, que parecia irritado e agarrou um dos braços dela. Astrid o deteve e se afastou, batendo os pés, entrando atrás de uma fila de caminhonetes até quase sair do meu campo de visão.

— Encontro vocês lá perto dos barris, ok? — informei a Rachel e Jimmy.

Fui até as caminhonetes e vi que Astrid estava de joelhos atrás da picape de Trevor, tirando coisas que eu não conseguia distinguir da mochila bronze e empilhando-as no chão.

— Oi — eu disse.

Ela se levantou, surpresa.

— Sam! Eu não esperava vê-lo tão cedo por aqui. — Ela se levantou e colocou as mãos na cintura, quase como se quisesse bloquear a visão da mochila. Mas já era tarde demais.

— É, parece que sim. — Fiz um gesto em direção à pilha. — Para que são essas batatas, Astrid?

Astrid se contorceu como se eu houvesse batido nela. Vi as mais variadas expressões passarem de relance por seu rosto. Percebi que ela tentava escolher qual abordagem deveria assumir.

— Ainda bem que é você! — ela disse, por fim. — Estou fazendo uma parada das antigas. Colocando batatas no escapamento. Se você enfiar algumas aqui, elas vão explodir quando o Ryan pisar no acelerador. Vai fazer o maior barulhão e deixá-lo apavorado. E então dessa vez o Eric vai poder acabar com esse babaca de verdade. Se ele resolver cooperar, vai ser incrível.

Levei um minuto para processar tudo o que ela falou. Mas o que ela

queria dizer com “dessa vez” e “acabar com esse babaca de verdade”?

Fiz algumas pesquisas antes de falar com Eric, só para saber que tipos de cilada alguém poderia armar em uma situação como aquela. Li milhões de arquivos sobre essa coisa das batatas, de modo que eu sabia que aquilo não funcionaria sem algum outro tipo de artifício. Ou as batatas caíam no chão ou a caminhonete não daria partida. Havia uma possibilidade em um milhão de as batatas realmente explodirem como ela pensava, mas, mesmo se desse certo, aquilo poderia machucar alguém seriamente.

Seria isso o que ela queria?

Minha cabeça estava a mil. Eu podia sentir que estava de boca aberta e provavelmente parecia um idiota. Mas não consegui me conter. Porque finalmente eu juntava as peças do quebra-cabeça.

— Dessa vez vai dar certo — disse ela.

Hora do terceiro ato.

Eu não tinha certeza se queria dar um grito ou sair correndo. Meus ouvidos apitavam, apesar de nenhum de nós ter falado nada por pelo menos um minuto. Não, você não, pensei. Queria que fosse outra pessoa que não eu, mas também não precisava ser daquele jeito. Finalmente algumas palavras saíram da minha boca quase em um sussurro:

— Era você? Esse tempo todo?

— Ao seu dispor — disse ela, com uma pequena reverência. Astrid tentava parecer casual, mas eu podia perceber que ela começava a tremer. Eu não podia nem mesmo imaginar a expressão que ela via no meu rosto naquele momento.

— Eu não... não consigo... — Eu não sabia o que dizer. Nem sabia por onde começar.

— Meu Deus, Sam, pensei que entre todas as pessoas você seria quem mais entenderia — disse Astrid. Ela fez com que seus lábios se curvassem para cima, mas eu podia ver que ou era um sorriso de desdém ou ela tentava prender o choro.

— Você me fez pensar que eu era o culpado!

— Qual é, não é possível que você realmente tenha achado isso. — Mas ouvi, entretanto, uma falha na voz dela. Astrid tentava parecer durona, mas não estava funcionando.

— Você não faz a menor ideia do que eu estava pensando — eu disse, e sabia que era a mais pura verdade. Durante todo aquele tempo pensei que entendíamos um ao outro, mas estava redondamente enganado.

— Além do mais, era melhor que você não soubesse — ela continuou. — Você não se meteria em nenhuma encrenca se não soubesse dos detalhes. E eu realmente gostei de sair com você, de conhecê-lo melhor... Achei que você acabaria entrando nessa, mas eu

precisava ter certeza. Lancei um monte de pistas. Pensei que você já tivesse descoberto.

Lembrei de nossa conversa sobre carma. Será que aquele foi um código com o qual ela achava que havia revelado tudo? A forma como ela dizia que eu não deveria me preocupar, que eu não tinha feito nada daquilo? Que ela serviria como o meu álibi? Aquilo não podia ser verdade.

— Você fez tudo sozinha? Ou o Eric também está metido nisso?

— Não exatamente. — Astrid parecia calma. Ao que tudo indicava, se ela sentira vontade de chorar, esse desejo já havia passado. — Ele dirigiu na noite em que peguei o Trevor. Mas ele ficou louco da vida com a forma como as coisas terminaram. Acho que ele não se deu conta de toda a raiva que eu sentia. Foi bom eu não ter precisado da ajuda dele. Atacar alguém quando a pessoa não está vendo você não é tão difícil quanto parece.

O taco de beisebol provavelmente contribuiu, eu pensei.

— E o Jason? — perguntei. — O Eric contou que não o via desde que eles terminaram. Ele estava mentindo?

Ela fez que não com a cabeça.

— O Damian me ajudou nessa. Ele estava com tanta raiva do que o Jason e aqueles outros caras fizeram com o Eric que sentia que precisava fazer alguma coisa.

— Então nada disso tem a ver com o Hayden? — Já era ruim demais a ideia de Astrid estar por trás daquilo, mas, de alguma forma, a ideia de aqueles incidentes não estarem conectados a Hayden tornava tudo ainda pior.

— É claro que tem a ver com o Hayden. O Ryan é o mais importante. Fiz isso por ele e por mim. Mas o estopim foi o que aconteceu com o Eric. Tentei fazer com que o Hayden percebesse que era necessário isso, mas ele estava obcecado por detonar com o Ryan sozinho.

Dei um passo para trás, quase de forma involuntária. Sentia uma forte necessidade de me afastar dela.

— Ah, qual é, Sam — ela implorou. — Não fica assim. Você sabe que eles são uns monstros. Eles arruinaram a vida do Eric, a do Hayden, a da Jess, a minha. E a sua. Eles estavam destruindo tudo que tocavam e ninguém estava ligando a mínima para isso. Alguém precisava fazer alguma coisa. Você precisa entender. — Ela ergueu um dos braços na minha direção como se quisesse que eu lhe desse a mão.

Entretanto, eu me afastei ainda mais.

— Você feriu pessoas. Seriamente. — Minha voz ficava cada vez mais alta.

— Eles mereciam ser feridos. Muito mais do que eu os feri. O Jason praticamente só foi humilhado e o Trevor vai ficar bem.

— E o que você estava planejando para o Ryan? O que você acha que aconteceria caso o seu plano funcionasse? — Eu gritava. As pessoas começaram a olhar.

Ela deu de ombros.

— Será que você ao menos se importa? — Minha voz falhou. Eu não conseguia me lembrar de nenhuma outra ocasião em que estive com tanta raiva. Pelo menos não em relação a alguém que eu pudesse confrontar.

Fiquei tão preocupado com a ideia de ser o culpado, e depois com a possibilidade de ter sido Eric, que nem me ocorreu pensar que Astrid poderia estar envolvida. Nem ao menos cogitei como me sentiria se fosse mesmo ela. Mas então eu soube.

Era uma sensação terrível.

Era tão terrível que eclipsou meu alívio por saber, finalmente, que não havia sido eu.

Astrid deve ter percebido algo na minha expressão.

— Fiz isso pelo Hayden — ela disse em voz baixa.

Como se aquilo tornasse as coisas melhores. E nem era verdade.

— Você fez isso por si mesma — corrigi, no mesmo tom que ela.

Astrid olhou para mim como se tentasse pensar nas palavras certas para consertar as coisas. Porém, elas não existiam. Senti como se tudo que eu sabia sobre ela houvesse se tornado uma mentira. Eu pensei que fôssemos iguais, que tivemos a sorte de encontrar um ao outro, especialmente naquele momento, mas aquilo talvez tivesse sido azar. Talvez aquilo fosse apenas outra maneira horrível de me lembrar de que eu perdera o único amigo verdadeiro que já tive.

Não havia nada que eu realmente quisesse falar para Astrid, exceto uma coisa:

— Por favor, não faça isso. Deixe o Eric participar da corrida do jeito dele.

Ela assentiu e então se abaixou novamente, começou a catar as batatas e colocá-las de volta na mochila.

— Pensei que você fosse entender — disse Astrid, sem olhar para mim.

De alguma maneira eu entendia, mas não do jeito que fizesse alguma diferença. Astrid não era a pessoa que eu havia pensado que era, quem eu queria que ela fosse. E então eu tinha de encarar o fato de que ficaria sozinho novamente.

Caminhei para longe dela.

Eu não havia feito a Astrid todas as muitas perguntas que gostaria de ter feito. Eu queria saber o quanto Eric tinha conhecimento daquilo, se os outros amigos dela também estavam envolvidos, por que ela decidiu, em primeiro lugar, que era seu dever dar àqueles babacas o que eles mereciam. Mas o que isso mudaria? Eu a perdera

— ou melhor, ela me perdeu — e, com isso, perdi a expectativa de ter um novo grupo de amigos. Talvez o problema fosse todo esse conceito de pertencer a um grupo. Assim que mais de duas pessoas se envolvem em algo, muitas coisas podem dar errado. Havia a trifeta do bullying, três idiotas que compartilhavam um único cérebro; as antigas amigas animadoras de torcida de Astrid, que a excluíram assim que Ryan lhe deu um pé na bunda; os novos amigos dela, que a ajudaram em seu plano de vingança contra aqueles babacas sem nem mesmo se darem conta de que agindo assim eles, por sua vez, também consentiam com a violência. Eu estava quase inclinado a pensar que o que eles fizeram era ainda pior. Não havia dúvidas sobre quem aqueles três babacas eram, até porque a maior parte dos estragos que eles causavam era na cara dura, enquanto a galera da Astrid agia nas sombras, deixando que a culpa recaísse sobre pessoas como eu.

Quem precisa de um grupo? Que mal existe em ter um único melhor amigo?

Eu sentia tanto a falta de Hayden quanto no dia em que ele morreu. Sentia tanta saudade que finalmente nem mesmo me sentia mal por pensar nele. Simplesmente mergulhava nas lembranças e deixava que suas ondas me levassem. Aquele momento foi o mais próximo que cheguei de chorar, e, se eu não estivesse a cerca de meio metro de um campo repleto de pessoas cuja maioria eu não conhecia ou não suportava, eu podia ter ligado o foda-se e ter começado a berrar a plenos pulmões.

Mas não fiz nada disso. Não que em boa parte do tempo eu me importasse tanto com o que aquelas pessoas pensavam de mim, mas eu ainda tinha algum orgulho. E não havia a menor possibilidade, nem fodendo, de eu ficar chorando no meio de um milharal — ou no meio de uma plantação de soja, que seja — e deixar que Astrid e seus amigos pensassem que ela me deixou aos prantos. Porém, eu não me aguentava mais em pé. Deixei que o peso do meu corpo caísse sobre os joelhos e encarei o chão, tentando fingir que não havia mais ninguém ali. Ouvi a música que estava tocando no carro de Jimmy milhões de vezes na minha cabeça, com todas as suas referências sobre amar as pessoas que mentiram para você. Aquilo não era nada a minha cara. Eu já estava cheio de tantas mentiras, segredos e mistérios. Eu iria me recuperar de Astrid, de uma maneira que jamais seria possível superar a perda de Hayden. Eu estava bem sozinho.

E foi então que senti alguém cutucar o meu ombro.



Eu não conseguia acreditar que Astrid ousara voltar. Mesmo assim, me preparei para essa possibilidade quando olhei para cima, só por precaução. Porém, não era Astrid. Era apenas uma menina baixinha, de olhar assustado e cabelo curto, arrepiado.

Jess.

— Posso falar com você? — O tom dela era acelerado e tão baixo quanto eu poderia esperar de alguém tão tímido e retraído quanto Jess parecia ser.

Eu me levantei. Eu devia ser uns trinta centímetros mais alto que ela.

— É claro — eu disse, tentando soar como alguém capaz de manter a compostura, o que eu obviamente não era. — Você se importa se a gente for para perto da fogueira? Estou congelando. — Era verdade. O ar ficou ainda mais frio depois que escureceu, e o meu moletom estava longe de ser suficiente para suportar aquela temperatura. Mas, na verdade, eu não queria ter de ver Astrid.

Ela olhou para mim e assentiu levemente. Caminhamos para perto do fogo, onde era mais quente, e eu encontrei um pedaço de chão seco para nos sentarmos.

— Você está bem? — Jess perguntou.

Ela devia ter visto tudo, por isso sabia perfeitamente que eu não estava nada bem. Mas eu não queria pensar naquilo. Queria saber por que ela pediu para falar comigo. Pela primeira vez estávamos próximos e eu tive a oportunidade de vê-la com mais clareza, imaginar como Hayden poderia tê-la visto. Jess não era uma menina particularmente linda. Tudo nela era pequeno e meio junto. A boca era tão mínima que os lábios não passavam de linhas finas. O cabelo era cortado bem curto, e eu podia ver as orelhas minúsculas; os lóbulos mal eram suficientes para abrigar os brincos de pedrinhas.

— Vou ficar bem — respondi, e queria muito que fosse verdade.

Ela olhou para mim, e só então me dei conta de que a encarava. Mas então ela abriu um sorriso tímido e eu entendi. Pude entender por que Astrid a imaginara ao lado de Hayden; dava para ver como eles combinavam, como o tamanho dela o faria se sentir forte. E eles se apaixonaram sem nem ao menos se conhecer pessoalmente. Eu não fazia a menor ideia se Jess tinha pedido a Astrid que lhe mostrasse quem era Hayden, porém, se ela fez isso, era óbvio que ela o achara atraente de alguma forma. Sempre pensei que as pessoas que começavam relacionamentos pela internet fossem malucas, mas

naquele momento imaginei se elas não saberiam de algo do qual eu não fazia a menor ideia. Havia alguma coisa pura naquilo, na forma como Hayden e Jess basearam tudo que sentiam em quem realmente eram, no que sabiam sobre a outra pessoa, e talvez eles estivessem certos.

— A Astrid fala de você o tempo todo — Jess finalmente disse, baixinho. — E ele também. Fico feliz por termos a oportunidade de conversar. Achei que talvez, se eu explicasse as coisas, você entenderia tudo um pouco melhor.

Eu entendia por que Jess não queria pronunciar o nome de Hayden em voz alta. No entanto, ela estava redondamente enganada se achava que poderia me fazer mudar de ideia sobre o que eu acabara de saber. Mas não queria impedi-la de contar sua história.

— No início eu não tinha certeza se você realmente existia — admiti. — Quando a Astrid me contou sobre a Atena, achei que talvez pudesse ser ela mesma.

Jess soltou uma gargalhada.

— Difícil imaginar — disse ela. — Astrid levou um bom tempo para se recuperar do Ryan. E acho que na verdade ela não o esqueceu até que o Hayden lhe contou sobre você. — Ela engoliu levemente em seco após pronunciar o nome de Hayden, porém aquilo pareceu soltar sua língua.

— O que você quer dizer?

— A Astrid já tinha uma queda por você baseada somente no que o Hayden costumava contar para ela, mesmo antes de vocês se conhecerem. Acho que ela insistiu para que eu ficasse com Hayden porque achava que algum dia seríamos um quarteto.

Eu senti minha garganta se fechar enquanto Jess falava aquilo. Por que Astrid não me encontrou antes? Não confiou em mim? Talvez eu pudesse tê-la impedido de ter feito o que ela fez. Talvez eu não fosse capaz de impedi-la de querer fazer aquelas coisas, e naquele exato momento aquele era o verdadeiro problema. Mas eu não estava ali para falar sobre Astrid.

— Você pode me contar o que aconteceu? Na festa?

— Achei que fosse isso o que você queria saber. A Astrid me contou que você se culpa pelo que aconteceu. E eu sei que ela também se considera responsável. Só que a culpa não foi de nenhum de vocês dois. Foi minha.

— Acho difícil acreditar nisso — eu disse.

— Mas eu sei o que aconteceu de verdade. E você só sabe o que viu na festa.

— Por favor — pedi. — Me conte tudo o que puder.

Ela falou devagar e em voz baixa, e tive de me abaixar para ouvir.

— Eu tinha enfiado na cabeça que, quando o Hayden finalmente me visse, ele mudaria de ideia e daria o fora. Eu não conseguia nem pensar nessa possibilidade. Eu sabia que precisava me encontrar com ele em público, de modo que eu pudesse me esconder se alguma coisa desse errado. Astrid garantiu que a festa seria a ocasião perfeita. Hayden e eu não tínhamos muita certeza. Não éramos exatamente o tipo de pessoa que frequenta festas. Mas Astrid insistiu que funcionaria. A casa daquela garota era imensa e tinha todos aqueles quartos onde poderíamos conversar sem sermos percebidos, e seria menos incômodo do que se marcássemos em algum outro lugar onde ficássemos a sós. Se nos conhecêssemos pessoalmente e não rolasse, ela iria embora comigo. Passamos o dia todo juntas nos arrumando para a festa, e o plano era que o Eric nos buscaria em casa e nos levaria até a casa da menina um pouco mais cedo, para que a gente pudesse se acomodar antes de o lugar ficar lotado. Eu não lido muito bem com multidões.

— Nem eu. — Eu podia ouvir o fogo estalar.

— Quando o Eric foi nos buscar, ele estava um caco. Olhos vermelhos, roupas que não combinavam. Ele não conseguia falar. Simplesmente dirigiu até a festa e então fez um gesto para a gente sair do carro. Era óbvio que ele não ia entrar com a gente. O Eric mostrou o celular, indicando que a gente deveria ligar quando quisesse ir embora. Mas Astrid não saiu do carro.

— É, ela me contou o que aconteceu.

— Aposto que ela não contou o quanto a gente estava preocupada. Você precisa entender que o Eric é o tipo de pessoa que nunca sai do sério. Eu jamais o tinha visto daquele jeito, e acho que nem Astrid. Ela não parava de perguntar se o Eric precisava de alguma coisa, se queria conversar, e ele só balançava a cabeça, mas era óbvio que estava prestes a cair no choro novamente. A Astrid me perguntou se tinha algum problema se eu ficasse na festa sozinha por um minuto e eu disse que tudo bem, que ela devia mesmo ir conversar com o Eric. Ele precisava mais dela que eu. Eu podia me virar na festa até que ela chegasse. A Astrid não queria ir, mas era óbvio que ela se sentia na obrigação de fazer aquilo.

— Foi isso o que a Astrid me contou, mas ela deu a entender que largou você na festa.

— É por isso que a Astrid pensa que é tudo culpa dela e é também por isso que ela está errada.

— Conte o resto da história — eu disse, e me aproximei um pouco mais do fogo. Ainda estava com frio, embora eu não soubesse o quanto daquilo era causado pela temperatura congelante e o que era efeito da ansiedade para ouvir o que de fato aconteceu.

— O Eric me deixou na festa, e eu pensei em simplesmente

encontrar um lugar tranquilo e me esconder até o Hayden chegar. A Astrid já tinha me mostrado quem ele era, por isso eu podia reconhecê-lo, apesar de ele não me conhecer. Eu estava tão empolgada por finalmente encontrá-lo, por poder me apresentar direito. E assustada também, mas de um jeito bom.

— Entendi. — E aquilo era verdade. — Mas estou meio confuso a respeito de uma única coisa. Por que você simplesmente não marcou um encontro com o Hayden na escola? Sei que você queria um lugar público. Que lugar poderia ser mais público que a escola?

Ela olhou para baixo.

— É embaraçoso. — Jess puxou o lóbulo de uma das orelhas. Aquele gesto fez que com que eu me lembrasse de Astrid puxando os apliques. — Eu só... Eu nunca havia ido a um encontro antes, imagine então como eu me sentia sobre beijar alguém. Eu sei que sou esquisita e calada...

Você não é, eu queria dizer, mas nós dois sabíamos que ela era exatamente assim.

— ... e era assustador. Eu estava com medo de a Astrid estar errada, que ele não gostasse de mim, e eu estava tão ligada a quem nós éramos na internet, que eu não queria estragar tudo. Eu sabia que não poderia continuar levando as coisas daquele jeito para sempre, mas, se algo ruim acontecesse, se ele me olhasse e visse logo de cara que não funcionaria, eu não queria ter de lidar com o resto da escola. Queria poder simplesmente voltar para casa.

Pensei que havia outros jeitos muito melhores de resolver aquele problema, porém, mais uma vez, o que eu sabia?

— Então por que você não ficou na festa até o Hayden chegar?

— Porque o Ryan e a galera dele chegaram primeiro.

É claro.

— Não sei qual é o problema desse garoto, mas ele estava mesmo a fim de detonar com o Hayden — Jess continuou. — Ele encontrou o histórico das nossas conversas. O Hayden deve ter deixado o chat aberto algum dia e o Ryan deve ter lido tudo.

— Talvez ele tenha visto o Hayden feliz uma vez na vida — comentei, amargo.

— Pode ser — ela disse, em um tom que combinava com o meu. — De qualquer forma, o Ryan deve ter me visto olhando ao redor ou até mesmo parecendo totalmente fora de lugar naquela festa. Ambas as opções eram verdadeiras. Então ele veio bem na minha direção e perguntou: “Você é a Jess, não é?”. Eu disse que era. Ele me olhou de cima a baixo e começou a rir. “Sou o irmão do Hayden”, ele me informou. “Ele me pediu para dar um recado para você.” Fiquei empolgada. Na verdade, eu não sabia muito sobre o Ryan. Sabia que ele e a Astrid tinham saído por um tempo, mas ela não gostava de

tocar no assunto. E eu também sabia que ele e o Hayden não se davam bem, mas pensei que talvez as coisas tivessem mudado. Talvez o fato de o Hayden estar mais feliz o tivesse ajudado a lidar melhor com a família. — Ela torceu a boquinha. — Muito presunçoso da minha parte, não é? Achar que eu podia fazer a diferença na vida de alguém que nem conhecia.

— Mas você fez — eu disse.

Jess tirou um punhado de grama seca de debaixo da perna.

— Bem, descobri bem depressa que eu tinha entendido tudo errado — ela declarou, com certa amargura. — A mensagem do Ryan era que o Hayden tinha procurado por mim na escola, já que ele havia descoberto qual era o meu nome verdadeiro. E ficou horrorizado ao saber que eu era a garota com quem ele estava batendo papo. Ele não iria à festa.

— Isso não era verdade! — gritei. — Nós estávamos a caminho. — Senti como se assistisse a um desses filmes de terror, onde o espectador sabe que o assassino está vindo, mas a vítima não faz a menor ideia disso. Eu sabia o que estava acontecendo, mas era impotente para mudar os fatos. Desejei que existisse algum botão de retrocesso que eu pudesse apertar.

— Claro, agora eu sei — disse ela. — Mas você tem de entender que era exatamente o que eu temia. Tenho certeza de que o Ryan percebeu isso no histórico das nossas conversas. Ele sabia exatamente como me machucar e também sabia como fazer o mesmo com o Hayden. Quem poderia ser assim tão cruel?

— Alguém que obriga alguém a sair do armário para que ele possa fingir que o amigo dele não é gay. — Balancei a cabeça.

— Não quero acreditar nisso. Mas o Ryan estava morrendo de rir e os amigos dele começaram a acompanhá-lo, mesmo quando viram que eu começava a chorar. Eu tinha de dar o fora dali, então foi isso o que fiz. E depois mandei uma mensagem de texto para o Hayden.

Ah, não.

— E o que você escreveu?

Ela olhou para baixo, e mesmo no escuro pude ver uma lágrima rolar de um de seus olhos e cair no chão. Ela tirou o celular do bolso e então me mostrou.

NÃO ACREDITO QUE VOCÊ FEZ ISSO COMIGO. VOCÊ É A PESSOA MAIS CRUEL QUE JÁ CONHECI. AINDA BEM QUE NÃO NOS CONHECEMOS PESSOALMENTE. NUNCA MAIS FALE COMIGO.

Eu podia ver, logo abaixo, uma série de mensagens de Hayden. Mensagem após mensagem, pergunta após pergunta, garantia após

garantia de que ele não fazia a menor ideia do que ela estava falando. Todas elas sem resposta.

— Eu não as vi. Desliguei o telefone — ela disse, depois de me dar um tempo para ler as mensagens. — Eu estava morta de raiva e não queria ouvir o que ele tinha a dizer. Pedi um táxi e voltei para casa sozinha. E só no outro dia, quando falei com a Astrid, eu soube que eles mentiram. Mas aí já era tarde demais.

Ela olhou para mim.

— Agora você consegue entender? Foi tudo culpa minha.

Senti as mais variadas emoções. Eu me sentia terrível por Jess. Podia ver o quanto ela estava triste e entendi por que se sentia responsável, apesar de entender totalmente por que ela agira daquela forma. Mas eu também desejava que ela tivesse feito alguma coisa, qualquer outra coisa, algo que não fizesse Hayden pensar que o que acontecera entre eles não era verdadeiro, pois eu tinha certeza de que foi isso que havia acabado com ele.

“Veja só”, Ryan havia dito. Percebi que ele provavelmente estava falando da mensagem de texto.

Com isso, a última esperança de Hayden de ter uma vida diferente, melhor, foi por água abaixo. Na verdade, a culpa era mais de Ryan do que de qualquer outra pessoa, mesmo que Hayden não soubesse disso. Eu queria matá-lo por ter tirado o meu melhor amigo de mim. E então me dei conta de que Astrid deveria se sentir exatamente da mesma forma.

Mas eu não queria ser como ela. Ferir Ryan não me faria nenhum bem. Nem mesmo culpá-lo me faria sentir melhor. Quem eu pensava que era para dizer quem era mais responsável? Esperei um minuto para que a minha pulsação se acalmasse.

Jess ainda estava ali sentada, olhando para mim, esperando que eu falasse alguma coisa. Os olhos dela começavam a se encher de lágrimas e eu sabia que tinha de dizer algo, mesmo que dificilmente alguma das minhas palavras pudesse ajudar. Afinal de contas, nada do que me disseram funcionou.

— Você sabe, se você está convencida de que a culpa é sua, a Astrid pensa que a culpa é dela e eu acho que eu sou o culpado, talvez todos precisemos aceitar que nenhum de nós jamais estará cem por cento certo. Não acho que algum dia deixarei de me culpar pela parte que me cabe, mas de alguma maneira é mais fácil culpar a mim mesmo do que qualquer outra pessoa, e talvez algum dia seja possível que eu pegue um pouco mais leve comigo mesmo. Se nenhum de nós é cem por cento responsável, então é bem provável que nenhum de nós pudesse impedir o que aconteceu, mesmo sabendo que era isso que deveríamos ter tentado fazer. E provavelmente precisamos aceitar isso, assim como precisamos aceitar que o Hayden não vai voltar.

Eu não tinha certeza se isso fazia algum sentido, mas Jess assentia. E percebi que, apesar de eu verbalizar aquilo, apesar de ser a mais pura verdade, eu também sabia que aquelas palavras não fariam nenhum de nós dois se sentir melhor. E seria assim por um longo tempo. Entretanto, eu sentia uma pequena sensação de compartilhamento na minha culpa e na minha dor, com Jess, e até mesmo com Astrid, apesar de ainda não ter conseguido processar o que ela fizera.

Nós nos levantamos e ficamos olhando um para o outro por um minuto. Nenhum de nós dois sabia o que restara para ser dito. Então, quase como se não tivesse a menor noção do que faria em seguida, Jess me deu um abraço. Eu a abracei de volta, sentindo sua clavícula minúscula contra as minhas costelas. Ficamos assim por tanto tempo que poderíamos nos sentir desconfortáveis, mas isso não aconteceu, e naquele momento senti o alívio de, finalmente, ter entendido tudo.

Por fim, nós nos soltamos e caminhamos pela floresta juntos, ainda sem falar nada, mas de um jeito que parecia confortável e correto. Quando voltamos para o campo, todos estavam reunidos próximo à largada. Jess caminhou até Astrid e sussurrou alguma coisa para ela. Pude ver Astrid se abaixando para ouvi-la e assentindo. Elas eram uma dupla engraçada. Astrid era tão alta e Jess, tão baixinha. Tipo Hayden e eu. Astrid olhou para mim, e por um minuto ficamos ali parados, com os olhos fixos um no outro. Eu desviei o olhar primeiro.

Em seguida, fui atrás de Rachel e Jimmy.

— A corrida já vai começar, pirralho — informou Rachel. — Vamos logo.



NÓS TRÊS NOS POSICIONAMOS em um ponto no meio do campo, bem perto da parte mais lamacenta da trilha que as caminhonetes deveriam seguir.

— Foi por isso que fiz você trocar de roupa — Rachel explicou. — A gente vai ficar coberto de lama. Vai ser o máximo!

Eu não via como aquilo poderia ser incrível, mas não importava. Estávamos tão afastados que não consegui ver os motoristas entrarem em suas caminhonetes, mas aparentemente os primeiros competidores seriam Eric e Ryan. Eu não via Ryan desde o funeral, e era meio esquisito vê-lo sozinho, sem Jason e Trevor. O último ainda devia estar de cama e o primeiro estava evitando ser visto em público. Eu estava maluco ou Ryan vestia uma das camisetas de Hayden? Tentei me lembrar daquelas que estavam na caixa e só então me dei conta de que não tinha visto uma das velhas camisetas dos Smiths. Eu podia sentir que uma das veias em minhas têmporas começava a pulsar.

Da largada era possível ouvir o ronco dos motores, o ronronar da caminhonete metida a besta e nova em folha de Trevor e o estrondo da pica-pe mais do que rodada da família de Eric. Ambos aqueciam os motores e eu podia ouvir o poder que Ryan tinha à sua disposição. Como exatamente o Eric achava que poderia vencê-lo?

Ouvi o assovio agudo de um apito, e então as duas caminhonetes largaram. Avançaram alguns metros e eu podia dizer que Ryan tinha tomado a dianteira, apesar de a distância aberta por ele não ser tão grande quanto eu imaginava, considerando que a caminhonete de Trevor era muito mais nova e potente.

Mas logo se tornou claro que a velocidade que eles assumiram só seria útil até que atingissem a parte lamacenta da trilha. Quando ambas as caminhonetes chegaram à primeira poça, os pneus dianteiros rodaram loucamente, jogando lama no aglomerado de gente que se reunia de ambos os lados da pista para vê-los. Rachel estava certa. Em poucos segundos quase todo mundo estava coberto de sujeira. Todos nós cheirávamos a bosta de porco, o que no início foi muito nojento, até que o meu nariz por fim se acostumou com o fedor.

Assim que os pneus traseiros atingiram a lama, entretanto, pareceu que os dianteiros se tornaram totalmente irrelevantes enquanto as caminhonetes lutavam para manter a direção. Era quase como se a lama tentasse com todas as forças fazer com que eles se tornassem lentos e os sugasse para baixo. A única maneira de sobrepular as poças seria manter a velocidade, mas ficou evidente quão difícil era fazer

aquilo.

E eu podia ver que era exatamente nesse ponto que Eric levava vantagem, pois deveria estar acostumado a dirigir na lama da fazenda.

— É o Trevor quem normalmente dirige essas coisas — Rachel gritou para mim, e dava para perceber que aquilo era mesmo verdade. Era óbvio que Eric sabia o quanto guiava melhor que Ryan, que, por sua vez, tentava forçar o motor a passar por cima da lama indo o mais rápido possível, mas tudo o que ele conseguia era espalhar lama ao seu redor. As rodas giravam sem parar, mas o progresso da caminhonete era mínimo. Ele ainda não estava atolado, mas também não conseguia se mover com a velocidade necessária.

O caminhão de Eric, ao contrário, parecia deslizar sobre o lamaçal. Parecia que ele fazia um cavalo de pau: as rodas da frente quase se desprendiam do chão, e as de trás eram as únicas que impulsionavam a caminhonete para a frente. Levei um minuto para descobrir o motivo, em parte porque os meus olhos estavam semicobertos pela lama. Eric virava a caminhonete levemente para a esquerda e para a direita enquanto seguia em frente. Quase não dava para perceber isso, mas aparentemente era o suficiente para garantir que as rodas tivessem tração para evitar que o veículo girasse.

A caminhonete de Eric ultrapassou a de Ryan apenas alguns segundos antes de ficar claro que este havia atolado na lama. Eric cruzou a linha de chegada e Ryan ainda não tinha conseguido sair da poça, de forma que finalmente teve de desligar o motor e sair da caminhonete. Eric e a galera dele comemoravam berrando, cantando e fazendo um monte de coisas idiotas, no mais descarado triunfo. Eu os observei por um momento e me perguntei se deveria ir até lá, mas não queria interromper a festa deles, e tampouco queria me juntar àquele pessoal. Astrid cantava tão alto quanto os outros, e eu a analisei com mais atenção em busca de algum sinal do mesmo tipo de sofrimento que eu sentia, mas não fui capaz de ver nenhum sinal dele naquela hora.

Alguns membros da galera dos esportes se reuniram ao redor da caminhonete de Trevor para ajudar Ryan a tirá-la do lamaçal. Quando empurraram a caminhonete pela linha de chegada, Eric e seus amigos já haviam se acalmado um pouco. Ryan se encostou na caminhonete coberta de lama. Eric era a pessoa mais limpa por ali, apesar dos respingos e das marcas de mãos na sua camiseta, resquícios dos abraços e dos tapinhas nos ombros que recebera. Enquanto caminhava até a linha de chegada, eu podia perceber Eric e Ryan fazendo contato visual. Eu estava curioso para ver o que aconteceria em seguida.

Por um momento, os dois se mantiveram calados. Nenhum dos dois parecia disposto a desistir de provocar o adversário. Eric vencera, e Ryan estava obviamente irritado com isso, mas aquela impicância

parecia não ter fim. Quem quer que falasse primeiro corria o risco de parecer fraco. Pela expressão no rosto de Eric, eu podia dizer que ele lutava para se manter de boca fechada. Ele queria dizer algo para forçar Ryan a reconhecer que havia sido derrotado, que Eric o vencera, mas ele tentava ser paciente.

E então, para minha surpresa, Ryan ofereceu uma de suas mãos.

— Você correu bem — ele disse.

Eric inclinou a cabeça e ficou ali parado por um minuto, claramente sem saber o que fazer. Ele olhou para Astrid, que, surpreendentemente, estava sorrindo. Por que é tão importante para todo mundo ter a aprovação dela? Mas era assim que as coisas deveriam ser. Eric apertou a mão de Ryan e falou:

— Você também.

De acordo com o meu ponto de vista, aquilo era um alívio. Parecia um sinal claro de que a guerra havia terminado, de que eu não precisava mais me preocupar com vinganças. Porém, não tive muito tempo para me sentir aliviado, pois Ryan deixou a linha de chegada e começou a caminhar na minha direção.

Eu estava certo. Ele usava a camisa dos Smiths de Hayden. Era engraçado ver como cabia perfeitamente nele. Eu não havia passado muito tempo pensando em como ele e o irmão tinham basicamente a mesma constituição, apesar de Ryan ter transformado sua tendência a engordar em músculos. Os dois eram até mesmo parecidos, embora os traços de Ryan fossem mais finos e bonitos que os de Hayden.

— Podemos conversar? — ele pediu. Seu tom era um pouco parecido com o meu quando Jess resolveu falar comigo: um pouco nervoso, mas determinado.

Dei de ombros. Não queria tornar as coisas fáceis para Ryan, independentemente do que ele quisesse me dizer.

— Estaremos esperando por você aqui. Não precisa ter pressa — Rachel me falou.

Nós nos afastamos alguns metros. A corrida seguinte estava começando, de maneira que ninguém prestava atenção na gente.

— Tenho pensado muito no que você me disse no funeral — Ryan começou.

Sério mesmo? Jason tinha quase deslocado o meu ombro quando me empurrou.

— Você tem um jeito estranho de demonstrar isso — rebati.

— Os meus amigos são muito protetores comigo. Eles sabem que estou passando por maus momentos.

— Claro que está — eu disse, sentindo a raiva surgir novamente. — A sua vida estava muito próxima da perfeição e agora você não tem mais seu irmãozinho geek para atrapalhar.

Parecia que eu havia lhe dado um tapa na cara, e me perguntei se

não tinha ido longe demais.

— Olha, sei que você é o melhor amigo do Hayden, por isso vê as coisas dessa forma. Mas será que você já parou para pensar que esse talvez seja apenas um dos lados da história?

— Você está me dizendo que essa história tem dois lados? Você transformou a vida do Hayden em um inferno, você tirou dele a chance de ter uma namorada e agora ele está morto. Qual é o outro lado?

— Você não sabe como é a minha vida. Uma das minhas primeiras lembranças é o meu pai furando a minha bola de futebol tradicional com uma faca de carne para que eu deixasse esse esporte de lado e fosse jogar futebol americano com ele. Você acha que eu, um cara baixo deste jeito, queria jogar futebol americano? Eu seria morto em campo. Eu podia ser um grande artilheiro, mas o meu pai disse que o futebol tradicional era coisa de fracote e ele não queria ter um filho assim. Pelo menos não até o Hayden nascer, pois o meu irmão ficava o dia todo escondido no quarto jogando videogame. Ele não tinha de lidar com essas merdas dos nossos pais.

Ele por acaso estava brincando?

— Você não ouvia o jeito como eles falavam com o Hayden?

— Claro que eles falavam — disse ele. — Mas no final do dia o deixavam em paz. E o Hayden tinha um distúrbio de aprendizagem. Os meus pais gritavam com ele por causa das notas na escola, mas não o pressionavam no mesmo nível que faziam comigo. Eu tinha de tirar só dez ou não recebia mesada, nem roupas para ir à escola nem novos equipamentos esportivos. Eles tiravam o meu sangue. — Ele fez uma pausa para pensar, tenho certeza, no motivo pelo qual estava me contando todas aquelas coisas. Eu tinha certeza de que era exatamente isso o que ele se perguntava. — Aquilo era tão injusto — ele confessou, por fim, e sua voz se tornou mais baixa. — Eu sabia que não era culpa dele. Eu tinha noção de que era melhor para ele bater de frente com nossos pais e depois se esconder do que se submeter às vontades deles como eu fazia. Meu Deus, eu sentia uma mágoa tão grande dele. Deixei que isso me tornasse uma pessoa ruim. Com certeza deixei.

Eu não tinha como argumentar com ele contra aquela afirmação.

— Por isso você fez a Jess ir embora da festa?

— É mais complicado que isso. Fui até o quarto dele usar o computador porque o meu tinha quebrado. Você sabe, eu tenho aquela merda de computador velho porque só conseguia tirar B em matemática, e os meus pais não fariam um upgrade nele até que eu melhorasse a minha nota. E foi então que vi que ele estava conversando com aquela garota na internet. E por algum motivo fiquei furioso ao pensar que ele ia conhecer aquela menina enquanto eu

havia perdido a menina de quem eu realmente estava a fim.

— A Astrid?

Ele assentiu.

— Sei que você está saindo com ela, e que a Astrid deve ter dito que eu sou um babaca que lhe deu um pé na bunda, mas você não faz a menor ideia de como foram as coisas quando o pai dela morreu. Acho que agora consigo entender melhor o que aconteceu, mas ela se transformou em uma pessoa totalmente diferente, e era como se toda decisão que ela tomava fosse um julgamento sobre quem ela era antes. E sobre mim. Então terminei com ela, mas a verdade é que a Astrid partiu o meu coração.

Era tão estranho ouvi-lo falar daquele jeito. E dava para ver que ele também se sentia esquisito por confessar aquilo. Ryan tinha um olhar de surpresa, como se não fosse capaz de acreditar no que saía de seus lábios.

— Eu simplesmente não conseguia lidar com a ideia de que o Hayden ia se dar bem enquanto eu tinha fracassado. E então eu fui para a festa e disse a ele que a Atena não era real. Falei que tudo era uma piada, que a Astrid e eu tínhamos tramado aquilo juntos, que ela nunca havia sido amiga dele. Ele não quis acreditar, mas não pôde argumentar quando viu a mensagem de texto da Jess. — Ele olhou para a camisa dos Smiths. — Vi minha mãe colocando em uma caixa um monte de coisas para dar para você. Nunca ocorreu a ela que eu pudesse querer alguma lembrança do meu irmão. Essa era a única banda que ele ouvia que eu não odiava, por isso peguei a camiseta antes que a minha mãe saísse.

Pensei sobre algumas outras músicas da playlist, como aquela sobre irmãos que nunca se entenderam direito. A letra era triste, mas a melodia era meio alegre. Eu me perguntei se Hayden havia tentado me dizer alguma coisa sobre Ryan, se ele fazia alguma ideia de que, por trás da maneira como o irmão o tratava, havia tanta tristeza. Talvez, de alguma forma, ele soubesse. Entretanto, eu não fazia muita ideia do que falar. Passei anos pensando apenas nas coisas ruins que Ryan fizera, sem nem ao menos considerar como deveria ser estar na pele dele. A vida de Ryan parecia charmosa, especialmente quando comparada à de Hayden. Era estranho pensar que ele tinha seus segredos, assim como todo mundo.

— Sei que você me culpa — ele disse. — E considero isso justo. Eu também me culpo. E, se foi você quem detonou com o Jason e o Trevor, acho que também entendo.

— Não fui eu — comecei a dizer, mas ele ergueu uma das mãos.

— Não importa — disse ele. — Todos nós fizemos um monte de coisas ruins, e faz sentido que coisas ruins também aconteçam com a gente. Mas perder o Hayden... Vou ter de viver com o fato de que

nunca poderei consertar isso. Meus amigos ferem as pessoas, mas essas pessoas vão se curar, exatamente como vai acontecer com o Jason e o Trevor. Entretanto, o Hayden não está aqui para superar tudo o que aconteceu, então acho que também não serei capaz de fazer isso.

Nunca imaginei que algum dia me sentiria mal pelo Ryan, mas naquele momento era exatamente assim que eu me sentia.

— Entendo o que você quer dizer — eu disse.

— Não posso pedir para que você me perdoe — ele continuou. — De qualquer modo, eu mesmo não consigo me perdoar, então qual é o ponto? Mas você acha que algum dia será possível não me odiar tanto?

Pensei por um minuto sobre a crescente lista de pessoas que se sentiam responsáveis pela morte de Hayden. Todos nós estávamos certos e todos estávamos errados ao mesmo tempo. E, por fim, foi Hayden quem tomou aquela decisão. Foi ele quem deixou todos nós ali, tentando descobrir o que havia acontecido, impossibilitados de falar que sentíamos muito, para fazer a coisa certa. Eu jamais entenderia o quanto ele se sentiu ferido, confuso e desesperançado a ponto de decidir que não valia mais a pena tentar, e não estava irritado com ele por ele ter decidido fazer aquilo, mas jamais gostaria de sentir o mesmo. E também jamais gostaria de fazer outra pessoa se sentir assim.

— Não odeio você — disse para Ryan, e era basicamente verdade. — Eu não odeio ninguém.

— Obrigado — ele agradeceu, e eu entendi o que as pessoas queriam dizer quando falavam que haviam se livrado de um fardo. — Isso significa muito para mim.

— Ainda não olhei todas as camisetas que a sua mãe me deu. Se você quiser, pode passar lá em casa um dia desses para ver se tem mais alguma que você queira guardar.

— Vou fazer isso.

Voltei para onde Rachel e Jimmy estavam.

— A Rachel me contou que aquele é o irmão do seu amigo — comentou Jimmy. — Você está bem?

Assenti.

— Bem o bastante — eu respondi.

— Vamos, maninho — chamou Rachel. — Hora de ir para casa.

EU JAMAIS VOU SUPERAR TUDO ISSO.

Sei que essa frase pode ser verdadeira agora, mas também sei que não superar não significa que algum dia eu não serei capaz de seguir em frente e viver a minha vida. O sr. Beaumont tem me ajudado a perceber como fazer isso. No último ano, eu o vi todas as semanas, e tem sido bom. Minha mãe tentou me obrigar a ir a um psicólogo propriamente dito por algum tempo, mas ela me acompanhou em algumas sessões e acho que considerou que o sr. Beaumont estava ajudando, por isso esqueceu essa ideia. “Por enquanto”, ela disse. Acho que ela gosta do sr. Beaumont. Minha mãe sempre fica meio desconfortável quando ele está por perto de um jeito que não estou acostumado a ver. Quase torço para que os dois fiquem juntos quando eu não precisar mais me consultar com ele. Seria estranho, mas provavelmente também seria bom.

Já faz um ano que Hayden morreu. Passei o resto do segundo ano sozinho, metendo a cara nos estudos, tentando voltar a me perder nos livros em vez de nos jogos de computador; apesar de no início ter sido difícil me concentrar por muito tempo, com o tempo fui me tornando melhor. Eu evitava Astrid e os amigos dela, o que não era nem um pouco complicado. Eu não ficava no refeitório na hora do intervalo, o que tornou tudo ainda mais fácil, e reincorporei meu antigo hábito de andar pelos corredores com a cabeça baixa a maior parte do tempo. Entretanto, era diferente. Antes eu fazia isso sem pensar, porque não sabia agir de outra forma. Agora eu evitava uma vida que eu sabia que poderia estar lá fora, mas continuava ali por escolha própria.

Visitei meu pai na Califórnia durante o verão, o que me ajudou. Ele ainda é um babaca, mas foi bom ficar longe de Libertyville. Ele mora perto do mar, então passei bastante tempo na praia, e conheci uma galera muito legal e hospitaleira, o que me fez pensar que Hayden não era o único amigo que eu poderia ter. Teve até uma menina com quem saí algumas vezes, apesar de não sentir por ela nem um décimo do que Astrid havia despertado em mim.

O plano era fazer o mesmo no terceiro ano, focar nos estudos e passar em uma boa universidade para que eu pudesse dar o fora de Libertyville e nunca mais voltar. Porém, a solidão é um fardo que se torna cada vez mais pesado com o tempo, e logo ficou claro que ter amigos durante o verão tornava ainda mais difícil viver em um lugar onde eu não tinha ninguém.

Entrei em contato com Damian primeiro. Damian, que foi o

primeiro que consegui imaginar como meu amigo. Eu sabia que ele estava envolvido nos ataques, mas não com a pior parte deles. Ele me contou que tudo começou como uma brincadeira. Ele não percebera a proporção que as coisas haviam tomado. Ele ainda era amigo deles, mas se distanciou um pouco, e começamos a andar juntos. Ele não era Hayden, mas era um cara legal e curti graphic novels, então sempre conversávamos se os filmes baseados nos quadrinhos de Alan Moore prestavam. Damian me mostrou as coisas em que estava trabalhando; ele era mesmo bastante talentoso. Era bom ter um amigo de novo.

Eu falava com Eric de vez em quando também. Eu entendia a raiva que ele deve ter sentido por tudo o que aconteceu com ele, e, apesar de desejar que ele tivesse feito alguma coisa para conter Astrid, entendi por que ele nada fizera. Compreendi que ele provavelmente se sentiu aliviado por alguém ter decidido fazer alguma coisa, ainda que não fosse o que ele queria.

Ainda não decidi como me sentir a respeito de Astrid. Sei pelo Damian e pelo Eric que ela ainda quer falar comigo, e tenho noção de que não faz o menor sentido perdoar os dois e não perdoá-la. Simplesmente não consigo esquecer que ela foi a responsável por tudo aquilo, que ela sentia como se fosse seu dever se vingar de tudo que foi feito de errado — para Eric, Jess, ela e eu. E para Hayden. Tem dias em que eu quase consigo entender os motivos que a levaram a fazer aquelas coisas, quando posso sentir que a compreensão está bem diante de mim, e sou capaz de me imaginar perdando-a pelas mentiras e meias-verdades que manteve em segredo. Quase.

Sei que ela me flagra observando-a com certa frequência. Astrid deve perceber o quanto é difícil para mim não correr para ela todos os dias e dizer que quero tentar de novo. E, se ela vê isso, deve também se dar conta da batalha entre os meus impulsos e toda a tristeza e confusão que pairam em minha cabeça quando tento confiar em alguém. Mesmo quando não conheço a pessoa há muito tempo, a confusão sempre vence.

Pelo menos até agora.

Cruzei com ela no refeitório um dia desses, pois o nosso intervalo ainda é no mesmo horário de vez em quando. Quase sempre que eu a vejo do outro lado do salão ela me dá um tchauzinho. Quase como uma pergunta que nunca sou capaz de responder. Naquele dia, pela primeira vez, acenei de volta.

Minha irmã se formou na última primavera, assim como a trifeta do bullying. Rachel e Jimmy ficaram juntos até que cada um foi para uma universidade diferente. Ele foi o meu favorito entre todos os caras que a minha irmã já havia namorado, e espero que eles reatem algum dia. Já no que se refere à trifeta, Jason continuou dentro do armário e usou a bolsa de estudos fornecida pela igreja para ir para uma

pequena faculdade liberal de artes no Oregon. Tenho certeza de que ele nunca mais vai voltar. Trevor se recuperou surpreendentemente bem e foi para a universidade estadual, na esperança de fazer parte do time de hóquei. Ryan me surpreendeu e não seguiu os passos de Trevor. Ele foi para uma faculdade no leste, onde, segundo ouvi, não está jogando futebol americano. Eu torcia para que ele tivesse escolhido o futebol tradicional. Ele nunca veio olhar as camisetas de Hayden, mas na verdade jamais achei que ele realmente faria isso. Eles ficaram na deles durante o resto do ano, e o burburinho sobre todas as coisas que haviam acontecido logo se tornou notícia de ontem, embora elas tenham parecido fazer alguma diferença. As fronteiras que separavam os grupos sociais se tornaram bastante difusas. Eric criou um grupo LGBT e de Pais e Amigos de Gays e Lésbicas, e ao grupo se filiaram mais pessoas do que eu poderia imaginar. Na maior parte do último ano, a Libertyville High ficou em paz.

Espero poder também sair de lá algum dia. Levei um tempo para me sentir confortável novamente ao utilizar o computador. Eu não tinha certeza se o Arquimago_Ged voltaria. Porém, no fim, acabei voltando a me conectar sem nenhum problema. Durante as conversas com o sr. Beaumont, acabei me dando conta de que o Arquimago_Ged não era real. Ele era apenas alguém que eu inventei para me ajudar a lidar com tudo aquilo. Afinal, ele jamais me dissera nada que eu já não soubesse, quisesse eu admitir isso ou não. E, considerando que ter noites bem dormidas fez de mim uma nova pessoa, eu tinha uma noção melhor do que a falta de sono podia fazer com uma pessoa. Havia algo de reconfortante na ideia de que o Arquimago era realmente o Hayden, que ele ainda estava comigo, por mais sinistro que pudesse parecer, mas acho que aquilo era simplesmente uma coisa de que necessitei durante certo tempo. Por enquanto, botei a estatueta do mago dentro de uma caixa. Não me arrependo de tê-la comprado, mas parei de me preocupar com a necessidade de ter algo que me fizesse lembrar de Hayden. Ele está comigo o tempo todo.

Nos últimos dias, passei mais tempo no computador ouvindo música. Decidi retirar a playlist de Hayden do meu HD. Ela nunca fez com que eu achasse a solução de nenhum grande mistério, e eu jamais seria capaz de ouvir aquelas músicas sem relembrar o ano passado. Porém, se aquela seleção me fizera algum bem, havia sido ter me dado um impulso para começar a falar com as pessoas. E, ainda, me fez começar a ouvi-las. Se havia alguma coisa que eu aprendera com a playlist, é que ouvir as pessoas pode ser importante. Gosto de pensar que estou ficando melhor nisso.

A playlist de Hayden fez com que eu me sentisse conectado com ele e também fez com que eu me abrisse para um monte de coisas que não

ouvia antes. Comecei a procurar novas bandas, sons de que eu gostava e que encontrei com os meus próprios esforços, e não por meio de Hayden ou de Rachel. Comecei a fazer a minha própria playlist, mais animada que aquela que Hayden me deu, mas talvez não tão empolgada quanto aquelas que ele compartilhava com Jess. A minha lista era repleta de músicas alegres e esperançosas. Músicas de que Astrid iria gostar.

Talvez algum dia eu a dê de presente para ela.

TENHO TANTAS PESSOAS para agradecer que mal sei por onde começar.

Obrigada a Melissa de la Cruz, Richard Abate e todo mundo na Spilled Ink, por me darem uma chance. Obrigada a Jocelyn Davies e todo mundo na HarperCollins, pela fantástica habilidade no trabalho de edição. Obrigada a todos do Workshop de Escritores de Iowa, especialmente Frank Conroy (descanse em paz), Sam Chang, Elizabeth McCracken, Connie Brothers, Deb West e Jan Zenicek, pelos dois melhores anos da minha vida e muito mais. Obrigada àqueles que me forneceram ajuda, o seu tempo, seus conselhos e até mesmo abrigo, incluindo, mas não se limitando, a Katherine Bell, Justin Kramon, Elisa Lee, Dora Malech, Todd Pettys, Caroline Sheerin, Al Smith, Brandon Trissler e Rebecca Trissler. Obrigada ao meu fantástico grupo de escrita: Eugene Cross, Nami Mun, Samuel Park, Gus Rose e Shauna Seliy. E, finalmente, obrigada à minha família: Barry, Gail, David e Marissa Falkoff, sem os quais nada seria possível.